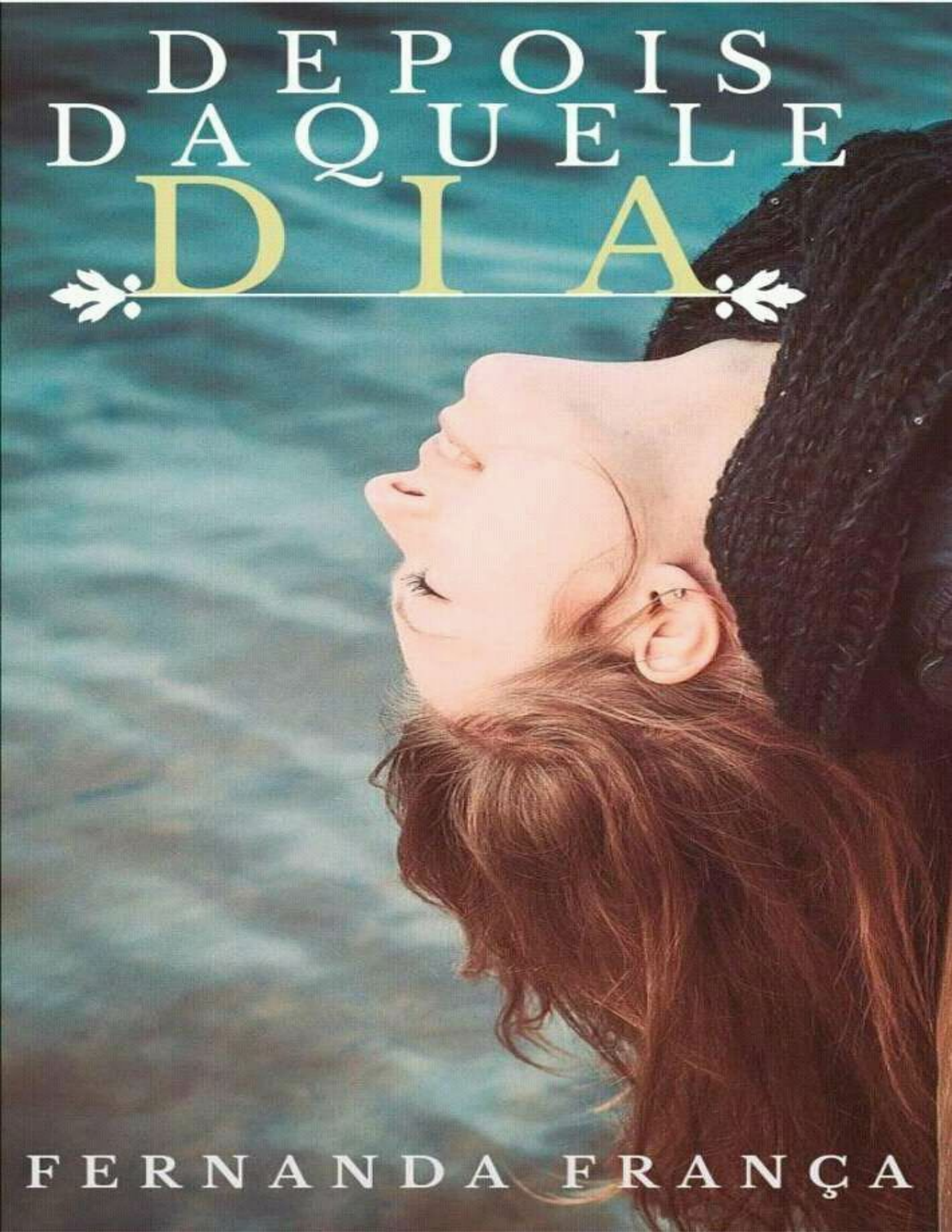


DEPOIS DAQUELE DIA

A woman with long, wavy brown hair is shown in profile, looking upwards with a serene expression. She is wearing a dark, textured garment. The background is a soft-focus blue sky with wispy white clouds. The title 'DEPOIS DAQUELE DIA' is overlaid at the top, with 'DEPOIS' and 'DAQUELE' in white serif font and 'DIA' in a larger, yellow serif font, flanked by decorative white floral motifs.

FERNANDA FRANÇA



Depois Daquele Dia

Fernanda França

*1ª Edição
2015*

Dados da Obra

Os direitos autorais dessa história pertencem à autora. Registrada na
Fundação Biblioteca Nacional.

Rio de Janeiro/RJ, Brasil, 2015.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos
são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e
acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução total ou parcial de qualquer parte
dessa obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento
escrito da autora.

Criado no Brasil.

Equipe Editorial:

Autora: Fernanda França

Revisão: Fernanda França

Capa: Rebeca S. Melo

Diagramação: Uiara Barzzotto

Agradecimentos

**Obrigada a Deus pela oportunidade de ter o dom de tocar as
pessoas de alguma forma e a todos os leitores que ajudaram na conquista
de mais esse trabalho. Um obrigada especial a minha amiga Illana Lessa,
que esteve presente durante todo esse processo e de quem enchi a cachola**
PERIGOSAS TRADUÇÕES

para me ajudar com capas, vídeos e com a betagem dos capítulos. Outro obrigada especial a minha amiga Lana Ston, que apoiou essa ideia antes mesmo de eu lança-la na plataforma e quem sempre me deu incentivo. Obrigada a minha mosquetes Rebeca S. Melo pela linda capa e amizade, à Maria Pia Sabóia que também sempre esteve presente, às minhas poderosas, que sempre me incentivam, Kátia, Poliana, Aline, Carol, Carina, e a querida amiga Uiara Barzzotto pela diagramação e toda a ajuda de sempre. Obrigada a todas, amo vocês.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo I – O Encontro](#)

[Capítulo II – Mudança de Rotina](#)

[Capítulo III – Intenções à mostra](#)

[Capítulo IV – Uma carona...quase um café](#)

[Capítulo V- Persuasões](#)

[Capítulo VI – Dívida e Curiosidade](#)

[Capítulo VII – Quem não arrisca, não sai do lugar.](#)

[Capítulo VIII – Ciúmes e Tentações](#)

[Capítulo IX – Sonho bom, realidade melhor.](#)

[Capítulo X – Me deixe entrar](#)

[Capítulo XI – Dívidas e Desejos](#)

[Capítulo XII – Momentos de tensão](#)

[Capítulo XIII – Vivendo o agora](#)

[Capítulo XIV - Vencendo barreiras](#)

[Capítulo XV - Ponta do iceberg](#)

[Capítulo XVI - Dois corações em pedaços](#)

[Capítulo XVII - Escute seu coração](#)

[Bônus – Mauricio](#)

[Capítulo XVIII - Tocando na ferida](#)

[Capítulo XIX - Correndo risco](#)

[Capítulo XX - Uma proposta cativante](#)

[Capítulo XXI – Covardia](#)

[Capítulo XXII - Doída na alma](#)

[Capítulo XXIII - Tentando seguir.](#)

[Bônus Davi](#)

[Capítulo XXIV - No limite](#)

[Bônus Camila](#)

[Capítulo XXV - Por um fio](#)

[Capítulo XXVI - Uma noite especial](#)

[Capítulo XXVII - Um passo à frente](#)

[Capítulo XXVIII - Momento quase perfeito](#)

[Capítulo XXIX - Medo do futuro](#)

[Bônus Camila](#)

[Capítulo XXX - Más notícias](#)

[Capítulo XXXI - Uma conversa difícil](#)

[Capítulo XXXII - Batalhando contra o tempo](#)

[Capítulo XXXIII - Esperança e mais Dívidas](#)

[Capítulo XXXIV - Enterrando o passado](#)

[Capítulo XXXV - Milagres no meio da Tempestade](#)

[Capítulo XXXVI - A vitória da espera](#)

[Epílogo](#)

[Bônus Davi e Lia](#)

[Créditos finais](#)

Prólogo

Meus músculos doíam a cada passo a mais que eu dava em minha corrida frenética, pelo corredor do hospital, e minha cabeça latejava sem parar. Minha garganta ardia demasiadamente a cada tentativa de forçar o ar transitar corretamente pela minha traquéia, mas tal esforço só me deixava ainda mais fraca.

Quando finalmente avistei Ester com sua cabeça apoiada sob seus joelhos no chão do corredor, senti como se meu corpo começasse a cair num buraco sem fundo, tamanha era a fraqueza que tomava conta de cada osso do meu corpo. Uma queda livre constante, onde eu não teria nenhuma rede salvadora para amortecer o meu mergulho para o nada.

Eu apenas me sentia caindo, a cada passo que eu dava na sua direção. Meu coração deu um solavanco e pareceu querer pifar, no mesmo instante em que Ester levantou sua face inchada para mim, seus olhos antes luminosos, agora vermelhos de tanto chorar.

Naquele momento a mínima esperança que eu ainda guardava em meu peito se foi. Eu sabia que uma das coisas que mais amava, tinha sido arrancado da minha vida de forma bruta e cruel para sempre.

Eu não teria mais o calor do seu abraço, o conforto de suas palavras, a doçura do seu beijo. Nunca mais compartilharia

dessas sensações com Miguel, por que um irresponsável que dirigia bêbado, o havia tirado de mim.

Só me restava juntar os cacos, e seguir adiante para cuidar da sementinha que estava sendo gerada em meu ventre há pouco mais de um mês. Eu não tinha a mínima idéia de como iria conseguir me reerguer. Depois daquele dia, nunca mais fui eu mesma. Até Maurício aparecer e me mostrar que seguir em frente, ainda era possível...talvez menos para ele.

Capítulo I – O Encontro

O relógio desperta ao lado da cama, mas eu não tenho forças para me levantar. A maratona de plantões no último mês minou toda minha energia, e muitas das vezes eu mais dormia do que me mantinha de pé.

A noite anterior não fora diferente, e não só minha mente estava esgotada, bem como todos os ossos do meu corpo que rangiam ao mínimo movimento sob a cama ortopédica. O trabalho no único posto da cidade de Primavera, no interior paulista, era minha válvula de escape para combater a tristeza que me afligia desde aquele fatídico dia há 10 anos. Essa rotina era o que ainda me fazia batalhar por mais um dia. E eu tinha que vencê-la. Quase sempre.

Mesmo depois de tanto tempo, ainda não consigo aliviar o vazio que tomou conta do meu peito, e acho que isso nunca vai acontecer.

Mirei o relógio ao lado da cama que piscava 07h10min da manhã em vermelho, e por um momento considerei apenas manter os olhos fechados e esquecer tudo. Mas não podia. Principalmente depois de ouvir a porta gemendo, e em frações de segundos me deparar com um anjo loiro, de lindos olhos azuis a me fitar num semblante mais doce que já vira.

— Está atrasada mãe. — Davi resmungou fracamente, enquanto me esforcei num sorriso sem ânimo ao me espreguiçar lentamente na esperança de despertar. Hoje iniciava as semifinais do seu campeonato de futebol escolar, e eu havia prometido que o acompanharia. Então, mesmo não tendo pregado o olho por mais do que quatro horas, eu não podia deixar o meu pequeno na mão. Davi foi tudo o que me restou após a morte de Ester há quatro anos, não poderia em hipótese alguma decepcioná-lo.

— Me dê cinco minutos, tudo bem campeão? — pedi já fora da cama, plantando um beijo em sua cabeça, embora seu semblante ainda fosse de desconfiança.

Nossa vida depois da morte de Miguel não foi fácil, e ainda me questiono se estou dando conta do recado com um menino que não tem uma figura masculina presente para ajudá-lo. Muitas vezes acho que não. Mas mesmo assim, procuro dar o meu melhor; embora na cabecinha do meu filho, isso nem sempre seja o suficiente.

Saio do banheiro com um rabo de cavalo nas minhas madeixas aloiradas, e sorrio de lado para Davi, que apenas volta sua atenção para o relógio, me lembrando do quanto estamos atrasados.

— Vamos lá? — digo apoiando minha mão em seu ombro, enquanto pego as chaves do carro no criado mudo.

A partida começava às 8 da manhã, e meu pequeno prodígio era a estrela de seu time infanto-juvenil. Era o único time da pequena região, e assim que chegamos ao pequeno campo cedido por um empresário que nunca soubemos o nome, Davi saltou as pressas do carro e correu até a beirada do campo, onde o treinador do time, Ricardo para os desconhecidos, e Rico para os íntimos; e seus companheiros de equipe o esperavam.

Aproximei-me calmamente de onde eles estavam e mais uma vez observei o sorriso luminoso de Rico estampar em seu rosto, como em todas as vezes que ele me via. Chegava a ser engraçado acompanhar o rubor tomar conta de suas bochechas e as palavras embolarem em sua boca à mínima tentativa de uma conversa normal comigo.

— E ai? Como eles estão? — pergunto num meio sorriso, retirando os óculos escuros, enquanto Rico leva quase dois segundos para decidir se me responde ou não. Acho isso uma graça, mas embora saiba de seus sentimentos por mim, nunca o vi além de um grande amigo. E sempre deixei

isso bem claro, embora suas atitudes constantemente denunciassem o quanto ele ainda mantinha certa esperança de que algo pudesse mudar entre nós.

Mesmo eu sabendo que essa esperança era apenas um sonho, por que resolvi me fechar para qualquer sentimento relacionado a compromisso, amor, paixão. Jamais passaria pelo mesmo sofrimento de há dez anos novamente. O único homem que tinha direito ao meu coração era Davi. Ninguém mais. E dele, eu jamais abriria mão.

— Estão ansiosos, mas decididos. Eles vão ganhar essa parada Beka. — Rico me sorriu nervosamente, enquanto o apito do árbitro informava que faltavam poucos minutos para o início do jogo.

Aproximei-me do meu filhote, e desejei boa sorte em seu ouvido, antes de me dirigir até a arquibancada improvisada na beira do campo, que estava lotada de pais e mães que como eu, não deixariam esse momento passar em branco na vida de seus filhos.

Davi realmente era o melhor de sua equipe e já na metade do segundo tempo, seu time estava ganhando de 3 a 0, com um gol do meu menino e mais dois que saíram em passes precisos dos seus pés.

Eu já estava rouca de tanto gritar, quando de repente meu coração simplesmente parou. Meu corpo reagiu primeiro que meu pensamento e em segundos eu estava agachada próxima ao corpo inerte de Davi ao chão.

Uma bolada atingiu o seu tórax durante a cobrança de uma falta e me desesperei ao perceber que meu lindo anjo respirava com dificuldade. Rico afastou os curiosos de cima de nós, e imediatamente tomou meu filho nos braços em direção ao seu carro. Nessas horas não existem só o instinto de uma ética que diz que você precisa ajudar o próximo. O que pesa é o instinto materno, onde você é capaz de fazer qualquer coisa pra livrar seu filho do perigo.

Rico correu o mais rápido que pode pelas ruas empoeiradas da cidade, enquanto eu permanecia com Davi deitado em meu colo, onde apenas um rouco fraco soava dos seus pulmões. Havia tanto tempo que eu não rezava que simplesmente as palavras pareciam ter fugido e nenhuma frase coerente parava em meu pensamento. Mesmo assim, me apeguei as minhas preces da forma que podia, e tudo o que apenas desejava; era que meu menino saísse dessa situação, no mesmo instante em que as lágrimas ensopavam minha camisa da sorte.

Rico estacionou a caminhonete sem jeito, e se apressou a pegar Davi nos braços e adentrar com ele no Postinho. Dona Cândida, uma senhora muito simpática que estava substituindo Mônica na recepção, nos olhou com espanto e mal conseguiu dizer que havia um novo médico atuando no local, e que o Dr. Paolo havia ido para casa. Ignorei seu pequeno argumento, e indiquei para Rico a sala em que ele deveria pôr meu filho.

— Quem está de plantão hoje Beka? – ele indagou enxugando o suor do rosto, enquanto eu estava meio confusa pela situação. Parecia que agora a realidade estava a me abalar mais do que devia, e ordenar meus pensamentos já não era algo tão fácil a se fazer.

Sempre soube lidar com essas situações extremas, mas em nenhuma delas algum tipo de acidente com Davi havia demandado tanta preocupação. – Rebeca, olha pra mim. – Rico segurou meu rosto pálido em suas mãos por um momento, tentando manter minhas emoções sobre controle. – Quem está de plantão hoje? – ele repetiu, enquanto apenas mais lágrimas escorriam

pelos meus olhos, quando eu não sabia o que dizer.

O Dr. Paolo havia seguido para casa após o plantão para descansar por algumas horas, e nesses momentos contávamos somente com três enfermeiros, até que o Dr. Paolo voltasse. Estávamos à espera de um novo médico que deveria chegar em breve, mas ainda não sabia da chegada de nenhum, nas últimas horas.

Rico me puxou para um abraço caloroso, e nesse momento não recusei a apertá-lo com força, enquanto segurava uma das mãos de Davi, sentindo sua pulsação fraca. Após alguns segundos, uma voz grave e firme ressoou em meus ouvidos chamando minha atenção e imediatamente meus olhos fitaram o homem de olhos verdes como uma esmeralda e tão misterioso quanto o mar por um momento. Ele não me parecia estranho, embora não me lembrasse de tê-lo visto por ali.

— O que houve com ele? – o estranho indagou checando todos os sinais vitais do meu pequeno e em seguida começou a dar

algumas ordens às enfermeiras de plantão. Uma delas incluía chamar o Dr. Paolo que era o mais experiente daquela região.

Tentei iniciar a história, mas Rico tomou a minha frente visto que as palavras saiam com dificuldade, e embora o médico parecesse prestar a máxima atenção no que ele falava, pude observar que seus olhos instigantes não saiam de cima de mim. Quando Rico terminou, uma maca chegou para levar David e me desesperei ao saber que seu caso seria de cirurgia.

— Escute moça. – ele iniciou, mas o interrompi nervosamente.

— Rebeca, por favor.

— Ok. Rebeca. Pode se acalmar? – ele bufou calmamente e não sei como ou por que, eu comecei mesmo a me acalmar. Acho que era sua voz suave que ajudava no processo, então respirei fundo e tentei entender o que ele tinha para me falar. – Seu filho sofreu um rompimento na membrana do pulmão que acarretou em um processo de hemorragia. Por isso ele está indo para cirurgia. O Dr. Paolo já está a caminho e não se preocupe que tudo dará certo ok? – ele me sorriu tristemente e não pude evitar confiar em suas palavras. Por que eu precisava de algo em que me agarrar e enquanto sabia que não adiantaria fazer mais nada a não ser esperar, tentei saber um pouco mais do homem aparentemente sereno e solitário a minha frente.

— Já sabe meu nome, mas ainda não sei o seu... Doutor? – deixei a frase solta no ar, e um sorriso meio torto apareceu em seus lábios, me fazendo sorrir também.

— Mauricio. Mauricio Ferraz.

— Não deixe nada acontecer com meu filho, por favor. – pedi num fio de voz e só percebi estar sendo envolto por seus braços macios quando a voz de Rico se propagou no ar mais alto do que a usual, chamando nossa atenção. As coisas poderiam sair de controle a qualquer momento e por um segundo não sabia

Dizer o que era, mas algo na presença de Mauricio me dava segurança. E isso não era algo com o que eu estava acostumada. Não mais.

Capítulo II – Mudança de Rotina

— Não seria melhor o Doutor ir verificar sobre o estado do menino não? – Rico estalou rispidamente em seu sotaque do interior mais que carregado, e imediatamente senti o aperto de Mauricio se tornar mais fraco, até estarmos totalmente afastados.

— Desculpe. Não foi minha intenção. – Mauricio soltou transtornado pela situação, e me ative apenas a suspirar por um momento, evitando fitá-lo nos olhos por um pouco; enquanto Rico mantinha um olhar pouco amistoso para o médico à nossa frente.

— Está tudo bem. – minha voz saiu fraca, enquanto cruzei meus braços numa postura envergonhada pelo embaraço de ainda há pouco, e pude rapidamente observá-lo engolir a seco por um momento antes de falar outra vez.

— Eu vou ver como andam as coisas Rebeca. – ele sorriu meio sem jeito e assim que o vi sumir no corredor que dava para as outras salas, me voltei na direção de Rico que mantinha um semblante pouco satisfeito pra mim.

— O que deu em você? Não precisava ser rude com ele. – argumentei num tom firme, embora ele não recuasse de sua posição.

— Para quem acabou de chegar, esse doutorzinho é muito folgado Beka. – ele franziu as sobrancelhas e o ciúme parecia enraizado até a sua alma. Ameacei um sorriso pela sua atitude infantil, mas desisti tão logo a conclusão de seus pensamentos saltaram com fúria da sua boca, me deixando irritada. – Mais um pouco e ele te colocava até para dormir. – Rico bufou nervosamente mexendo em seu boné, e me aproximei ainda mais dele com uma nítida repreensão em meus olhos.

— E se eu quiser que ele faça isso? – seus olhos se abriram em espanto para mim, e me contive num sorriso de lado, balançando minha cabeça em negativa para ele. – Não seja bobo, que não farei isso ok? – digo tocando seu braço, na clara intenção de evitar uma discussão desnecessária. – Rico eu sei que quer o nosso bem, mas não pode agir por aí como se fosse meu guarda costas. – o fitei com carinho, enquanto ele ficava menos tenso com nossa conversa.

— Sabe que me preocupo. Sempre vou me preocupar Beka. – suas

PERIGOSAS TRADUÇÕES

palavras me confortam por um pouco e me inclino na ponta dos pés para beijar sua bochecha antes de argumentar novamente.

— Eu sei. Você é e sempre será um grande amigo Rico. — não há duplo sentido nas minhas palavras, mas mesmo assim ele segura minha mão com força e sinto que seus sentimentos por mim não se desvaneceram com o tempo.

Mas isso é algo que não posso mais ofertar a ninguém. E mesmo que tentasse me convencer do contrário e desse um voto de confiança para o que Rico sente por mim, muito provavelmente lá na frente eu seria culpada por não tê-lo feito feliz. Isso não é justo com nenhum de nós.

— Sabe que eu queria ser bem mais que isso não é? — um pingo de esperança aparece em seu tom e fico triste por não poder retribuí-lo. Seria tão fácil se eu conseguisse aceitar o amor que ele tem para me dar, mas nada além de ternura e agradecimento ressoa em meu peito por ele. Além do mais, não penso mais em prender meu coração. Por isso desvencilho minha mão da dele, e tento ser o mais suave possível ao cortá-lo.

— Rico, por favor. Sabe bem o que sinto por você e não vamos voltar a esse assunto ok? Tudo o que me interessa é o bem estar do Davi. Nada mais. — suspiro cansadamente, e ao pousar meus olhos para a porta, meu coração amortece com a presença de Camila, que corre para mim num abraço, me livrando da situação constrangedora em que me encontro agora.

— Vim assim que soube. Como andam as coisas? — ela indaga compassiva, enquanto Rico fica emburrado por ter sido interrompido por ela.

— Está na cirurgia. Teve uma Pleurite por conta da bolada. Dr. Paolo está com ele. — procuro passar tranquilidade nas minhas palavras, mas é inevitável o pensamento em como tudo está correndo agora. Parece que meu mundo vai explodir a qualquer momento e já começo a me preocupar com a demora de Mauricio com notícias.

— Fica tranquila Beka. Sabemos que o Dr. Paolo é o médico mais competente dessa região, portanto, seu menino está em boas mãos. — ela me sorri amarelo e só agora parece notar a presença de Rico ali. — Olá, Rico! — o entusiasmo do seu cumprimento não o atinge, e ele apenas gesticula com a cabeça num aceno de volta pra ela.

Não é difícil perceber que a única amiga de verdade que fiz em Primavera desde que cheguei, arrasta um caminhão para cima do treinador da cidade. Pena que ele não cosegue enxergar nada além do palmo à frente do nariz. — Se eu puder fazer alguma coisa Beka, qualquer coisa... — antes que

ela termine, aproveito para aceitar sua disponibilidade. Sei o quanto essas cirurgias costumam demorar e não sei quanto tempo mais vamos permanecer por aqui, então é bom se manter precavido.

— Tem algo que pode fazer sim Mila. Preciso de roupas limpas para mim e para o Davi. — digo buscando a chave de casa no bolso da minha calça e estendendo para ela. — Pode trazer para mim?

— Claro Beka. Sem problemas. — ela sorri sem jeito e observo Rico ainda com uma cara amarrada.

— Rico pode acompanhar a Mila até minha casa? Ela vai precisar de ajuda com as bolsas. — peço gentilmente, embora ele pareça descontente com meu pedido e leva dois segundos para concordar.

— Tem certeza que vai ficar bem sozinha? — ele retruca um pouco a contra gosto e apenas aceno afirmativamente, enquanto os observo sair pela porta central do Postinho.

Estou tão cansada e agoniada, que não me nego a seguir até o quarto onde Davi se encontrava algumas horas atrás e me deitar por um momento na cama ocupada por ele. Lentamente meu corpo relaxa contra minha vontade e em segundos estou imersa em um sono inquieto e insuficiente.

Sinto uma sensação de leveza, de felicidade, de paz. Um rosto conhecido aparece num sorriso luminoso e seus olhos azuis são tão enigmáticos que eu poderia apenas fitá-lo sem me cansar. Eu sorrio de volta e nada além de infinito ao seu lado é o que desejo nesse momento. Ele toca seus lábios nos meus e a sensação é tão real que um grito abafado salta da minha garganta quando finalmente acordo.

— Miguel. — minha respiração está ofegante e meus músculos estão tão rijos, que parecem que eles podem quebrar a qualquer momento. O suor escorre pelo meu rosto e o sinto queimar ao observar duas esmeraldas atentas a me observar em silêncio. — Caramba, além de médico você vira coruja também? — meu tom é um misto de irritação e surpresa. — Como está meu filho? — indago aflita, saltando da cama, enquanto Mauricio se aproxima.

— Está ótimo e fora de perigo. — ele sorri, enquanto um suspiro de alívio salta dos meus pulmões e sem querer me precipito na sua direção em um abraço.

— Graças a Deus. Obrigada. — sussurro me afastando dele, que mantém seus olhos em cima de mim, me deixando um pouco sem jeito.

— Desculpe por ainda há pouco, não quis te assustar. — seu tom é sereno, e seu sorriso reconfortante em nenhum momento abandona seus

lábios.

— Não tem nada. — digo ajeitando minha franja, prosseguindo em seguida — Quando posso vê-lo? — a euforia acompanha minhas palavras e o sorriso em seus lábios se alarga ainda mais por um momento.

— Agora mesmo. Vem comigo. — ele estende a mão na minha direção, e embora uma ligeira vontade de segurá-la passe por mim, não consigo.

Sigo em passos apressados pelo corredor sendo acompanhada por ele, e não ousa fitá-lo para presenciar a decepção instaurada em seu semblante. Não posso me ater a mais nada a não ser confirmar com meus próprios olhos se meu pequeno está bem. Meu filho é minha única e exclusiva preocupação, e um médico da cidade grande não conseguirá mudar isso em mim. Nem ele e nem ninguém.

Um monte de fios está conectado ao redor do seu franzino corpo, e uma pontada me aflige quando percebo que Davi necessita de ajuda dos aparelhos para respirar. Algumas lágrimas escorrem pelo meu rosto e a sensação de que eu podia tê-lo perdido aparece com força, me fazendo levar as mãos até a boca por um momento.

— Ei, vai ficar tudo bem ok? Isso é só uma precaução. Logo ele estará correndo por aí e fazendo muitos gols. — o fito num misto de incompreensão e surpresa, e logo ele trata de esclarecer as coisas. — Uma das enfermeiras me disse que ele joga futebol não é? — Mauricio sorri novamente e um risco de sorriso aparece em meus lábios também.

Seus olhos me davam uma paz que há muito tempo não sentia e por um segundo isso começou a me incomodar. Quem era esse homem que apareceu do nada no meio da manhã pra ajudar a salvar a vida do meu filho? É claro que ele não foi o responsável pela cirurgia do Davi, mas se ele não tivesse tomado às devidas providências que não fui capaz de tomar, não sei o que teria acontecido com meu anjinho.

— Tudo bem? — ele indaga me tirando dos meus pensamentos e assinto com a cabeça, enxugado o rastro deixado pelas lágrimas.

Eu puxo uma cadeira para perto do meu menino e seguro sua mão, agradecendo o momento em que as pessoas certas estavam presentes para ajudá-lo. Nunca fui muito religiosa, principalmente depois da morte do Miguel, mas hoje eu sei que existe uma força maior que nos rege e nos protege. E sempre serei eternamente grata por isso.

— Seu marido vai demorar a voltar? Não queria te deixar sozinha. — Mauricio indaga meio indeciso, e espontaneamente um sorriso surpreso se

alarga em meus lábios.

— Ele é um amigo Mauricio. — solto com firmeza, enquanto prossigo com tristeza nas palavras seguintes. — Eu sou viúva. — ele franze as sobrancelhas por um segundo e por um momento parece incomodado com isso.

— Deve ter sido difícil. — o pesar acompanha sua voz e penso que não quero dar o que saber da minha vida a ninguém. Ainda mais um estranho como ele. Por isso é mais seguro manter a distância. Mesmo devendo uma a ele, não quero minha vida na boca de qualquer um e conheço bem a cidade em que vivo. Nada além de uma pequena fagulha é o que basta pra que uma labareda de fofoca se espalhe aos quatro cantos em questão de poucas horas.

— Foi sim. Mas estamos bem agora. — volto minha atenção para Davi que dorme serenamente e faço um carinho em seus cabelos tão loiros quanto o sol. Minha resposta é o suficiente para manter Mauricio calado por longos minutos, mas fico surpresa por em nenhum momento ele me deixar sozinha.

Embora não trocássemos uma palavra, seus olhos fixos nos meus era o necessário para manter meu coração antes aflito, agora descansado. Esse efeito colateral já estava começando a me irritar e antes que eu fizesse menção de retrucá-lo por me analisar descaradamente, Rico e Mila adentraram no quarto com algumas malas, quebrando a leve tensão entre nós.

— Tudo bem por aqui? — Rico indaga no seu tom não muito amistoso e imediatamente Mauricio se levanta na clara intenção de ir embora.

— Estarei na ronda se precisar de alguma coisa ok? — ele me sorri daquele jeito reconfortante novamente e sai sem fitar o brutamonte à sua frente, apenas cumprimentando Mila de leve com a cabeça.

Algo em Mauricio me soava estranho e mais estranho ainda era perceber que por um motivo inexplicável eu confiava nele. Não conseguia entender o porquê, mas confiava.

No entanto, não podia demonstrar isso para ninguém. Muito menos para ele.

Capítulo III – Intenções à mostra

Os dias passaram rápidos, e era um conforto acordar no quarto de Davi, e observar Mauricio conversando com ele. Em pouco tempo os dois se tornaram companheiros de PS4, um desses vídeos games modernos que nem em um milhão de anos vou saber manejar, e meu pimpolho sempre zombava dele quando se alargava no placar; o que quase sempre acontecia.

A situação de Davi se tornou praticamente estável, mas insisti para que ele permanecesse no posto até estar 100%. Dessa forma eu não precisaria ocupar Mila com os cuidados do meu menino se ele fosse pra casa, e conseguia além de trabalhar, ficar de olho nele.

O movimento no Posto nunca foi tão grande quanto nas últimas três semanas, quando a maioria das crianças e dos idosos da cidade pegou uma virose daquelas, e desde que chegou, Mauricio precisou ir duas vezes à Capital para pegar medicamentos; pois ficamos em falta. Geralmente, Rico se prontificava para esse tipo de serviço, mas desde a chegada do novo Doutor na cidade, que suas atitudes mudaram da água para o vinho. E eu sabia exatamente qual era o motivo real disso tudo.

— Ei mocinho! Sua mordomia está chegando ao fim. – remexo nos cabelos loiros de Davi ao entrar no quarto e encontrá-lo jogando xadrez com Mauricio, enquanto ele finge estar irritado por que o desconcentrei.

— Por mim já estava em casa mãe. — seus olhos me fitaram rapidamente, voltando sua atenção para o tabuleiro na expectativa do próximo movimento do seu mais novo amigo.

— Não se preocupe, estará lá amanhã. — sorrio ao me sentar na beirada da cama, observando-os pacientemente, enquanto Mauricio caía facilmente na estratégia de Davi, embora não fosse difícil notar que meu mais novo colega de trabalho estava deixando brechas para que meu filhote ganhasse a partida. Ele já havia perdido seus dois bispos, e estava prestes a perder seu rei, enquanto os olhos de Davi brilhavam com a possibilidade de dar um xeque mate no novato.

Os olhos de Mauricio repousaram por um momento sobre o meu, e um sorriso sem jeito cruzou meus lábios diante de sua paciência e serenidade com meu pequeno. Eu estava cada vez mais curiosa em saber sobre a vida do estranho solitário, e só saímos do magnetismo que envolvia nossos olhares quando Davi se remexeu na cama, levantando os braços em comemoração.

— Vai ter que ficar para a próxima Dr. Xeque-mate! — ele exclamou num sorriso maroto derrubando o rei no tabuleiro, enquanto Mauricio passava as mãos pelos cabelos, num semblante forçado de descontente, que me fez sorrir em agradecimento.

— Sem problemas, campeão! Na próxima, não vai ter moleza hein? — ele soltou batendo de leve na coxa de Davi que mantinha um sorriso feliz, enquanto uma das enfermeiras que estavam estagiando no Posto entrasse no quarto para dar o medicamento dele. Mauricio se aproxima de mim e uma pequena eletricidade corre rapidamente pela minha pele com sua proximidade.

— Obrigada por fazer companhia para ele. Ajudou muito. — a franqueza ressoa em minhas palavras mais duras do que gostaria, e engulo a seco por Mauricio me fitar profundamente nos olhos antes de prosseguir.

— Não foi nada. Ele é um ótimo garoto. — ele pausa um momento sem desviar o olhar e me sinto quase que hipnotizada pela calma que o verde mar dos seus olhos me transmite.

Desde que passamos a participar da mesma equipe de atendimento aos pacientes que chegavam num número cada vez maior, que Mauricio parecia querer manter o mínimo de distância entre nós. Embora muitas vezes eu me sentisse um pouco deslocada com suas gentilezas, não podia negar que existia um magnetismo invisível que sempre nos mantinha próximos. Fosse apenas em pequenas palestras onde ele sempre se sentava ao meu lado; fosse com as rondas aos pacientes do Postinho, Mauricio conseguia arrumar sempre um jeito para que não passasse muito tempo longe de mim.

Mesmo me sentindo mais exposta com essa situação, não podia negar o quanto ter sua atenção e sua ajuda, me deixava admirada com ele. — Você fez um ótimo trabalho Rebeca. — ele completa gentilmente e uma queimação ameaça tomar posse do meu semblante, enquanto tento disfarçar meu incômodo fugindo do seu contato visual.

— Obrigada Mauricio, mas nem sempre foi fácil sabe? E ainda não é.

— Vai ficar melhor com o tempo, relaxe um pouco. — seu tom foi tão sereno que me questionei por um momento que tipo de história ele trazia na sua bagagem.

— E por acaso você é pai para saber sobre isso? — tento soar divertida, mas imediatamente observo uma névoa de tristeza pairar em seus olhos antes tão brilhantes, e agora tão vazios, deixando-o calado por alguns poucos segundos. Eu havia tocado em alguma ferida ainda aberta e mesmo sem jeito, tento recuperar minhas palavras tão logo elas ficaram soltas no ar. — Desculpe Mauricio, não tenho nada a ver com isso, não foi minha intenção me meter na sua vida. — atropelo as palavras desordenadamente, enquanto nada além de desconforto eu podia observar em sua face.

— Está tudo bem Rebeca. — ele sorri sem ânimo e nesse instante Mônica adentra no quarto avisando que o Dr. Paolo quer falar com ele. Mauricio se despede de Davi que está entretido com um programa sobre vídeo games na TV e antes de sair, seu semblante parecia um pouco mais tranquilo ao me fitar novamente, embora eu estivesse constrangida com a

situação criada por mim. — Amanhã vai voltar para casa então? — o pesar pesou em sua voz, e apenas concordei com a cabeça ainda receosa de onde isso tudo fosse parar. Não sou criança pra não perceber o interesse contido dele por mim, mas o que mais me surpreendia era que por mais que eu tentasse não me convencer, eu estava começando a gostar disso. Não era uma boa solução para os sentimentos que sempre guardei com tanto afínco todos esses anos, no entanto.

— Mas ainda vai ter que me aturar nesses corredores por um longo tempo, Doutor — as palavras saem naturalmente acompanhadas de um sorriso amarelo e me repreendo mentalmente pelo fato de estar flertando com ele, deixando claro numa careta o quanto estava envergonhada, fazendo-o sorrir agora mais relaxado.

— Eu espero sinceramente que sim Rebeca. Até daqui a pouco. — o sorriso não abandona seus lábios, e minhas bochechas queimam literalmente com a situação em que me encontro. Mauricio saiu porta afora, e quando dei por mim, um par de olhos azuis estava a me fitar atentamente com um ligeiro sorriso na cara.

— Do que está rindo hein, mocinho? — finjo irritação ao abraçar Davi por um momento, enquanto ele apenas continuava a sorrir da minha cara.

— De você.

— Ahh, é mesmo? Vamos ver se ainda vai continuar a rir depois disso? — o riso contido do meu filhote se alarga quando uma série de cócegas em suas costelas, o fez gargalhar, me fazendo sorrir também.

— Ele é um cara legal. — a serenidade toma seu semblante assim que paro com a diversão, me deixando um pouco retraída.

— Quem? Mauricio? — franzo minhas sobrancelhas pra ele, que apenas acena com a cabeça e percebo o quanto meu filho havia se afeiçoado em pouco tempo ao homem misterioso da cidade grande.

Davi sempre teve uma boa convivência com Rico, mas nunca soltou nada referente a ele que pudesse criar uma situação entre nós. Já com Mauricio, as coisas pareciam ser diferentes, e por um instante me vi assustada. Sei o quanto meu menino sente falta de uma figura paterna, uma referência que ele pudesse confiar suas angústias e medos, mas o senso de proteção não me deixa olhar para nenhum homem com a intenção de me relacionar.

Mesmo que lá no fundo, Mauricio seja uma bela exceção a essa barreira imposta por meu coração, e que não tenho esperança, na verdade não posso

deixar se quebrar agora. Por que se isso acontecer, a única a juntar os pedaços serei eu e talvez não consiga mais me levantar.

Capítulo IV – Uma carona...quase um café

Arrumo a mala de Davi pra irmos pra casa, quando o Dr. Paolo adentra no quarto acompanhado de Mauricio, que me lança um sorriso singelo assim que me vê.

Procurro não levar em conta seu gesto, mas involuntariamente meu coração dá saltos descompassados, me deixando sem jeito com o que minha expressão podia revelar sobre a confusão que estava o meu peito, então tentei não focar meus olhos nos seus mais uma vez. Após algumas recomendações do médico mais experiente que já tivemos na cidade desde que me mudei pra cá, e em poucos minutos meu pequeno já estava liberado para ir embora.

Dr. Paolo me deu o dia de folga para ajeitar as coisas em casa, e me lembrei naquele momento que eu estava sem carro. A lata velha que estava mais acostumada a estar na oficina de Seu Antonio, do que sendo útil no meu trajeto de casa até o trabalho, mais uma vez havia me deixado na mão. Droga! Nessas horas é que sinto falta de Rico, e Maurício me fita com preocupação ao perceber o quanto estou com um semblante apreensivo.

— O que foi Rebeca? – levo dois segundos pensando o que responder, enquanto ele se mantém sério, na expectativa de saber o que me aflige.

— Estou sem carro. – bufo descontente sem fitá-lo, enquanto ajudava Davi com sua mochila. Assim que encaro Mauricio novamente, observo sem jeito seu lindo sorriso que já estou acostumada, se apossar do seu semblante, enquanto ele ostenta no ar o molho de chaves do seu carro para mim.

— Agora não está mais.

— Você está no horário de serviço Mauricio, não quero te ocupar. – solto já saindo do quarto, enquanto ele me segue, tentando me dissuadir da minha explícita negação.

— Qual é Rebeca? Deixe-me levar vocês. Estou no meu intervalo, e não custa. – ele se planta diante de nós impedindo nossa passagem, enquanto Davi me fita numa carinha cansada por um instante. Torno a olhar para Mauricio, que ainda ostenta as chaves no ar com o sorriso mais bobo do mundo, e me vejo totalmente desarmada. Não dava pra negar, ele ficava muito sexy assim.

— Ok. Você venceu! – finjo estar contrariada pela situação, enquanto

ele sorri ainda mais, mostrando todos os dentes brancos e alinhados com satisfação, ao remexer nos cabelos loiros do meu moleque.

Seguimos falando sobre o tempo, e de como a cidade é pacata para um País como o Brasil, onde se ouve falar de todo tipo de atrocidade, mas poucos sabem dos pequenos paraísos que estão escondidos por aí. Quando chegamos, Mauricio me ajuda com a pequena bagagem que acumulamos na nossa estadia no Postinho, e assim que adentramos, Davi corre em passos largos na direção do seu quarto, me deixando apreensiva.

— Davi não corra. Acabamos de sair de uma situação complicada, não quero voltar a dormir no sofá do Postinho. — grito em vão sem obter respostas, enquanto Mauricio varria minha sala com os olhos com certa curiosidade.

— Fique tranquila Rebeca, ele está bem. — outra vez suas palavras foram suaves e a calma se instalou em meu coração. Incrível como só a presença dele era capaz de causar essa sensação em mim. Mesmo negando admitir, tê-lo ao meu lado era tão reconfortante, que só de saber que em alguns minutos ele estaria longe, me pego numa vontade descabida de prolongar um pouco mais sua visita em minha casa.

— Quero ver dizer isso nas próximas 24 horas. — sorri sem jeito guiando-o até a cozinha, enquanto remexia em alguns utensílios na bancada. — Quer café? — indago já enchendo a chaleira, e pondo o pó junto, enquanto Mauricio puxa uma cadeira e se senta confortavelmente nela; concordando num sorriso de lado.

Enquanto espero a água ferver, cruzo os braços por um momento fitando meus pés, enquanto ele se balança de um modo nervoso, me fazendo olhá-lo de soslaio algumas vezes.

Parecíamos dois adolescentes num primeiro encontro sem saber o que dizer, e quando Mauricio se levantou num rompante na minha direção, a chaleira apitou interrompendo qualquer atitude que ele estava pensando em tomar naquele momento, me libertando dos meus pensamentos que vagavam sem sentido em minha cabeça. *Salva pelo gongo*. Suspirei um pouco mais aliviada.

Antes que o fogão se torne uma sujeira só, pego a chaleira fervendo e despejo o conteúdo no coador, passando o café, enquanto ele apenas acompanha minuciosamente todos os meus movimentos.

Embora eu me esforce para disfarçar, minhas mãos tremem e instintivamente percebo que Mauricio se aproxima ainda mais de onde estou

e calafrio passeia pelas minhas veias devagar. Tentei encontrar os copos dentro do armário, e embora fosse difícil, procurei controlar minha respiração no momento em que nos encontrávamos. As coisas não podiam sair de controle, não agora.

Seu corpo já estava tão colado ao meu, que podia sentir a quentura da sua respiração na minha nuca, e me culpei mentalmente por ter sugerido que ele ficasse um pouco mais. *Onde estava com a cabeça Rebeca?* Praguejo em minha mente, enquanto me viro para encarar os enormes olhos da cor do mar cristalino de Mauricio a despir minha alma.

Ficamos apenas alguns segundos a nos fitar, mas isso foi o bastante para observar o cerrar dos seus dentes, fazendo-me perceber todo seu esforço para manter-se controlado; até Davi voltar correndo do quarto, gritando aos quatro ventos, fazendo-o se afastar num rompante.

— Mãe! Disse que ia assistir ao jogo do São Paulo comigo. – ele faz uma cara amarrada, enquanto exalo com força por um instante, tentando colocar meus pensamentos no lugar.

— Desculpe meu amor, eu já ia subir. – argumentei compassiva ao segurar seu rosto em minhas mãos, enquanto Mauricio estava completamente sem jeito.

— Mas já perdemos o primeiro tempo. – sorri pelo seu tom infantil, e mirei Mauricio por alguns segundos, deixando claro mesmo sem palavras, que estava na hora dele partir.

— Bom, acho que é hora de ir. – ele soltou caminhando na direção da saída, enquanto Davi permanecia ao meu lado, na espera de ter companhia pra assistir o resto do jogo.

— Não quer assistir o jogo com a gente Doutor? – meu filho indaga esperançoso, embora Mauricio entendesse pelo meu semblante que eu estava mais do que apavorada aqui.

— Fica para próxima, tudo bem? – ele rebate ao sorrir, e suspira brevemente antes de voltar sua atenção pra mim.

— Obrigada pela carona. – soltei baixinho, ainda envergonhada da cena de ainda há pouco.

— Disponha. Obrigada pelo café Rebeca. — ele se vira para sair, e antes que ele chegue até seu carro, sinto a necessidade inevitável de chamar sua atenção.

— Beka. Pode me chamar de Beka Mauricio.

— Somos amigos agora? — a satisfação aparece em seu tom, mas um vinco de indecisão toma a linha de seus olhos por um segundo.

— Se estiver bom para você. — me arrependi das palavras que proferi tão logo observei um sorriso esperançoso cruzar seus lábios, enquanto ele abria a porta do carro.

— Por enquanto está. — o sorriso de vitória permanece ali, e percebo ter quebrado uma das regras impostas a mim mesma pra que nada me abalasse. Eu acabara de dar mais confiança a Mauricio do que deveria, e mesmo sabendo que isso seria um problema no futuro, lá no fundo algo me dizia pra arriscar dessa vez. Mas será que valeria a pena?

Mal o carro de Mauricio some de minhas vistas, Camila estaciona o seu, e sei pelo seu olhar que terei uma longa maratona de perguntas para responder. Ela mantém um sorriso maroto nos lábios enquanto se aproxima, e beija o topo da cabeça de Davi, antes de cruzar os braços, e me lançar um olhar acusador; mas nem de longe maldoso.

— O que foi isso tudo? — sua voz é a mais serena possível, mas me sinto incomodada com o que sua pergunta significa para mim. Nem eu mesma sei o que é, como posso responder? Dou as costas retornando para sala sem responder sua questão, e peço que meu filhote me espere por um momento enquanto faço pipoca. Camila me acompanha, e percebo pelo seu semblante que ela não vai me deixar em paz, enquanto não eu não abrir o jogo.

— Beka? – ela pede quase num sussurro, e embora eu esteja de costas para ela na bancada, minha amiga pode sentir o quanto estou tensa através de um longo e cansado suspiro.

— Eu não sei o que é ok? – estalo ao me virar para encará-la, enquanto seu rosto tenro é pura compreensão para mim.

— Está envolvida por ele, admita! – suas palavras fazem meu corpo estremecer, e minha garganta arde devido ao seu argumento, enquanto balanço minha cabeça em negativa com veemência para ela.

— Não! Eu não estou Mila! – retruco totalmente frágil, enquanto minha amiga apenas mantém um olhar compassivo, claramente não engolindo o que acabei de dizer.

Camila é uma negra linda, um pouco mais alta do que eu, e que perdeu seu marido em um confronto entre traficantes e policiais na Capital. Eles haviam acabado de comemorar a promoção dele na corporação e estavam esperando que a transferência de cidade saísse, para que pudessem se mudar para cidade de Primavera. A mudança ocorreu, mas não da maneira esperada.

Compartilhamos da mesma dor e após uma estranheza inicial no colégio onde Davi estuda e ela leciona; que não nos desgradamos mais. Dizem que uma implicância é a chave para o amor, mas hoje posso garantir que também é para o início de uma grande e duradoura amizade. Ela sabe de toda minha vida e de certo é a pessoa que mais confio nessa cidade.

— Beka não precisa ficar assim. Uma hora isso iria acontecer. – as palavras são suaves na clara intenção de amenizar uma culpa velada, mas não consigo aceitar que o que ela diz tenha algum fundo de verdade. Não posso ceder assim facilmente.

— Olha Camila, eu não quero que nada aconteça tá legal? – soltei mais alto do que pretendia, e o medo estava impresso no meu tom alterado, diante do seu olhar duvidoso.

Respiro fundo por um momento, e passo as mãos em meu rosto mecanicamente, tentando não sucumbir a toda essa loucura. — Desculpe Mila, é que... – as palavras me faltam, e em segundos me vejo envolvida em seus braços num aconchegante abraço.

— Ok, amiga. Eu entendo. – retribuí seu aperto com força, e me esforcei para que nenhuma lágrima escorresse.

— Quer terminar de ver o jogo com a gente? – sorri amarelo ainda com a indecisão estampada em meu rosto, enquanto minha amiga apenas acenava

em concordância. Fechei a porta aberta do meu coração e seguimos com a pipoca até ao quarto de Davi, mas definitivamente um jogo de futebol era a menor das minhas preocupações no ponto em que me encontrava. O que estava realmente me tirando o sono era esse jogo implícito que decidi jogar com Mauricio. E não saber o placar final estava a ponto de me deixar maluca.

Capítulo V- Persuasões

— Mas que droga! – soco o volante do carro com raiva, e percebo que não dava mais para adiar. Eu precisava comprar um carro mais novo, mesmo que já fosse um pouco rodado. Não podia continuar levando minha caranga velha todo mês para o Seu Antonio olhar. Mila havia me dado uma carona até a oficina e aproveitou para levar Davi na escola para mim.

Fazia três dias que meu rebento estava de molho em casa, e mais do que na hora de voltar à ativa, mas mesmo assim não me fiz de rogada ao pedir a minha amiga que ficasse de olho nele. Quanto menos surpresa, melhor; já dizia minha mãe.

Em dois meses, já era a terceira vez que minha uno 1987, carinhosamente chamada de “chaleira” por Davi, parava na oficina e sempre nos momentos em que mais precisava dela. Tá certo que ela já estava com um pé no Mundo dos Carros sem Volta, mas bem que podia me dar um refresco no meio dessa correria toda. Mas como a sorte não anda do meu lado, eu observo o relógio em meu pulso e solto um longo suspiro ao descobrir que chegarei atrasada no trabalho. Logo hoje que terei uma reunião para definir quais residentes atuarão em cada setor do Postinho.

Ainda nos encontrávamos na categoria de PS 24 horas, mesmo que a meu ver, tivéssemos estrutura e pessoal suficiente para chamá-lo de Hospital, numa cidade que comporta mais ou menos dez mil habitantes, há 200 km da Capital. Estava ansiosa para saber se ficaria com a ala da pediatria, mesmo tendo acabado de me formar, modéstia a parte eu conseguia dar conta do recado, e sempre recebi bons elogios do Dr. Paolo; e da maioria da equipe médica que ele coordenava.

Puxo meu celular da bolsa e tão logo inicio a discagem para Seu Antonio, o visor literalmente apaga, me fazendo rugir com mais raiva ainda. *Meu dia não podia estar começando melhor*, sorrio internamente pelo pensamento irônico que percorre minha mente em segundos e só percebo Rico batendo em minha janela, quando me viro num reflexo na direção dele. Alívio me toma de assalto e não contenho um sorriso de felicidade.

— Deu problema de novo? – indaga se debruçando na janela, enquanto eu pego a bolsa no banco do carona, e abro a porta do carro para sair.

— Como sempre Rico. Eu quero é uma novidade. — bufei dando a volta no carro, enquanto ele abria a porta do seu para que eu entrasse. — Para completar meu celular descarregou, e hoje é dia de reunião. — passo as mãos aflitadamente pelos meus cabelos, enquanto Rico toca em meu braço de leve chamando minha atenção.

— Hei! Vai dar tudo certo ok? — suas palavras foram tão doces que me senti uma completa idiota por estar tão nervosa. A realidade é que não queria encontrar Mauricio após o que quase aconteceu lá em casa.

Já fazia três dias que eu estava fugindo dele, e saber que dessa vez não teria como não encontrá-lo, estava me deixando com uma queimação no estômago e palpitações no peito. Como podia encará-lo depois daquela cena? O que ele podia estar pensando de mim? Eu não tinha as respostas que me atormentavam, e sabia que estar frente a frente com ele já bastaria para que minha cabeça ficasse ainda mais confusa.

— E meu capitão? Como está? – Rico indaga com um olho na estrada e outro em mim, e suspiro voltando para minha realidade ao sorrir para ele de lado.

— Louco para voltar aos gramados. – não demora muito para estacionarmos em frente ao Postinho, e enquanto tiro o cinto de segurança percebo uma sombra em seu semblante que me deixa preocupada. — O que foi Rico?

— Preciso conversar com você sobre isso, mas não agora. Posso passar na sua casa mais tarde? – hesito dois segundos para concordar, mas não posso deixar passar o fato de que algo grave está acontecendo e só Rico pode me dizer.

— Ok. Mas não vai me esconder nada tudo bem? – digo ao abrir a porta, enquanto ele faz um sinal de jura com os dedos até a boca, me fazendo sorrir por um momento. — Obrigada pela carona. – solto alto o suficiente para ser ouvida, enquanto corro a passos apressados corredor adentro.

Olhos acusadores recaem sobre mim no instante em que abro a porta afobada, enquanto um sorriso amarelo surgia nos lábios do Dr. Paolo, embora seus olhos fossem no mínimo reprovadores pelo meu atraso. Sentei-me na última cadeira ao fundo, e para minha surpresa, Mauricio estava sentado do meu lado direito, me sorrindo da mesma forma desconcertante que sempre me deixava insegura das minhas ações. Por que ele tinha que ser tão charmoso? O pensamento chega e se vai como um vento forte que leva embora nossas angústias, e tento me concentrar apenas em anotar o que toda a equipe de palestrantes que estavam junto do Dr. Paolo falava.

Os olhos de Mauricio me fitam de vez em quando, mas me esforço de todas as formas não perder o foco do assunto tratado ali. Mais um pouco nessa situação e tenho certeza que eu surtaria a qualquer momento. Após quase duas horas de reunião, fico mais do que satisfeita de ganhar a ala pediátrica e embora Mauricio tivesse ficado com a ala da cirurgia geral, estranhamente ele declinou do convite; ficando com a clínica geral.

Sua recusa me chama a atenção, e mesmo Dr. Paolo tentando persuadi-lo, nada surte efeito, e me questiono por um momento qual seria o motivo dele. Era visível o desconforto em sua face, e procuro não dar tempo pra que ele venha atrás de mim, quando me levanto para ir embora, tão logo somos todos dispensados. Em vão.

— A gente pode conversar? – ele indaga sem jeito, enquanto eu tento

passar por ele igual a uma bala. Parece que todo mundo resolveu conversar comigo hoje, e sinceramente não estou preparada para o que quer que Mauricio tenha para me falar. Simplesmente por que não sei como vou agir. Sua presença tem me deixado cada vez mais atordoada e já não consigo confiar em nenhum pensamento que passa pela minha cabeça.

— Estou ouvindo. — apresso meus passos na direção do corredor, enquanto Mauricio praticamente anda emparelhado comigo.

— Bom, se você parar de correr, talvez realmente consiga me ouvir. — a ironia em sua voz me faz parar e encará-lo de frente pela primeira vez hoje. Eu parecia uma adolescente assustada, mas estava difícil olhar em seus olhos enigmáticos agora.

— Pronto! Satisfeito? — estalo com embaraço, enquanto seu sorriso encantador dava o ar da graça novamente, me desarmando rapidamente.

— Bem melhor. — ele pausa me analisando por um momento e em seguida completa numa careta descontraída. — Para ficar ainda melhor só falta um café.

— Já tomamos café juntos Mauricio. — reviro os olhos e tento camuflar a tentativa frustrada de três dias atrás, mas ele é muito esperto para se deixar enganar. E persuasivo também.

— Nós quase tomamos café Beka. — seu semblante se torna sério por um segundo e engulo a seco sobre o assunto vir à tona sem que eu esteja na minha zona de conforto, ou seja; minha casa. Talvez não fosse nada demais. Apenas uma conversa entre colegas de trabalho, e tomar um café com Mauricio aqui era muito mais seguro do que por ventura em minha casa, então suspiro com cansaço, acenando com a cabeça em concordância, enquanto seu sorriso volta a habitar seu rosto e seguimos até a cantina do Postinho. Afinal o que um único café podia fazer? Se fosse o que eu estava pensando, com certeza um estrago bem grande, só não sabia dizer quem sairia rendido dessa situação toda.

— Então, o que quer saber? — solto num tom severo, enquanto Mauricio apenas me fita minuciosamente, me deixando ligeiramente envergonhada. — Mauricio? — peço, observando ele se aprumar na cadeira e não posso evitar o descompasso do meu coração quando sua mão se posiciona sobre a minha, e um tremor percorre todo o meu corpo, numa avalanche de sensações há muito tempo adormecidas. Essas situações implícitas entre nós estavam a ponto de me enlouquecer, e perceber que eu estava por um fio me fazia sentir vulnerável, e isso me assustava demais.

— Quero que se acalme e que tome seu café com tranquilidade. Quero que me conte mais sobre você, quero que me conte mais sobre o Davi. — enquanto a voz suave dele entranhava em meus ouvidos, eu apenas queria estar em qualquer outro lugar com Mauricio, onde nada e nem ninguém pudesse me impedir de me perder com ele. Mas loucuras nunca estiveram em meus planos, embora por ele a tentação não parecesse tão ruim. — Quero saber por que escolheu medicina, e saber qual seu maior sonho. — meu coração batia a mil por hora, e embora uma vontade enorme de responder todas as suas perguntas me afligisse de imediato, procuro manter as coisas sobre controle, enquanto o café é posto sob a mesa; e retiro minha mão da sua num reflexo.

— E por que você quer saber tudo isso? — a apreensão toma conta da

minha voz, enquanto tomo um gole de café, e mesmo percebendo o interesse dele por mim, não consegui prever o que estava a caminho. Simplesmente por que o homem em minha frente era uma incógnita e se arriscar no obscuro nunca foi um dos meus hábitos.

— Porque quero jantar com você. — a surpresa toma conta do meu rosto e minhas boas maneiras voam para o espaço quando quase cuspo o café que acabei de tomar em cima de Mauricio, que apenas sorri.

— Quer parar? Isso não tem graça. — penso duas vezes e desisto de proferir um palavrão, enquanto limpo com um guardanapo alguns resquícios de gotas de café sob a mesa.

— E por que acha que estou brincando Beka? Para mim é muito sério. — seus olhos brilhantes encontram o medo nos meus e a única coisa em que penso é me esconder em algum lugar bem fundo e não ter que encará-lo novamente por um longo tempo. Como se lesse meus pensamentos, Mauricio se levanta, e antes de ir embora rabisca alguma coisa em um papel e o põe sob a mesa, enquanto um silêncio constrangedor paira entre nós.

Fixo meus olhos no papel dobrado, e a voz dele corta o ar de um modo acolhedor que me faz querer ser imprudente pela primeira vez em anos. — Está na hora de voltar a viver Beka. — as palavras cravam em minha mente em meio à confusão de pensamentos, e mesmo tendo negado até agora, não posso deixar de concordar que talvez fosse à hora de seguir seu conselho e acordar novamente.

Pego o papel sob a mesa e a angústia da incerteza me consome por um pouco ao ler as poucas palavras rabiscadas às pressas por Mauricio. *“Hotel Rota dos Ventos, quarto 106 às 20 horas”* Estou atônita com os últimos acontecimentos e um frio gostoso atravessa todos os meus músculos, me deixando em alerta.

Talvez Mila tenha razão e eu deva somente seguir adiante. Sem promessas, sem expectativas, apenas deixar as coisas correrem seu curso, embora acreditar que a ferida aberta há tantos anos, agora pudesse cicatrizar fosse mero sonho. Por um segundo levo em conta aproveitar o momento e não me preocupar com o que viria a seguir.

Quem de nós estará de pé amanhã? Não sabia dizer. Só sei que a vontade de me arriscar crescia a cada instante que eu passava ao lado de Mauricio, e uma brecha parecia estar fazendo frente ao meu bravo coração solitário. Se um dia ele se abria de vez, só o tempo poderia ser capaz de dizer, embora eu achasse que isso nunca fosse possível. Só não imaginava

que estaria tão errada dessa vez

Capítulo VI – Dúvida e Curiosidade

Suspiro longamente na eterna indecisão por qual vestido usar nesse bendito jantar com Mauricio. Sei que ele não vai desistir enquanto eu não ceder, então é mais fácil acabar logo com isso antes que as coisas se percam de vez. Talvez assim ele me deixe em paz e minha rotina volte a ser a mesma de sempre, antes que ele surgisse do nada. Também podia ser uma oportunidade pra saber mais sobre sua vida e só a expectativa do que pudesse vir a saber, me deixava com a ansiedade a mil.

— E aí? Já decidiu? – Mila indaga franzindo a testa ao pegar um dos vestidos sobre a cama, e fazendo uma careta debochada na minha direção. Comprimos os lábios por um momento e nego com a cabeça, me sentando na cama num desânimo notável. — Ok, sem pânico. – minha amiga diz divertida, embora eu já estivesse na dúvida se estava fazendo o certo. Mila segue até meu closet e varre as roupas penduradas ali, levando mais tempo do que eu pensava, analisando tudo como se procurasse por alguma opção mais sofisticada do que as que eu costumo usar.

— O que está fazendo Camila? – brado com irritação para ela, por estar remexendo nas minhas coisas como se um encontro fosse o evento mais importante da minha vida agora.

Ela não me responde e começa a jogar literalmente, peça por peça do closet em cima da cama, enquanto permaneço a fitá-la com indecisão do que vem a seguir. Após uns dez minutos de procura, Mila ostenta um sorriso de orelha a orelha, ao me mostrar um lindo vestido tomara que caia azul escuro, enquanto dessa vez balanço a cabeça em negativa para ela.

— Não Mila, esse não! – lembro bem do último dia em que o usei e não quero manchar os momentos que tive com Miguel, usando algo que significa tanto para mim com outro homem. São minhas lembranças com ele, e ninguém tem o direito de se meter nelas.

— Beka esse é de longe o melhor vestido que você tem. Não pode ir a um encontro, com essas coisas da época da vovó aqui. – seu tom sai divertido, mas não consigo encontrar a mesma naturalidade dela para lidar com isso. Simplesmente por que não quero. Por que não estou pronta.

— Olha, eu sei que está tentando ajudar, mas remexer em minhas memórias não vai ser útil no momento Mila. – solto transtornada, tomando o vestido das mãos dela e o recolando no closet, fechando-o em seguida.

— Desculpe, estou sendo inflexível e má. – Mila solta num muxoxo entre os dentes, e me sinto derrotada pela situação. Não quero que Mauricio ache que teremos outro encontro após esse, em contra partida não quero que ele me veja como uma caipira do interior que não sabe nem se vestir.

— Não, não está Mila. Está tentando fazer o certo, só que esse certo ainda não é para mim entende? Ainda não consigo, é só. – cruzo os braços com o desânimo estampado em minha face, e de repente observo os imensos olhos dela se abrir ainda mais.

— Espere aqui. Eu volto já. — ela sai euforicamente porta afora, e sabia que após esse momento de entusiasmo dela, a noite estava apenas começando.

Quase meia hora se passa até Camila retornar com uma bolsa e um novo sorriso maroto. Ela retira um vestido preto de cetim e imediatamente me lembro de quem havia lhe dado o presente que ela me oferecia emprestado sem cerimônias.

— Esse não é aquele vestido que o Helinho da farmácia te deu? — sorri com deboche ao semicerrar os olhos pra ela, e acompanhei seu sorriso se alargar ainda mais com minha brincadeira.

— Sim, mas agora ele é seu. Quero ver o Doutor resistir a você agora. — ela bate palmas euforicamente, enquanto reviro meus olhos com um aperto em meu peito sobre o que viria a acontecer essa noite. Mas confesso que estava ansiosa para saber.

Mila fazia uma leve maquiagem em meu rosto, quando Davi pediu licença e entrou meio desconfiado em meu quarto. Seu semblante estava descontente, em certo ponto preocupado, então parei tudo o que estava fazendo e me precipitei na sua direção.

— O que foi meu amor?

— O treinador está na sala. Disse que precisa falar com a senhora. — bufo com impaciência ao perceber que havia me esquecido de Rico e ao observar que já passava das sete, descobri que chegaria atrasada em meu compromisso com Mauricio.

— Ok, Vou falar com ele, mas não quero ser interrompida tudo bem? — pedi carinhosamente, enquanto ele apenas confirmava com a cabeça. Acenei num gesto mudo pra que Mila ficasse com Davi e desci apressadamente as escadas, seguindo até a cozinha.

Assim que Rico me viu, uma névoa se apossou dos seus olhos, e a decepção e admiração pareciam se fundir de tal forma que era difícil distinguir o que ele estava sentindo naquele momento.

— Oi Rico. Desculpe, eu havia me esquecido de você — tento soar o mais natural possível, mas a carranca não deixa seu semblante e ele ainda me analisa como se eu devesse alguma explicação por estar vestida para sair. — Então Rico? O que precisa falar sobre o Davi? — disse direta na intenção de terminar o mais rápido possível com essa conversa, e surpresa me atinge de cheio com o veneno em suas palavras.

— Vai sair com aquele Doutorzinho? – abro minha boca para retrucar algo, mas Rico continua seu inquérito num tom de voz elevado que começa a me deixar incomodada. – Beka não percebe que esse cara só quer se aproveitar de você? E o que virá depois? Como você e o Davi ficam nessa história depois que ele se for?

— Rico não faça tempestade num copo de água ok? – rebato com firmeza, enquanto acompanho ele passar as mãos entre os cabelos castanhos em sinal de nervoso. Não queria discutir com ele, mas sabia que se não desse um basta nisso agora, lá na frente eu enfrentaria um vendaval que talvez não tivesse mais controle. Isso era algo que eu não dava o direito a ninguém. — E além do mais, já disse que não preciso dos seus cuidados. Sei me cuidar muito bem e para o seu governo não quero nada com Mauricio. É apenas uma saída de amigos. – tento me convencer do que digo, mas a verdade é que nem Rico e muito menos eu estava levando isso a sério.

— Já disse que me preocupo. — ele ameaça quebrar a distância entre nós ao se aproximar, e por um momento me sinto desconfortável por ele insistir numa situação sem solução para nós. Por que eu nunca poderia dar a ele nada além da minha amizade.

— Já disse que não precisa. — reviro os olhos quando ele já está perto demais, e aproveito para tratar do que era mais importante. — O que quer falar sobre o Davi? — repito com preocupação e observo Rico contrair o maxilar como num esforço para me dar uma notícia ruim, e imediatamente meu coração dá um sobressalto. Ele se afasta de mim num impulso e o pânico agora parece me consumir lentamente, me deixando petrificada ao chão.

— Beka, você sabe que o clube de futebol da cidade é patrocinado por uma empresa de saúde da Capital não é? Na verdade é uma multinacional. — ele bufa remexendo em seu boné e ainda não consigo ordenar direito o que ele quer dizer. Ao perceber a minha apreensão Rico torna a falar, dessa vez amenizando um pouco mais o seu tom. — Bom, eles resolveram retirar o patrocínio do clube para a próxima temporada.

— Como assim? O time vai ficar de fora do Intermunicipal do ano que vem? — franzo minha testa prevendo o que está por vir, e o pesar insiste em rondar meu peito mais uma vez.

— Não vai haver mais time Rebeca. É o fim do Prime Futebol Clube. — suspiro num lamento, enquanto Rico volta a se aproximar, mas instintivamente me afasto dele. É melhor não dar corda para o azar.

— Isso não podia acontecer Rico. Por que eles estão fazendo isso? – custo a acreditar na realidade, e só penso em como meu pequeno irá reagir a tudo isso.

— Eles alegaram que não queriam o patrocínio associado a um incidente com Davi, se por ventura acontecesse de novo, como eles ficariam? Perderiam rios de dinheiro por conta de um menino do interior que tem o sonho de ser jogador de futebol? Fora a imprensa que faria um carnaval com o assunto por meses. Um pequeno jornal da Capital insinuou que a patrocinadora não deu nenhuma ajuda de custo com Davi, o que sei é que isso não soou nada bem. – é horrível ter que concordar com ele, mas meu amigo tem razão. Num mundo onde a maioria só pensa em cada vez ter mais, o mero sonho de alguém pode ser medido em quanto se terá de lucro ou não.

Abaixo minha cabeça me sentindo derrotada e quando menos espero; Rico está com meu corpo envolto em seus braços num caloroso abraço. Estou tão desanimada que não tenho forças para afastá-lo, e embora não queira confundir ainda mais a cabeça dele, me sinto confortada nesse momento.

— Como vou dizer uma coisa dessas para o Davi Rico? – solto quase num sussurro, mas não baixo o suficiente para que meu filho não ouça e me questione de imediato.

— Me contar o quê mãe? – me afasto do treinador num impulso, e noto o semblante de Mila num pedido de desculpas velada.

— Ele estava indócil Beka, desculpe. – ela diz sem jeito, enquanto puxo meu moleque pelo braço e o sento em uma das cadeiras que se encontra na cozinha; inclinando-me para ficar da sua altura antes de falar.

— Filho, você sabe sobre o patrocínio que o time da cidade recebe não é? — iniciei com calma, enquanto observei ele confirmar com a cabeça, seus olhinhos ainda mais azuis em desconfiança para mim. — Acontece que após o seu acidente... bem...as coisas mudaram entende? — as palavras engasgam na minha garganta e fica difícil encarar os olhos de Davi quando eu sei o quanto isso é importante para ele.

Nesse momento, penso em como odeio o empresário que está a ponto de arrancar os sonhos do meu pequeno, e tento criar coragem para prosseguir quando ele nega com a cabeça para minha explicação. Olho de relance para Mila, e em seguida viro-me para encarar Rico sem muito saber o que fazer. Como se entendesse minha situação, ele resolve intervir na conversa e se dirige a Davi com objetividade.

— Olha só campeão. A verdade é que infelizmente por conta desse triste acontecimento com você, o empresário que patrocina nosso pequeno time resolveu não patrocinar mais, é isso. — Rico expõe a situação de forma clara, e em segundos uma discreta lágrima começa a rolar dos olhos dele, me fazendo abraçá-lo num conforto pela situação.

— Então a culpa é minha? O time vai acabar por minha causa? — Davi murmura tentando esconder as lágrimas com as costas da mão e seguro seu rostinho, o olhando nos olhos com carinho, mas com determinação também. Se eu não conseguisse fazê-lo enxergar que ele não deveria se sentir culpado pelo o que aconteceu, esse trauma o perseguiria pela vida inteira, e sabe Deus como ele conseguiria lidar com isso daqui pra frente.

— Presta bem atenção no que eu vou te falar Davi, e é bom guardar por que não vou repetir ok? — procuro passar confiança, e apenas rezo para que ele possa entender o que eu estava querendo dizer. Davi tinha dez anos, mas era esperto o suficiente pra saber distinguir as coisas. Ester sempre fez questão de deixar tudo às claras, e é justamente do argumento de sua avó que me aproveito agora para tentar acalmar seu coração. —Você não é culpado de nada filho. Fatalidades acontecem, estão fora do nosso controle e não vou admitir que você sinta-se assim ok? Você não tem culpa se um empresário sem escrúpulos resolveu pensar mais em seu bolso do que ajudar os outros ouviu? — meu tom é firme, mas ainda assim suave.

Davi funga com força por um momento e em seguida balança a cabeça concordando com tudo o que eu havia falado, soltando o ar de leve num conformismo admirável. Impossível não pensar em Miguel nesse instante, e

em como meu anjinho era tão parecido com ele, até nas adversidades. Abraço seu corpo com força e beijo o topo da sua cabeça antes de sorrir com orgulho para ele, embora por dentro eu estivesse chateada pela situação. Não mais que meu pequeno prodígio.

— Vou para o meu quarto, mãe. Bom jantar. — ele sorri de lado e se despede de Rico e Mila antes de sumir das minhas vistas. Olho rapidamente para o relógio e uma angústia me consume por estar mais do que atrasada para o jantar. Talvez Mauricio já até tivesse desistido e a indecisão de arriscar me toma por um momento.

— Mila pode pegar uma carona com Rico pra casa, e obrigada pela ajuda, mas não vou mais a nenhum jantar. — solto transtornada, enquanto Rico mostra um sorriso discreto de satisfação e Mila se apressa em me dar um sermão.

— Qual é Beka? O homem está te esperando, você está toda produzida e vai perder essa oportunidade?

— Olha Mila não vou ficar tranquila com o Davi desse jeito ok? E de mais a mais, já estou muito atrasada, ele nem deve estar mais acordado. — disse balançada pelas suas palavras tentando achar uma fuga para o desejo que sentia de saber se o que ela falava era verdade.

— Amiga não se preocupe com o Davi, ele é esperto, mas no momento não vai querer falar com ninguém, você sabe disso. Vai se distrair um pouco e mais tarde vai ver como ele vai estar melhor. Vou ficar até você chegar, e se quiser Rico pode me fazer companhia. — ela diz com esperança, embora o semblante dele demonstrasse o contrário, e logo uma desculpa surgiu de sua parte à sugestão dada por ela.

— Vai ter que ficar para outra hora Mila, não se importa não é? — ele faz uma careta sem graça, enquanto a decepção estampa o rosto dela por um pouco. No entanto, ela não se abala com a indiferença dele, e em segundos, ela volta a sorrir em apoio para mim. Torço para que essa paixonite que ela tem por ele passe, minha amiga merece um cara que faça questão da sua presença, e não ficar à espera de alguma migalha que Rico possa lhe dar.

— Sem problemas Ricardo. — ela diz seca, voltando sua atenção novamente na minha direção, num incentivo para que eu siga adiante. — Vai sem medo amiga, eu estou aqui. — ela pisca com cumplicidade e sorrio pela sua generosidade. Só me restava agora despachar minha pequena visita, sem parecer muito indelicada.

— Obrigada por me avisar Rico e pela ajuda com Davi. Já que não

pode ficar, vamos saindo? – torço os lábios com ansiedade ao passar por ele em direção à porta, e embora pareça contrariado com minha mudança em sair, ele não se opõe a me acompanhar. Assim que ele cruza a porta, lanço um sorriso de agradecimento para minha amiga e espero ainda encontrar Mauricio acordado.

Rico oferece uma carona até o hotel onde Mauricio está hospedado, e mesmo temendo que minha “chaleira” me deixe na mão, recuso. Já não bastasse o ciúme que sentia por mim, tê-lo no encalço de Mauricio não seria nada bom. Rico entra relutante em seu carro e em seguida saio com o meu; ainda com a adrenalina correndo em minhas veias.

Minhas pernas bambeiam ao seguir na direção do corredor que dava para os quartos e quando avisto o número da porta de Mauricio, respiro fundo antes de bater, tentando colocar meus hormônios em ordem. Bato três vezes com uma nítida apreensão, e após uma espera que mais parecia uma viagem à lua, a porta se abre; revelando um par de olhos esverdeados a me fitar admirado. Um lindo sorriso estampa seu rosto e engulo a seco com a corrente magnética, que parece colaborar ao nosso favor.

Era impossível não sorrir de volta, e Mauricio gentilmente; esquiva seu corpo para que eu entre. Hesito por um segundo, e após tomar coragem, entro sabendo que dali em diante tudo era imprevisível, e só rezava pra não me arrepender de nada depois dessa noite.

— Espero que goste de comida japonesa – ele sorri ao me ajudar a tirar o confortável sobretudo, enquanto observo um copo e a garrafa já quase pela metade sob a mesa de centro.

— Na verdade nunca comi. – solto sem jeito analisando de relance o ambiente ao meu redor, e embora tudo estivesse na mais perfeita ordem, sinto um vazio que me invade de repente, me fazendo crer o quanto Mauricio pode se sentir só. Talvez seja esse o motivo para a garrafa estar quase vazia, e sua pouca capacidade de concentração, pois nem mesmo reparou em como eu estava vestida.

Algumas fotos de hospitais pelos quais ele já havia passado estavam expostas na pequena estante da sala, e pelo seu sorriso satisfeito, era possível notar o quanto ele estava feliz. Permaneço a observar suas fotos enquanto ele termina de pôr a mesa, e dentre tantas que ali se encontra uma em particular me chama atenção.

— Não sabia que tinha trabalhado para o Grupo Vital. É uma referência em matéria de tecnologia hospitalar. – indago com surpresa, enquanto Mauricio evita me fitar, respondendo entre os dentes com total indiferença.

— Foi por pouco tempo e não tem muita importância. – cerro meus

olhos na sua direção, e o timbre em sua voz me diz que algo o incomoda nesse assunto, mas não consigo deixar de querer saber mais. Mesmo sabendo que posso estar sendo inconveniente.

— Mauricio é uma das maiores referências desse País, como pode não ter tido importância? – retruco energética, enquanto seu semblante se fecha em segundos e percebo o quanto estou passando dos limites. Cada um tem um ponto fraco. Seus segredos. E se eu não queria revelar os meus, porque ele deveria me dizer os dele? É mais fácil querer saber o que sufoca as outras pessoas, do que expor a elas o que nos sufoca também, e vejo que não tenho esse direito com ele. Mesmo querendo de certo modo ajudá-lo, não posso obrigá-lo a nada.

— Simplesmente por que não era o que eu queria Beka. Aquele lugar nunca foi para mim. Com fome? – ele alterna o tom de voz entre o cinismo e a suavidade, e apenas consinto com a cabeça em confirmação.

A noite realmente seguiu agradável, e mesmo já um pouco sob o efeito do álcool, Mauricio era uma boa companhia. Era engraçado acompanhá-lo contar sobre os muitos lugares que rodou pelo mundo até parar em Primavera e nos perigos que encontrou pelo caminho. Enquanto ele contava cada uma de suas aventuras, um brilho contagiante aparecia em seus olhos, e observar sua determinação e entusiasmo, me encantava. A medicina realmente era algo importante para ele, e não era difícil confirmar o quanto assim como eu, ele amava a profissão.

— Agora é a sua vez. Por que escolheu medicina? – seus lindos olhos estão fixos em mim, enquanto eu derrubo mais um gole do vinho em minha taça, e puxo o ar com força antes de falar com nostalgia.

— A avó de Davi veio morar conosco logo assim que chegamos à cidade, e após a morte do meu marido, ela ficou muito frágil da saúde. Mas ainda assim conseguia me ajudar com muitas coisas, inclusive com a criação do meu filho. – ele me observa num semblante confortador, então continuo contando um pouco da minha história, levemente aberta agora. — Um dia quando Davi estava na escolinha, Ester passou mal e eu simplesmente não soube o que fazer. – fecho os olhos com força pela lembrança e sinto um frio me corroer pelo suave toque da sua mão sobre a minha, do mesmo modo que aconteceu na cantina do Postinho.

Abro meus olhos com pesar e não contenho a emoção que agora toma conta de mim, e da minha voz já embargada. – Ela estava tendo um AVC e eu não consegui reconhecer Mauricio. Eu não estava preparada para nada parecido e quando ela morreu cinco horas depois de dar entrada no Hospital da Capital, eu prometi a mim mesma que não perderia mais ninguém que eu amava só por que não sabia como ajudar. – engulo o choro, e limpo minha garganta, enquanto ele ainda me fita carinhosamente, como quem tenta tirar a dor do outro e transferi-la pra si.

— Você é uma grande guerreira sabia? – sei que ele tenta me encorajar, mas não consigo me enxergar desse jeito. Principalmente nos primeiros anos após a morte de Miguel. Cada um tem seus demônios, e mesmo Mauricio sendo tão carinhoso nesse momento ainda não me sinto segura para contar mais da minha vida para ele. O álcool já fez o seu efeito esperado por hora. Era preciso parar por aqui.

— Acho que está na hora de ir embora isso sim. – sorri amarelo ao me levantar e percebi Mauricio cambalear ao me acompanhar, e o seguro num

impulso pela cintura, para que ele não caia ao chão.

— Você está bem? — fico preocupada, e ajudo-o a se sentar novamente, dessa vez no sofá.

— Estou ótimo Beka. Só um pouco tonto, mas ótimo. — ele ri descontraído, e só agora percebo uma pequena garrafa de vodka no bolso da sua calça. Não sei o que houve pra que ele comesse a beber antes de eu chegar, mas de certo não era algo sem importância.

— Por que já estava bebendo desde cedo? — inquiri fazendo-o deitar no sofá, enquanto ele pousava suas mãos sob os seus olhos por um momento. Não notei que entre um gole e outro ele adicionava a vodka à sua taça de vinho e pelo tempo que gastamos conversando, ele já estava mais do que no limite dos seus sentidos.

— Desculpe, não foi assim que imaginei nosso jantar. — ele soa melancólico e frágil, e me surpreendo com sua postura. Algo o havia abalado e a vontade que eu tinha era de abraçá-lo e confortá-lo. — Queria poder te contar tantas coisas Rebeca. — ele diz tocando minha face de leve, enquanto um tremor percorre minhas veias, e instintivamente me afasto dele.

Não sei o que eu estava esperando, mas não me sentia confortável nessa situação, e antes que algo demais acontecesse e Mauricio colocasse a culpa na bebida, me levanto decidida a ir embora. Ele se vira para o lado no sofá e um sono o atinge em questão de segundos. Passo as mãos entre seus cabelos, observando-o por um pouco e tento sem sucesso algum decifrá-lo.

Antes de ir para casa, arrumo a pequena bagunça feita por nós e me certifico de que está tudo no lugar. Durante a volta, percebo que assim como eu, Mauricio possui sombras em seu caminho que estão tão enraizadas quanto às lembranças da minha vida com Miguel. E embora soubesse que podia estar entrando num caminho sem volta, eu queria ajudá-lo. Só esperava conseguir separar em minha mente o que meu coração estava pedindo desesperadamente. Ou mais uma vez eu estaria em pedaços em pouco tempo.

Capítulo VII – Quem não arrisca, não sai do lugar.

— Espere aí! Como assim ele dormiu? Que tipo de cara te convida para jantar, e antes mesmo “daquele momento” dorme? – Mila esbraveja aborrecida ao fazer aspas com os dedos, enquanto eu estendo uma xícara de café para ela, dando em seguida um gole na minha. Quando cheguei da casa de Mauricio, ela e Davi já estavam dormindo e não fazia sentido acordá-la para que ela fosse embora, e por isso acabou dormindo aqui em casa.

— O tipo de cara que sofre de um algum problema não é amiga? – eu rebato mais incomodada do que o normal, ignorando a conclusão do seu comentário ao me sentar ao seu lado na mesa da cozinha.

— Mas e antes disso? O que você sentiu? – seu tom ganha uma euforia atípica, e penso por um segundo no tipo de resposta que vai deixá-la satisfeita.

— Não senti nada Mila. Aconteceu exatamente como eu falei. – dou de ombros tentando soar indiferente, fugindo para a sala em passos largos, enquanto minha amiga segue no meu encalço, com sua curiosidade em nível máximo.

— Sabe bem do que estou falando Beka, e não fuja de mim. – ela mais ordena do que pede e embora me esforce pra não demonstrar como estou mexida com essa situação, não consigo manter o controle das minhas emoções para ela.

— Tudo bem, tudo bem Mila. Não vou negar que fiquei com pena de vê-lo daquele jeito no sofá – suspiro passando a mão em minha franja, e nos sentamos no sofá, os olhos dela fixos em mim, na clara espera de mais explicações.

Após alguns segundos de silêncio que acabam por me incomodar, eu torno a abrir a boca para falar num tom mais compassivo. — Nunca vi ninguém tão frágil assim. Com certeza alguma coisa muito séria aconteceu com ele. – conclui com pesar, enquanto um leve sorriso aparecia nos lábios de Camila, e soube que o que viria não seria nada bom. — Que foi agora? – indago apreensiva, enquanto o sorriso dela se alarga sem nenhuma cerimônia.

— Vocês precisam de um novo encontro. Um novo jantar. – meu

PERIGOSAS TRADUÇÕES

queixo cai com sua sugestão e embora não concorde com ela, não deixo de fazer graça com a situação.

— Ficou louca não é? Eu não preciso de nada Mila. – reviro os olhos num tom irritado, e minha amiga continua a falar como se a sua solução fosse a mais lógica.

— Precisa sim. Esse jantar não valeu Beka. – ela diz com propriedade, enquanto Davi desce as escadas apressado e nos pega de surpresa.

— O que não valeu tia Mila? – ele tem um sorriso maroto no rosto e antes que eu possa me expressar, Camila toma a minha frente, me deixando desconcertada.

— O jantar da sua mãe. – ela sorri debochada, e cerro meus olhos na sua direção, desejando realmente que eu pudesse fazê-la parar de falar só com a força do pensamento. Isso é que dá ver séries demais. Acabamos acreditando no que é impossível.

— Não deu certo? — ele argumenta ao alargar seu sorriso, e outra vez não tenho tempo para retrucar, enquanto suas palavras me deixam atônita por um momento. — Convida ele para jantar aqui em casa mãe. Assim posso bater ele no xadrez mais uma vez. — meu pequeno traidor solta com euforia, enquanto Camila arqueia as sobrancelhas para mim num sorriso de cumplicidade em relação ao que ele falava e eu já não sabia o que dizer.

Era fato que ambos se deram bem desde o início, e eu já havia percebido o quanto meu filho parecia se sentir à vontade com Mauricio. Mas tê-lo cada vez mais dentro da minha vida podia não ser a melhor alternativa. No entanto, eu estava curiosa para saber o porquê dele ter se enfiado na bebida na noite anterior, e só uma nova conversa poderia me dar essa resposta.

— Ok mocinho! Posso pensar no caso de vocês tá bem? — sacudo seus cabelos loiros, enquanto Davi e Camila tocam as mãos no ar em sinal de apoio, e o guio de volta para o seu quarto antes de completar numa ordem suave. — Agora escove seus dentes e desça para tomar café antes de ir para escola. — observo ele subir as escadas, e Mila me lança um sorriso confortador.

O dia passou rápido e quando percebi já estávamos na hora do almoço. Em todo o tempo não encontrei Mauricio pelos corredores ou salas do Postinho, e não consegui deixar de me sentir preocupada com isso. Tento alguma informação na recepção, mas Mônica apenas me informa que ele ligou avisando que não poderia comparecer ao trabalho hoje. Será que a ressaca ainda não havia passado? Ou ele realmente estava com mais problemas do que eu supunha e algo não andava bem? Mil hipóteses situam minha mente em questão de segundos, mas só havia uma maneira de dissipar a agonia que começava a arder em meu peito.

Vamos lá Rebeca. Você consegue fazer isso. Disse pra mim mesma antes de bater na porta do quarto de Mauricio, tentando manter meu nervosismo longe, o que só aumentou quando ele abriu a porta.

Um arrepio diferente consumiu minha pele, e minha respiração ficou pesada ao observá-lo me sorrir alegremente apenas enrolado numa toalha. Não podia ter vindo em hora pior, por que é simplesmente uma tortura vê-lo

assim com o seu corpo mais do que definido à mostra, e nem nos melhores tempos de colégio, Miguel chegou a esse patamar.

— Beka o que faz aqui? – ele diz ajeitando a toalha pra que ela não caia, e tento desviar o foco do seu tronco desnudo, piscando os olhos com uma nítida vergonha estampada em meu rosto corado.

— Bom primeiro “oi” para você também e segundo vim saber o porquê de não ter ido trabalhar? – atropelo as palavras com nervosismo, enquanto ele esquiva o corpo me dando passagem para entrar.

— Desculpe o mau jeito, você me pegou meio fora de hora. – ele rebate divertido, e pareço uma boba admirando as gotas de água que continuam a cair do seu cabelo molhado, fazendo-o sorrir ainda mais. — Você está bem Beka? – seu tom é um misto de satisfação e desdém pela minha postura e me sinto uma idiota por não conseguir esconder o quanto me sinto mexida por ele.

— Claro que estou. Mas bem que você podia se vestir não é? – praguejo vacilante por um momento e minhas pernas ameaçam falhar, quando ele se aproxima com seus olhos fixos nos meus.

— Por quê? Tem medo de não resistir? – ele está tão próximo que seu cheiro de creme de barbear deixa-me zozza, e me esforço para sair de perto dele ao avançar alguns passos pelo pequeno cômodo, o mais longe que posso.

— Pare de brincadeiras e me diga o porquê de não ter aparecido hoje Mauricio? – cruzo os braços numa irritação fingida, e o observo passar as mãos pelos cabelos com cansaço.

— Só não estava me sentindo bem, só isso. – ele pausa, enquanto volta a se aproximar e percebo que não tenho mais para onde fugir. Estou encurralada entre a parede e o corpo másculo dele que se encontra cada vez mais perto, me tirando o ar. — Por que se deu ao trabalho de vir até aqui Beka? – minha respiração fica entrecortada e sinto-me quase hipnotizada por ele, quando seus olhos passeiam pelo meu corpo como um caçador na expectativa do próximo passo de sua presa, e se eu quisesse me livrar dessa situação eu só tinha um jeito.

— Por que tive que ajudar a fazer a triagem de um caminhão de pacientes e meu colega de turno me deixou na mão. – esbravejo com arrogância, o que faz Mauricio se afastar quase que instantaneamente, com um semblante desapontado pelo meu rompante.

— Desculpe. – ele diz com os dentes cerrados, e me sinto mal por ter sido grossa com ele. Droga de falta de tato com o que me incomoda. Eu já havia admitido para mim o quanto à presença dele me deixa em descontrole, mas não quero que ele fique chateado comigo. — Vou pôr uma roupa e já volto. – ele se vira para seguir até o quarto, mas o interrompo no meio do caminho.

— Mauricio espera! – solto com dúvida, enquanto sua expressão se torna indecisa por alguns segundos. — Eu ainda não disse o real motivo de ter vindo aqui. – minha voz sai fraca e o semblante dele se ilumina como se esperasse a melhor notícia do mundo. Talvez pra ele fosse, embora eu ainda não soubesse onde queria que tudo isso parasse. Mas mesmo sendo arriscado, eu queria descobrir. Tomo a respiração profundamente e exalo com força ao falar, enquanto ele se mantém atento ao que pretendo dizer. — Você gostaria de jantar lá em casa hoje? – as palavras tremem e um lindo sorriso se forma em seus lábios, aliviando a tensão que pesou em meus ombros, mesmo sem

querer. — É claro se você não tiver outros planos para essa noite e... — paro de falar quando sinto o toque suave das suas mãos sobre meus braços e a vontade que me domina agora, não se restringe a somente um jantar. Por que o simples toque de Mauricio é capaz de me deixar sem controle sobre meus desejos mais escusos e isso continua a me apavorar.

— Vou adorar jantar com você. — sua voz é confortadora e não esconde um sorriso satisfeito, sendo retribuída em seguida por outro sorriso dele.

— Te espero às 20h30min. — uma pequena irreverência acompanha minhas palavras, enquanto sigo na direção da porta. Mauricio mantém seu sorriso nos lábios, que se alarga ainda mais assim que o alerta antes de sair. — E não se esqueça de ir vestido ok? — dou uma piscadela marota para ele, e me sinto leve por ter conseguido ultrapassar essa barreira. No entanto, por dentro, eu temia o quanto esse novo encontro poderia causar em minha já perfeita rotina, e talvez eu precisasse justamente disso. Esse jantar talvez pudesse responder às perguntas que fazia morada em meu coração, ou quem sabe até um pouco mais. O jeito era esperar pra saber.

Mila me ajuda com a finalização do jantar, enquanto Davi separa com cuidado o seu tabuleiro de xadrez na expectativa de Mauricio aceitar mais um dos seus desafios. Todas as vezes que eles jogaram, meu pequeno dava dicas de como Mauricio devia seguir na partida para conseguir ganhar, e seu entusiasmo era tão contagiante que era impossível para Mauricio não deixá-lo sair vitorioso. Eu sempre soube o que ele fazia, e isso apenas me deixava mais encantada com sua generosidade.

Subo as escadas correndo e sigo para o banho após mirar o relógio fixo na parede da cozinha. Certo que hoje estou em minha zona de conforto, mas não posso ser desleixada ao ponto de não parecer apresentável.

Estou terminando de pôr os brincos, quando ouço a campainha tocar e uma voz inconfundível sobressair às de Davi e Mila na sala. Exalo com força diante do espelho e busco uma determinação para levar a situação que eu mesma tinha criado adiante. Não dava mais para voltar atrás. Era preciso seguir com a maré.

Desço as escadas devagar e logo me deparo com os olhos de Mila a me fitar com cumplicidade, enquanto encontro Mauricio sentado despojadamente no chão da sala ao lado de Davi, ambos compenetrados no jogo de xadrez.

Não seguro o riso fácil que aparece de repente e a admiração em seus olhos faz minhas bochechas queimarem.

— Oi. Você está linda. – ele diz com um ar de bobo ao se levantar, e torno a sorrir dessa vez pelo seu semblante.

— Obrigada. Está com fome? – tento camuflar meu nervosismo, mas minhas mãos suam descontroladamente e só espero que ele não perceba isso agora.

— Muita na verdade. – ele sorri ao me olhar de cima abaixo, e me sinto em um pequeno transe ao mirar seus belos olhos que agora brilham de um modo realmente feliz. Não sei dizer o porquê, mas a alegria está impressa em meu peito também.

— Vamos Mau. Hoje é dia de você pedir arrego. – Davi solta naturalmente, enquanto franzo minha testa pela surpresa do apelido e Mauricio parece não se incomodar. Os dois seguem de volta para o jogo, e Mila me ajuda a pôr o jantar.

Após alguns minutos, já estávamos todos ao redor da mesa, ouvindo com curiosidade mais histórias citadas por Mauricio na época da sua residência na Capital e depois em um território isolado na Índia, onde trabalhou como voluntário. Mais uma vez me perguntei o que teria feito um médico do porte de Mauricio atracar em Primavera. Estava tão perdida em meus pensamentos que só percebi que meu convidado falava comigo, quando Mila chutou meu pé por debaixo da mesa, me fazendo despertar com uma carranca velada para ela, que apenas sorria.

— O que foi? – indago incerta do que responder, enquanto observo rapidamente que todos já terminaram de comer.

— Perguntei qual é o seu maior sonho Beka? – seus olhos me examinam atentamente e percebi que precisava conter as coisas por ali, ou teríamos uma enxurrada de perguntas e embora a noite estivesse sendo muito agradável não queria me expor mais do que o necessário.

— São muitos Mauricio, alguns até bobos, não valem a pena. – digo pegando os pratos da mesa e os levando até a pia na cozinha, enquanto ele vem me ajudar.

— Por que não me diz um? — sua voz suave mais uma vez faz minha pele queimar e ao invés de lavar a louça, apenas a deixo em cima da bancada da pia, e o respondo vagamente tentando evitar suas investidas.

— Um pote de ouro no fim do arco-íris — meu tom é triste e Mauricio retém seu sorriso, enquanto voltamos para sala.

Não demora muito pra Davi reclamar de sono, e imediatamente Mila se prontifica a levá-lo para o quarto. Meu filhote faz Mauricio prometer voltar em outra hora, visto que por conta do jantar, eles não conseguiram terminar a partida. Levo Mauricio até a porta e o clima fica tenso entre nós, junto com a brisa fria que começa a soprar de mansinho.

— Obrigada pelo jantar, estava ótimo — ele sorri sem jeito, com as mãos nos bolsos da calça, enquanto me agarro com a manta que cobre meu corpo por conta do friozinho.

— Que bom. Posso te perguntar uma coisa? — digo séria, enquanto um vinco de apreensão se apossa dos seus olhos, e ele consente de leve com a cabeça. — Por que bebeu tanto ontem?

— Recebi uma noticia ruim, e ultimamente não tem sido fácil lidar com noticias ruins Beka. — sua voz sai melancólica e sinto pena dele, mesmo sem conhecer totalmente sua história.

— Agora é minha vez de perguntar. — Mauricio volta a se aproximar, e mesmo com o frio que sopra sinto meu corpo queimar por dentro. — Por que foi me procurar?

— Já disse Mauricio, queria te convidar para jantar. — minha garganta arde e meu coração acelera tanto que pareço estar no alto de uma montanha russa, tamanho é o tanto de sentimentos batalhando em meu peito agora, enquanto ele está muito próximo novamente.

— Podia ter me ligado se fosse só isso.

— Não tenho seu telefone – balbucio, apreensiva com sua insistência.

— O Postinho tem o telefone de todos os funcionários, então por que ir até meu apartamento Beka? – ele me pressiona sem ser rude e me vejo sem alternativas, por ser encurralada com suas inquisições. Nunca fui boa em suportar pressões, por isso solto a verdade como se estivesse cometendo o maior crime do mundo.

— Por que me importo com você, tudo bem? – profiro num misto de irritação e alívio por confessar o que nem mesmo eu queria admitir. Nossos olhares se prendem por segundos e engulo a seco sem saber seu próximo passo.

Mauricio parece satisfeito com o que acaba de ouvir e instintivamente aproxima seu rosto do meu me deixando assustada. Ao invés de tocar meus lábios, sua boca quente encosta-se a minha bochecha, enquanto não tenho reação à sua atitude.

— Também me importo com você ok? – ele diz sem tirar seus olhos dos meus, sua boca ainda tão próxima da minha, esperando pacientemente por um consentimento meu.

Lentamente eu balanço minha cabeça em concordância, e assisto Mauricio se afastar na direção de seu carro. Meus músculos que antes estavam retesados relaxam, e solto minha respiração que parecia presa em minha garganta, tão grande era minha tensão. Acenei com a mão quando ele buzinou do carro, e assim que ele sumiu das minhas vistas me apressei a entrar em casa, com meu coração ainda na boca.

Antes que eu trancasse a porta, uma pressão se fez presente e ao observar o que era, senti um calafrio ao me deparar com Rico num semblante abatido e ameaçador para mim. Era notável que ele não estava sóbrio, e se não conseguisse manter o controle da situação as coisas poderiam ficar feias.

— Rico? O que faz aqui a essa hora? – Indago apreensiva, enquanto não tenho como mantê-lo do lado de fora.

— Apenas de olho. – ele dá de ombros, e sinto minha garganta secar com a sua aproximação na minha direção.

— Pensei que não queria nada com o Doutorzinho. Acho que alguém andou mentindo não é? – o sarcasmo soa na sua voz e ele suspira longamente deixando no ar um cheiro de álcool que podia ser sentido a um quilometro de distância. Sinto medo dele se exaltar e criar algum atrito e tento sem sucesso fazê-lo ir embora.

— Você está bêbado Ricardo, é melhor ir embora. – peço ao apontar a

porta, mas num impulso ele segura com força meus braços, onde sei que com certeza vou ganhar um hematoma e me imprensa contra a parede não me deixando saída. – Rico você está me machucando – eu murmuro já sem forças, enquanto ele me segura ainda com mais energia, totalmente descontrolado.

— Eu só vou embora depois de conseguir o mesmo que o Doutorzinho Beka. – ele me beija a força e além de nojo, sinto uma força se alastrar pelo meu corpo e mordo com vontade seu lábio, o empurrando com força em seguida. — Droga Rebeca! – ele esbraveja ao levar a mão até a boca, observando o sangue que se esvai como bica agora. — Agora você vai aprender algumas lições mocinha. – ele sorri com deboche e uma agonia se aloja em meu peito com a possibilidade do pior. No entanto, antes que Rico se aproxime mais, a porta se abre e a voz que faz meu coração parar, se propaga no ar.

— Quem sabe não ensinamos algo a ambos? – o dono da voz se pôs a minha frente, enquanto Rico não tinha nada além de ódio nos olhos por Mauricio. Se eu estava tentando evitar o pior, meu esforço acaba de ir por água abaixo, por que pior é pouco para o que está prestes a acontecer.

Capítulo VIII – Ciúmes e Tentações

Segurança. É a primeira sensação que sinto forte no peito ao ter Mauricio como um escudo humano na intenção de me proteger de qualquer investida de Rico. Em seguida, o medo começa a ganhar espaço de uma forma avassaladora, fazendo o sangue em minhas veias gelar.

Em anos, era a primeira vez que eu via Rico assim, e confesso que por um momento passei a temer pelo seu comportamento em relação a Davi. Nesse instante fico feliz do time não estar mais sendo patrocinado. Até agora Rico nunca havia me dado motivos para duvidar de sua índole, mas não posso deixar de analisar que hoje não é só a bebida que anda a dominar seus atos, mas o ciúme de algo que eu mesma devia ter cortado há poucos anos atrás. Agora estou pagando caro pela minha leviandade.

— Está no lugar errado Doutor, acho que já bajulou demais a minha garota. — um risinho de deboche acompanha as palavras dele e imediatamente Mauricio se volta para me fitar, enquanto apenas aceno discretamente em negativa para ele.

Mauricio volta sua atenção para Rico e dá dois passos na sua direção com uma determinação que não tinha observado ainda.

Ambos se analisam por alguns segundos, e quando o treinador ergue o punho para acertar Mauricio, ele se esquivava e acertava um murro de cheio nele, fazendo o sangue escorrer ainda mais pela ferida aberta do seu lábio.

Rico observa a situação atordoado, e num impulso precipita seu corpo contra o de Mauricio, o empurrando porta afora e caindo os dois na minha varanda. Eles se embolam e trocam socos e tapas, enquanto desejo que Davi não apareça pra presenciar essa cena patética.

Muitas mulheres ficariam lisonjeadas de serem disputadas por dois homens lindos, mas eu só me sinto cada vez mais perturbada com isso tudo. Por que sei que as coisas tendem a mudar; e não saber para onde estarei indo de agora em diante me causa um desespero, e ao mesmo tempo apreensão das escolhas que terei que fazer. Após alguns minutos, Mauricio se cansa das investidas contra o homem no chão, e se levanta, dando espaço para Rico se levantar com certa dificuldade.

— Beka, por favor, me desculpe. Não foi minha intenção eu juro. — ele diz num lamento e sinto pena de seu estado, embora precise ser firme.

— Rico vai embora, outra hora conversamos sobre isso está bem?

Ele nos olha totalmente transtornado e se movimenta lentamente até seu carro, e só depois que ele vai embora, é que Mauricio se vira e consigo ver o estrago acima de seu supercílio direito.

— Você está sangrando Mauricio. Vem cá! — digo carregando-o para dentro, sentando-o no sofá com a cabeça erguida, enquanto vou pegar meu kit de primeiros socorros. Agradeço mentalmente Mila e Davi terem o sono pesado e não acordarem com o barulho de ainda há pouco, já terei que dar explicações pela manhã por que a porta está fora do lugar.

Volto para a sala, iniciando a limpeza do sangue no rosto de Mauricio, e ele me olha tão profundamente que daria um milhão para saber o que está se passando na cabeça dele agora. Será que ele está me julgando pelo o que Rico disse? Será que a partir de agora ele irá me ver de uma forma diferente? Os pensamentos tomam minha mente de assalto, enquanto ficamos numa troca de olhares velada, e as palavras parecem ser dispensáveis entre nós por um curto tempo.

— Qual é a do apaixonado Beka? — ele quebra o silêncio ao me fitar nos olhos, e me sinto sem jeito com sua pergunta.

— Rico é só um amigo Mauricio, já falei. Só não consegue controlar direito suas emoções. — procuro minimizar o que aconteceu por que começo a

ficar desconfortável com o rumo que a conversa está prestes a tomar.

— Vocês já tiveram alguma coisa? – o ciúme aparece junto das suas palavras e aperto com força seu ferimento, enquanto ele solta um gemido alto acompanhado de uma careta de dor.

— Desculpe. – solto baixinho sem respondê-lo, enquanto seus olhos ainda estão vidrados no meu, parecendo me analisar lentamente. Pressiono com cuidado um band-aid no local machucado e antes que eu me levante, Mauricio me segura pela mão, ficando cada vez mais próximo do meu corpo, causando-me arrepios.

. Suas mãos sobem lentamente pelos meus braços e sinto minha respiração ficar desordenada, enquanto meus músculos estremecem com a suavidade do seu toque. Engulo a seco ao sentir sua respiração tão próxima da minha face, e meu coração parece que vai sair pela boca, quando suas mãos seguram meu rosto me fazendo encará-lo agora.

— Por que você voltou Mauricio? – praticamente sussurrei, enquanto percebo o esforço que ele faz para se controlar, cerrando os dentes diante da minha pergunta.

— Esqueci minha carteira. Ainda bem que voltei – ele não tira seus olhos dos meus e me sinto hipnotizada pelo verde cintilante da sua íris, despindo-me a alma, e me sinto ainda mais fraca.

— Fico feliz que tenha voltado. Obrigada. – solto quase sem forças, empurrando seu corpo para longe do meu, enquanto sigo em passos apressados até a porta. — Acho que está na hora de você ir – Mauricio me olha descontente e passa as mãos de leve em seus cabelos, antes de me questionar.

— Por que não aceita o que está acontecendo entre nós Beka? – ele diz com um vinco de desapontamento nos olhos e apenas foco minha visão na direção dos meus pés, tentando fugir da situação em que nos encontramos.

— Não estou fugindo de nada Mauricio, e não tem nada acontecendo aqui. – procuro ser firme em meu tom, mas não é difícil perceber a tensão emocional que me domina lentamente. Mauricio exala com decepção e pega sua carteira que estava perdida num canto do sofá.

Sinto meu corpo voltar a tremer com a aproximação dele e constato o quanto já estou completamente perdida por esse homem que abala-me, mais do que eu possa disfarçar. Mauricio me analisa por poucos segundos e minha respiração novamente volta a ficar desordenada. Se ele não for embora logo, eu não sei até quando vou aguentar.

— Obrigado pelo curativo. — ele diz num sorriso fraco ao atravessar a porta, e nesse momento a vontade de impedi-lo de partir cresce em meu peito, mas a covardia não me deixa agir num impulso. Por que estou batalhando contra o que meu coração deseja e o que meu pensamento não aceita. Não posso manchar o que sinto por Miguel. Não posso deixar tudo o que vivi antes se perder no tempo. Não posso me apaixonar de novo, mesmo sabendo que já é tarde demais para evitar isso.

Após dar um jeito nada convencional na porta arrebitada, subo na direção do meu quarto e antes de me enclausurar em meu refúgio, observo Davi dormindo e o sentimento de que posso estar sendo egoísta me abate. Mauricio adora meu filho e Davi já demonstrou que não se opõe a aproximação cada vez mais constante dele. Mas me recuso mesmo que infantilmente, abrir mão das minhas lembranças. Sinto-me traindo Miguel de alguma forma, embora meu coração peça por mais toda vez que estou a sós com Mauricio. Penso que eu vou ficar louca a qualquer momento, e ao adentrar em meu quarto, retiro meu álbum de fotografias do closet e o admiro como quem possui a coisa mais preciosa na face da Terra.

Cada sorriso de Miguel em momentos diferentes da nossa vida é uma pontada em minha mente e após observar a última foto onde ele beija minha barriga assim que descobriu sobre a gravidez, lágrimas já estão a escorrer pela minha face. Volto a guardar o álbum e puxo o ar tomando coragem pra abrir a última gaveta do closet. Nela, encontro uma camisa de Miguel. A mesma do nosso primeiro beijo e num impulso a aproximo do meu rosto na esperança de sentir seu cheiro mais uma vez, mas ele não existe mais. Deito na cama agarrada ao tecido macio e me esforço para acalmar meu coração.

— Sinto tanta saudade! — sussurro ao fechar os olhos, mas o flash da imagem de Mauricio me vem imediatamente à mente me deixando transtornada. Quanto mais tento fugir, mais me vejo enredada por esse sentimento que a cada dia aumenta em meu coração. Demoro a pregar os olhos e quando o faço, mergulho num mundo de indecisões e uma enorme necessidade de viver. Nada mais é decisivo quanto parece.

Acordo com o corpo doído e assim que desço as escadas percebo que a porta já está no lugar e Mila está terminando o café. Saí tão apressada do quarto que nem reparei no relógio e me surpreendo de saber que perdi a hora do colégio de Davi ao verificar que já passa das sete e meia.

— Droga Mila! Por que não me acordou para levar o Davi na escola? — esbravejo com irritação e em seguida me posto no primeiro degrau da escada,

testando os meus pulmões, já que não passei em seu quarto ao descer. — Davi! — chamo sem obter respostas, enquanto Mila se posta ao meu lado.

— Ele já foi para escola Beka. — ela tem um sorriso triunfante nos lábios e levo dois segundos pra chegar à mesma conclusão em relação à porta no lugar. Eu passo minhas mãos com cansaço pelo meu rosto e em seguida deixo meu corpo cair sobre o sofá, enquanto minha amiga me acompanha. — Amiga, ele é um cara tão legal, por que você não dá uma chance a ele? — não há deboche em seu tom, e meneio a cabeça em negação para ela, enquanto seu semblante se modifica para algo além da saturação. — Tá legal. Vamos acordar está bem? — ela diz num rompante ao se levantar e minha garganta trava com o que sei que vou ouvir. — Por anos acompanhei você chorando por um homem que com certeza foi muito importante para você, mas que não está mais aqui. E agora aparece um cara bacana, que gosta de você, que até seu filho gosta e você fica se lamentando? — sua voz embarga por um momento e ambas agora estamos com o coração apertado pela emoção.

Ela funga com força e exala tensamente voltando a se sentar ao meu lado, segurando uma das minhas mãos, enquanto minhas lágrimas voltam a se tornar presentes quando ela continua. – Sei o quanto dói Rebeca, e ainda vai doer. Talvez essa dor nunca vá mais embora, mas não é por isso que tem que parar sua vida. Ela já parou tempo demais e agora você tem que se dar conta que precisa seguir em frente. O Miguel foi uma linda lembrança, mas ele não vai mais voltar. – seu tom é firme e ela não chora mais.

Fico admirada com a força interior que a move, afinal de contas eu ainda tinha Davi para suprir o muito da falta que Miguel me fazia, mas Camila não tinha mais ninguém após a morte de seu marido. Eu era sua única família nessa terra de meu Deus e por isso sempre a tratei e respeitei como uma irmã. Sei que tudo o que ela diz é verdade e não tenho por que me sentir chateada ou incomodada com isso.

— Eu tenho medo Camila, eu tenho muito medo. E se as coisas não derem certo? E se acontecer com ele o que aconteceu com Miguel? Depois daquele dia, eu não sei se vou conseguir suportar Mila, não de novo. – murmuro entre soluços e ela ergue meu queixo como quem fala com uma criança e me sinto realmente como uma após todos esses anos.

— Não pode ficar pensado no “se” amiga. Precisa pensar no agora. – ela se levanta e me beija o topo da cabeça antes de completar — Não continue quebrando seu coração Beka, ele não vai curar se você não deixar. – ela me olha com tristeza e em seguida se vai.

Passo ao menos meia hora tentando digerir o que ouvi e após minha inércia inicial eu sabia que precisava agir. As coisas já tinham saído do controle e estava na hora de tomar uma decisão. Fazer uma escolha. Por mais loucura que podia parecer a alguns minutos, sinto que não quero permanecer do mesmo jeito que me encontro agora. Eu queria seguir adiante. Eu precisava seguir adiante, e a única pessoa que me despertava esse desejo para vida lá fora, se encontrava a poucos quilômetros da minha casa.

Enxugo as lágrimas com as costas da minha mão, e pego a chave do carro no criado mudo, rezando para que minha chaleira não esteja temperamental hoje. Sinto uma euforia percorrer como uma corrente elétrica pelo meu corpo e só a iminência de encontrar Mauricio no Postinho me causa calafrios. Um sorriso bobo cruza meus lábios por poucos segundos, e mal estaciono o carro devido ao meu nível elevado de ansiedade. Corro pelos corredores e cumprimento os poucos colegas que encontro pelo meio do

caminho, mas vou ficando apreensiva ao passar pelas salas e não encontrar meu objeto de desejo.

Arfo longamente com as mãos por sobre meus joelhos e ao voltar até a recepção, encontro Mônica com seus infalíveis fones de ouvido, a cantarolar em meio a caretas e um rebolado esquisito. Passei tão rápido ao entrar que nem percebi que ela estava no balcão de informações dessa vez.

— Ei, Moniquita! – toco seu braço de leve chamando sua atenção e ela me sorri sem jeito por ter sido pega naquela situação.

— Olá Beka! Hoje não é sua folga? – ela solta naturalmente tirando os fones de ouvido, enquanto torço a boca sem jeito até decidir finalmente falar. Não tinha jeito não é? Alguém com certeza teria alguma notícia dele pra me dar e se eu não perguntasse não ficaria sabendo.

— Sim, mas preciso falar com Mauricio. Com o Dr. Mauricio. – corrijo rapidamente minha explicação antes que as fofocas corram soltas pelos corredores do meu local de trabalho. Monica é uma ótima pessoa, mas também a que mais sabe da vida das pessoas em Primavera, e não preciso de um repórter Esso a essa altura do campeonato para sair falando da minha vida por aí. Ela franze a testa por um segundo, analisando se deve ou não me dizer o que sabe, mas logo a decepção se instala em meu peito quando ela resolve falar.

— O Doutor precisou viajar Beka. Parece que só volta semana que vem. – Monica continua a falar coisas que não consigo mais prestar atenção e caminho com o coração a falhar após saber da viagem dele. Como ele pôde viajar depois de fazer o que fez? Que tipo de homem faz a gentileza de consertar sua porta e levar seu filho na escola e depois sumir sem dar explicações? Eu não sabia o porquê dele ter ido embora, mas sabia que a dor que eu estava sentindo agora só se dissiparia quando ele estivesse de volta. Por que só a possibilidade de ele não voltar mais deixava claro uma única certeza para mim: eu estava completamente apaixonada por Mauricio, e precisava dele em minha vida mais do que jamais pensei um dia. Só esperava que essa espera não demorasse demais.

Capítulo IX – Sonho bom, realidade melhor.

Já somavam três dias que Mauricio havia viajado, e meu desânimo pela sua ausência é algo notável. As poucas informações que tive foi de que ele havia pedido a semana para cuidar de assuntos pessoais. Nessa hora é que percebo o quão pouco sei da sua vida, quando ele sabia muito mais da minha do que muitos em Primavera não sabiam em anos de convivência. Camila sempre foi uma exceção.

Vasculho em meu peito saber o exato momento em que Mauricio passou a fazer morada em meu coração e o único sentimento que encontro é saudade. Saudade do seu toque, da sua voz macia, do seu lindo sorriso e dos seus incríveis olhos brilhantes que são capazes de colocar ao chão todas as minhas barreiras e enxergar mais do que estou disposta a deixar os outros perceberem.

Guardo minhas coisas no meu armário pessoal, largando mais um dia de trabalho. Enquanto Mauricio está fora, nossa equipe de médicos entrou em acordo para que trabalhássemos por escalas, e dessa forma não ficava pesado para ninguém. Despeço-me de Mônica na recepção e antes que eu abra a porta do meu carro no estacionamento, uma sombra me faz paralisar por um momento.

— Droga Rico! Quer me matar? – cuspo irritada ao cruzar os braços, num semblante de pura apreensão para ele.

— Não foi minha intenção Beka, acredite! – ele roda seu inseparável boné entre as mãos, com uma nítida vergonha em sua face ao me olhar nos olhos. — Desculpe Beka, eu não tinha o direito de agir daquela forma com você. Aquilo não vai se repetir, eu prometo. – recuo alguns passos, desconfiada de sua intenção quando ele ameaça se aproximar, e o observo balançar a cabeça em negativa numa expressão derrotada. — Não vou te atacar Rebeca, fique tranquila. Eu só fiquei com ciúmes – ele dispara.

— Rico, por favor... – antes que eu continue, ele se apressa em me cortar.

— Eu sei que não devia, mas às vezes é mais forte do que eu. Após aquele nosso beijo eu só criei mais expectativas. – dessa vez sou eu que o interrompo, tentando deixar as coisas novamente claras.

— Rico, sabe muito bem que aquilo foi um momento de fraqueza, e isso já tem anos. Sabe do carinho que tenho por você, mas não posso oferecer mais do que minha amizade. – alerto-o com firmeza.

— Eu sei Beka. Eu só não quero perdê-la ok? Sempre fomos amigos e não quero que isso se perca agora. – ele me analisa com uma esperança nos olhos e mesmo com a indecisão me corroendo, não deixo de abrir um pouco a guarda.

— Tudo bem Rico, vamos esquecer isso está bem? – digo ao abrir a porta do carro e me sentar ao volante.

— Fechado. Como anda meu capitão? – questiona debruçado na janela, enquanto ligo o motor.

— Mais conformado, mas ainda triste.

— Eu ouvi algumas coisas por aí e parece que o graúdo do patrocínio resolveu voltar atrás, parece que o time vai voltar às suas atividades – fico surpresa e ao mesmo tempo contente pela notícia, embora duvide realmente que isso possa ser verdade.

— Por que ele voltaria atrás Rico? – franzo minha testa com dúvida, esperando uma resposta convincente, mas ele apenas torce os lábios de um modo estranho e dá de ombros sem uma resposta concreta. — Eu preciso ir agora. Até mais.

— Diga ao meu capitão que o posto dele ainda está vago.

— Direi sim. – aceno com uma das mãos ao sair com o carro, e concluo que talvez meu filhote fique mais animado após saber dessa possibilidade.

Chego ao meu lar e encontro um bilhete de Mila, onde ela avisa que está de volta para casa, e imediatamente sinto um pesar em meu peito. Gostaria que ela viesse morar conosco, mas minha amiga sempre foge e não posso argumentar contra. Acho que ela já se acostumou a ficar só, mesmo carregando uma paixão escondida de pouco tempo por Rico. Além do mais ela é livre e desimpedida para não ter seus pequenos affairs, embora seus poucos contos amorosos dos últimos anos fiquem restritos do lado de fora da cidade.

Sigo em passos largos até o quarto de Davi, e o observo arrumando todas as peças de xadrez, de modo que em apenas alguns minutos, o tabuleiro está exatamente como da última vez que ele e Mauricio jogaram. Me aproximo devagar com um sorriso de lado e beijo o topo da sua cabeça, antes de me sentar em sua cama.

— Quando o Mau volta? – ele indaga com ansiedade, enquanto guarda o tabuleiro debaixo da cama e em seguida se senta ao meu lado.

— Acho que até o fim da semana filho. Ele precisou resolver uns problemas de família. — explico ajeitando seus cabelos; e seu rostinho se torna mais iluminado.

— Estou com saudades dele. A senhora também está mãe? — engulo a seco com sua inocente pergunta, e tomo uma respiração profunda antes de responder em meio a um sorriso fraco.

— Estou sim meu amor. Você gosta muito dele não é? — questiono já prevendo sua resposta e me sinto mais relaxada ao observar Davi confirmar num aceno positivo com a cabeça.

— Vocês podiam namorar. Assim ele estaria sempre aqui. — seus olhos brilham num pedido velado e apenas sorrio amarelo pela sua aparente solução.

— Vamos ver não é? — solto ao me levantar e segurar sua mão por um momento. — Vamos jantar? — ele assente e descemos num silêncio confortável até a sala.

Durante a refeição, Davi contou a explicação de Mauricio por ter que consertar a porta, e mais uma vez a sensibilidade dele me aliviou o coração. Não sei se de fato meu filho engoliu a história de que o rebite se desprende enquanto Mauricio estava pendurado na porta, mas ainda assim era melhor do que se ele soubesse da cena feita por Rico. Andei tão ausente nesses últimos dias que só agora Davi teve a oportunidade de tocar no assunto e agradecer mentalmente por Mauricio ter me feito mais esse favor. O mesmo não se deu com Camila que só faltou soltar fogo pelas ventas e bater na porta de Rico para lhe dizer umas boas verdades. Acho que nunca irei cansar de agradecer por tê-la em minha vida.

Assim que terminamos de jantar, Davi me ajuda a cuidar da louça e aproveito para contar sobre o que o treinador me disse pela manhã.

— Quer saber de uma novidade? Parece que seu time vai voltar a ter patrocínio e o treinador disse que sua vaga de capitão ainda está à sua espera. — passo o prato para que ele enxugue e acompanho uma tristeza atípica tomar forma em sua face por um segundo. Sei o quanto o futebol é importante para ele, por isso fecho a torneira e me agacho por um instante fitando-o nos olhos. — O que foi Davi? Achei que fosse dar um dos seus largos sorrisos pela notícia, o que há filho?

— E se eu passar mal de novo? E se eu colocar o time todo a perder? — a tristeza em seu tom me quebra lentamente e percebo quantos “se” permeiam nossa mente paranóica, e saber que o mesmo se dá com meu rebento me deixa fraca e impotente.

— Não pode pensar assim Davi. O Dr. Paolo disse que você não terá nenhuma sequela filho, mas é claro que não precisa voltar a jogar se não quiser. Você não é obrigado a fazer nada que não queira ok? — tento passar confiança nas minhas palavras e tudo o que encontro em seus lindos olhos azuis é indecisão.

— Vou pensar nisso depois está bem? — seu tom é meigo e apenas consinto com a cabeça ao me levantar e enxugar as mãos.

— Pode ir deitar filho, deixa que eu termino aqui ok? Daqui a pouco vou lá. — peço sendo prontamente obedecida e suspiro com cansaço por não poder amenizar o medo que pode estar dominando meu pequeno por agora.

Acabo com a limpeza da cozinha e me dirijo até o quarto de Davi que está lendo um gibi, enquanto espera pelo meu beijo de boa noite. É uma rotina que não abro mão e um dos meus maiores orgulhos é saber que ele adora ler.

— Por que está sem seus óculos para leitura mocinho? – repreendo num tom amável, enquanto ele coloca o gibi na cabeceira da cama ao fazer uma careta.

— Não gosto deles.

— Eu também não gosto dos meus, mas é necessário, principalmente quando passamos muitas horas lendo. – digo puxando a coberta e me sentando ao seu lado. — Por hoje passa, mas da próxima vez quero que os use tudo bem?

— Ok. – ele bufa descontente e dou um beijo em sua bochecha, antes de desligar o abajur. – Boa noite meu anjo. Eu te amo.

— Boa noite mamãe. Eu te amo também.

O dia foi exaustivo e após um banho demorado, largo meu corpo que mais parece uma pedra de uma tonelada em cima da cama, e embora esteja destruída pelo cansaço, não tiro mais do que um cochilo. Desço até a cozinha e abro a geladeira na intenção de encontrar algo que alivie a leve tensão que se alojou em meu peito desde que me levantei. O telefone toca assim que pego a caixa de leite e o nervosismo se alastra rapidamente pelas minhas veias com o adiantado da hora. Meu pensamento voa com preocupação na direção de Mila, já que poucas pessoas na cidade têm o número do meu telefone, e só rezo para que tudo esteja bem.

— Alô? – minha voz falha e junto com ela uma batida do meu coração, ao reconhecer a suave voz do outro lado.

— Oi Beka. – sorrio como uma adolescente boba e imagino se Mauricio está sorrindo do outro lado também. Estou completamente sem norte.

— Oi Mauricio. Você está bem? – gaguejo incerta do que dizer e minha respiração está totalmente descompassada. Deus! Como esse homem pode ter tanto poder sobre mim? Não me interessa saber agora. Só preciso tê-lo perto, nem que seja através de um telefonema.

— Estou. Você está ocupada? Posso ligar outra hora se quiser.

— Não. – quase grito de tanto afobamento e agora posso jurar que ele está rindo da minha atitude. — Não estou ocupada, é sério. – modero meu tom, tentando esconder minha euforia, enquanto dois toques na porta chamam minha atenção.

— Espera um pouco Mauricio. – peço enquanto me dirijo até a porta e esbravejo mentalmente quem quer que possa estar precisando de ajuda nesse momento. Por que incomodar um vizinho quase à meia noite, só pode ser por que alguém precisa de ajuda. Ao menos eu sempre pensei assim. Estou pronta para dar um sermão em quem está do lado de fora, mas surpresa não é o suficiente para descrever o que sinto ao me deparar com Mauricio plantado na soleira da minha porta com seu telefone na mão.

— Estou esperando. – o segundo que levo para ouvir suas palavras é o mesmo que me vejo presa em seus braços e em seguida seus lábios estão próximos de grudar nos meus.

Acordo suando frio e com meu corpo em total ebulição, tamanho é a veracidade do sonho que acabo de ter. Em vez de aliviar o peso que se faz presente em meu peito, o maldito sonho apenas faz aumentar a saudade que sinto dele. Miro o relógio na minha cabeceira e praguejo mentalmente por ainda faltar ao menos duas horas para levar Davi no colégio e seguir para o trabalho.

Estou num mau humor atípico e beijo rapidamente Davi antes dele sair do carro. Observo Rico recepcionar as crianças que adentram o enorme pátio, além de treinador do time, ele ainda acumula a função de professor de Educação Física, e aceno para ele sem ânimo quando me cumprimenta num sorriso. Ainda estou com o pensamento no sonho com Mauricio e sigo direto para o Postinho, tentando me controlar para não perder a paciência com ninguém. Os pacientes não tem culpa dos meus problemas, não posso misturar o lado emocional com o profissional. Nunca fiz isso e não seria por

conta de um companheiro de trabalho com o sorriso mais lindo do mundo que iria começar a agir dessa maneira. Estaciono no pátio do prédio e ao remexer na minha bolsa à procura do meu crachá de ponto não o encontro. *Droga de pressa*. Resmungo em minha mente e não tenho alternativa a não ser voltar para casa e pegá-lo.

Bato a porta do carro com força e sigo em passos apressados até a porta de casa. Estanco no mesmo lugar ao ouvir alguns passos, e ao me virar, sinto uma tremedeira me dominar por completo ao encontrar Mauricio a alguns passos de mim. Uma euforia me consome por inteiro, e tento controlar a ansiedade de me jogar em seus braços, enquanto ele estreita a distância entre nós. Seus olhos estão fixos nos meus e minha garganta arde pela dificuldade com que respiro.

— Oi Beka. — seu tom não difere do tom em meu sonho e permaneço imóvel apenas a fitá-lo.

— Oi. — sussurro com êxtase pela situação, enquanto Mauricio gruda seu corpo ao meu na parede e sinto que não tenho mais para onde correr. Estou totalmente em suas mãos. — Obrigada pela porta. — solto sem a mínima ideia do que falar e Mauricio sorri por um momento, parecendo contemplar o meu embaraço. Um calafrio percorre todo meu corpo quando o toque de sua mão alcança minha nuca, e fecho meus olhos no mesmo instante em que nossas testas se colam por alguns segundos. Nossas respirações se misturam de uma forma sincronizada e abro meus olhos assim que as palavras emergem da sua boca.

— Estarei sempre aqui para você Beka. Até o dia em que me pedir para ir embora. — nossos olhos estão presos na profundidade do que estamos sentindo e o verde hipnotizante de sua íris, é um convite para que eu perca a pouca sanidade que ainda me resta. — Você quer que eu vá? — a tensão em seu tom me desperta e sua pergunta é como se soasse um click dentro de mim. *Acorde Rebeca. Renasça. Viva outra vez*. As sentenças pipocam como fogos em minha mente e só percebo que me encontro com as mãos em volta do pescoço de Mauricio quando sinto a maciez do seu cabelo sedoso a formigar na ponta dos meus dedos.

— Fique comigo Mauricio. Fique comigo! — é como se um vulcão de sensações explodisse dentro de mim ao ter os lábios quentes dele colados aos meus. Sua língua invade minha boca com volúpia e suas mãos apertam meu corpo com força contra o seu, me deixando mole. Estamos entregues um ao outro, de almas abertas e quanto mais seu gosto se mistura com o meu, mais

sinto meu coração disparar. Eu sinceramente não sei onde podemos chegar, mas de certo não quero que esse momento termine nunca. Estou exatamente onde deveria estar, e nada é mais importante do que esse momento agora.

Capítulo X – Me deixe entrar

Pequenos espasmos correm pela minha pele e meu coração bate descompassado, no mesmo instante que ainda tenho os lábios de Mauricio colados aos meus. Sua boca se aprofunda na minha com uma fome que há muito tempo eu não desfrutava, e enterro minhas mãos com força em seus cabelos, me deixando levar pelo desejo misturado ao desespero do momento em que nos encontramos.

Eu preciso desesperadamente de ar e Mauricio parece ler meus pensamentos quando abandona meus lábios por um segundo e desliza sua boca pela curvatura do meu pescoço. Paro de me preocupar com qualquer um que possa passar agora e acompanhar nosso pequeno show ao ar livre e em seguida os lábios ávidos dele voltam a assaltar minha boca, e sei que estou cada vez mais perdida numa loucura sem volta. Embora deseje que esse momento não se acabe, eu preciso retomar o controle das minhas ações ou posso acabar me arrependendo. Ainda não me sinto preparada para isso. Não nesse momento.

Interrompo nosso beijo totalmente desnorteada e seus lindos olhos brilham, me analisando com indagação, enquanto tento controlar mesmo que em vão, minha euforia momentânea.

— Sabe há quanto tempo não faço isso? – solto entre um suspiro e um olhar indeciso, enquanto seu sorriso se alarga para mim.

— Sabe há quanto tempo eu queria fazer isso? – ele me encara com malícia e antes mesmo que eu tenha tempo de retrucar estamos de novo grudados como se nossos corpos fossem guiados por um enorme imã. É um beijo suave, mas longo. Diferente de poucos minutos atrás, meu coração se acalma e embora possa sentir todo o desejo emanando em nós, não é só uma tensão sexual que está presente aqui. É muito mais do que eu poderia prever e percebo nesse instante o quanto sentia falta de alguém ao meu lado. Do calor, do toque, do cheiro, do beijo de um homem que valesse a pena, e agora eu tinha um preso em meus braços e não sabia mais como agir depois disso tudo.

— O que acontece agora? – digo ofegante quando nossos lábios se afastam e ainda estou com as mãos ao redor do seu pescoço.

— Agora nós vivemos Beka. Um dia de cada vez. – ele me diz com um sorriso nos lábios, e diante disso mordo a borda da minha boca por um segundo. Só peço a Deus que no meio dessa loucura toda, ele não quebre meu coração.

Me afasto alguns passos de Mauricio, enquanto seu semblante é um misto de confusão e dúvida e apoio as mãos com força sob a grade que cerca minha varanda, mirando a vista do enorme campo verde à minha frente. Inspiro com força tentando analisar como as coisas serão daqui em diante e minha cabeça pulsa forte como se fosse explodir. Sei bem o que está acontecendo, e só a mínima possibilidade de não darmos certo, de ter meu coração em frangalhos de novo, me abala momentaneamente. Sei que é um novo passo em minha vida, mas não me refreio do pensamento correr por alguns segundos em minha mente. Viro-me para encarar a serenidade refletida em seu semblante e embora queira dizer algo, as palavras engasgam em minha garganta e Mauricio parece perceber isso um segundo depois que eu suspiro derrotada.

— Olha – ele estala ao caminhar até mim, e um pânico ameaça me dominar por inteiro com o que possa ouvir. — Sei que está com medo ok? Eu também estou Rebeca. – ele pausa numa respiração pesada e um rastro de esperança circula em cada vaso do meu corpo, quando seus olhos invadem os meus e suas mãos tocam meus ombros com firmeza num nítido apoio. — Mas sou capaz de esperar o tempo que você precisar, do jeito que precisar. – quero realmente acreditar em cada palavra que sai da sua boca e pressiono meus lábios com dúvida por um momento.

O conforto de suas mãos se vai e dessa vez é ele quem as apóia com

força na grade da varanda e a cabeça baixa. Minha cabeça lateja ainda mais. Um conflito interno parece me consumir lentamente e quando Mauricio volta a me fitar, não existe só apreensão por algo da minha parte, mas súplica também.

— O que você quer de mim Mauricio? – finalmente consigo falar e ele inspira com força como fiz a poucos minutos, ficando bem próximo de mim.

— Quero que me deixe entrar Beka. É só o que preciso. – pisco algumas vezes tentando manter a umidade que ameaça brotar dos meus olhos no lugar e o semblante dele relaxa quase que instantaneamente. Sorrio torto pela situação e exalo com força como se liberasse um enorme peso das minhas costas, enquanto ele também sorri um pouco.

— Eu tenho uma bagagem bem grande sabia? – digo num tom divertido e agora o sorriso dele se ilumina, mostrando seus lindos dentes brancos.

— Eu não me importo. Adoro viajar. — sorrio abertamente pelas suas palavras e percebo o quanto ele parece querer que isso dê certo também.

— Tem certeza?

— Absoluta. — ele diz com firmeza e caminho alguns passos na direção da minha porta e a abro. Mauricio tem a expectativa estampada em sua face, e o fito com uma doçura escondida por mim a sete chaves.

— Você quer entrar? — pergunto num sorriso de lado e ele me sorri satisfeito pela metáfora que salta dos meus lábios. Ele ultrapassa o portal, e suspiro por um segundo na certeza de que arriscar possa ser o primeiro passo para ter a felicidade de volta.

Mauricio e eu combinamos de manter nosso relacionamento em segredo, e que conversaríamos com Davi mais tarde, no jantar. De posse do meu crachá, dou uma carona pra ele até seu hotel, e embora esteja ansiosa para ter seus lábios de novo colados nos meus, procuro evitar que outras pessoas nos vejam juntos. Não quero motivos para possíveis suposições sobre nós e por isso me despeço dele com um beijo na bochecha. A confusão o consome por um momento e me apresso em procurar tranquilizá-lo.

— É por pouco tempo ok? Só até me acostumar de novo, sei lá. — ele me sorri daquele seu modo confortador em concordância e tenho quase certeza que ele está me achando uma louca nesse exato momento.

Sigo para o trabalho e assim que chego à recepção, me desculpo com Mônica pelo meu atraso e bato meu ponto. Odeio atrasos, mas o motivo de hoje é o melhor que eu poderia prever, então relaxo. Analiso meu cronograma do dia, e por um momento me sinto incomodada com os enormes olhos castanhos de Mônica sobre mim, com um semblante inquisitivo ao mascar seu inseparável chiclete. Sempre encontrei similaridades entre seu jeito e os das recepcionistas daqueles filmes americanos antigos, mas agora me sinto como se estivesse dentro de um.

— Algum problema Mônica? — indago sem fitá-la ao assinar meu nome no turno de hoje

— Não Beka. Nenhum. — ergo meus olhos por um segundo e encontro um sorriso malicioso contornando seus lábios num vermelho intenso, mas não prevejo o que está vindo pelo caminho. — A conversa com o Doutor, foi

boa? – a surpresa da pergunta me acerta de cheio e cerro meus olhos na sua direção, fechando meu semblante ao entregar o papel para ela e seguir na direção da minha sala, sem respondê-la.

Que diabos o povo dessa cidade já estava falando? Sabia que não devia ter perguntado nada a ela na semana passada. Raios de cidade pequena. Não duvido que alguém viu-nos em minha varanda há menos de duas horas e tratou de espalhar as novas por aí.

Mãe solteira de namorico com o novo médico da cidade. Com certeza é assim que vão passar a me apontar agora, mas sinceramente não me incomodo mais. A alegria que sinto é tão grande, que consigo passar isso por alto, e foco meu pensamento somente em como contar isso a Davi. Sei o quanto ele anseia que as coisas entre eu e Mauricio engate, mas pode ser diferente quando a realidade bate à porta.

Desperto dos meus pensamentos quando ouço o aviso de que o horário do almoço chegou ao fim, e sigo para mais uma jornada de curativos em joelhos ralados ou simples viroses que se curam com muito repouso e muito líquido. Essas são a maioria dos casos com crianças aqui em Primavera, são muito raros, casos que demandam mais atenção do que essas do dia a dia. Geralmente as famílias que necessitam de atendimentos específicos por conta de doenças complexas, procuram os grandes hospitais da Capital e sonho com o dia em que as crianças que passam por esse calvário, possam ter um local próximo para amenizar suas mazelas e ter uma condição de vida melhor.

O resto da tarde passa num piscar de olhos e sorrio como uma adolescente de 15 anos. Sinto-me leve e feliz como não estive há anos, e ansiosa para chegar em minha casa e reencontrar as duas esmeraldas, que era capaz de colorir meu dia com a imensidão do seu brilho.

Chego ao meu doce lar, após uma passada no supermercado e troco de roupa rapidamente na intenção de deixar tudo impecável para esse jantar. Tenho duas pessoas para impressionar e uma delas é bastante exigente para um menino de 10 anos, mas ele é a melhor coisa que já me aconteceu, então ele sempre vem em primeiro lugar.

A hora não corre ao meu favor e quando me dou conta, falta menos de uma hora para Mauricio chegar. Passo como um furacão pela sala, mas volto minha atenção para observar Davi que está sentado no sofá, já de banho tomado e todo elegante para recepcionar meu namorado. Namorado? Sim. Não tenho motivos pra considerá-lo algo diferente disso e nunca gostei de incertezas, embora seja tudo o que se apresenta no meu caminho de agora. No entanto, estou decidida a descobrir um atalho para ser feliz e no momento posso dizer que Mauricio tem ajudado para que essa vontade continue ganhando vida.

Subo as escadas em passadas largas e separo algo bem básico para vestir. Levo menos de meia hora no banho e dou uma última olhada no meu look antes de descer as escadas. Inspiro com força por alguns segundos e forço meus pés a se manterem firmes em cada passo que dou no caminho até a sala.

Meu coração acelera ao ouvir o som da voz que faz meu mundo todo girar e abro um largo sorriso, ao encontrar Mauricio impecável em um jeans e uma camisa polo vermelha. Sua visão quase me tirar o ar, e sorrio sem jeito

da situação em si. Ele me beija de leve na bochecha sob o olhar atento de Davi e tento me controlar para não sucumbir ao desejo de beijá-lo ali mesmo por conta do seu perfume inebriante. Não quero uma cena constrangedora antes de o meu filhote saber o que está acontecendo e me afasto alguns passos na direção do fogão, enquanto ele parece um pouco sem graça.

— Vamos Mau. Precisamos ter uma conversinha. – Davi quebra o pequeno silêncio que se instalara no ambiente, e ao fitar Mauricio com surpresa, sorrio pela sua careta divertida na direção do meu menino.

— Não demorem crianças, o jantar sai em 15 minutos. – solto alto o suficiente, enquanto ambos sobem as escadas e começo a ficar ansiosa com o tipo de conversa que Davi possa ter com ele.

Não levo 10 minutos para montar a mesa, e os dois homens que fazem parte da minha vida aparecem calados, mas com um nítido sorriso de cumplicidade em suas faces matreiras. Nos sentamos à mesa, e após alguns minutos de um agradável silêncio, não contenho minha curiosidade em relação a conversa dos dois.

— E então? Sobre o que conversaram? – ostento um sorriso fraco, e ao mirar os presentes à mesa que me examinam atentamente, apenas encontro o mesmo sorriso de cumplicidade de poucos minutos atrás. — Ninguém vai falar nada? – insisto confusa com a situação e cerro meus olhos na direção Davi, numa careta descontente.

— Foi uma conversa de homens mãe. Meninas não entram. – ele estala impaciente por ter que falar sobre seu segredo, e Mauricio continua a me sorrir de leve.

— Tudo bem, mas ainda estou esperando Davi. – suavizo meu tom, mas ainda mantenho uma expressão séria, enquanto cruzo meus braços na expectativa da sua resposta.

— Olha mãe eu já não sou mais tão criança assim. Sei que vocês estão namorando, então só fiz o que se espera do único homem da casa. – ele parece muito lógico e franzo a sobrancelha com graça para o seu argumento, enquanto Mauricio apenas observa toda a cena, com o corpo relaxado na cadeira.

— O que seria... – solto a frase ao ar, e Davi revira os olhos contrariado por um momento.

— As regras da casa mãe. E a primeira delas é que o Mau nunca magoe você. – ele diz muito consciente do efeito de suas palavras e meu coração amortece por saber que meu pequeno seria capaz de qualquer coisa por mim.

Olho Mauricio com dúvida; e nada além de carinho e ternura, posso distinguir em seu rosto, me deixando ainda mais exultante por dentro.

Após a sobremesa, me concentro em lavar a louça e ouço por alto a rápida conversa que Davi tem com Mauricio sobre sua possível volta aos gramados. Fico encantada como o homem que em pouco tempo conquistou um espaço em nossas vidas, tem tamanha afinidade com meu filho e satisfação toma meu semblante pela sua paciência e seu carinho com meu rebento.

— Bom mocinho, sabe o que fazer agora não é? – indago após enxugar as mãos ao caminhar na direção deles na sala, e Davi bufa descontente.

— Mas ainda nem começamos nossa partida de xadrez mãe. O Mau me deve uma.

— Vocês terminam outro dia tudo bem? Agora, cama. – ele contorce o rosto numa careta emburrada, enquanto miro Mauricio sem jeito.

— Vamos campeão. Eu te levo até o quarto. – recebo uma piscadela que quase me faz perder o ar, enquanto a carranca do rosto de Davi desaparece, dando lugar a um sorriso feliz. Ganho um beijo de boa noite dele e o observo sumir pelos degraus da escada ao lado de Mauricio. Penso por um momento quando ele vai deixar de me surpreender e sinceramente não encontro resposta, por que ele é o homem mais imprevisível que já conheci. Tudo com ele é novo, e apesar de não saber nem metade da vida dele, e talvez embora devesse, isso parece não ser um grande problema para mim por hora.

Após alguns minutos, Mauricio aparece no topo da escada, e recosto meu corpo sob as costas do sofá, numa postura tranquila. Ele se aproxima numa expressão serena, e sorrio de leve ao sentir suas mãos suaves no entorno da minha cintura. Enlaço seu pescoço e nossos corpos ficam colados como se fôssemos um, enquanto me sinto presa na profundidade do seu olhar.

— Ele dormiu?

— Como um anjo. – ele sorri e enterra seu rosto entre meus cabelos, beijando meu pescoço de leve.

— Ele disse mesmo que você estaria em maus lençóis caso me magoasse? — indago perplexa, enquanto Mauricio tem uma expressão relaxada.

— Cada palavra. — franzo o cenho por um momento e uma pequena tensão paira entre nós, o que é facilmente notado por ele. — O que foi Beka?

— Promete que vamos conversar sempre que tivermos problemas? — ele cerra os dentes por um segundo e percebo que ele se esforça a pesar minha pequena argumentação. — Se não tivermos confiança Mauricio, isso não vai funcionar. — explano decidida, enquanto sua fisionomia parece suavizar, mas não encontro muita confiança em seus olhos.

— Prometo Beka. — um longo suspiro se esvai de seus pulmões, e ele me beija de um modo singelo, como quem se lamenta numa despedida. Por um instante meu coração aperta, e quando nos afastamos, Mauricio tem uma nítida tristeza em seu olhar, me deixando perturbada. — Boa noite. — ele sorri sem jeito e não entendo o porquê da sua mudança de postura, enquanto o observo sair pela porta.

Sinto-me confusa e culpada, mas desconfio que exista algo muito mais profundo nessa história, além de seu perceptível incômodo com minhas palavras de ainda há pouco. Uma agonia me toma por um pouco e subo para o meu quarto na certeza de que o amanhã é um novo dia. Espero que ao acordar, as dúvidas que ameaça novamente me dominar se vá, e deixe em seu lugar apenas a esperança de um novo caminho, onde eu possa mais uma vez, apenas seguir adiante.

Capítulo XI – Dúvidas e Desejos

— Tudo pronto? – sorrio para Davi, e ele confirma com a cabeça num sorriso de volta. — Então vamos. – o guio para fora do quarto, no exato momento em que Mila buzina impaciente, do seu carro. Minha charanga morreu mais uma vez e não tive alternativa a não ser chamá-la. Poderia ter chamado Mauricio, mas ainda não me sinto confortável com as possíveis especulações das pessoas, e procuro ao máximo evitar, de sermos vistos juntos. Sinto-me mais segura assim, por enquanto.

— Bom dia, tia Mila. – meu filho a cumprimenta com um beijo na bochecha, e em seguida se aloca no banco traseiro.

— Bom dia meu anjo. – ela responde e ao fitar meu sorriso de lado, percebe exatamente o que tento disfarçar. Não é proposital, mas ainda me sinto um pouco estranha com tudo isso que estou vivendo, e imediatamente um largo sorriso se forma em seus lábios.

— Essa carinha marota só pode significar uma coisa: o doutor voltou. – ela afirma, e não faço mais nada a não ser sorrir ainda mais. Um grito contido salta de sua garganta e minha amiga bate palmas com euforia, enquanto me sento ao seu lado.

— Nada passa batido não é? – exalo pondo o cinto.

— Nadinha. — ela liga o motor e ajeito minha franja, enquanto ela não para com suas indagações. — Me conte tudo Beka, eu preciso de detalhes.

— Conto no caminho para o trabalho. Agora vamos que já estamos em cima da hora. — sorrio com deboche, enquanto saímos.

Ajudo Davi com sua mochila, e ganho um beijo antes de observá-lo se despedir de Mila e; seguir na direção dos seus amiguinhos. É um alívio perceber o quanto ele é bem quisto no seu círculo de amizades e sinto que ter vindo para Primavera quando ele era apenas um bebê foi a melhor coisa que eu poderia ter feito.

A imagem de Mauricio consome minha mente e penso em como será dali para frente. Será que ele tem pretensões de criar uma família? Será que ele pode um dia querer mais do que posso dar no momento? Ainda não sei direito lidar com a situação que nos rodeia, mas não quero pressioná-lo e nem me sentir pressionada.

O que sinto por ele é algo muito forte e intenso, mas seria leviandade da minha parte dizer que o amo. Mas sei que quero amá-lo. Estou apaixonada por ele, isso é uma certeza, mas para mim o amor é muito maior do que uma paixão arrebatadora. É companheirismo, é confiança, é respeito e embora sinta tudo isso em relação a ele; não me sinto pronta para me entregar de cabeça nessa relação. O dia em que isso acontecer de verdade, Mauricio não precisará ter dúvidas, pois ele estará para sempre impresso em meu coração.

Saio da minha inércia momentânea quando o toque suave de Mila em meu braço traz-me de volta à minha realidade e a encaro com uma nítida indecisão em minha face.

— Então? Pode abrir a boca e me contar tudo doutora. — ela fala ansiosa e sorrio amarelo, enquanto esfrego minhas mãos por um momento.

— Não existe um “tudo” Mila — friso o tudo e suspiro cansadamente, enquanto a observo revirar os olhos, como quem espera por mais. — Ele está de volta, passou ontem lá em casa... e me beijou. — confesso como se tivesse cometido um assassinato e a boca da minha amiga se forma no maior O que já vi na vida. A cena é tão hilária, que não contenho um sorriso nervoso pela situação.

— Até que enfim, vocês saíram desse lenga-lenga. E ainda me diz que não teve “tudo” — ela faz aspas com os dedos e me sinto boba. Chegamos ao Postinho e antes de eu descer do carro, encontro todo o conforto nas palavras da minha amiga.

— Sabe o quanto estou feliz por você não é?

— É claro que sei. — digo abraçando-a com força, e sei mesmo o quanto essa afirmação da nossa amizade é importante para ela. Camila é mais que uma amiga, é como a irmã que nunca tive, e sempre serei grata por tudo o que ela já fez e continua fazendo por mim. — Obrigada. — solto numa piscadela ao bater a porta do carro, enquanto a observo ir embora.

Caminho em passos firmes, Postinho adentro; e dou um bom dia nervoso para Mônica, não dando tempo para que ela solte algumas de suas piadas. Mesmo estando de bom humor, não quero dar trela de ela saber mais de mim e de Mauricio do que é necessário. É claro que vão ficar sabendo do nosso relacionamento, mas quanto menos especulações, melhor; então deixo para assinar meu cronograma depois.

Bato meu ponto e sigo na direção do meu setor, onde o trabalho e um sorriso charmoso me aguardam, e imediatamente um sorriso bobo contorna meus lábios. Nunca pensei que pudesse voltar a sentir a mesma ansiedade de quando estamos prestes a namorar pela primeira vez. Estar com Mauricio é exatamente assim. Uma enxurrada de antigas emoções que estavam enclausuradas em minha memória, e revivê-las agora; é me renovar para uma vida que eu achava perdida. Se antes eu tinha medo de soltá-las, ao lado dele quero explorar de uma forma diferente tudo o que já senti antes e deixei trancado em meu coração.

Atravesso o corredor e ao chegar ao meu armário, pego meus pertences e meu jaleco. Sigo meu caminho de volta e um grito abafado salta da minha boca, quando uma mão firme me puxa para uma das salas de consultório

vazia.

— Mauricio? – meu coração dispara e ele me sorri com malícia pelo meu susto. Minhas bochechas queimam e um calafrio gostoso circula em minhas veias quando os lábios dele deslizam sobre os meus e nada mais se torna importante além desse momento. — O que pensa que está fazendo? – rebato com aflição quando nos afastamos, mas tenho certeza que estou ainda mais corada.

— Dando bom dia para minha namorada. – ele retruca convencido e volto a sorrir, enquanto tento ajeitar minha camisa que ficou amarrotada.

— Aqui é nosso local de trabalho, precisa se comportar. – o advirto com fraqueza, e a situação em si parece uma tortura, por que ele está outra vez mais perto e meu esforço para ter um pensamento coerente logo se vai.

— Prometo tentar, mas não posso garantir nada. – seu rosto está praticamente colado ao meu e antes que eu me perca novamente nessa loucura, a porta se abre e ele se afasta de súbito.

Ele finge remexer em alguns papéis, e sorrio amarelo para menina da limpeza, que pelo olhar matreiro que me lança, já sabe exatamente o que se passa aqui. Ele me olha de soslaio e não esconde uma careta divertida pela nossa ousadia. Saio da sala com pressa e sei que tenho muito trabalho ainda pela frente para me ocupar. É hora de colocar a cabeça no lugar e fazer o que aprendi a fazer de melhor.

Estou exausta pelas horas de trabalho, mas satisfeita por ter conseguido cumprir a meta de vacinação das crianças e o acompanhamento dos pequenos. Preciso urgentemente de um café e descanso meu corpo sob a cadeira da cantina; de posse de uma xícara cheia. O aroma suave entranha em meu sistema respiratório, parecendo renovar cada célula do meu corpo e tomo um gole generoso, saboreando o líquido que me mantém desperta e com ânimo durante o resto do dia. Em seguida, recosto minha cabeça no encosto da cadeira como se isso fosse o suficiente para aliviar as tensões e penso no quanto preciso de uma massagem.

Como num passe de mágica, sinto mãos suaves a deslizar em minha clavícula e não é preciso abrir os olhos pra distinguir o perfume ímpar que Mauricio exala. Que me importa o que os outros possam pensar agora, quero é poder ficar para sempre assim.

— Cansada? – ele indaga após alguns minutos e se senta ao meu lado, enquanto faço um rabo de cavalo no meu cabelo.

— Um pouco. – o fito por um momento e percebo o quanto ele também parece cansado. Antes que um de nós diga mais alguma coisa, o telefone dele toca; e um misto de apreensão e dúvida aparece em sua fisionomia. É fácil notar a tensão em que ele se encontra pelo jeito que seu maxilar se contrai e procuro ser o mais sutil possível nas minhas palavras.

— Problemas? – ele gesticula numa negação displicente e volto a insistir quando o observo desligar seu telefone. — Não é melhor atender?

— Não se preocupe amor, está tudo bem. Não é nada de importante ok? – ele segura minha mão e a beija, enquanto fico incomodada com o que quer que possa estar tirando sua paz.

— Olá casal! – Mônica aparece do nada quebrando a tensão no ambiente e nós dois nos entreolhamos com indecisão de como agir. — Quando é o casamento? – ela questiona sem cerimônias e reviro os olhos,

enquanto Mauricio se levanta com uma expressão de deboche e me dá um beijo na bochecha.

— Te vejo na hora da saída ok? — consinto com a cabeça, e derrubo o resto do café de uma vez, me levantando em seguida.

— Tchau Mônica. — estalo entre os dentes e deixo-a sozinha na cantina. O que menos preciso agora; são pessoas querendo dar pitacos em minha vida, e a única que dou o direito de fazer isso é Mila.

Os dias seguintes seguem a mesma rotina e confesso que a cada momento que passa me sinto ainda mais ligada a Mauricio e em como ele me faz bem. Vez ou outra, nós observamos alguns olhares atentos na nossa direção e após nossa inevitável aproximação no trabalho, não conseguimos mais esconder que estamos a namorar. Por algumas vezes me senti incomodada, mas hoje é algo que não me priva mais de ter a companhia dele para fazer compras no supermercado ou curtir um cinema no final de semana. Mauricio passou a buscar Davi na escola comigo e embora não devesse satisfações a Rico, sempre me sentia incomodada com seu olhar acusador em mim. Embora nos últimos dias ele tentasse uma reaproximação, Mauricio sempre fazia questão de deixar as coisas muito claras em sua postura comigo. Isso me deixava segura e mais disposta para enfrentar as adversidades.

Subo as escadas e ao passar pelo corredor, estanco no mesmo lugar ao perceber uma conversa de Davi com Mauricio. Ele passou a jantar conosco quase todos os dias e para a alegria do meu pimpolho, sua companhia era constante na hora de dormir. Sei que é feio ouvir a conversa alheia, mas o alheio em questão é a pessoa com quem mais me importo na vida, então justifico minha culpa por permanecer ali parada ouvindo o papo dos dois. Sou mãe, não sou de ferro.

— Você já conversou sobre isso com sua mãe? — meu coração dispara e uma pontada de ciúmes me aflige por Davi conversar com ele e não comigo.

— Isso é coisa de homem Mau. Tenho vergonha. — percebo a fragilidade nas palavras dele e tento ao máximo controlar a vontade de entrar no quarto e colocá-lo em meu colo. Seja lá pelo o quê meu filho está passando, eu só quero protegê-lo e garantir que tudo ficará bem.

— Não precisa ter vergonha disso Davi. É normal. Todo mundo já passou por isso antes e você não será o último. — Mauricio procura ser compassivo, mas sinto-me ainda mais apreensiva com o que pode estar

acontecendo. O que pode estar afligindo tanto Davi que o impede de conversar comigo? Será que não ele não confia em mim o suficiente para se abrir? Droga de cabeça que não para de pensar besteira; e num impulso ameaço girar a maçaneta para descobrir o que se passa realmente.

— Precisa contar para ela como se sente campeão. Precisa conquistá-la. — desisto de interrompê-los e fico aliviada com as palavras de Mauricio. Mal posso acreditar que esse sentimento que nos domina e nos faz fazer coisas absurdas tenha tão cedo tomado conta do coração do meu menino, e sinto-me feliz com essa constatação. Meu pequeno estava encantado com alguma menina e estava com vergonha de me contar. Ainda sinto a irritação de ter ficado de lado nessa história, mas com o coração em paz por não ser nada mais grave.

— E se ela não gostar de mim depois disso? — Davi murmura num lamento e pressiono meus lábios, impotente por não poder ajudá-lo e suspiro de leve por um segundo.

— Então ela não sabe o que está perdendo, e você poderá demonstrar todo esse sentimento aí guardado no peito, para a garota especial que ainda não apareceu na sua vida. Mas que vai aparecer. Isso eu garanto. — pelo tom que Mauricio usa sei que está sorrindo e involuntariamente sorrio também.

— Queria que você fosse o meu pai. — Davi abre seu coração e o meu afunda diante de sua carência. É claro que sempre tentei prover tudo o que eu podia, mas é nesses momentos, onde percebo que; por mais que eu esteja presente, nada substitui a falta que uma figura paterna faz na vida de uma criança. Quem diz que não, ou está mentindo ou tem sérios problemas emocionais. O medo do que Mauricio possa dar como resposta se instala em meu peito, como o efeito colateral de um uísque de péssima qualidade que arranha a garganta quando ingerido, e uma leve tonteira me acomete por um instante.

— Também queria campeão. — engulo a seco com a revelação dele e meu coração para dois segundos com o que ouço. — Mas enquanto isso não acontece, pode contar comigo sempre que quiser ok? — uma euforia me toma de assalto e parece que não vou deixar de sorrir nunca mais agora. No entanto, mesmo que uma parte de mim, queira dividir minha vida com ele, outra me diz que nem tudo são flores, e que as coisas podem desmoronar em questão de tempos, se o lado misterioso de Mauricio não se dissipar no meio desse denso nevoeiro que o consome.

Apresso-me em descer as escadas quando os dois se despedem, e tento manter o controle das minhas emoções quando meu lindo namorado aparece no topo da escadaria, numa faceta cativante para mim. Ele me enlaça pela cintura e nossas testas se tocam, enquanto nosso olhar se mantém numa sintonia profunda. Suas mãos sobem até meu rosto e o mundo parece parar quando seus lábios tocam os meus de uma forma intensa, mas delicada. Quando nos afastamos poucos centímetros, ele me puxa pela mão até o centro da sala e em seguida cola de novo seu corpo no meu, se movimentando lentamente como se estivéssemos dançando.

Eu sorrio com confusão, mas seu sorriso feliz está lá e não me sinto uma louca qualquer por estarmos dançando quase à uma hora da manhã, no escuro da minha sala, sem música alguma para nos acompanhar. E nem precisa. Nosso ritmo é sincronizado, como se nossas almas se pertencessem e estivessem anos à espera desse encontro.

Ele me gira como se eu fosse uma bailarina e assim como ele, estou aos risos com uma felicidade indescritível em meu rosto.

— Isso é loucura Mauricio. — solto ofegante quando diminuímos nossos passos, e ele flexiona o maxilar tentando manter o controle das suas ações.

— Basta sentir Beka. Sinta meu coração. — ele rebate pondo minha mão sobre seu peito e sinto os galopes acelerados por sob sua camisa. Minha boca fica seca e meu ar está tão escasso que suspiro longamente na intenção de recuperar meu fôlego. Meu corpo treme e deslizo minha cabeça sobre o peito dele por um momento, enquanto suas mãos correm pelas minhas costas me causando calafrios.

Mais do que nunca quero tê-lo em meus braços, me perder em seus beijos e sentir todo o calor do seu toque, seu suor misturado com o meu, mas não assim. Não com Davi em casa, não me perdoaria se tivesse que encarar meu filho pela manhã e ele encontrasse Mauricio aqui. Não é dessa forma que tem que ser.

— Eu não posso Mauricio. Não quero uma situação constrangedora com meu filho entende? — posso estar parecendo antiquada ou qualquer outra coisa que queira me definir, mas não pretendo ir contra o que acho certo. Se minha vida com Mauricio vai significar mais, eu não sei. Só sei que preciso de tempo para que Davi possa se sentir confortável com Mauricio dormindo aqui em casa.

— Já disse que espero Rebeca. O tempo que precisar. — ele sorri e beija a ponta do meu nariz. Em seguida o abraço com força e o conduzo até a porta.

— Obrigada pela sua atenção com Davi.

— Eu o adoro. — sorrio de lado e ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha com cuidado. — Obrigado pela dança. — seus lábios tocam os meus mais uma vez e o observo seguir na direção do seu carro.

Pedaços do meu muro invisível se desfazem a cada momento em que nós ficamos juntos e quero realmente que as coisas deem certo. No entanto, sinto que assim como eu, Mauricio vive uma batalha com seus próprios demônios e a única coisa que espero é que ele possa se abrir comigo. Talvez juntos, possamos curar nossas feridas e viver intensamente tudo o que até agora tem se apresentado em nossa frente. É justamente com essa esperança em mente que vou dormir. Com o coração tranquilo e a expectativa de um novo começo em nossas vidas.

Capítulo XII – Momentos de tensão

Termino de ajudar Davi a se arrumar, e uma felicidade corre em meu peito ao ouvir o som da buzina do carro de Mauricio soar do lado de fora. Vamos a um parque que não fica muito longe de Primavera, e meu pequeno ficou eufórico quando soube do nosso programa de fim de semana. Camila declinou do convite, mas prometeu ir ao próximo tão logo estivesse desocupada. As provas do meio do ano estavam chegando, e minha amiga estava mais atarantada do que o de costume. Mauricio me dá um selinho casto, diante do olhar curioso de Davi e nos ajuda a colocar a bagagem no carro.

—Vamos demorar a chegar lá Mau? – o entusiasmo dele é tamanho, que não evito um largo sorriso ao me sentar do lado de Mauricio e pôr o cinto.

— Mais ou menos campeão. Mas vai valer à pena, acredite. – seu melhor sorriso está em seu rosto e ele beija minha mão de leve, antes de me lançar uma piscadela marota.

O dia está agradável e a sensação de conforto só aumenta, quando ligo o rádio e o som do grupo The Strange Familiar ressoa em meus ouvidos, e é impossível não pensar no que a letra de Secret Life me traz. Eu realmente não sabia o que a vida me traria na manhã seguinte, mas o certo é que eu acreditava que Mauricio podia ser o porto onde todas as minhas esperanças e desejos ficariam atracados para sempre.

Chegamos ao imenso parque e observo várias famílias que estão tentando aproveitar o lindo dia de sol e o ar puro que aquece o coração, espalhando um mar de leveza e tranquilidade. Davi corre para escolher um local debaixo de uma frondosa árvore, e nos alocamos no imenso verde em nossos pés. Forramos uma manta, e em seguida estamos nos deliciando com as guloseimas que trouxemos. Mauricio e Davi disputam para saber quem come mais cachorros quentes e me divirto com a brincadeira espontânea deles. Ver meu pequeno tão a vontade é um bálsamo para o meu coração, mas ele aperta no mesmo instante com o medo que surge, de por ventura ele se decepcionar nessa história toda.

Tenho medo que Davi crie expectativas em relação a Mauricio e que

ele possa sair mais machucado do que eu desse relacionamento. Ele já sofre demais com a falta de um pai, não seria justo vê-lo sofrer caso as coisas não deem certo. Uma enxurrada de possibilidades consome meus pensamentos e balanço a cabeça de leve, tentando espantar essa sensação ruim para longe. *Pensamento positivo Rebeca*. Repito em minha mente como se fosse um mantra e sorrio amarelo quando Mauricio me oferece um bocado de uvas no cacho. Ele me sorri e deixo de lado os últimos pensamentos e aproveito para cair na brincadeira de comida com eles.

O meio da tarde se vai e observo Davi jogar bola com Mauricio e mais algumas crianças que estão por ali perto. Penso em como a vida nos prega cada peça e de como há um tempo eu não tinha a pretensão de estar onde me encontro agora. Diferente das outras vezes em que estive com Mauricio; não me sinto culpada, apenas com uma sensação de nostalgia em meu coração. Miguel ainda estava presente lá, e estaria para sempre. Mas a vontade de viver novamente estava clara como água e sei que ele estaria orgulhoso de mim nesse momento.

Mauricio se cansa da brincadeira e se aproxima de mim, me beijando antes de deitar seu corpo sobre a manta no chão. Assim que ele o faz, recosto minha cabeça em seu abdômen e ficamos em silêncio por alguns segundos, até ele resolver falar.

— Meu mundo para saber no que está pensando? — seus dedos passeiam por entre meus cabelos e permaneço pensativa por alguns milésimos de segundos.

— Hm! Bobagens! — viro-me para encará-lo numa expressão feliz e seu semblante rubra pela primeira vez desde que nos conhecemos. Ele sorri de volta, e passo minha mão em seu rosto devagar. Sua pele é tão macia e se pudesse eternizaria esse momento aqui para sempre. Ele beija minha mão no mesmo instante em que seu telefone toca e sua expressão muda drasticamente em questão de segundos. Algo muito sério tem tirado sua paz, mas não sei como convencê-lo a se abrir comigo. Toda vez em que tento saber mais, ele se esquivava e constato que isso pode se tornar um empecilho em pouco tempo entre nós, mesmo tendo respeitado seu tempo até esse momento.

— Ainda não quer atender? O que há Mauricio? — pressiono com cautela, enquanto o observo desligar o celular e guardá-lo de novo no bolso. O sobe e desce em seu peito se intensifica e sinto sua respiração pesada como quem está angustiado.

— Não é nada importante Beka. — ele tenta desconversar e sei que não

será fácil dele ceder. Aprumo meu tronco na sua direção e o fito direto nos olhos como quem se certifica da verdade.

— Você vem recebendo ligações há dias Mauricio e em todas às vezes se recusou a atender. — ele mantém um ar sério, mas mesmo assim não desisto de argumentar. — Pediu que eu te deixasse entrar, mas é justo que você faça o mesmo não? — ele exala com força e passa as mãos em seus cabelos, enquanto fico à espera de uma posição da parte dele.

— Existem alguns fantasmas em minha vida Beka, que tenho tentado desesperadamente esquecer. — seu tom é melancólico e vejo uma tristeza em seus olhos brilhantes que são capazes de iluminar meu dia. Meu peito afunda e me aproximo ainda mais dele, deixando nossos rostos quase colados. Ele aperta os olhos com força por um momento e embora não saiba o que o atormenta, só quero que ele reaja.

— Precisa encará-los uma hora Mauricio. Do contrário nunca estará livre para seguir adiante. — me surpreendo com minhas palavras e o impacto nele é quase que imediato.

Ele acarinha meu rosto de leve e em seguida me beija com tanto sentimento que tenho medo de perdê-lo. O sorriso que tanto amo contorna seus lábios e exalo o ar com força, enquanto me aconchego novamente em seus braços. Em pouco tempo ao seu lado já deu pra perceber que Mauricio parece uma cebola, então a única coisa que posso fazer é retirar camada por camada e esperar até que ele resolva se abrir. Cada um leva um tempo para enfrentar seus medos e exigir dele algo que nem eu ainda fiz deixa-me incomodada, por isso tento cultivar paciência por hora.

O sol se põe no horizonte e é a nossa deixa para irmos embora. Mauricio carrega Davi no colo até o carro, já que o cansaço o fez cair de sono e tomo à frente do volante no caminho de volta. Um silêncio confortador nos acompanha e alguns metros à frente, um carro fora da estrada chama nossa atenção. Paro nosso veículo no acostamento e Mauricio me acompanha ao seguir na direção do automóvel.

Um pavor me acomete de súbito ao observar uma jovem de mais ou menos 25 anos, com uma imensa barriga, e o pânico impresso em seus olhos banhados em lágrimas me faz estremecer. Mauricio fica paralisado com a situação e me movimento para ajudá-la com o cinto de segurança que parece emperrado.

— Meu bebê. Por favor, o meu bebê. — ela solta em desespero, e tento me concentrar no que deve ser feito aqui. Todos os meus anos de estudo precisavam ser postos à prova e tomei o ar com força para tentar não piorar as

coisas.

— Fique calma, vai ficar tudo bem ok? – meu tom é suave na intenção de acalmá-la, mas embora eu faça esforço, não consigo soltar o cinto que pressiona ainda mais a barriga dela.

— Mauricio me ajude aqui. – ordeno, mas não sou obedecida e ele parece inerte, como se estivesse em um transe, distante da realidade atual. — Mauricio? – grito com urgência, e ele pisca algumas vezes antes de se movimentar na minha direção.

— Respire devagar, você vai ficar bem. Nós somos médicos, não precisa ter medo, tudo bem? – a experiência que tanto admiro nele está de volta e juntos a ajudamos a sair do carro com cuidado.

— Como se chama? – pergunto ao apoiá-la em um dos meus ombros, enquanto Mauricio faz o mesmo.

— Illa. – ela responde num esforço e após soltar um gemido de dor, Mauricio e eu observamos o líquido espesso que corre entre suas pernas. Não precisa ser um gênio pra saber que ela está em trabalho de parto. Nós avistamos uma pequena árvore a poucos metros e seguimos o máximo que conseguimos até lá.

— Agente mais um pouco Illa, estamos quase lá. – Mauricio mantém um tom encorajador, e uma adrenalina corre em minhas veias pelo que vem a seguir. Já acompanhei alguns partos, mas nunca precisei fazer um. Por isso um gosto amargo sobe pela minha garganta e minhas mãos tremem assim que a recostamos no tronco da árvore.

— Muito bem Illa, você está entrando em trabalho de parto e não vai dar tempo de você e o bebê chegarem ao hospital. Está entendendo o que quero dizer? – Mauricio é objetivo, mas nem de longe rude, enquanto a moça apenas acena com a cabeça. Estou ofegante e ao fitar os olhos dele não só observo determinação, mas também pesar; o que me deixa com uma sensação estranha por dentro. Será que esse é o grande fantasma responsável por tirar o seu sono? Um trauma relacionado a essa situação seria a melhor explicação para sua reação de poucos minutos atrás, e por um momento deixo os pensamentos confusos correrem sem direção em minha mente.

— Beka vá até o carro e traga meu kit de primeiros socorros, junto com a manta. Rápido. – ele ordena e não levo um segundo para sair em disparada até lá. Davi continua dormindo, o que é um alívio; e volto para onde eles se encontram, munida do que ele pediu e meu celular.

Mauricio forra a manta no chão e com cuidado desloca o corpo dela

para cima do tecido, enquanto suas contrações aumentam a cada momento. Ajudo a lavar as mãos dele com álcool e observo a tensão pairar em seus músculos por longos segundos. Embora eu saiba ser uma situação rotineira, Mauricio se encontra extremamente tenso e me olha com insegurança de vez em quando. De todas as situações em que o acompanhei medicar no Postinho, essa era a primeira em que via não só temor de fazer algo errado, mas medo também.

— Vamos lá Illa. Agora é com você. Faça força entre as contrações, mas não se apresse ok? – ele solta num suspiro, mas a convicção não alcança suas palavras. Seguro a mão dela com força, enquanto ela geme entre as dores e o cansaço do esforço. Aproveito para ligar para 190 e rezo internamente para a ambulância não demorar a chegar.

Mauricio enxuga o suor a cada nova contração e a impaciência ameaça ganhar terreno, enquanto eu começo a me preocupar com a situação. É importante que a mãe se sinta segura de que tudo vai correr bem, mas ao contrário disso, ele parecia estar a ponto de um colapso a qualquer momento. Mauricio pressiona as mãos no topo da barriga da mulher e quando um grito alto salta da sua boca não consigo mais ficar parada a observar.

— Mauricio pare! Pare! Agora! – peço num tom alterado e seus olhos me fitam como se eu confirmasse uma incompetência, que sei que ele não tem e em seguida ele se afasta me cedendo lugar entre as pernas dela. Assim como fiz antes, ele lava minhas mãos com álcool e procuro tranquilizá-la com palavras suaves, enquanto ela concorda com a cabeça ao que peço. Vez ou outra eu encontro os olhos opacos de Mauricio a me fitar, e em poucos momentos desde que comecei a clinicar, vi a derrota impressa nos olhos de alguém como agora.

Illa segue se esforçando em minhas instruções e não demora muito para que o milagre da vida aterrisse em minhas mãos, enquanto ostento um sorriso orgulhoso no rosto. O meninão chora em meus braços e a mãe dele me sorri entre soluços e gemidos fracos. Eu deposito o pequeno em seu colo e ao encarar Mauricio, uma pontada real me atinge ao observar uma trilha de lágrimas em seu semblante abatido. Quais segredos ele esconde em seu coração atormentado? A pergunta vem e se vai como um raio, quando me precipito na sua direção e o abraço com força. Seu corpo ainda treme por um pouco e minhas desconfianças de que algo muito sério o afetou no fundo da alma, se torna mais vívida agora. Illa me agradece num gesto mudo e suspiro longamente aliviada quando a ambulância aparece para levá-la. Ao menos ela

teria a assistência necessária e menos uma preocupação para ocupar o espaço confuso em meu peito.

Voltamos para o carro e seguimos viagem, mais uma vez em silêncio. Ao chegarmos, Mauricio carrega Davi nos ombros até seu quarto e embora eu tente manter algum diálogo sobre o ocorrido, ele apenas se esquivava. Ganho um beijo de boa noite e um sorriso amarelo antes dele ir embora, e não me convenço nem um pouco de que ele ficará bem. Sinto-me mal com isso, e assim que ouço o barulho do carro se distanciar, não levo muito tempo a pensar para discar o número de Camila. Em meia hora ela está em minha porta e peço encarecidamente que ela fique com Davi até eu voltar.

Não sei bem se esse é o melhor momento, mas quero que Mauricio saiba que estou aqui quando ele precisar. Que posso apoiá-lo e que podemos superar juntos, o que vier pela frente. Por isso, exalo com força antes de bater em sua porta, e engulo a seco na espera dela se abrir. Já esperei demais e se continuasse esperando pelo “momento” dele, não sairíamos do lugar.

Mauricio me olha surpreso e não é difícil acompanhar seu rosto se contorcer de um modo envergonhado. Ele não diz nada, mas esquivava o corpo me dando passagem para entrar, e procuro o que dizer, enquanto esfrego minhas mãos trêmulas uma na outra.

— Eu fiquei preocupada. Queria saber se você está bem. — atropelo as palavras num suspiro e ele pressiona seus lábios com força, pensando no que responder por um momento.

— Beka, essa não é a melhor hora ok? Prometo te contar, mas não agora... — antes que ele termine o interrompo bruscamente. Não quero panos quentes dessa vez.

— Quando será Mauricio? Quando passarmos por outra situação como a de hoje e você surtar? — seu olhar se torna assustado e posso jurar que ele está prestes a fraquejar no meio dessa confusão toda. Não estou contestando a capacidade dele, mas quero uma explicação plausível para o que houve. Posso estar pegando pesado, mas nas últimas horas percebi que se não pressioná-lo, não vou saber o que quero e preciso saber.

— Ei, ei! Quem pensa que é para vir até aqui, e julgar os meus atos hein? — ele solta amargurado, mas sei que ele está tentando se proteger.

— Sou alguém que se importa com você. Que quer entender o porquê da sua atitude Mauricio. Que quer te ajudar.

— Você não vai entender. Ninguém entende Beka. — diz transtornado e sinto que estou perdendo as forças por nós dois.

— Não vai saber se não tentar. — sussurro muito próxima dele e sinto-o ofegar.

Abraço-o num conforto e em seguida ele entranha seu rosto em meus cabelos e beija meu pescoço, fazendo-me arrepiar. Suas mãos dançam pelo meu corpo e antes que algo mais possa ser dito, estamos entregues a um beijo caloroso e desesperado. Ele me aperta pela cintura e meu corpo amolece com a rigidez dos seus músculos ao meu redor; e arfo por um momento quando nos afastamos um pouco. Nossos olhos estão fixos um no outro e quando ele tira a sua camisa, ouço um gemido fraco escapar dos seus lábios, quando meus dedos tocam de leve seu peitoral desnudo.

Tento controlar minha respiração, mas fica difícil depois que tenho mais uma vez a boca dele colada na minha e Mauricio conduz meu corpo pelo caminho que leva até sua cama. Ele me deita delicadamente e embora queira tê-lo por completo, um calafrio desce pela minha coluna, me deixando tensa. Mauricio projeta seu corpo sobre o meu, e evita lançar seu peso sobre mim, usando os braços como apoio na cama. Ele observa meus traços com cuidado e o verde dos seus olhos é o mesmo que me fascina desde que o conheci.

— Não quero te forçar a nada Rebeca. – ele diz contornando meu rosto com a ponta do seu dedo. O fito por alguns segundos antes de me sentar na cama, e mesmo numa nítida indecisão, desabotoo minha blusa, numa respiração pesada, enquanto o observo engolir a seco de desejo.

— Eu quero você Mauricio. Eu preciso de você. – sussurro enquanto sua mão se prende em minha nuca e me puxa para um novo beijo, dessa vez mais suave. Todo o medo que senti há alguns minutos se esvai e sobra somente a ansiedade, o desejo e o tesão que meu corpo sente e pede por ele. Sei exatamente o que estou fazendo e apenas uma vez na vida quero deixar o mundo para trás e viver esse momento.

— Eu te amo Beka. – ele diz entre meus lábios e me afasto alguns centímetros para encará-lo, o fitando no fundo dos olhos. Um meio sorriso aparece em meus lábios e passo minhas pernas por cima das suas, segurando sua face em minhas mãos, antes de falar novamente.

— Então me ame Mauricio. Por favor, me ame – peço baixinho ao beijá-lo, e em segundos estamos embolados na cama, numa dança rítmica de pernas, suor e gemidos que só aumenta o prazer que estamos vivendo.

Tinha me esquecido o quanto essa sensação era algo mágico e que meu corpo ainda era capaz de proporcionar e receber prazer assim. Deixamos de ser dois por um momento e nos tornamos um, num misto de êxtase e saciação que imaginei jamais ter novamente. E pela segunda vez, desde que conheci Mauricio eu me sentia feliz. Completa. Renascida. Na esperança que ainda pudesse ser curada e definitivamente forte, para amar novamente.

Capítulo XIII – Vivendo o agora

Estou consciente, mas permaneço de olhos fechados, enquanto sinto os dedos de Mauricio deslizar por entre meus cabelos. Não quero causar nenhum tipo de atrito agora e temo que se eu falar alguma coisa, eu acabe por estragar o que está tão perfeito até aqui.

Uma euforia está instalada em meu coração e sinto vontade de gritar aos quatro ventos o quanto estou feliz. A respiração dele é leve e o calor do seu corpo colado ao meu, é como uma enorme proteção que me faz sentir realmente segura. Todo o medo, insegurança e desconfiança do futuro incerto estão fora do meu pensamento e do meu coração nesse momento.

Por que com Mauricio não sinto o peso das mágoas, da tristeza e do temor que sempre me acompanhou durante todos esses anos em que camuflei ao máximo o quanto me sentir apaixonada por alguém fazia falta em minha vida. Ao lado dele tudo se tornava mais leve, mais alegre, mais feliz. Ainda quero e preciso saber o que o aflige, mas não quero quebrar esse encantamento por nada agora. Infelizmente o mundo continua correndo lá fora e sei que preciso me movimentar se não quiser que Davi sinta minha falta. Penso em me levantar, mas antes que eu faça qualquer movimento, Mauricio abre a boca para falar, como se já soubesse que eu estava acordada.

— No dia do jantar, eu havia recebido a ligação do meu pai. — ele começa após um suspiro, e sinto a tristeza em seu tom. Abro os olhos devagar e o observo entrelaçar nossos dedos com força. — Mais uma vez ele queria que eu voltasse pra casa e tomasse conta do Hospital que eu não pedi para ser presidente; e mais uma vez eu tentava mostrar pra ele que eu não era mais um garoto acuado. — ele pausa por um segundo e ergo meu rosto pra fitá-lo e noto o quanto sua expressão é dura.

— Vocês estão brigados?

— Acho que nunca estivemos de bem — ele sorri amarelo, mas sinto a amargura em seu tom. — Daí, ele tomou uma decisão para me punir.

— Que decisão? — me ajeito na cama ficando de frente para ele e o observo pesar minha pergunta, decidindo se deve me contar a verdade ou não.

— Ele tirou o sonho de algumas pessoas Beka, por puro egoísmo. E eu sabia que era para me atingir. — seus dentes estão cerrados e não existe mais

só o desprezo em sua voz, mas raiva também. Eu perdi meus pais muito cedo, mas sempre tivemos uma relação de harmonia familiar, e éramos muito unidos. Não entendo como possa existir este tipo de conflitos de sentimentos como vejo entre Mauricio e o pai. Ambos parecem se odiar e não fazem questão nenhuma de contornar isso a não ser manter uma disputa de quem possa ser o mais forte. Quem pode vencer essa queda de braços idiota.

— Que horrível isso Mauricio! Você não pode fazer nada? – solto espantada, enquanto seu olhar suaviza um pouco.

— Eu já fiz Beka. Agora está tudo resolvido. – sua mão passa de leve em meu rosto e em seguida ele me puxa pela nuca para um beijo suave. Quando nos afastamos, fito o fundo dos seus olhos e pressiono meus lábios antes de perguntar algo que não sai da minha cabeça desde alguns dias atrás.

— Era ele quem andava te ligando esses dias? – ele exala com força e engole a seco antes de resolver negar com a cabeça. Solto um longo suspiro e pulo para fora da cama diante do olhar derrotado dele. Fico irritada por que mesmo ele tendo se aberto comigo, ainda não é o suficiente para dissipar as dúvidas que trago no peito. Por que no fim, eu não sabia nada dele, e no meio dessa confusão toda que se tornou nossa vida, não me importei em perguntar nada que talvez o fizesse se afastar. Mas agora as coisas estão diferentes e não quero me jogar no escuro dessa relação. Confiança é primordial num relacionamento e se as coisas vão começar errado é melhor nem começar.

— Beka aonde vai? – ele indaga, mas não respondo e continuo a me vestir. Observo pelo canto do olho que ele se levanta e caminha na minha direção, enquanto faço um coque de lado em meu cabelo. Cruzo meus braços e mesmo depois que ele me aconchega contra seu corpo, continuo na mesma posição. — Não precisa se preocupar com isso ok? – ele beija o topo da minha cabeça, e após alguns segundos cedo, deslizando meus braços ao redor da sua cintura, apertando-o contra mim.

— Não quero segredos entre nós. Do contrário isso não vai dar certo Mauricio. – minha voz sai abafada por estar com o rosto em seu peito e em seguida ele ergue minha cabeça, mantendo nossos olhares presos um no outro.

— Quero que lembre sempre de uma coisa, uma única coisa Rebeca: eu amo você, e não importa o que aconteça, ou quantos anos passem, eu sempre vou amar você, entendeu? – minha garganta fica seca e um peso se faz presente em meu coração ao ouvir suas palavras.

— Mauricio eu não... — sou interrompida por ele e me sinto fraca.

— Eu sei Beka! Sei que ainda não me ama, mas está perto de amar. — ele tem o sorriso mais bobo do mundo e toda a tristeza de alguns minutos parece ter ficado para trás. É impossível não sorrir de volta e não nego que ele tenha razão. Estou a um passo de amá-lo de verdade. Equilibro-me na ponta dos pés e o beijo de leve antes de sussurrar em seu ouvido.

— Está muito convencido doutor Mauricio. — meu tom é de deboche, mas seu sorriso se alarga ainda mais, enquanto ele me segura pela mão não me deixando alcançar a porta. Nossos corpos se grudam de novo e sinto toda a febre que nos rodeia através das investidas da sua língua em minha boca num beijo carregado de desejo. E por que não dizer amor? Por que é justamente isso que sinto emanar de cada parte do corpo dele em relação a mim e sinto uma pontada funda no peito com a mínima hipótese de não tê-lo mais em minha vida.

— Obrigada por se abrir comigo. — solto baixinho antes de sorrir e sair porta afora.

Saio da casa de Mauricio com a cabeça fervilhando e os sentimentos a mil em meu coração. A vida estava novamente me presenteando com uma nova oportunidade para ser feliz, para amar e eu acabava de tomar uma decisão: eu conquistaria essa felicidade dali em diante, não importava mais como. A velha Rebeca havia ficado para trás. Daqui para frente, somente um novo horizonte, e eu queria segui-lo sem me importar com o que viesse pelo caminho.

Entro em casa e em poucos segundos, tenho os olhos de Mila em cima de mim, com um sorriso arteiro. Coloco o molho de chaves sob a estante e sorrio para ela de volta com cumplicidade, enquanto ela me abraça. Não é preciso dizer o que se passou já que só voltei para casa pela manhã. Sorte minha que hoje é sábado e Davi não acorda cedo.

— Está feliz? — ela me indaga segurando firmemente minhas mãos, enquanto confirmo com um sorriso maior ainda. Ela vai até a cozinha e põe café em duas canecas e volta até o sofá; onde me encontro, me entregando um dos líquidos que enchem minha boca de água. Percebo o quanto estou com fome e meu estômago queima ao tomar um gole assim que ela se senta ao meu lado. Observo-a cruzar os braços, esperando pela minha confissão de detalhes, como se estivéssemos num divã; e passo as mãos em meu rosto de leve.

— Davi ainda está dormindo? — me certifico antes de ser pega de surpresa e Mila consente com a cabeça, tomando um gole do seu café. — Foi tudo tão mágico Mila, e tão intenso. Pensei que nunca mais pudesse sentir isso novamente sabia? — ainda estou sorrindo e vejo a felicidade estampada no semblante dela também.

— Está finalmente apaixonada por ele Beka. Você merece ser feliz viu? — ela toca meu nariz de leve e minha expressão deve ter denunciado algo, por que tão logo as palavras saltam da sua boca, um vinco de preocupação cruza seus olhos. Camila me conhece como ninguém. — O que há dessa vez Rebeca?

— Ontem a noite foi tudo muito lindo, mas o fim do dia foi uma loucura Mila; e Mauricio está me escondendo algo muito sério e eu não sei o que é. — uma ponta de desapontamento aparece em meu tom, e Mila franze a testa com confusão.

— Como sério? De que tipo Beka?

— Do tipo que ele não atende uma ligação que ele recebe há dias e sempre me diz para não ficar preocupada. De surtar durante o procedimento de um parto no meio da estrada e não me dizer o porquê — argumento com desconfiança, enquanto minha amiga quase se engasga com o café, espantada.

— Que história é essa de parto na estrada? — ela arregala os olhos e sorrio por um momento com sua reação, embora o calafrio de horas atrás se manifeste por poucos segundos. Conto sobre a jovem chamada Illa, e de como Mauricio reagiu assustado em relação à situação. Quando termino, Mila tem uma expressão compassiva e um olhar doce para mim.

— Perguntou o porquê de ele ter agido daquela forma?

— Perguntei amiga, mas ele só disse que eu não entenderia e em seguida...bom, isso foi antes de nós... — ela me interrompe num aceno de entendimento, me deixando aliviada e em seguida dispara sem papas na língua.

— Ele tem outra?

— Não! — rebato perplexa, enquanto acompanho minha amiga balançar a cabeça em negativa, como se tivesse se desculpando por um erro. — Não acredito que seja isso Camila, do contrário já saberíamos não é? — bufo aborrecida pela ínfima possibilidade, lembrando o quanto nada fica de fora das vistas dos fofoqueiros dessa cidade.

— Então ele é casado, ou foi casado e agora a mulher o quer de volta. —

ela ameniza sua voz e contraio meus lábios por alguns segundos pelas suas suposições, embora de fato eu nunca tenha perguntado sobre isso a ele. Sinto-me cansada e estafada por todas essas questões sem resposta e Mila apenas volta a me abraçar num conforto.

— Eu não sei o que pode ser, mas vou descobrir. Preciso de um banho e refrescar as ideias. Obrigada por ter ficado aqui. — nos levantamos e a acompanho até a porta.

— Sempre que precisar. Pode pesquisar sobre ele, mas acho que deveria tirar essas coisas da sua cabeça. O cara é legal, vai viver a vida ok? — ela me beija a bochecha ao sair na direção do seu carro e aceno quando a ouço buzinar. A conversa com Camila só me deixa ainda mais tensa sobre o que Mauricio possa estar escondendo, mas resolvo não deixar que isso cresça em minha mente ou então vou pirar.

Davi acorda logo após eu tomar meu banho, e nos sentamos juntos para tomar café. Durante a refeição, Davi comenta sobre o fato de ter recebido uma ligação de Rico, mas estou tão cismada com o que Camila falou sobre pesquisar a vida de Mauricio que não consigo gravar nada do que meu filhote fala e apenas concordo com tudo o que ele diz.

No fim do café, observo que ele tem um sorriso de orelha a orelha e me sinto envergonhada de perguntar sobre o que é, visto que meu pensamento estava perdido em outro lugar.

Após alguns minutos, Davi sobe para o seu quarto e sigo até o computador da sala e meus dedos coçam na direção do teclado. Batalho por um momento se procuro alguma informação de Mauricio e minha curiosidade ganha espaço quando lembro-me das suas recusas de me contar a verdade.

Não sei muito bem sobre o que procurar e a lembrança do jantar em sua casa, faz com que meus dedos ganhem vida ao digitar Grupo Vital na caixinha de busca. Uma enxurrada de informações se amontoa na tela, e pisco algumas vezes tentando me situar, pensando sobre uma palavra específica, que possa me levar a descobrir sobre o período em que meu reservado namorado trabalhou lá.

Reviro o site em todas as listas de buscas possíveis e não encontro nada relacionado ao nome de Mauricio. Esfrego os olhos com cansaço e ao mirar o relógio percebo que já faz uma hora que estou sentada procurando água em peneira. Davi desce com pressa escadaria abaixo e em seguida uma buzina soa do lado de fora. Meu pequeno está com seu uniforme tradicional do Prime e o fito totalmente encabulada pela situação. É óbvio que ele havia me pedido algo na hora do café e por não ter dado atenção, passou batido com meu consentimento para seja lá o que for que vem pela frente. Olho pela janela e reconheço o carro de Rico do lado de fora, enquanto Davi vem me dar um beijo.

— Espera aí mocinho. Tem alguma coisa que eu devia saber? — solto num risinho nervoso, ajeitando a gola da sua camisa, enquanto o olhar dele se

torna decepcionado.

— Não prestou atenção em nada do que falei não é? – lamuriou quebrando meu coração.

— Desculpe amor, a cabeça da sua mãe anda cheia de minhocas, prometo que não vai mais acontecer ok? – digo divertida, enquanto ele acena em confirmação, ainda chateado. – Pode me dizer aonde vai com Rico? – a pergunta é estúpida, mas quero que ele se sinta mais no controle da situação agora.

— O treinador me ligou ontem a noite e eu aceitei voltar para o time. Estamos indo treinar agora. – explicada as suas argumentações no café. — Posso ir? – a dúvida aparece em seu tom, e me apresso em aliviar seu coraçãozinho.

— Claro meu anjo. Mas volte cedo ok? – beijo o topo da sua cabeça, e o acompanho até a porta, sendo cumprimentada por Rico num aceno.

Ainda não me sinto confiante das atitudes dele novamente, mas não posso negar que meu filho aproveite a paixão que ele tem pelo futebol. Observo o carro partir e em seguida, volto a me deparar com a tela do computador e o nome do Grupo Vital a cintilar nela. Exalo com força por um segundo e fecho a guia, desligando o computador. Quero que Mauricio me conte as coisas por que confia em mim, e não descobrir seja lá o que for sem que seja da sua boca.

O resto do dia passa como um borrão e não demora para Mauricio chegar e almoçar comigo. Ele parece mais relaxado e apesar de eu soltar algumas indiretas, não conversamos sobre o que eu queria saber. Brincamos, namoramos um pouco, e tudo parecia caminhar sem maiores problemas. No entanto, seu semblante se modificou quando soube que Davi tinha ido treinar com Rico e o clima se tornou tenso durante todo o resto do dia. Não entendia a postura dele, mas eu não estava com ânimo para uma discussão. Trocamos poucas palavras antes que Rico chegue com Davi e é notável o quanto ele parece incomodado, mas que se recusa a falar.

Assim que o vê, meu pimpolho se precipita na direção do seu pescoço e diferente das outras vezes, Mauricio não demonstra tanto entusiasmo. Apesar de tentar disfarçar sua cara amarrada, sem sucesso, ele parece se refrear pela raiva da situação, o que me deixa extremamente chateada. Meu filho não tem culpa seja lá o que for que ele esteja a pensar agora. Rico aparece logo atrás e mais uma vez o semblante de Mauricio se torna duro.

— Olá Beka. Pacote entregue. – ele solta sem jeito na soleira da porta e

sorrio fracamente de volta. Os olhos de Mauricio alternam entre Rico e eu, e percebo que as coisas podem acabar mal se não tomar logo uma atitude.

— Obrigada Rico, ele parece muito feliz.

— Sim, ele ficou. Seu garoto vale ouro. – ele sorri gentilmente e Mauricio toma a frente, irritado com nossa troca de gentilezas.

— Ele vale sim. Agora que já fez seu trabalho, já pode ir treinador. Ou posso te ensinar mais algumas coisas como da última vez. — o sarcasmo escorre em suas palavras e o fuzilo com o olhar.

— Mauricio por favor? — meu tom é de reprimenda, enquanto observo Rico suspirar e Davi me olhar com um semblante assustado.

— Tudo bem Beka, já está na minha hora mesmo. — ele solta, e beijo rapidamente sua bochecha em agradecimento, antes de fechar a porta atrás dele. Suspiro fundo por um momento e me dirijo na direção de Davi sem fitar Mauricio.

— Muito bem mocinho. Agora que já se divertiu, quero que suba e tome um banho. — digo num meio sorriso, enquanto ele se vira pra encarar o amigo.

— Depois do jantar vamos jogar Mau? — antes que meu namorado responda, eu o interrompo com veemência

— Ele hoje não pode filho. — os olhos dele se voltam com arrependimento para mim e sigo meu argumento com meu pequeno. — Talvez amanhã, tudo bem? — dessa vez direciono meu olhar direto nos olhos de Mauricio e o sinto ofegar. Davi solta um muxoxo, mas logo é convencido pelo amigo a fazer o que pedi. Assim que o garoto some das nossas vistas, sigo na direção da porta e a abro para Mauricio.

— Mas, o que fiz agora Beka? — ele abre os braços com confusão e seu semblante é de quem sabe que fez uma burrada. Permaneço com a porta aberta para ele sem dizer uma palavra, enquanto ele leva dois segundos para caminhar na minha direção. Ficamos numa batalha muda, no meio de uma crise de ciúmes sem cabimento e quando ele se movimenta para me beijar a boca, eu o evito.

Mauricio me olha transtornado e assim que ultrapassa a porta não dou tempo para que ele tenha mais nenhuma ação e a fecho num rompante. Já não basta ele não ter confiança em mim para contar sobre o que esconde, e ainda quer ter ciúmes quando não dei nenhum motivo para isso? Droga! Depois da noite de ontem, quando pensei que tudo seria mais tranquilo, um mar de confusão aparece e só sei que preciso urgentemente colocar minha cabeça no lugar.

Capítulo XIV - Vencendo barreiras

Acordo com uma imensa dor de cabeça, e não saber o que andava corroendo Mauricio estava me deixando cada vez mais desconfiada. Ao mesmo tempo em que ele era doce e encantador, algumas vezes se tornava instável e tão obscuro, que eu me sentia confusa em relação às suas atitudes. Eu nunca sabia o que esperar.

Deixo Davi na escola e como de costume sigo para o trabalho com a cabeça a mil. Passo rapidamente pelo balcão, e é um alívio não ter a presença de Monica e ouvir mais algumas de suas indiretas. Do jeito que estou hoje, provavelmente, não seria só um sorriso amarelo que ela ganharia de mim. Assino meu cronograma e caminho na direção do meu armário, na esperança que o dia simplesmente acabe. No entanto, assim que abro a porta, uma alegria inesperada se apossa do meu peito e um sorriso iluminado cresce em meus lábios.

Enormes buquês de flores decoram o ambiente e cada um deles tem um cartão preso a eles. São quatro. Retiro um por um e ainda estou com um sorriso no rosto quando inicio minha leitura.

“Quando encontramos um lugar para recomeçar” eu passo para o próximo cartão com uma ansiedade, que deixa minha boca seca. *“É preciso confiar e acreditar em cada passo dado”* o sorriso bobo ainda está em meu semblante e meu coração salta descompassado. *“Meus passos me trouxeram até aqui, no momento em que eu precisava me reencontrar”* abri o último cartão e uma lágrima apontou em meus olhos ao ler sua última frase. *“Isso aconteceu no exato momento em que eu te encontrei Beka.”*

Enxuguei a lágrima com as costas da mão e minha respiração ficou pesada assim que me deparei com os olhos de Mauricio pousados em mim. Ele entrou sorrateiro e nem percebi.

— Me desculpe! Eu fui um idiota, não devia ter feito uma cena daquelas. — antes que ele termine, eu me precipito na sua direção e colo meus lábios nos seus. Não preciso de cenas infantis agora, e o fato dele admitir que foi o errado já me bastava. Ao menos por enquanto.

— Precisa confiar em mim ok? — indago num sussurro quando nossos lábios se afastam por um pouco.

— Sempre. Eu prometo. — dessa vez é ele que me beija com paixão e antes que as coisas saiam de controle, eu o empurro para longe num sorriso.

Nesse instante, a sirene de emergência do Postinho soa, e nos entreolhamos com preocupação, saindo em seguida na direção da entrada do prédio.

Em mais de um ano em que estou formada, ainda não tinha visto tamanho caos em um Posto 24 horas, como posso observar agora. Gritos desesperados e uma correria desenfreada, dava a dimensão do que estava por vir, embora ainda não sabia o que havia acontecido de fato.

Assim que nos aproximamos da primeira ambulância que estacionava, recebemos as primeiras informações e um aperto se fez presente em meu coração. Um ônibus lotado de crianças caiu numa ribanceira e de acordo com os bombeiros, ainda havia crianças desaparecidas. Dr. Paolo dividiu os grupos entre as ambulâncias que não paravam de chegar e um medo se prendeu em minha garganta, me deixando doente.

Mauricio ficou na minha equipe, e embora não fizesse parte do quadro de cirurgia geral, tomou a frente de examinar os casos mais graves. Pais apareciam à todo momento querendo notícia de seus filhos e só o temor de cometer algum erro, me deixava sem forças. Por que nessas horas, a única coisa que me vem a mente é a impotência que tive quando Davi se machucou e não aguentaria ser responsável pela morte de ninguém, quanto mais de uma criança.

Muitas seguiram para a enfermaria, e me ative a me focar em casos de menor gravidade. Covardia eu sei, mas não conseguia raciocinar direito no meio daquela confusão toda. No entanto, quando observei uma garotinha de mais ou menos 10 anos, quietinha numa maca, é que me dei conta que todos necessitam que se lute por eles. Não apenas um ou dois, ou o mais ou o menos favorecido, mas todos no geral; e me aproximei dela. Seu semblante era preocupado, mas ela não esboçava estar sentindo dor. Apesar disso, seus lábios estavam começando a arroxear e observei que sua mão direita não abandonava a extensão da sua perna. Sorri sem jeito por um momento e devagar pus seu braço de lado, engolindo a seco quando notei a imensa ferida aberta. Se ela não fosse tratada a tempo, em questão de minutos teria uma infecção e não aguentaria por uma cirurgia.

— Precisa de ajuda? — Mauricio soltou logo atrás de mim, e suspirou por um momento; quando observou a gravidade do problema.

— Ela precisa de cuidados Mauricio. Eu não sei como lidar com isso...eu simplesmente não sei. — a dúvida soa na minha voz e demonstro uma fragilidade que nem eu mesma conhecia. Mauricio segura minhas mãos com força e me olha no fundo dos olhos, procurando me passar uma tranquilidade

que ficou perdida há minutos atrás.

— Você sabe o que fazer Rebeca. Você pode. – meus olhos estão fixos nos seus e tento ordenar os pensamentos de como agir dali em diante. – Você nasceu para isso. Confio em você. – um meio sorriso amarelo cruza seus lábios em sinal de apoio e logo ele é chamado para fazer outro atendimento.

Fito a menina num semblante mais ameno e expiro fortemente antes de usar o que tenho ao meu dispor até levá-la para o Centro Cirúrgico.

— Como você se chama? – indago, tentando me manter calma, enquanto os olhos opacos dela estão sobre mim.

— Alissa. – sua voz sai fraca

— Eu sou Rebeca. Não se preocupe Alissa, você vai ficar bem ok? – digo tentando realmente acreditar em minhas palavras. Me concentro em mantê-la estável o suficiente, para que ela possa aguentar até a cirurgia. Ao meu redor, ainda observo alguns colegas correndo para atendimento, mas as coisas aos poucos parecem começar a se ajustar.

— Onde está sua mãe Alissa? – abro uma embalagem que contém uma bandagem e minhas mãos parecem muito mais ágeis agora. Tudo se torna automático do modo que aprendi em anos na faculdade e me sinto mais confiante.

— No trabalho.

— Ok. Logo ela estará aqui está bem? – dou uma piscadela marota para ela, e suspiro por um pouco ao observá-la consentir com a cabeça.

Passo a bandagem ao redor da sua perna e injeto em sua veia um anti inflamatório que possa combater o alastramento da ferida por enquanto. Carrego sua maca pelo corredor, como se corresse uma maratona e levo ao menos três minutos pra chegar até o Centro Cirúrgico.

Repasso as informações para a equipe que lá se encontra e em seguida deixo o ambiente. O fluxo de pessoas já diminuiu bastante e agora, os corredores estão tomados por pais e familiares em busca de informações sobre seus entes queridos. Estou cansada e ainda adrenalizada com tudo o que aconteceu nas últimas horas e deslizo meu corpo na parede atrás de mim, sem me preocupar com o que podem pensar ou falar agora. Só preciso de descanso.

Após alguns segundos, observo uma sombra se sentar ao meu lado e segurar minha mão. É um alívio ter Mauricio ao meu lado e me prendo em seus braços num misto de alegria e choro acumulado pela tensão de ainda há pouco.

Antes de ir embora, me certifico de que Alissa está bem e que sua cirurgia foi um sucesso. Já estou no estacionamento com Mauricio, quando ouço uma voz a me chamar e me viro para encarar uma senhora de semblante sofrido a caminhar na minha direção. Assim que ela está próxima de mim, seus braços me envolvem e tenho a sensação de dever cumprido desde que me formei. Eu realmente havia me tornado uma médica. Ela me agradece por cuidar de sua filha e o sorriso emocionado não deixa meu rosto.

Chegamos em casa e jogo meu corpo sob o sofá, enquanto Davi desce as escadas apressado. Ganho um beijo na bochecha e sorrio feliz ao puxá-lo para um abraço a ponto de fazê-lo reclamar num muxoxo. Não me importo, por que o fato de tê-lo bem e com saúde compensa qualquer coisa. Penso em Alissa por um momento e em quando ele precisou ser operado. Se não fosse Mauricio a estar do meu lado, acho que morreria, sei lá. E hoje mais uma vez ele estava lá. Me dando apoio. Me dando força. Olho pra ele agora e agradeço a Deus por tê-lo em minha vida. Ele é meu anjo da guarda. Aquele que quero ter ao meu lado sempre.

Acordo com o som da chuva que cai do lado de fora e vejo que já passa das onze. Sento-me devagar no sofá e acompanho o som da escadaria, que range quando os passos de Mauricio ressoam nela. De certo, acabou de colocar Davi para dormir. Me aconchego na manta envolta em meu corpo e sorrio amarelo quando ele se senta ao meu lado e recosto meu rosto em seu peito.

— Você fez um grande trabalho hoje Beka. Estou orgulhoso. — ele beija o topo da minha cabeça e me aconchego ainda mais em seu peito, segurando a ponta da sua camisa.

— Tive tanto medo Mauricio. Pensei que não seria capaz.

— Você é forte amor e é capaz de tudo, nunca se esqueça disso. — pelo seu tom sei que está sorrindo e ergo meu queixo na sua direção para confirmar. Seus lindos olhos brilhantes estão lá e um sorriso confortador, completa seu semblante encorajador pra mim.

— Obrigada por me ajudar. — ele me beija lentamente e meu coração se aquece com o sentimento que ele tem por mim.

— Sempre que precisar. — seus olhos invadem o fundo da minha alma e quando ele faz menção de levantar, seguro sua mão o fazendo ponderar por um momento.

— Fica Mauricio. Dorme essa noite aqui. — peço ainda frágil e me levanto, enquanto a indecisão parece impressa em seu semblante.

— Não quero causar problemas Beka.

— Não quero ficar sozinha. – ele engole a seco e apenas me acompanha quando o puxo pela mão e subimos as escadas, numa cumplicidade velada. Mauricio se deita ao meu lado na cama e apesar de nada mais acontecer entre nós, eu sinto-me segura, confortada e mais uma vez amada. Não preciso de mais nada nesse mundo agora. Tudo o que preciso está aqui. É tudo o que quero ter.

Apesar do cansaço do dia anterior, acordo mais disposta e leve. Hoje é a festa da escola de Davi e como todo ano, ajudo outras mães com a decoração e a organização geral da festa, que acontece todos os anos no pátio do colégio. Desço as escadas e sorrio ao encontrar Davi e Mauricio se aventurando na cozinha. Meu pequeno em nenhum momento parece incomodado, e apesar da idade ele já deve ter concluído que meu namorado dormiu aqui em casa.

— Bom dia mamãe. – ele diz matreiro e me aproximo dando-lhe um beijo na bochecha, em seguida; beijo Mauricio de leve.

— Bom dia meus amores. – solto num sorriso, enquanto me sento e Mauricio me serve um prato com ovos e torradas. Davi me acompanha e logo depois, meu namorado prendado se junta a nós. Conversamos algumas banalidades e não demora para Mila aparecer com um monte de sacolas nas mãos. Todos os anos ela me ajuda e seu semblante é pura felicidade ao ver Mauricio tão cedo em minha casa. Sigo até ela e a ajudo com as sacolas, enquanto tento manter a ansiedade dela no lugar.

— Olá doutor. – ela solta maliciosamente, e Mauricio acena um pouco desconcertado para ela. Aviso aos meninos que estaremos no quarto e Mila parece uma criança que acabou de sair de um parque de diversão, tamanha é sua euforia.

Conto sobre o acidente; e como quase surtei no Postinho. Ela tem um semblante complacente para mim, mas logo volta a sorrir quando confirmo que Mauricio dormiu aqui. Separamos algumas roupas pra doar para caridade na festa e após alguns minutos estamos de volta à sala. Mila se adianta com as peças que separamos e prometemos nos encontrar em alguns minutos.

Coloco Davi para o banho e sigo direto para o meu. A festa começa à tarde, e segue até a noite, então teremos tempo de sobra para aproveitar. Mauricio foi para casa trocar de roupa e ao sair do banho percebo que ele esqueceu seu celular em minha cômoda. Sinto uma imensa vontade de vasculhar o que não devo, e me retraio tão logo o pensamento martela em minha mente.

— Vamos mãe. O Mau vai passar aqui daqui a pouco. — Davi me lembra ao passar pelo meu quarto e abro meu closet procurando algo que me faça sentir leve.

Dez minutos é o suficiente para ouvir a buzina de Mauricio soar do lado de fora e pego seu celular e chamo por Davi ao descer as escadas. Meu doutor está extremamente lindo e sexy numa calça social preta e uma camisa de linho branca, acompanhada por um colete também preto. Seu sorriso ilumina minha sala e seu beijo refresca minha alma, enquanto Davi pigarreja impaciente. Nunca o vi tão eufórico para ir até a festa e lembro que provavelmente a tal menininha que roubou seu coração deve estar lá.

— Você esqueceu. — estendo o aparelho para ele, e seu semblante fica tenso em questão de segundos.

— Não sabia que tinha esquecido, obrigado. — ele tenta disfarçar sua aflição, mas a contração que ele faz ao cerrar os dentes denuncia que algo vai mal, e outra vez, sei que o resto do dia será de apreensão.

Não falamos mais nada durante o caminho até a escola e assim que salto do carro, Mila vem ao meu encontro para me ajudar com o resto das coisas.

Montamos um enorme estande com as peças que eu e mais outras pessoas da cidade doaram e observei satisfeita; meu pequeno enturmado com seus amiguinhos. Mauricio se junta a nós e observamos abraçados, quando Davi oferece uma rosa para uma linda menininha de cabelos castanhos até a cintura; um pouco mais alta que ele.

— Você ensinou isso a ele? — indago, enquanto ele tem seu queixo apoiado em meu ombro direito.

— Apenas dei umas dicas, mas ele tem seu próprio estilo. – sorrimos juntos quando a menininha encurva o rosto para beijar Davi na bochecha e quando ela se vai, Mauricio e eu acenamos num sinal de apoio com as mãos pela atitude dele, e seus olhos tão azuis quanto o mar se tornam ainda mais brilhantes. Um largo sorriso toma seu rosto e a felicidade me toma por completo, por observar a alegria do meu filhote.

O resto da tarde passou como um flash, e quando dei por mim, a lua iluminava o ambiente, enquanto eu observava por um momento o céu azul repleto de estrelas. Mauricio me abraça por trás e uma brisa leve beija meus cabelos, me fazendo sentir plena. A vida às vezes nos presenteia com momentos inesquecíveis em nossa caminhada e não importa o que possa acontecer, sempre me lembrarei do dia de hoje como uma linda memória a ser eternizada.

— Quando Miguel e eu descobrimos que eu estava grávida, foi o dia mais feliz das nossas vidas. Ele sonhava com um menino, e não estava errado. – a melancolia aparece em meu tom, e sinto os braços de Mauricio me apertar ainda mais.

— Como ele morreu? – sinto-o tenso, e suspiro longamente antes de expor o resto da minha vida para ele.

— Ele saía do trabalho, quando um motorista bêbado cruzou a pista e o atropelou. – sempre chorei ao contar essa parte triste da minha história, mas não sei se é o conforto ou a segurança de estar ao lado de Mauricio, não derrubo uma lágrima. Embora a dor da lembrança me remeta imediatamente aquele fatídico dia, mas agora parece que nada mais daquele terror pode me afetar. É como se meu coração estivesse começando a se curar e embora me sinta estranha, não evito sentir uma leve paz.

— E depois?

— Depois... – suspiro novamente, me virando para encará-lo, e observo o quanto ele se dói por mim. – Depois daquele dia nada mais foi como antes. Ele morreu quatro horas depois no hospital, nunca soube quem o atropelou e tentei seguir minha vida junto com meu filho, vindo para Primavera. – meu coração galopa desenfreado e Mauricio toca meu rosto de leve com as costas da sua mão e parece tão sofrido.

— Eu preciso te contar uma coisa Beka... – suas palavras ficam no ar, quando uma voz feminina chama sua atenção; e surpresa me abate ao me deparar com uma loura linda, e elegante num sorriso irônico para nós dois.

— Doutor Mauricio Ferraz! Lembra-se de mim? – ela ostenta um

sorriso falso no rosto e me olha de cima abaixo de uma forma que realmente desprezo, mesmo sem conhecê-la. No entanto seu efeito em Mauricio parece imediato e observo a palidez em seu semblante ser muito mais visível agora. Ambos compartilham uma estória que ainda não sei, mas que com certeza, Mauricio terá que me dizer.

Capítulo XV - Ponta do iceberg

— Olá Vanessa! – a voz dele treme e presumo que existe muito mais entre eles, além de uma velha amizade. — O que faz aqui? – ele completa seco, enquanto me segura com mais força pela cintura, como se a mulher à minha frente fosse uma ameaça.

— Já que não retorna minhas ligações, tive que mexer meus pauzinhos para te achar nesse fim de mundo, aonde veio trabalhar. – seu tom é de desdém, e reviro os olhos por um momento pela sua arrogância. Ao menos já sei quem ligava tanto e não consigo imaginar que Mauricio tenha se envolvido com alguém como ela.

— Vanessa Braz. – ela estende a mão para mim e hesito dois segundos antes de retribuir o cumprimento.

— Rebeca Mendes. – seu semblante se modifica em questão de segundos e seus olhos se alternam por algum tempo entre Mauricio e eu antes de ela parecer estar um pouco sem graça.

— Diz logo o que você quer Vanessa? – ele altera seu tom de voz, e sinto o quanto ele está transtornado. A loira retira um cartão da bolsa e o estende na direção de Mauricio, enquanto começo a me incomodar com essa relação implícita entre os dois. Ele não se dá o trabalho de ler e a loira remexe em seus cabelos de modo despretenhoso antes de tornar a falar.

— Ficarei na cidade por dois dias Mauricio e espero sinceramente que você resolva aparecer. – seu tom é mais uma advertência do que uma ameaça, e franzo a testa no instante em que ela acende um cigarro. — Foi um prazer te conhecer Rebeca. Tome cuidado com esses olhos brilhantes. Podem deixá-la cega para não enxergar o que está bem debaixo do seu nariz. – ela expele a fumaça no ar e me sorri com deboche ao se virar nos calcanhares e sumir de nossas vistas.

Mauricio me fita sem jeito, passando a mão por entre seus cabelos e cruza os braços num semblante fechado para ele. Eu mereço explicações, mas no humor que me encontro aqui não é o melhor lugar. Meu filho não merece uma cena minha na frente de seus coleguinhas.

Antes que ele pense em se expressar, Davi se aproxima e pede pra dormir na casa de um amiguinho da escola. Forço meu melhor sorriso e libero meu filhote que sorri feliz, enquanto peço para irmos para casa. Olho

Mila de longe, e faço um gesto com as mãos de que ligo para ela depois, e pelo seu semblante, ela sabe que algo não vai bem.

Permaneço em silêncio durante todo o trajeto, enquanto Mauricio tenta em vão, puxar algum assunto. Não sei o que pensar, e somente o ciúme repousa em meu coração me deixando uma pilha de nervos.

— Rebeca, fala comigo, por favor? – ele pede assim que entramos em casa e jogo literalmente meu corpo sobre o sofá com cansaço.

— Só preciso ouvir a verdade Mauricio. – afirmo num suspiro ao fitá-lo com confusão, e ele consente com a cabeça num semblante temeroso ao se sentar do meu lado.

— Eu conheci Vanessa num momento muito turbulento da minha vida. Eu havia acabado de me formar, e Samantha e eu vivíamos brigando, até ela descobrir sobre a gravidez.

— Quem é Samantha? – inquiri atenta a cada palavra que salta da sua boca. Ele passa as mãos nos seus cabelos mais uma vez e vejo a dor refletida em seus olhos quando ele olha pra mim.

— Minha falecida esposa. – saber que ele já foi casado e esperava um filho com sua esposa, me faz ver que compartilho com Mauricio muito mais do que uma afinidade profissional ou pessoal, mas uma dor que só quem perdeu aquilo que mais amava sabe.

— Você e Vanessa... – minhas palavras ficam no ar, e Mauricio afirma com a cabeça, enquanto minha garganta fica seca com essa descoberta. Se ela estava na cidade, será que eles estavam juntos de novo? Será que Mauricio sentia ainda alguma coisa por ela, mesmo não atendendo suas ligações? Não consigo deixar de pensar nisso e ao perceber meu súbito silêncio pela sua confissão, ele se apressa a se explicar como se soubesse os meus temores.

— Beka isso é passado ok? Nós não temos mais nada, eu juro.

— Então por que ela está aqui? E porque tem te ligado tanto nos últimos dias? É óbvio que ela não veio até aqui só pra dizer “oi” – eu estalo irritada, enquanto ele exala com força antes de argumentar.

— Ela é filha de um dos sócios do meu pai e trabalha com eles. De certo está fazendo algum favor para o meu pai, vindo me procurar. Confie em mim. – suas mãos seguram as minhas, e não sei se me sinto uma adolescente que está fazendo uma tempestade num copo d’água ou receosa de todos os mistérios que o envolvem.

— Como sua esposa morreu?

— Nós discutimos, ela saiu com o carro e sofreu um acidente. — sua voz quebra e ele abaixa a cabeça entre suas mãos. Agora entendo sua atitude na estrada, com o acidente da moça grávida. Os traumas da morte da sua esposa ainda estão cravados em seu peito e faço um afago em seus cabelos; tamanha é a tristeza que sinto nesse momento. Ele volta a me fitar e toca minha mão, levando-a até sua boca, beijando-a com carinho.

Mauricio também sofreu muito assim como eu. Sabe a dor de perder quem se ama e me sinto mal por tê-lo julgado sem saber. A dor ainda está seus olhos e é como se ela alcançasse meu peito ao vê-lo tão frágil. Seus olhos estão marejados e me aproximo beijando o canto esquerdo da sua boca. Nossas testas se encostam por um momento e em seguida, suas mãos deslizam pela alça do meu vestido, me fazendo arrepiar. Sua boca toma a minha num impulso feroz e eu já não me importo com mentiras, verdades; ou o que mais pode vir pelo caminho.

Tudo o que eu quero é sentir o corpo dele contra o meu, o prazer que só ele pode me dar, e a sensação de que nesse momento tudo é perfeito. Todos os traumas, temores, medos e inseguranças são deixados para trás e somente o que sentimos um pelo outro prevalece.

— Eu te amo Rebeca. — ele sussurra em meu ouvido, quando o êxtase nos atinge, e embora eu não diga, sinto em meu peito que o amo também. Não me falta mais nada para viver esse amor. Éramos um do outro, e nada e nem ninguém podia mudar isso.

Quando desperto não encontro Mauricio, mas um bilhete informando que resolveria as coisas e que me encontraria no Postinho mais tarde. Seu perfume está impregnado no papel, e

embora o ciúme queira se alimentar mais uma vez, forço meus pensamentos à se focar em outras coisas.

Ligo para Davi e ele avisa que o pai do Pedrinho vai deixá-los na escola, mas pede para passar a noite por lá, por conta de uma festinha que será mais tarde. Não me nego, por que conheço a família Ribeiro há anos, e Davi sempre se deu muito bem com seu amiguinho de escola.

Subo as escadas apressada para não chegar atrasada no trabalho e uma alegria preenche meu coração, embora volte e meia; Mauricio preencha meus pensamentos. O dia segue tranquilo e ajudo alguns colegas a colocarem algumas coisas no lugar após o cenário do acidente. Mauricio parece demorar uma eternidade e ao ver que as horas já estão bem adiantadas, me preocupo

por um momento.

Após o almoço, paro na cantina para tomar meu costumeiro café, e me assusto com a presença de Rico, que se senta de frente para mim na mesa, de supetão.

— Rico dá para ser mais gentil quando aparecer? Parece que meu coração vai sair pela boca, toda vez que você chega assim furtivamente. — faço uma careta ao tomar um gole de café, e estranho quando ele põe um envelope sobre a mesa, e o empurra na minha direção. Fito-o com indagação e ele tem agora um semblante vitorioso acompanhado de um meio sorriso.

— Sabe onde está seu namoradinho nesse momento? — ele parece saborear cada palavra dita, e ao mirar o envelope por um pouco, empurro-o de volta na direção dele ao me levantar. Percebo o veneno nas intenções dele, e se quero que as coisas entre Mauricio e eu deem certo, eu preciso confiar. Afinal, ele me contou a verdade não é? Ou não? Rico se aproxima de mim, e puxo meu braço para longe assim que ele tenta me segurar.

— Rico não quero saber o que pensa do meu relacionamento com Mauricio, tampouco o que aquele envelope contém. Achei que poderíamos recuperar nossa amizade, mas parece que me enganei. — vocifero com firmeza, enquanto seu semblante se contorce de raiva.

— Ele não é o príncipe encantado que pensa Rebeca. — ele altera seu tom de voz, e a dúvida me consome com o poder das suas palavras. — Eu vou estar aqui para quando cair e descobrir isso. — ele se vai largando o envelope sobre a mesa e a angústia da indecisão me toma.

Uma parte de mim quer simplesmente dar as costas e esquecer a existência daquele papel, sem nem olhá-lo; mas a insegurança ganha a batalha em meu peito e volto até a mesa, pegando o aparente inofensivo envelope entre as mãos.

Minha respiração fica escassa, e minhas mãos tremem, enquanto meu coração corre desenfreado em meu peito. Abro o conteúdo, e imediatamente procuro ordenar os pensamentos sem fazer pré-julgamentos sobre o que vejo.

Em uma das fotos Mauricio parece discutir com a loira chamada Vanessa, e o local que eles se encontram se assemelha a um bar. Nada de fato com o que me preocupar, até que meu coração para e a umidade começa a se formar em meus olhos num misto de ódio, decepção e tristeza. Os lábios da loira estão colados nos de Mauricio, e meu corpo afunda na cadeira diante de mim. Um pequeno filme das últimas horas passa em minha mente e me sinto sem chão.

Inspiro e expiro o ar várias vezes, até ter forças para me levantar novamente e guardar as fotos de volta no envelope pardo. Sigo em passos apressados até o balcão, e enxugo as lágrimas que já deixaram meu rosto vermelho no trajeto que faço até lá. Bufo baixinho ao perceber Monica na recepção e levanto o dedo na sua direção antes que solte algumas de suas gracinhas.

— Nenhuma palavra Monica. Não estou me sentindo bem e vou para casa. — falo rispidamente, assinando uma breve observação em meu cronograma. Fuzilo-a com o olhar e não me dou o trabalho de dizer tchau. A única coisa que preciso no momento é ir para o meu refúgio, o que levo menos de vinte minutos pra fazer, já que piso no acelerador com toda a força que posso.

Tomo um banho pra tentar me acalmar, mas nem isso é capaz de aliviar o peso que se faz em meus ombros e me sinto como uma bomba relógio

pronta para explodir. Desço até a sala e enquanto o relógio demora a avançar, me entretenho com um copo de vinho, que em segundos se tornam dois, três e em pouco tempo lá se foi uma garrafa inteira. Me recosto no sofá e adormeço.

Corro desesperada pelos corredores do hospital e a imagem de Ester aos prantos no chão frio me lembra que não tenho mais a força que me movia ao meu lado. Miguel havia partido para sempre e acordo sobressaltada, pingando em suor. Não demoro para encontrar os olhos antes brilhantes, agora tão tristes de Mauricio na minha direção. Ele tem um semblante desolado e as fotos do envelope em suas mãos.

— Como entrou? – minha voz sai fraca e ainda me sinto um pouco entorpecida pelo vinho, mas estou completamente lúcida do que se encontra ao meu redor.

— A porta estava aberta. – ele sorri sem ânimo, e em seguida balança sua cabeça com pesar.

— Por que fez isso? – indago apontando para as fotos e ele as joga sobre a mesa, se levantando em seguida. Quero ouvir qualquer mentira, por que a verdade agora só vai me fazer odiá-lo mais e não evito que as lágrimas rolem mais uma vez.

— Nós não temos nada Beka.

— Não é o que parece Mauricio. – eu estalo irritada; e ele suspira passando as mãos nervosamente em seus cabelos.

— Queria que tudo fosse tão mais fácil. – ele sorri melancólico e percebo o quanto ele parece sofrer, enquanto observo seus olhos marejarem mais uma vez. Permaneço em silêncio esperando por uma resposta, e em seguida ele desanda a falar.

— Quando Samantha e eu discutimos e ela saiu com o carro e sofreu o acidente – ele pausa num suspiro e fito-o compassiva por um instante.

— Você já contou sobre isso Mauricio o que... – ele me interrompe.

— Samantha descobriu sobre a Vanessa. – ele estala transtornado e não sei direito como reagir, mas ainda não sabia como isso podia estar ligado à todas as fotos do envelope.

— E o que mais? – peço meio anestesiada pela história e seu semblante vai ficando cada vez mais pálido.

— Eu saí logo atrás dela, e a levei para o primeiro hospital que encontrei. Estávamos numa área descampada e as condições que tínhamos ao nosso favor, não eram das melhores. Eu precisei fazer um atendimento de

emergência, por que o médico que estava atendendo não era cirurgião. Aí, tudo deu errado. – sua voz cai uma nota e observo o desespero do que ele viveu no seu semblante cheio de dor. Meu coração aperta e me levanto na sua direção, confortando-o num abraço. Após alguns segundos puxo-o até o sofá, e espero que ele se acalme um pouco para seguir adiante.

— O que mais deu errado Mauricio? – meu tom é suave, e quando ele me fita, a impotência parece rasgá-lo por dentro.

— Samantha estava numa situação crítica e precisei arriscar um procedimento, no entanto, tudo pareceu estar certo. Não consegui salvar o bebê, mas ela parecia estar fora de perigo. Eu a havia estabilizado para que aguentasse até uma unidade de transferência chegar, mas após meia hora, seu quadro se reverteu e não pude fazer mais nada Rebeca. Ela sangrou até morrer e eu fui o culpado. – puxei-o novamente num abraço, mas dessa vez ele se afastou num rompante me deixando atônita, evitando me fitar.

— O que fez depois? – eu estava me sentindo um policial, fazendo um interrogatório sem fim e apesar de saber o sofrimento pelo qual ele estava passando agora, talvez eu não tivesse outra oportunidade de fazê-lo se abrir tanto. Meu peito doía a cada revelação que saía da sua boca, mas se antes preferia me enganar, agora eu precisava da verdade. Eu queria que ele exorcizasse tudo o que o estava consumindo. Depois disso tudo, o que poderia ser pior?

— Eu enchi a cara num bar e a dor parecia me queimar por dentro. – seus dentes cerram por um momento e ele fecha os olhos como se revivesse todo aquele horror de novo. – Vanessa me achou e tentou me levar para casa, mas eu insisti para dirigir. – sua voz falha e engulo a seco por um segundo.

— Você dirigiu bêbado? – quase sussurro ao lembrar-me sobre as circunstâncias da morte de Miguel e noto um risco de sarcasmo no sorriso que cruza seus lábios como um raio.

— Eu não me importei com isso Beka, eu só queria esquecer a dor que me consumia, a culpa, pisando o mais fundo que eu podia no acelerador. – ele soltou tenso, atropelando as palavras. – Há dez anos eu não pensava como eu penso hoje. – ele completa num lamento.

Uma ponta de entendimento cruza pela minha mente e pareço não acreditar no que está acontecendo agora. Por que tudo o que tentei descobrir, parece estar cada vez mais vívido em minha memória e só a minúscula possibilidade me deixa sem forças.

— Para Mauricio eu não quero mais ouvir – as palavras engasgam, mas ele continua a falar como se precisasse colocar para fora todo o mal que o estava corroendo todos esses anos, e me sinto fraca.

— Eu simplesmente não tinha noção de nada, eu não estava vendo mais nada com clareza à minha frente Beka – suas palavras saem frenéticas e a

emoção misturada a culpa está impressa nos seus olhos, me ferindo a alma

— Para Mauricio – peço mais alto, já quase entregue ao choro, e um bolo ameaça tomar conta da minha garganta. Não queria me convencer do óbvio em minha frente. Não podia ser real.

— Ele apareceu do nada e...foi tudo tão rápido – volto a interrompê-lo num grito abafado e sinto como se o chão sumisse debaixo dos meus pés.

— Para, por favor, para. – o desespero me domina e as lágrimas descem desenfreadamente pelo meu rosto.

— Eu não o vi. Eu não o vi Rebeca. – as lágrimas agora caem copiosamente do seu rosto e levo minhas mãos à boca, e a dor que sinto é tão grande como se eu estivesse recebendo a notícia da morte de Miguel mais uma vez. Deixo o choro me dominar e meu coração parece em pedaços com tudo o que acabei de ouvir. Mais uma vez meu coração estava sendo arrancado; outra parte de mim estava indo embora; e só as cinzas sobrariam desse emaranhado de brasas que se encontra meu peito.

Após passar o cansaço do choro; sinto-me entorpecida, e Mauricio se mantém afastado, sem dizer mais nada. Levanto-me como se estivesse no automático e abro a porta para ele, sem fitá-lo nos olhos, enquanto acompanho o barulho dos seus passos na minha direção. Não consigo olhá-lo e só o seu silêncio é o suficiente para saber o quanto ele está doído.

— Beka... – ele inicia com a voz trêmula, mas eu o corto

— Só vai embora Mauricio. Apenas vá. – ainda não o olho, mas meu tom denuncia o quanto estou morrendo por dentro e ele cruza o portal ainda com hesitação. Fecho a porta atrás dele, e deslizo meu corpo até o chão, enquanto as lágrimas voltam a se fazer presentes. Hoje foi a segunda vez que morri. Por que perdi a outra metade que começava a completar meu coração de novo. Por que saber a verdade, me fez perder mais uma vez a esperança de ser feliz. Mais uma vez eu estava só, quebrada e sinceramente não via como eu poderia me levantar novamente.

Capítulo XVI - Dois corações em pedaços

Quando eu tinha meus doze anos, o que eu pensava sobre o amor era um misto de fantasia e realidade, e acho que para muitas garotas dessa idade, as coisas são mesmo assim.

O rapaz romântico, de fala mansa, com um olhar sedutor e um sorriso que seria capaz de ganhar o mundo inteiro, somente com sua presença e beleza estonteante. Conheci esse amor idealizado aos 15. Ele realmente era tudo isso e um pouco mais. Miguel era capaz de ganhar uma legião de fãs no colégio por conta da sua espontaneidade e doçura, a mesma que me conquistou.

No entanto, suas angústias, desejos, sonhos e seu amor, pertenciam somente a mim. Promessas que foram cumpridas aos poucos, enquanto terminávamos o colégio e nos dividíamos a planejar juntos, um futuro. Aos 18 já estávamos casados e aos 20 me vi grávida de Davi. Nunca pensei que no mesmo instante em que minha vida estaria completa, também estaria aos pedaços, sem a mínima chance de colagem.

Precisei juntar os cacos da perda, e lidar com aquilo para o qual eu nunca estive preparada. Por que quando você se casa, não imagina que sua vida possa ser interrompida por conta das irresponsabilidades de outros. Você quer mais. Você quer aproveitar cada momento, realizar todos os sonhos, e saber que realmente construiu uma família. Que é verdadeiramente feliz.

Mas assim como todo conto de fadas, o meu também chegou ao fim. E não teve o *“felizes para sempre”*.

Após a morte de Miguel, fui do fundo do poço ao inferno umas mil vezes e se não fosse por Ester, provavelmente eu ainda estaria lá. Largada. Desgostosa da vida. Bêbada e sem um pinga de juízo. Sei que nada justifica o modo como passei a me comportar, mas como eu já disse antes, todos tem os seus demônios, e os meus apenas estavam se manifestando junto da revolta de não saber quem havia me tirado aquilo que fazia o meu mundo girar.

Hoje eu sei, e juro que não dói menos do que antes. Talvez mais, por que quando você não sabe; o ódio, a revolta, a tristeza se mistura de tal forma que você precisa pegar tudo e trancafiar dentro do peito e esquecer a chave em outro cômodo. Por que senão você enlouquece e o nada realmente se torna nada, perante o que te sobrou.

Me sinto como se estivesse vivendo num mundo paralelo, onde nada parece real. Quero me enganar que tudo o que aconteceu não passou de um pesadelo, mas as palavras de Mauricio ressoam em minha mente como uma onda sonora potente, capaz de me deixar louca, só de pensar.

Não me importo agora se ele está arrependido, sofrendo ou não. Me importo com o meu sofrimento que retornou como uma tempestade, trazendo à tona novamente, tudo o que levei anos para acalmar em meu peito. Toda a agonia, a decepção, a dor, exposta agora numa ferida aberta que não tem remédio ainda pronto para sarar. Talvez ela nunca sare.

Embora tenha se passado apenas dez minutos desde que liguei para Camila, estou absorta nesses pensamentos por tanto tempo, que parece levar horas para que minha amiga entre em minha casa, e me encontre prostrada em meu sofá num semblante deplorável. Assim que nossos olhares se cruzam, não seguro mais uma vez a dor que queima em meu coração e um mar de lágrimas escorre em minha face abatida. Ela não diz uma palavra, mas o conforto dos seus braços é tudo o que pode amenizar o vazio que se faz presente agora. Não tenho mais Ester pra ser meu apoio, mas a vida me presenteou com uma amiga mais que irmã, que consegue equalizar a falta que minha falecida sogra me faz.

Não tenho forças para contar o que houve e apenas os meus soluços fazem barulho no ambiente frio que se tornou o meu lar. Quando finalmente me acalmo, Mila me ampara em seus braços e me ajuda a seguir para o quarto. Ela se deita ao meu lado e não demoro muito tempo para pegar no

sono devido ao cansaço.

Eu só queria poder acordar em outra época e reencontrar o sorriso fácil e olhar doce de Miguel, sua voz rouca, me dizendo que tudo iria ficar bem. O que eu não daria para sentir seus braços firmes mais uma vez ao redor dos meus e sentir o gosto adocicado do seu beijo? O segundo que desejo que tudo isso se torne realidade é o mesmo em que a imagem de Mauricio aparece em minha mente e desperto num grito abafado, enquanto Mila volta a me afagar num abraço.

O sentimento que estava adormecido em meu peito agora é minha maior ruína. Por que mesmo depois de saber a verdade, existia outra que levei meses para aceitar e que agora, me deixava sem a mínima direção. Saber que amo Mauricio. Sim, eu o amo. Tanto quanto amei Miguel. E o odeio também. Por isso a raiva me consome como um veneno que se alastra e mata tudo onde se entranha, dilacerando e exterminando tudo o que encontra pelo caminho. Penso em como Davi vai receber a notícia e minha cabeça dói ainda mais. É claro que não posso contar a verdade, mas ele vai precisar saber que não existe mais como Mauricio e eu ficarmos juntos. Isso se tornou impossível entre nós.

Após o banho, encontro Mila na cozinha, e me sento na bancada, enquanto ela me estende uma xícara de café. Meu raciocínio ainda é lento, mas devagar começo a contar toda a história sórdida de algumas horas atrás.

A cada frase que saí da minha boca, o rosto dela se contorce num semblante diferente, e passamos do estágio de compaixão para o ódio e palavrões em questões de segundos. Sorrio sem ânimo pela situação, mas me esforço para segurar as emoções que volta e meia ameaçam aparecer novamente. Sei que preciso ser forte, mas é muito mais fácil falar do que pôr em prática, então me dou o desconto de não me sentir tão confiante. Por que não sei de fato, o que acontecerá daqui em diante.

— Rebeca isso é uma grande loucura. O que vai fazer agora? — ela estala num semblante indeciso e apenas comprimo meus lábios por um momento, balançando a cabeça em negação.

— Eu não sei Mila. Não sei o que pensar. — suspiro longamente e mexo de leve na xícara do café sem tirá-la do lugar, enquanto o silêncio impera no ambiente por um pouco.

— E quanto ao Davi? — ela indaga e meu estômago arde por saber que em poucas horas, terei que inventar uma mentira para ele. Mas é melhor do que ele saber a verdade agora.

— Ele vai ter que aceitar Mila. Vai doer, mas vai passar. — assim que termino a frase, uma voz grave soa do lado de fora e meu coração aperta ao reconhecê-la.

— Rebeca! Rebeca, eu preciso falar com você. Rebeca. — nós duas nos entreolhamos por um segundo e Camila observa a dor e o medo estampado em meu semblante para ela. Do lado de fora, Mauricio não para de berrar.

— Eu não posso vê-lo. Eu não quero. — solto sem forças, tentando me enganar e Mila pede que eu suba e me tranque no quarto. Não me dou ao luxo de pensar e subo as escadas apressada, enquanto minha amiga se prontifica a abrir a porta. Cruzo o portal do meu quarto e me planto na janela, tomando cuidado para que ele não me veja, mas que seja o suficiente para que eu ouça o que eles falam.

— Mauricio não é uma boa hora. Vá para casa, por favor. — ela diz numa reprimenda velada, enquanto ele se encontra totalmente desorientado. Acho que não conseguiu dormir. Ainda está com a mesma roupa da noite passada, e seus cabelos estão desgrehados.

— Ela precisa me ouvir Camila. Ela precisa me perdoar. — suas palavras saem num ímpeto desesperado e meu coração se parte outra vez. Não consigo pensar nessa palavra agora. Não depois de tudo.

— Mauricio, ela tem todo o direito de não falar com você, de nunca mais olhar na sua cara. Mas mesmo assim, a hora que ela quiser fazer isso serei a primeira a apoiar, mas agora não. Ela não quer te ver. — ela dispara ríspida, e o pesar se instala no semblante dele, enquanto passa as mãos sem controle entre seus cabelos.

Me afasto rapidamente da janela, assim que seus olhos pousam onde estou e após alguns segundos, ouço o motor do seu carro partir. Queria correr lá e esquecer toda a dor, mas não consigo. É mais forte do que eu e apenas me sento em minha cama, apoiando meu rosto sob minhas mãos. Estou esgotada para tudo.

— Você ouviu? — Mila indaga assim que entra e aceno afirmativamente com a cabeça.

— Eu sinto muito amiga. — ela diz, acarinhando meus cabelos e não suporto ser forte o tempo todo. Outra vez as lágrimas ganham a batalha das minhas emoções. Eu já não tenho mais esperanças de nada.

Peço para Camila passar no Postinho e avisar que estou doente. Não tenho condições de ir trabalhar nos próximos dias, e encontrar Mauricio lá, só iria piorar as coisas. Preciso de um tempo para mim. Preciso pensar. Tão logo ela se vai, Davi chega e seu sorriso é um acalanto para o meu coração. Sei que ele é o único que jamais irá quebrá-lo e sorrio assim que ele me abraça.

— Então? Como foi sua pequena aventura? — peço, enquanto pego sua mochila e entramos em casa. Davi conta todas as peripécias que fez durante a estadia na casa dos Ribeiros e não evito a breve alegria que se instala em meu coração doído.

Coloco o moleque para o banho e preparo alguma coisa leve para comermos, embora eu esteja sem a mínima fome. Durante a refeição, finjo não ouvir as indagações de Davi sobre Mauricio, mas antes que eu me levante para levar a louça para a pia, ele acaba deixando-me sem ação.

— Mãe, por que o Mau não veio hoje? Estou perguntando desde que cheguei e a senhora não responde. — às vezes não queria que meu filho fosse tão esperto. Como saio dessa sem magoá-lo?

— Davi, vem cá um pouquinho. — peço, enquanto me sento na cadeira ao seu lado e o aconchego quase em meu colo. Seu semblante desconfiado me quebra, mas sei que não dá para ficar adiando o que não tem mais volta.

— O Mauricio não vai mais ficar vindo aqui. Nós não estamos mais namorando meu amor. — as palavras saem embargadas e seguro firmemente as lágrimas que ameaçam cair. Não posso colocar esse peso em seus ombros frágeis. São meus problemas e por mais que isso possa vir a afetá-lo, não é justo que ele carregue mais que o necessário.

— Vocês brigaram? — seus olhos me fitam com dúvida, e apenas aceno com a cabeça em confirmação. — Se ele pedir desculpas, vocês não podem voltar? — não aguento a pressão em que me encontro e uma lágrima cai sem querer, enquanto o aperto em meus braços por um momento. Prevejo que a situação não será fácil de lidar, e só o solto quando ele resmunga baixinho.

— Olha só. — falo enxugando o pequeno rastro em meus olhos com a ponta dos dedos, enquanto seus olhinhos confusos, estão atentos aos meus. — Mauricio não vai mais estar comigo, mas isso não quer dizer que precise parar de vê-lo ok? Vocês dois podem continuar sendo amigos se você quiser. — ensaio um sorriso amarelo, e observo uma carranca se apossar do seu semblante.

— Não quero mais a amizade dele. Não quero te ver chorando mãe. — suspiro beijando-o na testa e em seguida o puxo pela mão carregando-o para o seu quarto. Não quero forçar nada por agora, então é melhor esperar a poeira abaixar. Com o tempo, ele irá se acostumar. Ao menos é o que espero que aconteça.

Camila chega cedo aqui em casa e mais uma vez, leva Davi no colégio para mim. Procuro me ocupar com alguma coisa já que estou sem nada para fazer, mas simplesmente não consigo me ordenar direito ainda. Já estou tão acostumada aos horários de trabalho, que ficar ociosa por alguns dias, vai acabar me deixando ainda mais depressiva. No entanto, lembro-me de algo que sempre fiz quando me encontrava triste ou decepcionada e subo as escadas, adentrando o último quarto no fim do corredor.

Faz meses que não entro ali, mas a sensação de nostalgia me invade de imediato. Puxo o pano branco que cobre um dos meus bens mais preciosos e deslizo devagar os dedos no meu piano de cauda bem cuidado. Meu sonho sempre foi tocar num grande concerto e antes de conhecer Miguel, ganhei do meu pai assim que completei doze anos.

A música sempre me acalmou. Sempre me fez ver as coisas com mais clareza e por isso me sento na banqueta, enquanto um meio sorriso cruza meus lábios por um momento. Os primeiros acordes ressoam com o toque desajeitado dos meus dedos, mas não demora para que eu me acostume novamente. É como andar de bicicleta, literalmente. Depois que se aprende, nunca mais se esquece.

Viajo na melodia que invade o ambiente e só me dou conta de que estou tocando minha música com Miguel quando as lágrimas aparecem timidamente e subitamente as notas cessam, deixando tudo em silêncio. Não sei dizer quanto tempo mais fiquei ali, mas quando Mila apareceu já era meio da tarde e a acompanhei quando ela me convenceu de que eu precisava comer alguma coisa.

Os dias passaram assim. Mila levava Davi para o colégio e eu me entretinha com meu piano, dessa vez, mais afinado. Durante esse meio tempo

não tive mais notícias de Mauricio, embora quase todo dia eu não conseguisse deixar de perguntar a Mila sobre ele. Eu precisava saber como ele estava, mas a única coisa que soube, foi que ele havia viajado novamente. Cogito se ele teria ido junto com a tal da Vanessa, e minha cabeça dá mil voltas pelo pensamento.

A campainha toca e Mila se apressa a atender, enquanto permaneço comendo pipoca ao lado de Davi, assistindo TV. Camila chama minha atenção para a visita em minha casa e todas as minhas desconfianças findam quando Vanessa surge no meio da tarde, me deixando estática.

O medo do que posso ouvir me corrói, mas sei que agora é o momento de acertar os ponteiros. Eu precisava saber o que mais podia estar escondido debaixo dessa sujeira toda. Se seria o suficiente, se aliviaria meu coração, eu não sei dizer com certeza, mas o fato é que era meu direito. E eu queria saber, mesmo que depois disso eu precisasse mais uma vez remendar meu coração.

Capítulo XVII - Escute seu coração

Minha garganta aperta como se o ar me faltasse lentamente; e uma enxurrada de conflitos se fixa em meu coração. Por um momento quero evitar o que vem pela frente, mas sei que não posso. Por que agora não tem mais volta. O passado se fez presente numa avalanche de dor e medo e só o que posso fazer é seguir adiante, do contrário serei engolida mais uma vez pelo ódio e o remorso e aí sim, tenho certeza que não me levantarei mais.

Observo a linda loira parada em minha frente e seu desconforto ali é perceptível. Uma ponta de ciúme me atinge e tento espantar a irritação no meu semblante ao cruzar meus braços de forma defensiva por alguns segundos.

— Olá Rebeca! — sua voz é tensa, e imediatamente Camila se posta ao meu lado como um apoio. Não queria ter mais nenhum tipo de contato com ela, mas o fato de que ela possa saber como Mauricio está me assola, e me repreendo mentalmente por pensar nisso. Eu devia simplesmente esquecê-lo, mas não consigo.

— O que quer Vanessa? — suspiro apenas querendo que essa conversa seja breve. Camila me fita numa careta aborrecida e não espera que a loira abra a boca para se pronunciar.

— Espera aí. Essa é a meretriz da foto? – Vanessa fecha a cara pelo tom de desdém da minha amiga, e após eu acenar em confirmação, a loira tenta argumentar num tom ameno.

— Eu só quero conversar um pouco Rebeca. – hesito dois segundos para articular alguma resposta e nesse momento minha amiga fiel volta a praguejar.

— Olha aqui sua loira falsa. – ela pausa com o dedo em riste e me controlo para não rir da situação, já que de loiro o falso de Vanessa não tem nada. — Se veio até aqui para tentar tripudiar em cima da minha amiga, fique sabendo que a única coisa que vai conseguir, é ter minha mão inteira entalada em sua garganta entendeu? Dê meia volta, pegue seu carrinho importado; e suma de nossas vidas. – vocifera com firmeza e sei que ela é bem capaz disso. Se tem algo que não duvido nesse mundo, é a amizade de Camila.

Vanessa não se deixa intimidar pelas palavras dela, e mantém um semblante de espera por uma decisão da minha parte. Melhor acabar logo com isso de uma vez, ou daqui a pouco vou ter que levar as duas quebradas para o postinho, por que mesmo com sua pose de mulher fina, a loira parece não levar desaforo para casa.

— Camila está tudo bem. Sério, pode deixar. – amenizo a situação, mas só ouvir minhas palavras, não chega a ser bastante para convencê-la.

— Tem certeza Beka? – a mulher em minha sala revira os olhos pelo comentário e confirmo num aceno de cabeça, lançando um risco de sorriso para minha amiga.

— Pode ficar um pouco com o Davi? Eu já volto. – peço, enquanto ela assente e passo pela loira, sendo seguida por ela na direção da minha varanda.

Ficamos alguns segundo em silêncio e contemplo a linda paisagem à minha frente, na expectativa do que Vanessa possa me falar. Minhas mãos suam, embora não esteja calor e sei que é mais um sintoma do meu nervosismo extremo.

— Eu não estou aqui para tomar as dores de ninguém Rebeca, e quero que saiba que entendo o que está sentindo. Mas, pensa só um pouquinho em tudo o que Mauricio passou todos esses anos. Ele nunca mais foi o mesmo, acredite. — sua justificativa velada não me convence e permaneço a fitar o horizonte à minha frente, completamente muda.

— Rebeca ele já pagou pelos pecados dele, todos esses anos... — a interrompo sem paciência, por que não agüento ouvi-la dizer que seu amante sofreu, como se eu não tivesse quase morrido junto com Miguel.

— O que quer de mim Vanessa? Por que acha que sabe algo ao meu respeito? — a amargura e a dor saltam da minha boca como fel e não me refreio de deixar tudo o que está preso sair. — Eu também sofri, eu também chorei e também me martirizei todos esses anos, achando que não ia suportar. Só que no meu caso, eu não tinha nenhum caso extra-conjugal pra me consolar. — ela assente com a cabeça baixa e puxo o ar com força para não deixar que as lágrimas surjam na frente dela.

Sei o quanto estou sendo dura e o quanto ela demonstra estar ferida com minhas palavras, mas não sei o que pensar depois de tudo. Ela bufa num semblante cansado e retira uma caneta e um papel de dentro da bolsa, rabiscando algo nele. Assim que termina, ela me estende o papel e mesmo insegura, o pego das mãos dela.

— Às vezes, somente às vezes, precisamos passar por cima do que parece certo, para enxergarmos o que está errado em nós. Não estou pedindo para perdoá-lo Rebeca. Estou pedindo para ouvir seu coração. — dói ainda mais ouvir suas palavras, simplesmente por que não sei se qualquer coisa que Mauricio tenha para me dizer irá fazer alguma diferença do que penso. Do que sinto. A realidade é que não sabia se ainda queria vê-lo novamente, embora a saudade e a falta de notícias durante todos esses dias; deixe-me com um rombo ainda maior no peito.

— Seu discurso é muito bonito, mas se foi Mauricio que te mandou aqui — ela me corta de imediato.

— Ele não sabe. — fica claro que ela teve contato com ele durante esses dias e sinto meu rosto queimar de raiva por um momento. Leio a caligrafia

suave de Vanessa e um misto de confusão e euforia se instala em meu semblante por alguns segundos.

— Achei que ele tinha viajado. — mais sussurrei do que indaguei, enquanto ela ajeitava a bolsa de grife nos ombros e me fitava mais uma vez já na descida do degrau da minha varanda.

— Ele nunca esteve longe Rebeca. — tenho a leve impressão que sua sentença representa muito mais do que apenas me informar que Mauricio não partiu e sinto uma leve tonteira me dominar. — Eu sinto muito por tudo. De verdade. — ela diz com tristeza e observo em seus olhos a culpa velada que a acompanha. Ela também guardava uma dor no peito, como a maioria de nós. A vida nos prega cada peça que algumas vezes é difícil separar o que é realidade do que realmente gostaríamos que não fosse.

Me encontro numa tortuosa indecisão entre o ir e enfrentar o que vier pelo caminho; e entre o ficar, e remoer lembranças de um passado saudoso, vivendo pela metade.

Sei no meu íntimo que amo Mauricio, mas não consigo conceber ultrapassar esse muro invisível que se formou entre nós. Esse abismo que por mais que eu tente me segurar, apenas me sinto caindo mais e mais, onde o fundo é a triste verdade que me mata um pouquinho mais a cada dia. Tudo se transformou num redemoinho de sentimentos, e juntar o que sobrou dessa tempestade não está sendo fácil.

— Você está bem? — a voz de Camila me chama de volta dos meus pensamentos, e entrego o papel para ela assim que entramos em casa. A agonia se alastra pelas minhas veias e sinto estar a um passo de um colapso emocional após os últimos minutos. Ando de um lado para o outro, brigando com minhas próprias convicções, com todos meus sentimentos por Miguel, por Mauricio e quando meus olhos encontram os dela, sei que estou totalmente perdida mais uma vez.

— O que faço agora? — vacilo em minhas palavras e acompanho Camila tomar as rédeas da situação por mim. Ela pega meu casaco em cima do sofá e o joga sobre mim; em seguida, me estende as chaves do seu carro num sorriso torto que sei que é o mais carinhoso possível para mim. Olho fixamente o chaveiro em minhas mãos e antes que eu possa retrucar, sinto suas mãos me segurar firmemente pelos ombros.

— Vai resolver o que precisa ser resolvido Beka. — ela olha no fundo dos meus olhos e não consigo segurar a emoção que brota num risco de lágrimas sem querer. — Vai enterrar de vez essa história, antes que ela volte

a acabar com você. – peso suas palavras por míseros segundos e aceito que ela tem toda razão. Não posso mais ficar fugindo dessa situação. Quanto mais rápido deixar tudo às claras com Mauricio, mais forças irei ter para arrancar esse sentimento enraizado em meu peito e tentar voltar a monotonia rotineira da qual eu conseguia ter controle em minha vida.

Bônus – Mauricio

Algumas pessoas, ou a maioria delas anseiam conquistar muitas coisas. Sonham grande. Talvez um carro novo. Um emprego do qual realmente goste, ou que possa ser melhor financeiramente falando. Uma boa casa, com paz e conforto. Ou ainda quem sabe, um amor. Eu tinha praticamente a maioria dessas coisas, e outras mil oportunidades à minha frente. Mas se quisesse saber o que mais desejo hoje, não se compara a nada do que acabei de citar. Por que todo o dinheiro, o reconhecimento profissional, e a fachada de uma família perfeita, não fora capaz de fechar o buraco aberto em meu peito.

A dor que carrego há anos, me conduziu a buscar algo que pudesse aliviar ou arrancar de vez as cicatrizes impressas no coração, mas não encontro uma forma de tornar minhas preces realidade. Talvez por que nem mesmo eu sabia o que estava buscando. Redenção? Perdão? Eu não sabia antes e ainda não sei.

O fato é que nada, e nem ninguém é capaz de mudar o que houve. Fui irresponsável, egoísta, sem caráter e covarde; mas a dor que me envenenava por dentro era tão grande, que eu só pensava na esperança de fazê-la parar. De acordar e perceber que nada daquilo passava de um sonho ruim. Mas não era.

Naquela noite, não era o médico bonito e bem sucedido que estava arrasado por perder um paciente em tantos dias de plantão, mas era o resto de homem que sobrou do vendaval que soprou em sua vida. Resto, por que nunca mais seria inteiro; isso era uma certeza. Nossas escolhas podem ter conseqüências às vezes irremediáveis, e sei que não importa o que eu receba de volta dela, as marcas do sofrimento que causei e passei, estarão sempre presentes para me mostrar os efeitos do meu maior erro.

A bebida desceu como ácido, queimando minha garganta, mas não dei importância. Sabia que em apenas mais alguns goles, eu não estaria mais consciente do meu fardo. Estaria desligado de tudo e era só isso em que pensava. Me desligar.

Devagar, me senti entorpecendo como um veleiro em dia de mar calmo, e sucumbi à sensação de que nada estava fora do seu devido lugar. Um vazio se prendia em minha mente e só o que pretendia, era terminar o pouco que

ainda restava na garrafa diante de mim, em cima do balcão. Mas logo o tormento chegou me dando um sonoro olá, assim que observei Vanessa cruzar a porta do bar.

Sempre fomos amigos e ela nunca escondeu seu amor por mim. Meu maior erro foi nunca ter cortado às esperanças que ela tinha em relação a nós, mesmo depois de casado. Por que com ela as coisas sempre foram mais leves, e mesmo amando Samantha, nunca conseguíamos nos entender. Nosso casamento só saiu por conta da insistência do meu pai em nome da presidência do grupo do qual fazíamos parte. Quando ele soube da gravidez, para o altar foi um passo.

Fui fraco, admito. Mas eu era imaturo e autoconfiante demais. Ótimo cirurgião, mas péssimo homem. Descobri isso tarde demais e hoje apenas lamento o que poderia ter sido diferente. Tantos sonhos que fazíamos quando jovem, se perderam quando Samantha encontrou mais uma das inúmeras mensagens que Vanessa me passara àquela noite. Eu finalmente havia posto fim em nosso caso, e como eu deveria prever, ela não se conformou.

Não deveria ter deixado chegar a esse ponto, mas a gravidez de Samantha sempre foi complicada desde o início, e nesse meio tempo, minha atraente amiga sempre se mostrava disposta a aliviar todas as tensões de reuniões e atendimentos difíceis no hospital em que eu trabalhava. Não estou me justificando, nada justifica uma traição. Mas eu tinha outra cabeça naquela época.

Passei como um tufão por ela sem lhe dar atenção, sem me importar se ela estaria no meu encalço ou não. Eu só queria ficar só. Cambaleei todo o trajeto até entrar em meu carro e mesmo Vanessa me alertando sem parar, tomei meu assento ao volante e apenas bufei contrariado ao observá-la se sentar ao meu lado no carona. Ignorei seu sermão e liguei o motor do carro sem dar importância ao que poderia surgir pela frente. Quanto mais sua voz entranhava em meus ouvidos, mais eu pisava no acelerador, acompanhando no painel, o velocímetro disparar.

Por um momento a adrenalina me acalmou e bastou apenas dois segundos para que tudo perdesse a cor de novo. Tentei frear, mas foi impossível. O baque forte sobre o capô deixava claro que os danos tinham sido muito além de um arranhão no carro. Eu havia cometido outro erro. Só que esse não custaria mais o meu futuro, mas o futuro de alguém.

— O que eu fiz? — inquiri exasperado, enquanto o olhar atônito de Vanessa pousava em mim sem nada dizer. — Vanessa o que eu fiz? — o desespero era evidente e o álcool parecia ter evaporado do meu organismo em questão de segundos.

— Acho que você acertou algo, ou alguém. — disse vacilante, enquanto levei poucos segundos para processar o que acontecera de fato.

Abri a porta do carro e olhei ao redor onde nós estávamos, tentando me situar. A estrada estava deserta e escura, mas dava para distinguir claramente a silhueta do corpo de um homem imóvel sobre o meio fio. Só pela cena, conseguia ver que seu estado era muito grave. Vanessa me ajudou a colocar o homem dentro do carro e um flash de consciência apareceu de repente quando ele balbuciou quase num sussurro.

— Rebeca! Rebeca! — seus sentidos se foram como uma chuva passageira e o nome que ele exclamou, martelou em minha mente quase que de imediato. Sabia que ele não aguentaria muito.

— As chaves Mauricio. — ouvi Vanessa pedir, mas não tomei nenhuma ação, totalmente em transe com o homem no banco do meu carro. — Me dê as chaves Mauricio. — ela pediu mais alto e meu gesto foi totalmente mecânico ao entregar o chaveiro para ela.

Peguei uma carona na estrada como o homem miserável que eu era, e talvez ainda seja; e Vanessa levou o desconhecido para o hospital mais próximo.

Meu pai abafou o caso assim que a notícia chegou aos seus ouvidos, nada difícil para quem vive no ramo da medicina, e Vanessa apareceu como a garota que passou mal na estrada, assumindo uma responsabilidade que só cabia a mim. Ela não foi presa e a notícia foi tratada como outra qualquer; nem chegando a ser retratada para a mídia.

Tentei ir contra e assumir os meus erros, mas o meu emocional já estava tão em retalhos que foi fácil aceitar os argumentos de meu pai e de Vanessa sem levar nada em conta. Não consegui ficar na cidade para o enterro de Samantha e do bebê. No dia seguinte, já estava de malas prontas e jogando para o alto, tudo o que qualquer pessoa na posição que eu tinha, daria um braço para ter. Deixei uma carta de demissão para o meu pai, e outra de despedida para Vanessa. Eu só precisava sumir e encontrar algum buraco para definhir até chegar o meu fim.

Uma garoa fina pairava na cidade àquela manhã e observei o cortejo que seguia cemitério adentro, no caminho que me levaria até o aeroporto. Eu não tinha um local fixo para ir, na verdade deixei para decidir assim que estivesse no saguão, mas algo me dizia que eu precisava parar.

Por mais que parecesse loucura, estacionei o carro não muito longe dali e quase movido por um enorme imã, entrei no local. Localizei o pequeno cortejo e caminhei em passos lentos até lá, com o peito encharcado de

sentimentos confusos. Não sabia o porque de estar ali, mas o estranho era a aparente necessidade de estar presente.

A chuva aumentou sua intensidade, e acompanhado dela um friozinho típico para àqueles dias para comer pipoca e ver filmes até cansar, sem sair da cama. Infelizmente o filme em minha frente era triste, dilacerante e só quando notei a jovem loira que chorava copiosamente, foi que minha ficha caiu que eu havia sido o escritor daquela tragédia familiar.

Logo depois que Vanessa me informou sobre a morte do homem, pedi que me desse a ficha completa dele e sua família. Queria recompensá-los de alguma forma, mas meu pai me convenceu de que o faria por mim.

Meu coração parou e um tremor dominou cada osso do meu corpo, quando por alguns segundos, a jovem levantou seu rosto e seus olhos encontraram os meus, a uns 30 metros dela. Ela olhou diretamente para mim e mesmo com toda a dor da morte de Samantha e do meu filho, algo terminou de quebrar meu coração naquele momento.

Seu semblante triste foi como uma pontada em minhas costas, e a única vontade que tive foi chorar. Chorar até a culpa passar. Até ouvir qualquer coisa que fizesse cessar a dor, o desespero, o remorso em meu peito. Chorar até morrer se preciso. Senti vergonha e desprezo por mim mesmo, por ter causado o sofrimento dela, e meu coração latejou como se estivesse sendo esmagado.

Ela voltou sua atenção para o caixão e despejou um ramallete de rosas sobre ele, enquanto este descia à cova. Em seguida, seus olhos encontraram os meus novamente por mais alguns segundos, até que uma senhora a envolveu num aconchegante abraço, fazendo-a enterrar o rosto no colo dela.

Depois daquele dia eu sumi no mundo, mas sabia que precisava fazer algo. Por mim. Por aqueles que eu causei dor. Mas, inegavelmente eu precisava encontrar um novo caminho. Um que pudesse me ajudar a chegar até o perdão que ainda almejo.

Passos cruzam pelo corredor que dá para o enorme jardim em que me encontro, e assim que sente a presença de alguém, meu lindo Golden Retriever corre na direção do visitante, me deixando confuso. Ele é dócil, e não se cansa de receber o afago das mãos suaves da mulher que se tornou a minha vida, em seus pelos sedosos. Embora ela não evite o encantamento pelo cão, seu olhar para mim é tão gélido e triste quanto naquele dia a dez anos atrás.

Engulo a seco por um momento e posso sentir toda a mágoa, a decepção aflorar nela num semblante doído para mim. Ela pode e tem o direito de não me ver nunca mais. De não me perdoar. Mas agora só preciso que ela volte a acreditar no meu amor. Mesmo que eu leve a vida inteira lutando para conseguir isso.

Capítulo XVIII - Tocando na ferida

São tantas as sensações que tomam conta do meu peito ao rever Mauricio, que preciso me controlar para não ceder ao que meu coração deseja nesse momento. Quase três semanas se passaram, e apesar de mais magro, Mauricio continua lindo; embora o olhar que tanto amo esteja triste e sem cor.

Um silêncio constrangedor paira entre nós e nossos olhos parecem decifrar tudo o que cada um esconde, o que cada um sente.

— Ele é um ótimo cão. Meu melhor amigo. — o nervoso em sua voz é palpável e um sorriso forçado demonstra que ele não sabe o que dizer.

— Era você, não era? — praticamente afirmo ao soltar o cão e expirar o ar com força, enquanto ele parece forçar uma memória perdida em algum canto da sua mente. — No dia que socorreu Davi, eu sabia que já o tinha visto em algum lugar, mas não conseguia lembrar qual. Há dez anos, no enterro de Miguel. — agora seus olhos brilham em entendimento. — Era você Mauricio. — concluo e ele não faz mais nada além de consentir num aceno.

Balanço minha cabeça de leve e foco meus olhos numa imensa roseira do jardim ao meu lado. Toco suas pétalas por um segundo e suspiro fundo antes de fazer as perguntas que não param de martelar em minha cabeça.

— Por que tudo isso Mauricio? Por que veio para Primavera, por que veio me encontrar? — disparo de uma vez e uma névoa sobrevoa seu olhar.

— Por que eu precisava saber se você e o Davi estavam bem. Eu queria ver com meus próprios olhos depois de todos esses anos Rebeca. — me esforço a ponderar suas palavras, enquanto ele se senta num dos bancos próximos a nós. Está tão esgotado quanto eu e então tenho que concordar com Vanessa, ele já sofreu muito também.

— Então tudo se resume a isso? À sua culpa? — a tristeza me invade e ele ergue seus olhos para ne fitar e em seguida, se levanta na minha direção, mas sem chegar muito perto. — Você o socorreu? Ou foi embora como tantos covardes que vemos na TV todos os dias? — minha voz sai num fio, e noto sua fisionomia se tornar ainda mais tensa.

— Vanessa o levou para o hospital mais próximo. — suas palavras me deixam irritada e estalo num misto de dor e indignação para ele.

— Foi tão covarde que nem assumiu a irresponsabilidade que fez. Eu nem tive tempo de me despedir dele – explodo com raiva, e ele me interrompe bruscamente não me deixando terminar.

— Eu estava desesperado Rebeca. – vocifera transtornado, enquanto fico atônita com tudo o que ouço. Tudo o que estava sufocado durante todos esses anos sendo exposto da maneira mais crua, deixando claro o que as marcas daquela noite causou a ele. — Eu só queria acabar com a minha dor, eu não pensei em mais nada, eu só... — ele pausa esfregando as mãos em seu rosto e descubro o quanto ele está destruído por dentro.

Não fui a única que pensou no pior depois de tudo. Não fui a única que passou pelo inferno. E decididamente não fui a única que perdeu algo de valor nessa estrada sinuosa que a gente chama de VIDA. Não consigo separar os sentimentos que se misturam em meu peito nesse momento e minha cabeça dói. Ambos estamos no mesmo barco.

— A única coisa que eu não esperava era me apaixonar por você, por que eu achei que não era mais digno disso. — vejo a fragilidade no seu tom, e uma dor atravessa meu peito por tudo o que aconteceu até aqui.

— Mas foi por culpa que veio para cá, não? Por que sentia remorso e de alguma forma queria se redimir de ter feito o que fez. — minha voz se eleva e só percebo que estou em meu limite quando o cheiro dele entranha em mim por ele estar tão perto.

— De início sim, mas depois... — ele pausa num lamento e ficamos os dois mudos, somente a nos olhar. — Sei que não posso voltar no tempo e consertar as coisas e Deus sabe o quanto o arrependimento me consumiu durante todos esses anos, e ainda me consome. — ele fala decidido e fico totalmente sem ação, enquanto continua. — Eu quero você Rebeca. É tudo o que eu quero — o toque das suas mãos em minha pele, faz meu corpo reagir e me censuro mentalmente por deixá-lo ter esse efeito sobre mim. — Eu preciso de você. — não posso ceder mesmo meu coração dizendo o contrário e me afasto dele numa fuga jardim afora. Mauricio me segue e me puxa pelo braço, enquanto tento sem sucesso me desvencilhar dele.

— Me solta Mauricio. Você não precisa de mim, precisa do meu perdão. — eu arfo ainda me debatendo. — Me deixa em paz. — ele não me larga e segura meus braços com mais firmeza, mas sem me machucar e impulsivamente soco seu peito numa atitude desesperada. Lágrimas começam a escorrer e minhas forças vão diminuindo à medida em que meu choro aumenta e sinto o aperto dele em meus braços ceder. Instintivamente ele me puxa contra o seu peito e agora choro copiosamente, enlaçada em seu abraço.

Desistimos da nossa batalha de culpas e ficamos assim por tanto tempo, que minhas pernas começam a doer. Mesmo tentando lutar contra, seus braços ainda são o melhor lugar que prefiro estar.

— Entendo que não queira me ver mais, entendo que me odeie. Mas nunca duvide do meu amor por você e pelo Davi, Rebeca. Vocês são tudo o que me restou. — sua voz quebra numa dor visível e afasto meu rosto do seu peito, apenas para fitá-lo. E é nesse mar brilhante que encontro a paz que

tanto almejo. Que amo. Penso no quanto tudo isso é injusto, e diferente de pouco tempo atrás, ele não me impede mais de se afastar do seu abraço.

Quero resgatar o que se perdeu, colar o que se partiu, mas sei que não sou capaz disso agora. Talvez nunca seja. Não quero o mau dele, eu não o odeio, embora a mágoa; e a raiva ainda esteja em meu íntimo. Não suporto vê-lo longe, mas me dói ainda mais tê-lo perto e me encontro sem uma saída para a peça que a vida me brindou no grande palco em que todos nós precisamos atuar. No entanto, nunca me dei bem sob os holofotes.

— Não posso dar o que você espera agora, talvez nunca possa; Mauricio. Mas não vou conseguir viver assim, entende o que quero dizer? — minha voz sai num lamento e ele apenas consente com a cabeça baixa.

Nesse instante, somos dois corações despedaçados, que não conseguem se curar. Dois barcos sem vela, simplesmente à deriva, sem uma direção certa ou alguma esperança de resgate, por que não há nada que possa nos colocar no caminho de volta. Nossa única bóia de salvação é o tempo. Esperar que ele amenize a dor, que ele acalme a alma e que remende o coração. É a única porta de emergência que consigo encontrar e é nela que pretendo me agarrar até não se ter mais para onde ir.

— Oi Camila. — indago após ver o número no celular que toca insistentemente e me sinto em alerta assim que ouço o tom apavorado em sua voz. — Mila se acalme, o que houve? — Mauricio se planta do meu lado e apenas no olhar percebe que algo está muito errado. — Chego aí logo. — encerro a ligação e tento ordenar meus pensamentos quando ele toma meu rosto em suas mãos.

— Hei! O que houve? — sua voz é mansa e rapidamente a umidade aparece em meus olhos pelo o que me aflige, embora ainda permaneça calada.

— Rebeca fala comigo. — ele pede mais uma vez e agora as palavras saem numa enxurrada louca entre desespero e choro.

— Davi fugiu do colégio Mauricio. Camila foi buscá-lo e ele simplesmente sumiu.

— Tudo bem, tudo bem. Preste atenção. — ele puxa meu rosto para encará-lo e fixa seus olhos nos meus com seriedade. — Procure se lembrar. Para onde ele poderia ir? — forço minha mente a trabalhar e lembro quando Ester o levou até um parque não muito longe de casa e Davi não queria mais sair de uma gruta, que mais parecia uma toca gigante. Voltamos lá algumas vezes depois da morte de sua avó, mas já faz tanto tempo que nem sei mais se

lembro do caminho.

— Eu sei onde ele está. — solto enxugando as lágrimas, enquanto Mauricio tem uma expressão confusa.

— Onde?

— Eu preciso ir, eu preciso levar meu filho de volta para casa. — afirmo sem respondê-lo e Mauricio me segue em passadas largas até chegarmos ao carro. Ele me convence a deixá-lo dirigir e mesmo contrariada me sento ao seu lado no carona. Mesmo com toda essa confusão de sentimentos, toda a mágoa entre nós, me sinto segura de tê-lo ao meu lado nesse momento.

— As coisas não vão mudar entre nós Mauricio. Sabe disso não é? — indago seriamente, enquanto ele liga o motor e me fita tristemente sem nada falar.

Tento ligar novamente para Camila, mas não há sinal de rede e fico ainda mais aflita. Mil coisas passam em minha mente ao mesmo tempo, mas não consigo entender o que pode ter acontecido para que meu garoto quisesse fugir da escola. Uma chuva torrencial começa a cair e em pouco tempo encontramos pontos de alagamentos pelo caminho. Levamos mais de uma hora para chegar aos limites da cidade e um pouco mais de 50 metros à frente, encontramos uma enorme barreira policial.

— Desculpe pessoal, mas precisam voltar daqui. Essa parte da via está toda encoberta de água e temos deslizamentos em vários pontos à frente. Peço que façam o retorno e sigam pela estrada de atalho pela fazenda dos Alperes. — o policial rodoviário explica, mas só registro a parte em que deslizamentos e pontos alagados foram citados. Davi não conhece muito a área onde se localiza a gruta, mas sei que num temporal como esse o terreno se torna escorregadio e perigoso. Uma torrente pode deixá-lo encurralado e sofrer um acidente nesses casos pode ser fatal.

Mauricio me fita com apreensão e assim que o homem se afasta um pouco, sussurro com aflição.

— Precisamos seguir adiante Mauricio. – meus olhos praticamente imploram por uma ação e o acompanho manobrar o carro para que possamos fazer o retorno. Ele me fita seriamente, enquanto a chuva aumenta ainda mais.

— Sabe chegar até onde ele está? – mesmo não tendo certeza, confirmo num aceno com a cabeça e enterro meu rosto entre minhas mãos com preocupação.

Se não morri antes pela falta de Miguel, posso afirmar que é melhor prepararem minha lápide, por que se algo acontecer com Davi, não terei mais pelo o quê viver. Eu só preciso chegar até meu filho e mantê-lo em meus braços, sabendo que ele está bem e seguro. Mauricio parece ler meus pensamentos e a angústia que me consome se dissipa um pouco quando sinto sua mão segurar a minha com firmeza. Ergo meus olhos para fitá-lo e o brilho e o apoio que tanto me confortam estão bem diante de mim.

— Não se preocupe. Vamos trazê-lo de volta para casa ok? – suas palavras me dão força e um risco de sorriso cruza rapidamente pelos meus lábios. Nada mais importa agora a não ser encontrar Davi e voltarmos para nossa vida de antes. É só o que anseio agora.

Capítulo XIX - Correndo risco

Longos minutos se passam e uma onda de pensamentos ruins se quebra em minha mente como as ondas que batem com força nas rochas, despedaçando-as pouco a pouco. É exatamente assim que me sinto.

Minhas forças estão sendo minadas pela angústia, quando reconheço a pequena trilha que pode nos levar até onde é preciso. A chuva diminuiu um pouco, mas o solo está encharcado o suficiente para ceder e ser uma armadilha para os mais descuidados em andar por ali.

Salto do carro e abro o porta-malas numa procura frenética por algo que possa ser útil na situação em que nos encontramos. Já está escuro, e frio, qualquer quinquilharia que Camila guardar e servir de ajuda, será mais que bem vinda.

Mauricio se planta ao meu lado e ameaça um sorriso quando encontro uma lanterna e um casaco grosso para chuva no meio de galões para armazenar gasolina e outras coisas que não me dou ao luxo de verificar por hora. Ligo a lanterna, mas ela parece estar com mau contato devido ao tempo sem uso e a tensão me consome conforme observo que o tempo não corre ao nosso favor. Cada minuto que passa a mais para acharmos Davi, pode significar menos chance de encontrá-lo bem e meu peito aperta.

— Mas que droga! — solto um rugido de raiva, por não ter como iluminar o caminho que se estende mata adentro e fico impaciente. Sei que devo ser otimista, mas meu coração de mãe não consegue processar nada com normalidade e as coisas só ajudam a piorar meu estado de nervos.

Mauricio toma o objeto das minhas mãos e segue até o painel do carro, enquanto o acompanho aflita. Coloco o casaco sobre meu corpo e vejo com curiosidade, ele tirar o tampo do acendedor de cigarros e fixá-lo no bocal da lanterna, fazendo um gatilho manual. Mais uma vez depois de tudo ele permanecia ao meu lado. Não evito pensar o quanto ele havia se feito presente quando sempre precisei de apoio, e involuntariamente sinto nostalgia dos nossos momentos.

Em poucos segundos, um feixe de luz ocupa o espaço em que estamos e sorrimos um para o outro por um instante por termos como procurar meu filho. Deixamos o pisca alerta do carro ligado e juntos nos embrenhamos pelo local adentro na esperança que tudo termine bem.

O chão escorrega entre nossos pés numa lama grossa e embora relutante no início, já não posso recusar a ajuda de Mauricio para me locomover sem ficar presa. Ele evita me tocar além do necessário e o clima entre nós ganha um ar de constrangimento, embora eu observe o cuidado que ele tem comigo.

— Davi! Davi! – grito a plenos pulmões e minha garganta começa a arder após a quinta tentativa. Não ouvir nenhum som além da chuva que continua a cair me apavora ainda mais, e Mauricio chama meu filhote como fiz ainda há pouco, me dando descanso nas cordas vocais. Imploro mentalmente para que Camila já tenha ligado para a polícia.

A barreira que encontramos pelo caminho era de outra jurisdição, e como burocracia em nosso País é lei, demoraria muito mais tempo entre uma autorização legal e a espera de alguma posição da parte deles. Nossa melhor opção era chegar até aqui e ganhar tempo.

Paramos em silêncio por um momento e arfo precisando pegar fôlego. Acho que estamos mais perdidos do que pensei. Nós nos entreolhamos com pesar por tudo e antes que ele ameace falar algo, meu coração sobressalta com um som vindo de longe que ressoa em nossos ouvidos.

— Davi! – chamo mais alto, me movimentando entre os arbustos enquanto Mauricio me segue num passo apressado. A cada momento a voz de Davi vai ficando mais fraca e meu coração parece querer falhar por ainda não ter encontrado o local exato de onde ele está.

Seguimos mais alguns metros e de repente o ar me falta com a cena em minha frente. Davi está acima de uma árvore e um cachorro selvagem faz uma vigília sobre ele, numa expressão raivosa. O galho que ele se encontra não demonstra ser confiável e Mauricio me puxa para o canto do arbusto para que o cão não note a nossa presença.

— O que faremos agora Mauricio? Aquele galho não vai segurá-lo por muito tempo. – solto desesperada, enquanto ele força a pensar em algo com rapidez. Ele olha ao redor de onde estamos e ao voltar a me fitar, seus olhos são pura determinação. Tenho medo do que passa em sua mente agora e engulo a seco tentando manter minhas emoções no lugar.

— Me dê o seu casaco. – a confusão se apossa da minha mente e mecanicamente retiro a roupa, enquanto ele observa Davi de soslaio.

— O que vai fazer? – assim que entrego para ele, o observo enrolar o casaco no seu braço direito, e o pânico me abate ao saber exatamente o que ele pretende.

— Mauricio, por favor. — não sei se o agradeço ou tento demovê-lo do que planeja, mas mesmo sendo egoísta da minha parte, é a única oportunidade que temos nesse momento. Ele segura minhas mãos com força e seus olhos me passam a confiança em que acreditei desde o dia em que ele socorreu meu filho.

— Não se preocupe. Vamos ficar bem ok? — tento desesperadamente acreditar no que ouço e aceno afirmativamente, enquanto ele toma a lanterna das minhas mãos. — Precisa ser rápida e não pare de correr. Corra o máximo que puder Rebeca. — ele ordena e o observo sair do arbusto onde estamos, enquanto dou a volta no perímetro ao redor.

Mauricio se aproxima em passos lentos e o cão ameaça se retrair um pouco quando a luz da lanterna se fixa em seus olhos negros.

O animal dá mais uma olhada na direção de Davi e em seguida, ameaça alguns passos sobre Mauricio que mantém a lanterna sobre ele. Observo tudo atentamente e a chuva praticamente cessa, enquanto estou a poucos passos de onde meu pequeno está. Seus olhos azuis me fitam e observo o alívio de me ver brilhar num leve sorriso.

Antes que ele abra a boca, faço um gesto para que ele permaneça calado, enquanto ele acena com entendimento de volta; e ouço o rosar do cão se tornar mais forte agora.

De repente, o cão avança em cima de Mauricio e me apresso em ajudar Davi a descer da árvore. Os dentes do animal cravam no braço de Mauricio e ele cai no chão, enquanto grita para que eu corra com meu garoto. Embora a cena em si me assuste, preciso sair dali em busca de alguma ajuda ou todo o esforço dele terá sido em vão. Puxo Davi pela mão e corro com ele pela trilha à nossa frente, rezando para que o homem que se arriscou por nós, consiga se livrar do perigo.

Mais passos à frente, e um risco de luz ilumina no nosso caminho, fazendo meu coração amortecer aos poucos. Diminuo a velocidade com Davi e não seguro as lágrimas quando encontro Camila acompanhada de um comboio policial. Ela me abraça e imediatamente informo ao delegado sobre Mauricio. Minha amiga abraça meu filho com força e só penso agora em que condições Mauricio se encontra.

Longos minutos se passam e embora Camila tente me acalmar, um bolo se forma em minha garganta e o medo de não vê-lo mais abre um buraco em meu peito.

— Ele vai voltar mãe? — Davi me indaga num pingo de voz e o aperto contra minha cintura, beijando o topo da sua cabeça sem nada dizer. Simplesmente por que não sei o que dizer para ele, muito menos para mim. O calafrio se enraíza em minha espinha e só sinto um pouco de alívio quando observo o homem que amo mais do que imaginei, aparecer apoiado pelos ombros em dois policiais.

Ele anda com dificuldade e assim que se aproxima mais, Davi corre na sua direção e o abraça. Não posso condená-lo. Mauricio salvou a vida dele mais uma vez e jamais poderei ser contra isso. Ambos se aproximam de mim e Camila, e nos olhamos num nítido desejo de estarmos juntos. Ele tem um semblante feliz por ter meu pequeno em seus braços e dane-se tudo o que se passou até aqui. Preciso sentir seu corpo contra o meu e me certificar de que ele está realmente bem.

— Pensei que não o veria mais. — suspiro aflita, já pendurada em seu pescoço; e seus braços me apertam com força; me fazendo desejar não sair deles nunca mais.

— Estou aqui Beka. Eu disse que íamos ficar bem. – sorrio internamente pelas suas palavras e me afasto sem jeito, enquanto seus olhos indagadores estão sobre os meus.

— Obrigada. – solto por fim e dou uma rápida olhada em seu ferimento. Seu braço está intacto e um arranhão considerável marca seu tornozelo, mas não é tão profunda quanto pensei que seria ao vê-lo sendo apoiado pelos policiais. O delegado questiona se não queremos ir até o Postinho, mas agradeço toda a ajuda e comunico que cuidarei de Davi e Mauricio em casa. Assim nós fazemos.

Enquanto Davi se ocupa no banho, me ocupo de dar um jeito no ferimento de Mauricio. O clima entre nós é amistoso, mas constrangedor ao mesmo tempo. Limpo o local com cuidado, mas procuro ser o mais rápida possível. A proximidade com Mauricio me deixa sem saber como agir e não posso arriscar me perder entre os sentimentos em meu coração. Não aceito fraquejar.

— Obrigado. – ele sussurra assim que termino e antes que eu me afaste, ele me segura pelo braço, deixando nossos rostos quase colados, tamanho é a distância entre nós. Sinto seu hálito quente se misturar com o meu; e nossos olhos se perdem numa conversa muda, onde não é necessário palavras. Me sinto ofegante e apavorada, enquanto a situação para ele também não parece diferente. Ele contorna a mão em minha nuca a puxando para si e antes que me perca no meio dessa loucura toda, Camila surge na sala, fazendo-me retrair de imediato para o desapontamento dele.

— Desculpe, eu não queria interromper. – minha amiga joga sem graça, e remexo em meu cabelo nervosamente sem fitar Mauricio.

— Não interrompe nada Mila. E Davi? – indago num suspiro, enquanto ela alterna seus olhos entre eu e Mauricio; e leva ao menos dois segundos para me responder.

— Já está no quarto. Está reclamando que não consegue dormir.

— Eu vou lá. – sigo na direção das escadas, mas estanco no mesmo lugar ao olhar para Mauricio. — Quer vir? – sei que meu filhote ficará feliz de vê-lo, não tenho por que negar isso a eles. Mauricio caminha lentamente em minha direção e me segue com cuidado escadaria afora, até o quarto do meu pequeno. Um sorriso de orelha a orelha se forma em seu rostinho abatido e nós dois nos sentamos numa ponta da cama, deixando-o bem no meio de nós.

— E aí campeão? Como se sente? – ele indaga fazendo cócegas em Davi e meu garoto franze a testa após um curto acesso de riso. É tão mágico vê-lo assim, que eu faria qualquer coisa pela felicidade dele, isso é uma certeza.

— Estou bem. Mas não consigo dormir. Estou com medo de ter pesadelos. – eu e Mauricio sorrimos de lado e aliso seus cabelos com carinho, enquanto procuro entender o que fez com que ele agisse dessa forma. Apesar de algumas desavenças comigo por conta de certas regras, Davi sempre foi um ótimo filho e aluno dedicado; querido pela maioria dos seus colegas. Nunca me deu problemas, por isso preciso saber o que houve para que ele tomasse uma atitude extrema dessas.

— Amor, pode me contar por que decidiu fugir da escola? — peço com calma, e o observo abaixar a cabeça em sinal de vergonha. Não suporto vê-lo assim, mas preciso saber o que aconteceu para poder ajudá-lo de alguma forma. Ele permanece hesitante e Mauricio se pronuncia chamando sua atenção.

— Hey! Pode falar amigo. Ninguém aqui vai brigar com você. — ele completa ao me fitar, se certificando em meu semblante da garantia do que fala. Meu pimpolho se ajeita na cama e alterna seu olhar indeciso entre Mauricio e eu antes de falar.

— A festa do dia dos pais está chegando e um dos garotos fez piada por que eu disse que tinha um pai e agora que vocês não estão mais juntos, não tenho a quem homenagear. Eu faria um discurso. — ele murmura tristemente e rapidamente o abraço, beijando o topo da sua cabeça. Fito Mauricio por um momento e sinto o pesar refletido em seus olhos por toda a nossa situação. Não posso permitir que meu filho sofra mais por conta das minhas indecisões. Nunca permiti isso antes e não vai ser agora que as coisas vão mudar.

— Podia ter conversado comigo ao invés de fugir. Não é assim que se resolvem as coisas filho. — amenizo meu tom, enquanto ele cruza seus bracinhos entre o seu peito e volto a acarinhar seus cabelos.

— Eu sei mãe. Mas fiquei com vergonha. — faz um biquinho e não evito sorrir por um momento.

— Tudo bem, já passou agora. Só não faz mais isso Davi, ou sua mãe não agüenta viu? Promete? — ele acena em concordância e eu o ajudo a se cobrir — Dê boa noite para o Mauricio e vamos dormir mocinho. — argumento após beijar sua bochecha. Mauricio me imita, e beija o topo da cabeça dele, fitando meu menino no fundo dos olhos, na mesma doçura que consegue me colocar em seu bolso.

— Não importa o que digam, sempre serei seu amigo, seu pai ou qualquer outra coisa que precise que eu seja ok? — seu largo sorriso está lá, e Davi o acompanha num semblante reluzente. Me levanto e sigo até a porta, esperando por ele, que segue devagar até mim. Sua expressão é de dor, e mesmo ele recusando, me precipito a retribuir a ajuda de mais cedo, e descemos apoiados um no outro a escadaria. Sento-o cuidadosamente no sofá e ele sorri sem jeito, enquanto minha única ação é sorrir de volta com menos intensidade.

— Fique aqui. Já volto com algo para você dormir. — advirto-o com uma leve irreverência diante do fato que ele não pode ir muito longe e sigo até o meu closet para buscar um travesseiro e lençóis limpos. É só por uma noite e não acho justo mandá-lo embora nas condições em que ele se encontra. Não quero e não posso alimentar nada mais; além disso. Ao menos

é o que tenho tentado me convencer desde que fui encontrá-lo essa tarde.

Volto com as roupas de cama e ele sorri de lado agradecido, enquanto exalo por um segundo com o clima tenso que paira entre nós.

— Você está bem? – a preocupação soa carinhosa em sua voz e passo as mãos em meu rosto numa fragilidade visível, fazendo-o se levantar e se aproximar de mim. Eu finjo afirmar que estou bem, mas toda a adrenalina das últimas horas se vai; e a minha fortaleza racha diante dos sentimentos misturados em meu peito, fazendo as lágrimas aparecerem sem pedir licença.

Mauricio segura meu rosto entre suas mãos e enxuga as lágrimas com os polegares, enquanto não seguro os soluços que se fazem presente. Em segundos nossos corpos estão colados e abraço Mauricio tão apertado como se ele fosse minha última salvação no meio disso tudo. Seu cheiro se espalha em minha pele e quando nos afastamos poucos centímetros, estamos com nossos olhos presos um no outro num entendimento que só nós conhecemos.

— Obrigada por mais cedo Mauricio, obrigada por tudo. — atropelo as palavras de forma desordenada e sou surpreendida pelo gosto salgado da sua boca na minha, num misto de prazer, alívio e por que não dizer dor também. É uma dor que demonstra toda a saudade e a necessidade de estarmos juntos e embora tente resistir de imediato, desisto de lutar contra meu desejo de senti-lo nesse momento. Seguro seus cabelos com força e embora ele arfe num gemido por um segundo, não descola sua boca da minha e nos entregamos a um beijo voraz e urgente.

Mauricio ainda é o único homem que consegue me fazer sentir viva. Que consegue causar um turbilhão de emoções em meu coração e perto dele não consigo mais definir o que é certo do que é errado. Me sinto totalmente em descontrole, e nesse momento, nada importa. Desde que o tempo pare e possamos esquecer tudo o que nos fez sangrar até aqui. É nesse beijo que me perco e apenas sonho na possibilidade de nunca mais acordar.

Capítulo XX - Uma proposta cativante

Não sei quanto tempo esse mágico momento dura, mas assim que paramos para pegar um pouco de ar, somente o som ofegante das nossas respirações são ouvidas no ambiente. Mauricio cola sua testa na minha e mil coisas desconexas se passam em minha mente e no meu coração. O desejo mais que tudo, mas ainda não consigo colar os pedaços soltos dentro de mim, e me afasto rapidamente; fugindo dos braços que tanto anseio.

— Eu não posso Mauricio. Ainda não consigo. — o brilho em seus olhos se vai e ele exala com força antes de voltar lentamente para o sofá.

— Eu entendo Beka. — solta conformado, enquanto enterra seu rosto em suas mãos.

— Preciso te pedir uma coisa, e espero que possa cumprir. — digo vacilante e ele torna a me fitar por um segundo num claro pesar. — Quero que vá embora de Primavera. — ele engole a seco e observo o sofrimento estampado em seus olhos. Nunca pensei que dizer essas palavras me custaria tanto.

Sei que não tenho esse direito, mas não consigo mais lidar com a presença dele e não ter coragem de tocá-lo, de beijá-lo e essa tortura vai acabar me levando à loucura, por isso espero realmente que ele atenda ao meu pedido.

— Se eu for embora, não volto nunca mais Rebeca. — sua voz quebra e meu coração gela por dentro. Uma lágrima escorre em minha face e embora queira gritar, sufoco a dor e mantenho um semblante determinado pra ele.

— É exatamente o que quero. — as palavras engasgam para sair e acompanho lágrimas em seus olhos também. — Pode fazer isso? — completo num fio de voz, enquanto ele consente com a cabeça e solto o ar preso em meu peito, seguindo na direção da escada. No entanto, sua voz rouca chama minha atenção e por um momento tenho vontade de jogar meu pedido para o alto e me perder em seus braços.

— Tenho um pedido também. — estanco voltando meu olhar na sua direção e meu corpo todo treme na expectativa do que ele tem a dizer. — Prometo que vou embora, saio de vez da sua vida, mas antes quero que me ajude com algo.

— O que quer Mauricio? — indago voltando poucos passos na sua direção, numa expressão curiosa.

— Vai saber assim que voltarmos ao trabalho. Tudo bem? — ele sorri desapontado e mesmo sabendo que as coisas podem sair de controle, não deixo de aceitar suas condições num aceno. Embora triste, ele parece satisfeito e o silêncio se faz presente mais uma vez, até ele se pronunciar.

— Boa noite, Beka.

— Boa noite! — sussurro mais para mim do que para ele; e o acompanho se ajeitar no sofá e fechar os olhos. Posso estar sendo dura demais, mas só eu sei a guerra que travo internamente e sigo em passos apressados na direção do meu quarto antes que mude de ideia.

Jogo literalmente meu corpo sobre a cama e tento acalmar as batidas aceleradas do meu coração diante dos acontecimentos de ainda há pouco. Já não sei mais o que pensar e me censuro mentalmente por ter mandado ele embora depois de tudo. Em segundos, Camila se deita ao meu lado e ficamos as duas fitando o teto por um longo tempo. O silêncio começa a se tornar insuportável e sinto um enorme vazio em meu peito até a voz da minha amiga infiltrar em minha mente.

— Droga, Rebeca. Você o ama, acabou de cuidar dele, por que simplesmente...

— Por que não é tão simples assim ok? — a interrompo nervosamente ao fitá-la com pesar e continuo num tom transtornado para ela. — Faz ideia do que é olhar para ele e me lembrar do que aconteceu com o Miguel? Saber

que ele ainda poderia estar vivo se Mauricio não tivesse... – não consigo terminar e as lágrimas vertem como cascatas tomando o seu lugar e a voz de Camila sopra em meus ouvidos como se fosse uma brisa suave.

— Beka, tudo o que aconteceu é triste e trágico, sabe o quanto compartilho e sei da sua dor. Mas ela não vai passar, nem amenizar se não conseguir admitir os fatos. – franzo a testa para seu argumento e minha garganta arde, não sei se consigo perdoar Mauricio.

— Não posso perdoá-lo ainda Camila. Não sei se um dia poderei. – fito-a com dúvida e seu olhar é pura candura para mim.

— Mas pode se perdoar Beka. – suas palavras me pegam de surpresa e fico muda sem saber o que dizer, enquanto ela continua serena. — Você se culpa por ter se apaixonado por Mauricio desde que soube a verdade e não percebe que de nada vai adiantar perdoá-lo se você mesma não se perdoar. – ela beija minha bochecha antes de se levantar e sair do quarto me deixando com os pensamentos fervendo em minha cabeça. Não nego que ela possa estar certa, mas não quero aceitar essa realidade imposta a mim agora. Enxugo o resto das lágrimas que trilharam minha face e me ajeito na cama, esperando que o amanhã; me traga novas respostas para o furacão que se tornou a minha vida.

Os primeiros raios de sol são o suficiente para me tirar da cama, já que só tirei pequenos cochilos durante a noite. Passei horas remoendo o que Camila falou e me controlei ao máximo para não descer as escadas e simplesmente passar uma borracha nos últimos dias.

Sigo para o banho e coloco uma roupa confortável, agoniada por ter que enfrentar os olhos de Mauricio quando descer para o café. Faço tudo lentamente e quando finalmente apareço na cozinha, meu coração fica pequeno. Não há nenhum sinal dele e imediatamente me sinto incomodada por ele ter ido embora sem se despedir. *“Você o mandou embora, lembra?”* resmungo comigo mesma e penso que não era para ser de imediato.

— Ele disse que te espera no Postinho amanhã. – Camila argumenta com a boca cheia de cereal; e solto um leve suspiro me sentando ao seu lado na bancada.

— E como ele foi para casa? – indago tentando soar indiferente, ao colocar um pouco de café na xícara e minha amiga me sorri de lado ao se aproximar.

— Dei uma carona a ele.

— Ele falou alguma coisa? Deixou algum recado? – rodeio com

curiosidade, e Mila continua a sorrir sem parar.

— Só pediu para eu tomar conta de você. — a fito surpresa e limpo minha garganta sem graça, seguindo até a sala.

— E Davi? Já acordou? – mudo de assunto tentando fugir, e sorrio internamente por ele não ter ido embora de vez. Não ainda.

— Já sim. Está no quintal treinando. – dou uma olhada rápida pela janela, não por que desconfio da minha amiga, mas por que preciso ter certeza de que meu pimpolho está realmente bem, e sorrio pela disposição dele. Se não fosse por Mauricio, não sei o que poderia ter acontecido.

Espanto os pensamentos ruins ao girar minha cabeça para os lados e sigo até meu filhote, que abre um sorriso feliz na minha direção. Ensaio alguns passes no pequeno campo improvisado no quintal e alívio corre em minhas veias por tê-lo bem e seguro ao meu lado.

Passamos o dia num papo descontraído e por algumas horas, esqueço de Mauricio e todos os sentimentos que nos rodeia. Davi conta sobre o jogo comemorativo de aniversário do seu pequeno time e que voltou a ser o capitão da sua equipe. Sorrio orgulhosa pela novidade, mas logo me lembro sobre meu último encontro com Rico e me sinto um pouco desconfortável. Confirmo para meu anjinho que estarei presente e em seguida, noto seu semblante se tornar um misto de ansiedade e receio.

— O que foi Davi? – indago docemente

— O Mau pode vir? – não me admiro sobre seu pedido e embora não admita, me sinto feliz de poder mantê-lo mais tempo na cidade.

— Claro que sim. Se ele quiser, não vejo por que não. – beijo sua bochecha e ele parece satisfeito com meu argumento, enquanto Camila nos observa num sorriso de cumplicidade.

O resto do dia passou e junto dele chegou a noite, fazendo meu coração se agitar pelo o que Mauricio poderia me mostrar no dia seguinte. Não tinha a mínima ideia de como encará-lo e muito menos de como agir agora que as coisas estavam um pouco mais calmas.

Deixo Davi aos cuidados de Camila e sigo para o trabalho numa euforia contida pelo o que poderia vir pela frente. Após muitos dias de tensão, sinto como se um peso de toneladas fosse sendo lentamente retirado de cima dos meus ombros, e posso finalmente respirar mais aliviada.

Dona Cândida me cumprimenta num abraço sincero e Monica me sorri com simpatia, me fazendo sorrir de volta, de modo discreto. Assino meu cronograma como de costume e sigo pelo longo corredor que me leva até os armários. Me sinto feliz de estar de volta ao trabalho depois de tantos dias e um sorriso suave cruza meus lábios. Assim que fecho meu armário, encontro

o olhar de Mauricio cravado em mim. Imediatamente meu coração se alegra e meu corpo involuntariamente reage ao seu lindo sorriso.

— Oi Beka! Pode vir comigo? – ele pede me estendendo a mão e mesmo hesitante seguro nela, sentindo toda a força do que sentimos no entrelaçar de nossos dedos. Acompanho Mauricio até a sala de conferência e observo uma enorme maquete do que se assemelha a um anexo do prédio em que estamos.

— O que é tudo isso Mauricio? – indago fascinada, analisando cada parte da estrutura à nossa frente, enquanto ele começa a explicar.

— Isso é um Centro de Diagnóstico e Tratamento Infantil. Já conversei com o Dr. Paolo e consegui patrocínio com um grande grupo que vai ajudar a custear o projeto. – sorrio maravilhada e fico encantada com a generosidade de Mauricio.

— E por que precisa de mim? Já conseguiu praticamente tudo. — exalo devagar sem entender aonde ele quer chegar e sua proximidade me causa um calafrio na espinha.

— Preciso de uma diretora qualificada. Não imagino mais ninguém ocupando esse cargo e de quebra você me ajuda a finalizar tudo. Não acha que as crianças dessa cidade merecem isso? — a proposta de Mauricio é simplesmente irrecusável e ele sabe o quanto eu ansiava poder fazer mais. Seus olhos suplicam por uma resposta positiva e mordo meus lábios numa clara indecisão.

Não da minha escolha em relação ao projeto, mas do caminho que estava se desenhando em minha frente. Aceitar seu acordo, é o mesmo que aceitá-lo mais tempo em minha vida e o medo de me perder novamente piscava incessantemente em minha mente me deixando doente. Mas sabia que a decisão que eu tomasse mudaria meu futuro mais uma vez, eu só não sabia se queria realmente apostar nesse futuro imprevisível.

Capítulo XXI – Covardia

Uma calma se instala em meu conturbado coração logo depois que o sorriso de Mauricio se alarga com a minha decisão. Sempre foi um sonho poder criar algo que ajudasse as crianças de Primavera, muitas delas são tão pequenas e sem recursos para nada.

Agora, elas teriam um local só delas, sem precisar enfrentar horas de maratona para encontrar ajuda na Capital, e que muitas vezes não conseguiam dar continuidade a algum tipo de tratamento pelo custo ser tão alto e longo. Com um Centro de Tratamento aqui, tudo ficava mais fácil. As esperanças se tornavam maiores. A mesma esperança que eu via nos olhos de Mauricio agora.

Eu ainda não sabia ao certo distinguir os meus sentimentos em relação a tudo o que aconteceu em tão pouco tempo; mas era fato que a raiva e o rancor começavam a se dissipar como uma névoa densa e fria em dia nublado. Talvez o tempo realmente pudesse falar por nós. Talvez o futuro deixasse de brincar conosco e nesse emaranhado de mágoas e arrependimentos pudéssemos ter uma nova chance. Só talvez...

O tom entusiasmado de Mauricio me traz à tona de novo e observo em sorrisos espaçados, cada ideia que ele tem sobre o projeto. O espaço que tínhamos era suficiente e além do patrocínio do tal do grupo, seu amigo Michael Baker faria uma ótima contribuição e se encarregaria das partes mais burocráticas. Eu estava realmente fascinada e empolgada por fazer parte disso.

— É tudo perfeito Mauricio. Vai ajudar muita gente, acredite. — solto fitando-o de soslaio, ainda analisando a maquete diante de nós.

— Eu sei. — seu sorriso ilumina o ambiente e ele se aproxima de onde eu estou; deixando-me apreensiva. Ao invés de alguma investida, aponta na direção de pequenos núcleos na estrutura, enquanto minha atenção está fixa em seu rosto perfeito.

— Aqui será a ala da Psiquiatria, para auxiliar as crianças pós - tratamento — seus olhos brilham e a ternura deles me faz esboçar um sorriso, enquanto ele continua. — E ali, será uma ala de recreação, e finalmente, nosso Centro Integrado de Diagnóstico e Tratamento. — sorrimos juntos e nos

perdemos numa análise mútua, que se quebra tão logo ele suspira e retorna às explicações. Sei do esforço que ele está fazendo para não forçar um clima entre nós, e minha resistência já está quase no limite aqui.

— Ah, e não podia me esquecer do espaço para os funcionários, refeitório, vestiários e outras coisas necessárias. E aí? Gostou Beka? – indaga com euforia, na espera da minha resposta, e tento disfarçar o rebuliço de emoções que afloram em mim sem pedir licença.

Por que não tenho forças para derrubar minhas próprias barreiras e ao invés de jogar tudo para o alto e viver novamente, permaneço presa a um passado, que me derrota pouco a pouco e sei que daqui a algum tempo, não sobrá mais nada.

Admito que Camila tenha razão. Preciso me perdoar, mas não sei como. Não sei por onde começar e apenas a impotência de não tomar as rédeas da minha vida, se acomodam em meu coração. Tenho que encontrar um jeito de mudar o placar, mesmo o tempo não estando ao meu favor agora e espero que Mauricio não veja através do escudo que tento desesperadamente manter em guarda.

— Eu adorei. Sério, Mauricio. Está perfeito. – digo admirada e ele tem o sorriso mais largo que já vi; desde que nos conhecemos. Passeio meus olhos ao redor de cada cantinho do projeto e me prendo num pequeno local, ao lado do que parece ser um pequeno jardim. — O que é isso? – aponto curiosa e me dou conta do quanto ele está próximo ao sentir o cheiro do seu perfume adocicado, e outra vez me deixo divagar, mal prestando a atenção no que ele fala.

— É uma capela. Achei bom ter uma, precisamos ter um pouco mais de fé, não desistir... – ele engole a seco, cerrando seus dentes e desvio meu olhar do seu por que não quero um motivo para nos ferirmos mais do que já estamos machucados.

Me afasto alguns passos dele e Mauricio se retrai quase de imediato. Exalo com força e um sorriso amarelo se fixa em meus lábios, sabendo que a vida de muitas pessoas pode mudar, inclusive a minha, mais uma vez.

Uma batida na porta interrompe o jogo de olhares entre Mauricio e eu; e Monica se desculpa sem graça, antes de avisar que Dr. Paolo precisa conversar conosco. *Salva pelo gongo Rebeca*, o pensamento passa pela minha mente como um raio e me apresso a seguir minha colega, enquanto Mauricio me acompanha.

Dr. Paolo é um senhor magro e de cabelos quase sem as marcas da

idade, mas já com mais de trinta anos de profissão, e desde que cheguei à Primavera, sempre foi muito atencioso comigo e meu filho. Sempre vi nele algo parecido como um pai, e logo assim que me formei, seus conselhos e ajuda foram primordiais para chegar onde me encontro hoje. Sento numa cadeira de frente para ele e Mauricio ao meu lado, enquanto o simpático senhor, tem um sorriso satisfeito no rosto.

— E então Rebeca? O que acha do nosso mais novo projeto? – ele entrelaça suas mãos sobre a mesa e relaxa as costas em sua cadeira confortável, enquanto expiro com força, diante de seu olhar atento.

— É um sonho Dr. Paolo. Essa cidade merecia isso. – respondo sincera.

— Concordo Rebeca. Tenho certeza que seremos bem sucedidos. – seu sorriso se torna mais contido agora, e observo uma seriedade tomar conta do seu semblante para nós. Ele retira um papel de sua gaveta e fito Mauricio de soslaio, tentando decifrar o que vem pela frente, mas ele se encontra igualmente sério. Um gelo inexplicável começa a correr em minhas veias e por um momento me sinto inquieta de estar nessa pequena sala, sem saber o que vai acontecer. Dr. Paolo assina o papel e em seguida o estende para Mauricio, que nem se dá ao trabalho de ler, assinando-o de uma só vez; deixando-me ainda mais intrigada.

— Bom. Agora que resolvemos tudo, eu preciso explicar algumas coisas. – me viro para fitar Mauricio nos olhos e não encontro nenhuma resposta que me ajude a entender o que está se passando, apenas a tristeza está impressa ali e me sinto queimar por dentro.

— Rebeca, o nosso amigo Dr. Mauricio assinou sua dispensa do Postinho. Como ficou todos esses dias sem poder vir ao trabalho, resolvi explicar pessoalmente sobre as mudanças na equipe, ao invés de ficar ouvindo burburinhos por aí. – o médico argumenta, mas minha mente não processa mais nada além da certeza real de que Mauricio vai embora. Sei que fui eu quem pedi, mas algo dentro de mim ansiava para que ele insistisse mais. Para que não desistisse. Talvez meus temores mais profundos estivessem certos e no fim, Mauricio apenas se aproximara de mim para tentar amenizar a culpa que sentia. Não havia sido nada além de uma ilusão.

— Rebeca, você está bem? – a voz do senhor me desperta e disfarço minhas emoções num aceno afirmativo, enquanto Mauricio pode ver nos meus olhos o quanto a situação em si, me abala. — Então, mãos à obra com o anexo e assim que conseguir alguém para substituir nosso amigo, eu farei um aviso ok? Podem voltar ao trabalho e obrigado pela colaboração de vocês. – a

conversa é encerrada e levo dois segundos para me levantar da cadeira e sair porta afora, sendo acompanhada por Mauricio.

— Achei que só fosse embora depois de concluirmos o projeto. — cruzo os braços defensivamente e ele me olha transtornado.

— É o que pediu não foi? — retruca impaciente e sinto uma dor bem na boca do estômago com suas palavras. Estou numa enorme confusão e minha boca se contorce numa fragilidade palpável sem saber como reagir. Ele exala com força num semblante cansado e sei que estamos ambos esgotados, lutando sem mais motivos. Nossa guerra não tem nenhum vencedor, além das perdas. Agora vejo isso com clareza e a realidade me aflige.

— Vou estar na enfermaria, se precisar de mim... — seu tom é sério, e antes que ele se afaste muito, não consigo refrear minha indecisão.

— Mauricio? — peço quase numa súplica quando ele se vira para me encarar. Abro e fecho a boca várias vezes, mas não consigo fazer as palavras saírem, simplesmente por que engasgam na garganta e me sinto sufocar por elas. É como se a dor de não tê-lo, mesmo ele estando perto me rasgasse por dentro e não tenho forças para mudar isso.

— Eu sei Rebeca. Eu sei. — a amargura soa na sua voz e o observo sumir pelo corredor, enquanto suspiro profundamente, procurando me acalmar. Nada mais parece fazer sentido e a única coisa que penso é em sumir por longas horas, sem ter com o que me importar. Mas não posso.

Sigo em passos lentos até o meu setor, e um sorriso sincero se apossa dos meus lábios, ao encontrar uma linda garotinha sentada no colo da sua mãe, na sala de espera. Estava com saudade dessa proximidade com meu trabalho e assim, concentro-me em cumprir minhas tarefas, na esperança que a tempestade que está em meu coração dê lugar a um lindo arco-íris no fim do túnel. E desse jeito, o resto do dia passa e somente a sensação de impotência permanece presa ao meu peito.

Já estou cansada e de saída, quando a surpresa e o pavor me atingem ao dar de cara com Rico adentrando as pressas pelo Postinho e Camila desacordada em seus braços. Ela tem machucados por todo o corpo e seguro as lágrimas que brotam em meus olhos, ajudando-o a carregá-la para dentro.

— Meu Deus! Camila! — solto em desespero, enquanto ela murmura algo, mas não consigo ouvi-la e rapidamente uma maca surge conduzida por Mauricio que averigua a situação.

Ela é levada para a enfermaria e desmorono num choro compulsivo, enquanto ele me abraça e fíto Rico de soslaio. Ele não seria capaz disso, seria? Minha mente fica confusa depois de seu comportamento comigo e só rezo para que nada mais grave tenha acontecido a ela.

— O que houve Rico? Por que ela está assim? – peço angustiada, enquanto a palidez toma conta de todo seu semblante, e vejo o quanto seu corpo todo treme.

— Eu a encontrei assim na estrada Beka. No meio fio. Alguém a deixou lá.

— Quem, Rico? Você o viu? Sabe quem é? – minha voz se altera e o observo balançar a cabeça negativamente. Sei que não devemos julgar as pessoas, mas nesse momento não controlo as emoções que estão à flor da pele e não me preocupo com a forma que posso ser entendida. — Você não ousou... – sou interrompida de bate pronto.

— É claro que não Rebeca. Sei que não fui o homem mais correto com você, mas nunca te faria mal, muito menos a Mila. – a repulsa emana em seu tom de voz e imediatamente me desculpo pelo o que disse. Só quero que minha amiga fique bem.

— Fique aqui. Eu vou ver como ela está. – Mauricio diz ao se afastar, mas seguro sua mão com força, o impedindo de seguir adiante.

— Quero ir com você.

— Seu estado vai atrapalhar mais do que ajudar Rebeca. – rebate com convicção, mas não desisto.

— Vou com você. Ela precisa de mim lá. – digo firme e juntos seguimos até a enfermaria.

Meu coração está aos pulos e minha boca está seca pela apreensão. O aperto forte da mão de Mauricio na minha é a única coisa que me mantém de pé para continuar, e seus olhos são a confiança que preciso para não cair diante de Camila quando entramos na enorme sala.

Ela está dormindo, sedada; e com alguns equipamentos acoplados em seu corpo, tal qual um acesso para medicação. Seu rosto tão lindo está pálido, seus braços com ataduras e seu pescoço com uma linha arroxeadada que não consigo distinguir se foi feita por mãos ou qualquer outro tipo de objeto.

A cena em si me abala e minha cabeça gira como se acabasse de sair de uma montanha russa. Mauricio me segura pela cintura e me senta em uma poltrona, enquanto outra vez não consigo evitar que as lágrimas caiam como se fosse uma enxurrada. Como alguém pode ser tão cruel assim?

— Hey! Ela vai ficar bem ok? – ele diz enxugando minhas lágrimas.

— Como alguém pode agir assim Mauricio? Camila nunca fez mal a ninguém, ela não merecia isso. – solto entre soluços espaçados e algumas fungadas, tentando recuperar o fôlego.

— Eu sei. Ninguém merece Rebeca. – sua voz é doce e ele tem razão. Nenhuma mulher merece passar por isso, não importa a situação. Dr. Paolo entra na sala e seu semblante preocupado me faz levantar num impulso e a espera do que ele tem a dizer me corrói a mente.

— Rebeca, eu vou ser direto ok? – aceno em concordância e Mauricio se mantém ao meu lado. — Sua amiga foi violentada e espancada como pode ver. Agora ela está fora de perigo, mas quem fez isso teve a intenção de dar um fim nela, ela quase morreu asfixiada. – levo minhas mãos à boca e sinto ânsias pelo que ouço.

— E a polícia? – Mauricio questiona e volto meu olhar para observar minha melhor amiga deitada na cama e meu coração dói.

— Já foi avisada, mas só poderá fazer alguma coisa quando ela acordar e contar o que houve.

— Obrigada. – sussurro para o senhor que tem o semblante tão comovido quanto o meu e quando ele passa seus olhos na prancheta, sei que algo ainda está errado.

— Tem mais uma coisa Rebeca. Precisei retirar o útero dela. Ela não vai mais poder ter filhos. – fecho os olhos num lamento e lembro-me dos planos que ela fazia para ter um bebê.

Há algum tempo ela vinha com a ideia de inseminação artificial e apesar de não achar ser a melhor forma de se criar um filho, simplesmente a apoiei na decisão que ela queria tomar. Agora esse sonho estava perdido, totalmente acabado. Nossas circunstâncias mudam no tic tac de um relógio e todo o tempo que julgávamos ter se perde em questão de segundos.

Dr. Paolo se vai e passo meus braços ao redor do meu corpo, tentando aliviar o peso que se instalou em meus ombros e suspiro fundo sem saber o que dizer quando Camila acordar. Olho para Mauricio e tê-lo comigo nesses momentos é como ter uma âncora em terra firme. Nunca me senti tão segura com alguém, além de Miguel e mesmo não sendo justo conosco, me deixo ser enlaçada pelos seus braços novamente quando ele se aproxima, onde sei que nada pode me atingir.

Preciso reunir forças para encará-la quando ela acordar e nesse momento, o sentimento que nós dois nutrimos é o combustível que me mantém firme, mesmo não expondo o que luto para esconder mais uma vez.

Capítulo XXII - Doída na alma

Acordo de outro meio cochilo que tirei durante a noite; não consegui adormecer tranquila, e de hora em hora uma enfermeira entrava no quarto para dosar nova medicação para Camila. Ela saiu da enfermaria antes da madrugada chegar e antes de resolver ficar no Postinho, liguei para a família Ribeiro; pedindo que Davi pudesse dormir por lá. Não queria deixá-la sozinha, mesmo sabendo que ela seria bem cuidada.

Passei toda a noite enroscada em Mauricio, no sofá do quarto e procuro fazer o mínimo de movimento para não acordá-lo. Sua barba rala por fazer e sua pele macia me dava a visão de uma pintura de Michelangelo, de tão belo. Eu poderia passar horas a contemplá-lo que simplesmente não me cansaria disso. Sorrio sem jeito pelos meus pensamentos e embora me sinta tentada, me refreio de beijá-lo.

Como se um alarme soasse em seu coração, seus olhos se abrem e me pegam no flagra. Sei o quanto estou corada e um breve sorriso aparece em seus lábios, me deixando ainda mais sem graça.

Antes que alguma coisa seja dita, ouço um leve resmungo no ambiente e em segundos os gritos de Camila se propagam no ar, me fazendo dar um pulo em sua direção. Ela se debate em desespero e abraço seu corpo trêmulo, ninando-a como se fosse uma criança de colo.

— Shii...está tudo bem agora Mila. Eu estou aqui. Eu estou aqui. — sussurro em seu ouvido e apenas num gesto que faço, Mauricio sai do quarto nos deixando a sós. Seus soluços se tornam espaçados e mantenho-a embalada em meus braços, até ela se acalmar por completo.

Sempre admirei a força e determinação de Camila, mas agora a única coisa que sobrou foi uma mulher acuada, apavorada e traumatizada pelas últimas horas. Depois de tudo o que ela passou, não podia esperar outro quadro e subitamente uma dor se alastra em meu peito também. Ficamos mais alguns minutos assim e mesmo insistindo para que ela volte a dormir, não consigo convencê-la. O olhar que tanto confio se tornou vazio; e a dor e a vergonha, estampam seu semblante abatido onde só encontro tristeza.

Como é triste ver quem a gente ama destruído e não poder fazer mais nada para remendar o que se partiu.

— Eu voltava para a escola depois que fui até Lagoinhas, buscar algumas coisas para o Dia dos Pais, e assim começamos a decoração. — ela inicia devagar e afago seus cabelos com carinho, enquanto ela continua. — Meu carro passou em alguma coisa pontuda no meio da estrada e quando percebi que o pneu tinha furado, recebi o primeiro murro que me levou ao chão. — sua voz quebra e ela abaixa sua cabeça, evitando me fitar, enquanto meu coração fica pequeno pelo seu relato.

— A pancada foi tão intensa que levei alguns segundos para abrir os olhos e quando o fiz, dois homens fortes estavam ao meu redor, em expressões vitoriosas que me gelaram a espinha. — contraio meu maxilar com força e a agonia drena todas as minhas energias para me manter no controle dessa situação. Não é difícil imaginar o que veio a seguir.

— Tudo bem Camila, não precisa continuar amor. Não se não quiser ok? – argumento tentando minimizar sua dor, eu não quero que ela se sinta obrigada a relembrar, mas a necessidade de expor seus sentimentos é mais forte e ela ergue a cabeça para me fitar, balançando a mesma em negação.

— Eu quero contar Beka. Eu preciso, se não vou explodir. — sua voz sai carregada de desespero e raiva, que apenas seguro suas mãos com força em sinal de apoio e a observo suspirar fundo e seguir adiante.

— Fui arrastada até um matagal e levei mais socos e pontapés, intercalados de xingamentos e risos de desdém. *“Sei bem o que uma neguinha como você merece. Sei bem do que você gosta”* eles falavam com escárnio, enquanto eu apenas chorava e pedia para me deixarem em paz. – as palavras tremem na sua voz, mas ela não chora mais e sinto o ódio ganhando espaço pelas minhas veias com o “motivo” achado pelos canalhas para fazerem o que fizeram com ela. Preconceito. Não só pela cor da sua pele, mas por ela ser mulher. Alguém que não pode se defender quando pega de surpresa e de forma covarde.

— Acha que pode identificá-los? – evito pressioná-la e meu tom é o mais gentil possível.

— Não me lembro de ter os visto antes. Um deles tinha uma tatuagem no braço esquerdo. Era uma águia, eu acho. Não conseguia processar as coisas direito. – ela exala com força e ainda estou estática, esperando ela terminar.

— Quando as pancadas cessaram e eu já estava com o corpo todo dolorido, eu não podia mais escapar do que se formava em minha frente. Minhas roupas foram arrancadas e o primeiro deles não foi nada gentil, como pode ver. – seus olhos voltam a ficar marejados e me sinto rachar junto com ela, tamanha é a sua dor. — Depois o segundo veio participar da brincadeira e no fim, eu já não sentia mais nada além de torpor, vergonha e dor. Nunca fui tão humilhada em toda a minha vida Beka, nenhuma mulher merece isso, nenhuma mulher tem que passar por isso, seja ela branca, negra, ou de qualquer outra etnia ou descendência. – ela volta a chorar copiosamente e a abraço com força, enquanto lágrimas descem dos meus olhos também. Não sei o que poderia ser feito, mas eu não sosseitaria, enquanto não colocasse esses monstros na cadeia, levasse o tempo que levasse.

— Quando eles terminaram, achei que estava acabado de fato, mas o aperto em meu pescoço se seguiu assim que tentei me levantar. Ouvia risos e

novos xingamentos, e percebi que só havia uma maneira de escapar, então me fingi de morta e rezei para que nenhum deles me jogasse em algum riacho próximo, sei lá. Então, me arrastaram de volta para a estrada e o pouco de lucidez que eu tinha foi se perdendo e de repente tudo ficou escuro. – ela se afasta um pouco e enxuga a face com força, enquanto seco o rastro que ficou em meu rosto também.

Magda, uma das enfermeiras do Postinho entra para dar mais uma rodada de medicação, e fico pensando em como minha amiga vai reagir diante disso tudo. É tudo tão feio e cruel, que só o medo de Camila não aguentar mais do que já passou me deixa fraca. Magda avisa que em mais algumas horas, ela fará uma bateria de exames e que uma psicóloga estará com ela mais tarde. Camila acena conformadamente para todos os avisos e a enfermeira segura seu rosto já inchado pelas lágrimas com carinho.

— Isso vai passar meu anjo. Acredite ok? – suas palavras são carinhosas, mas cheias de pesar. No entanto, fico contente de não ser a única que se importa com ela, e um risco de sorriso cruza meus lábios quando Magda pisca em cumplicidade para mim. Ela se vai, e ajudo Camila a se recostar na cama, pondo travesseiros em suas costas, enquanto ela faz uma expressão de dor.

— Ouvi uma voz familiar quando meus sentidos colaboravam, sabe quem é? – pede outra vez mais calma e lembro que nem saí do quarto para dar notícias ao seu salvador.

— Rico te encontrou na estrada Mila. Ele estava apavorado.

— Só numa situação como essa para ele prestar atenção em mim não é? – acompanho o desapontamento em seu tom e tento de alguma forma amenizar o clima.

— Não faça isso com você Mila, eu vi o jeito que ele ficou e era bem mais do que uma simples preocupação. – ameaço um meio sorriso, mas ele desaparece tão logo ouço suas palavras.

— Não quero nenhum homem mais se preocupando comigo Beka. Nenhum. – diz transtornada; e apenas solto um “ok” mudo, enquanto ela fecha os olhos e parece relaxar um pouco.

Após alguns minutos ela adormece e saio do quarto com os músculos doídos, como se um trator tivesse passado por cima de mim. Minhas costas estão grudadas na porta e fecho meus olhos com força, tentando ordenar os pensamentos no lugar. O dia estava só no começo e meu desânimo apenas demonstrava o quanto ele passaria arrastado.

Quando finalmente encaro minha realidade, me deparo com os lindos olhos de Mauricio a me fitar, seu corpo quase colado ao meu. Exalo com força e não penso duas vezes antes de me precipitar nos seus braços e sentir o porto seguro que ele significa para mim.

— Como ela está? – nos afastamos por um pouco e nos sentamos no banco de espera do corredor.

— Se curando fisicamente, mas emocionalmente... eu não sei Mauricio. Tenho medo que ela surte a qualquer momento, tenho medo de tantas coisas. – suspiro esfregando as mãos em meu rosto e ele esbarra seu ombro no meu de leve, de modo solidário.

— Agora só o tempo vai poder ditar o que vai acontecer daqui para frente Beka. Ela vai seguir adiante, você vai ver – ergo minha cabeça para fitá-lo e concluo que há um duplo sentido na sua frase. Não é só sobre Camila que ele se refere, e sinto minhas bochechas queimarem, enquanto um clima tenso paira entre nós.

Sem controle das minhas ações, minha mão toca seu rosto de leve e Mauricio se precipita na minha direção. Nossas respirações se tornam ofegantes e vejo o desejo no mar esverdeado dos seus olhos quando nossas bocas estão a poucos centímetros uma da outra.

— Beka? – a voz de Rico nos tira do nosso mundo e me desvencilho de Mauricio num semblante embaraçado, enquanto o enorme homem à nossa frente tem dois copos de café nas mãos.

— Oi Rico. Não sabia que ainda estava aqui. – ajeito minhas roupas, enquanto ele estende um dos copos na minha direção e Mauricio demonstra certo incômodo.

— Passei a noite aqui. Queria notícias. – fala racional e limpo minha garganta para iniciar as explicações sobre o que aconteceu. Entre um gole e outro de café, observo as várias transformações que seu semblante sofre com o que conto e no fim, Rico esmurra um canto da parede e me assusto com o ódio que figura em seus olhos.

— Acalme-se Rico. Ela está sendo cuidada agora. – consolo-o tocando seu braço de leve e não percebo quando Mauricio se vai. Imediatamente um vazio me toma e me sinto mal por ele se sentir de alguma forma rejeitado.

— Acha que ainda posso ter uma chance com ela? – Rico indaga apreensivo e sinto compaixão pelo o que pode estar se passando em seu peito nesse minuto. Estava mais do que claro que ele se importava além da conta com ela, e mesmo sem saber em que momento Rico se apercebeu disso, não nego me sentir mais tranquila.

— Ela precisa de tempo e de paciência Rico. O resto vem depois entende? – meu tom é ameno e ele balança a cabeça em concordância,

enquanto observo o delegado da cidade adentrar no corredor.

O velho Freitas nos cumprimenta rapidamente e em seguida entra no quarto que Camila se encontra. Espero que qualquer pista que ela possa dar, seja o suficiente para ajudar nas investigações e colocar os dois covardes na cadeia; e que esqueçam a chave em algum lugar bem fundo onde nunca mais possa ser encontrada.

— Beka, eu quero me desculpar pelo o que houve no nosso último encontro. Eu estava cego e não levei em conta o que poderia causar de mal a você ou a qualquer outra pessoa. Perdoe-me, por favor. – sinto a sinceridade em seu tom e procuro não deixar as lembranças do acontecimento em si, me atingir mais. Era passado, e mesmo achando a atitude dele baixa e mesquinha, não nego desculpá-lo mais uma vez. Afinal, se ele não tivesse aparecido, não imagino o que poderia ter acontecido a Camila.

— Rico eu não quero o seu mal, nunca quis. Não sei se podemos voltar a ser amigos, mas o que posso dizer é que não quero ser sua inimiga ok? Vamos deixar o tempo correr e ver até onde as coisas vão nos levar tudo bem? – estalo francamente, enquanto ele concorda num aceno e saio corredor afora com mil coisas rodando em minha cabeça.

Passo pela cantina na espera de encontrar Mauricio, mas a decepção desponta em meu peito, quando não encontro nenhum sinal dele. Meu estomago reclama pela falta de energia e bato meu ponto de saída, ao me dirigir para casa. O interrogatório de Camila deve levar mais algumas horas, e aproveito o tempo para buscar Davi e me alimentar.

Agradeço aos Ribeiros pelo cuidado com meu pequeno, e não entro em detalhes sobre o estado de Camila com ele. Apenas explico que ela está doente e que precisa ficar no Postinho por enquanto, mas que em breve estará em casa conosco. Um sorriso inocente se forma em seu rostinho e assim que estaciono em frente minha casa, meu coração acelera.

Mauricio está sentado nos degraus da minha varanda e Davi corre na sua direção assim que salta do carro, ganhando um abraço apertado. Em meio a tanto sofrimento, não evito sorrir com a euforia que me consome por dentro e caminho na sua direção num passo determinado. Davi entra em casa como uma bala; e o semblante de Mauricio é pura expectativa para mim. O tempo é curto pra se viver e quebro as barreiras que se encontram em meu caminho, quando subo em um dos degraus, ficando da mesma altura que ele.

Nossos olhos dançam uma música silenciosa e seguro o rosto dele delicadamente, enquanto suas mãos macias se prendem em minha cintura, despertando pequenos choques elétricos pela minha pele. Nossas respirações se tornam pesadas e mordo meus lábios de leve antes de ter coragem para falar.

— Não me importa mais o que vai acontecer daqui em diante Mauricio, eu só tenho certeza de uma coisa: Não me deixe. – seus olhos marejam e seu largo sorriso aparece, demonstrando toda sua felicidade. Não quero mais pensar no dia de amanhã.

— Nunca Beka. Nunca. – ele ofega segurando meu rosto e em segundos nossos lábios se encontram como se fosse a primeira vez que nos beijássemos. O gosto doce da sua boca mata minha sede de ser dele novamente e a única vontade que tenho é beber desse rio a vida inteira, sem pensar em mais nada.

Estamos juntos, e só espero que o tempo seja nosso mais fiel amigo nesse caminho que decidimos trilhar. É a nossa chance, e só desejo que ela não deslize pelas nossas mãos. Nunca mais.

Capítulo XXIII - Tentando seguir.

Camila fez os exames necessários e após quase uma semana no Postinho, estávamos voltando para minha casa. Felizmente nenhuma doença foi detectada e após a denúncia feita ao delegado da cidade, a expectativa era de conseguir achar os responsáveis por tudo o que tinha acontecido.

Mauricio permaneceu ao meu lado o tempo todo e depois que nos entendemos, parecíamos ainda mais fortes, como se o enorme vendaval que nos assolava, agora não passasse de uma leve brisa em dia de calmaria.

Rico também se fez presente e mesmo tentando ser o mais gentil possível; minha amiga não lhe dava brechas. Nem com os vários buquês de flores que chegavam todos os dias, nem com as ligações que ele fazia. Mais de vinte, em quatro dias. Mesmo com o desapontamento estampado em seu semblante, ele continuava indo visitá-la e isso de alguma forma me tranquilizava.

Camila se limitou a poucas frases desde que saímos do Postinho e eu; procurava respeitar o seu momento. Assim que entramos em casa, o semblante dela se tornou mais tranquilo, enquanto Davi parecia que estava comemorando uma final de campeonato, tamanha era sua euforia. Mauricio o ajudou com alguns balões coloridos e uma imensa faixa de boas vindas; que deixou minha amiga emocionada, trazendo um pouco mais de vivacidade à sua postura apática, junto de um sorriso de gratidão.

Depois de tantas angústias, espero que essa temporada conosco possa aliviar um pouco seu coração, embora todos esses últimos dias ela não tenha esboçado nenhuma reação. Parece inerte e muitas vezes aérea de todo o resto. Fala pouco, e dorme menos ainda. Os pesadelos são constantes e é sempre uma luta nas horas seguintes para que ela possa tirar um cochilo. A psicóloga salientou que isso é normal e que pode levar muito tempo para que as coisas comecem a se normalizar, mas muitas das vezes, eu ainda sinto temor pelo o que Camila possa fazer a si.

— Gostou tia Mila? — ela sacode de leve os cabelos de Davi antes de sorrir carinhosamente para ele, mas ainda sem muito entusiasmo.

— Claro que sim meu lindo. Como não amar? — o sorriso dele ilumina seu rosto e ela suspira meio extasiada com todo o aparato em minha sala. Sei

que ela está se segurando para não quebrar e puxo-a na direção do quarto, antes que as coisas saiam de controle.

— Agora sua tia precisa descansar mocinho. Ajude Mauricio a arrumar tudo ok? – pisco para eles, enquanto ambos iniciam a limpeza.

— Obrigada pessoal! – ela beija o topo da cabeça de Davi e acena de leve para Mauricio, seguindo comigo pelas escadas.

Enquanto ela se senta na beirada da cama, verifico se o banheiro está em ordem e aproveito para retirar qualquer tipo de medicação que possa estar ao alcance das suas mãos. A psicóloga conversou comigo enquanto Camila fazia alguns exames e foi muito clara ao afirmar que surtos emocionais são comuns em situações como essa e que manter qualquer tipo de perigo fora das vistas da minha amiga, seria uma maneira de evitar que ela se machucasse. Escondo tudo em uma enorme toalha que encontro no Box e sorrio sem jeito ao voltar minha atenção para ela.

— Se quiser tomar um banho ou só descansar Mila, você que sabe. – seguro o embrulho da toalha com força e ela parece ponderar toda a situação por um momento.

— Não queria te amolar com nada Beka, ainda mais agora que você e o Mauricio estão numa boa. – murmura cheia de pesar e noto mais um dos sintomas pelo ocorrido. Culpa. Como se culpasse por ter que me dar trabalho, ela mal sabe, que se eu pudesse a mantinha em minha casa para nunca mais sair.

Jogo o embrulho sobre uma cadeira e me sento ao seu lado, segurando fortemente suas mãos num consolo.

— Você nunca me amola Mila. Você é uma irmã para mim, sempre estarei aqui para você, já devia estar acostumada com isso. – solto num misto de reprimenda e cautela, enquanto ela me fita no fundo dos olhos.

— Desculpe, eu sei disso, mas é que... – exala pesadamente, procurando por forças e a abraço sem deixá-la terminar.

— Não tem mais nada. Vai ficar aqui até quando quiser ok? – sorrio quando nos afastamos e o fio de esperança que desejo que cresça em seu coração novamente, está pintado em seus olhos castanhos.

— Eu sei. – diz revirando os olhos, enquanto beijo sua bochecha. Pego o embrulho sobre a cadeira e antes de sair do quarto, volto a fitá-la com determinação.

— Depois do Davi, você é a melhor coisa que me aconteceu Camila. Sei que é difícil, mas não se entregue ok? – seus olhos marejam e saio do quarto desejando que ela leve isso como um incentivo para seguir adiante.

Após algumas horas, estamos todos jantando ao redor da mesa, num clima leve. Camila se esforça para se manter presente na conversa que Davi inicia sobre as finais do campeonato, mas sua fisionomia se torna tensa quando meu pequeno menciona sobre a proximidade da festa do Dia dos Pais, e ela simplesmente trava.

— Mau você vai não é? É daqui a dois dias – seus olhinhos brilham e Camila deixa o talher cair ao chão com a simples menção do assunto.

O clima fica tenso, e minha amiga não consegue nem mesmo manter seus olhos em nenhum de nós. Sua mente parece vagar para algum lugar distante, onde nada possa desencadear de novo as lembranças que provavelmente estão a corroê-la nesse momento e rapidamente penso numa maneira para tentar contornar a situação.

Nunca sabemos nossos próprios limites, nossos medos reais até que nos confrontamos com situações que exigem o máximo de nós. Nossa sanidade pode ficar comprometida por um tempo e a realidade e os temores se misturam de tal forma, que se torna um ciclo que quanto mais você tenta sair, mais te mantém presa, refém de algo que não temos mais controle. É isso o que acaba por acontecer com minha amiga, e mesmo tentando fazer o melhor para amenizar tudo o que ela passou, não sei como ajudar mais.

— Filho, por que não mostra sua coleção de medalhas para o Mauricio? Tenho certeza que ele vai adorar. – peço quebrando o clima e meu pequeno me atende puxando Mauricio pela mão, que apenas acena para mim, cúmplice de toda a situação.

— Você está bem? – olho para minha amiga com preocupação, e embora transtornada, ela acena afirmativamente.

— Preciso voltar ao trabalho. – ela solta afobada e continua como se fosse uma fobia descontrolada — Preciso ocupar a minha mente. Preciso...eu preciso... – as palavras somem e percebo o quanto ela treme. Seu estado emocional ainda está mais do que abalado.

— Hey! – digo suavemente, levantando seu rosto para me fitar. — Vai ficar tudo bem Mila. Amanhã você vai voltar na psicóloga, terá um cronograma para se organizar e saberá lidar melhor com isso tudo ok? Eu estou aqui amiga e prometo que tudo vai dar certo, tudo bem? – ela acena

com tristeza e meu tom se torna mais firme, mas ainda suave. — Vamos superar isso Camila. Juntas ouviu? — puxo-a num abraço apertado e seguimos escada acima até os quartos.

Depois de longos minutos para se acalmar, Camila adormece e sigo até o quarto de Davi. Ele e Mauricio retomaram sua partida de xadrez e os observo da porta, enquanto dessa vez, meu lindo doutor dá a volta por cima na jogada, deixando meu menino totalmente embasbacado. Pela sua surpresa, deve estar se perguntando como Mauricio se tornou tão astuto desde a última partida deles e sou pega no flagra depois de não conter um sorriso.

— Mãe, o Mau aprendeu diretinho você viu? — indaga com euforia, guardando o tabuleiro, enquanto o lindo sorriso dele aparece.

— Vi sim meu anjo. Esse doutor é muito esperto. — sorrio ao abraçá-lo e em seguida ele estica o outro braço para que Mauricio se junte a nós. Ele hesita dois segundos ao me fitar como quem precisa de um consentimento e após um sorriso de lado cruzar meus lábios, ele se deixa envolver pelo abraço do meu garoto. Não nego a sensação gostosa de estarmos todos assim e finalmente acredito numa pequena luz que se apresenta para mim devagar.

Depois de colocar Davi para dormir, Mauricio me acompanha até meu quarto e me recosto em seu peito, tão logo nos ajeitamos na cama. Ele passou a dormir aqui e já não sinto o desconforto que se seguia anteriormente, mas a mesma segurança que tanto senti falta quando estávamos separados. Ele acaricia meus braços e exalo com cansaço, temendo o que pode vir pela frente em relação a tudo o que tem acontecido.

— Quando estive num abrigo improvisado para refugiados na Índia, o que mais acontecia infelizmente eram esses tipos de casos como da Camila. No entanto, a situação era ainda mais caótica. — suas mãos se entrelaçam nas minhas e uma pontada aperta meu peito por tantas mulheres passarem pelo mesmo tormento todos os dias.

— Acha mesmo que ela consegue superar? — o medo da resposta me consome, mas preciso ter uma margem de possibilidades e nada melhor do que a opinião de quem já viu isso de perto. Mauricio se mantém calado por alguns segundos, então me viro para fitá-lo no fundo dos olhos, e sua expressão é pura dúvida.

— Eu não sei precisar isso Beka, eu quero mesmo que ela reaja e siga em frente, mas essas coisas dependem de pessoa para pessoa. O mais importante é ela querer isso.

— O que quer dizer com isso? É claro que ela quer ajuda Mauricio. —

retruco um pouco chateada e ele argumenta seu ponto de vista de modo muito prático.

— Beka, desde que ela recebeu a psicóloga no Postinho que ela tem criado desculpas para não voltar nela. Ela está se fechando em copas e garanto, se ela não começar a se tratar as coisas podem ficar muito mais complicadas. — suspiro cansada e reviro os olhos num semblante derrotado, deslizando minha cabeça em seu tronco, enquanto ele beija o topo da minha cabeça.

— Não sei mais o que fazer Mauricio. Nunca pensei que algo desse tipo pudesse acontecer, e agora eu simplesmente não sei mais como ajudá-la.

— Se mantenha presente, incentive-a a continuar as consultas e principalmente, não a deixe sozinha. — levanto meu queixo para encará-lo e um frio corre em minha espinha por que sei que o que ele fala é verdade. Ficamos nos olhando por longos segundos, e me perco por um tempo no verde oliva dos seus olhos, que me analisa atentamente e passo as mãos de leve em seus cabelos, enquanto ele fecha os olhos, como se saboreasse esse momento calmo entre nós.

— Obrigada. — sussurro docemente e ele abre seus olhos, me fazendo perder o tino e não pensar mais em nada. — Por tudo. — nesse instante, não existe mais nada entre nós a não ser a junção das nossas bocas num beijo cheio de desejo e amor. É isso, essa chama que me mantém forte para enfrentar as batalhas.

Todo o meu caminho desde que conheci Mauricio é como se fosse um enorme bumerangue, quanto mais eu tentava voar para longe, mais as circunstâncias me traziam de volta para ele. Decidi não mais lutar e apenas deixar as velas desse barco me carregar por onde nossos passos nos guiarem. Não falamos mais sobre o passado e agora nada mais me importa a não ser seguir adiante. É um novo recomeço para todos nós, e é por ele que pretendo lutar.

Bônus Davi

Sempre ouvi desde criança que o maior tesouro que podemos ter em nossa vida é a família. Definitivamente eu amo a minha mais que tudo. Eu adorava as histórias que minha avó Ester contava antes de eu dormir e do chocolate quente quando fazíamos sessão cinema. Todos os passeios que fazíamos enquanto mamãe estava ocupada estudando para o vestibular, e até das vezes em que ela puxava minhas orelhas, todos eles eram momentos memoráveis, guardados com carinho no fundo do meu peito.

Eu ainda não entendia muita coisa quando ela se foi, mas a saudade que carrego no coração, sempre aperta um pouco mais quando pequenas comemorações são celebradas. O Dia dos Pais não era uma ocasião diferente. Por que ao contrário da minha mãe, minha avó sempre contava várias histórias sobre Seu Miguel e de certa forma era como se eu conhecesse um pouquinho mais dele. Às vezes a falta é tanta que choro sozinho, mas nunca deixo minha mãe ver. Nunca a culpei por não falar muito, acho que doía demais tocar no assunto da morte dele, e eu respeitava isso.

No entanto, não posso negar que sempre senti a falta de um pai. Alguém para falar sobre meninas, sobre minhas aflições da idade e embora gostasse de Rico, nunca o vi desse modo. Mas quando Mauricio apareceu, eu soube que as coisas seriam diferentes.

Em pouco tempo nos tornamos amigos e quando ele demonstrou mais do que o interesse comum de colegas de trabalho em minha mãe, tive certeza que ele seria o cara que sacudiria sua vida. Por isso resolvi ter uma conversinha com ele sobre as regras da casa. Ainda me lembro da cara que ele fez quando veio jantar aqui em casa. Não menti quando disse que Mauricio iria se arrepender se magoasse minha mãe. Mesmo que levasse alguns anos para que isso acontecesse.

— Pode se sentar ali Mau – eu dizia apontando para a borda da minha cama, enquanto cruzei os braços e tentei passar um semblante sério pra ele, que me fitava atentamente.

— Tudo bem. Pode começar. – ele sorriu nervosamente e franzi a sobrancelha por um momento, tentando descobrir o que de fato deveria falar. Fitei meus pés por alguns segundos e um silêncio se abateu sobre o meu quarto, me deixando extremamente sem jeito. Queria que ele soubesse de alguns limites, agora que estava praticamente namorando minha mãe, mas não queria soar bobo, ou criança demais.

— Davi! – sua voz chamou minha atenção e limpei minha garganta, demonstrando meu total nervosismo. Antes que eu iniciasse as primeiras frases, Mauricio adiantou-se, me pegando de surpresa. — Sei que está preocupado e tem toda a razão. Mas o que posso te prometer é que não quero brincar de casinha com sua mãe e você. Eu quero realmente que isso tudo dê certo, entende? – ele tinha tanta facilidade em analisar as pessoas que era praticamente impossível não gostar dele, e em segundos me vi sorrindo como se tivesse acabado de fazer um gol de placa. Eu confiava nele e isso já era um grande motivo para dar uma chance para a história deles dois. Ao invés de impor as regras que deveria, acabei alimentando as intenções dele e entreguei o ouro ao bandido.

— Você pode mandar flores para ela, toda mulher gosta de flores. E quando forem jantar fora, coloque um perfume com aroma de campo, mamãe adora esses cheiros. – digo com entusiasmo, e as mãos dele tocam meus cabelos num carinho e sinto uma leveza em meu coração, como se estivesse tendo a melhor conversa da minha vida com um amigo de verdade. Será que os pais de verdade agem assim? Não sei, só sei que adoro a companhia do meu mais novo amigo e se ele for esperto, não vai demorar a ganhar o coração da Dona Rebeca.

— Obrigado pelas dicas. Você é um garoto muito esperto viu? – meu

sorriso se torna mais contido e levanto as sobrancelhas ao fitá-lo numa clara advertência.

— Mas também sou muito protetor e como o homem da casa; vou logo avisando, que se pisar na bola com minha mãe, vai saber que posso ser esperto em encontrar pessoas também. E depois que eu te encontrar, é melhor rezar ok? – meu tom ameaçador é tão infantil, que Mauricio apenas ergue as mãos em rendição; e juntos rimos da situação em si, antes de descermos para o jantar.

Depois de amanhã é o meu discurso em homenagem ao Dia dos Pais, e mesmo não sabendo como é ter um, me sinto feliz de poder contar com Mau para esse papel. Eu ainda não disse, e acho meio estranho dizer isso para um homem; mas o amo como se fosse o meu pai de verdade. Talvez um dia eu tenha coragem para dizer, mas por hora me basta tê-lo sempre por perto. Embora ele e minha estivessem separados por um tempo, hoje estão juntos novamente. Tenho a sensação de sermos de fato uma família, e só desejo que possamos permanecer fortes e unidos, para enfrentar qualquer problema que venha pelo caminho.

Capítulo XXIV - No limite

— Vamos filho. Estamos atrasados. – grito já na porta do carro, enquanto Davi aparece sem a mínima pressa, de posse da sua mochila. Parece cansado e sonolento, mas desconfio que esteja muito nervoso para seu pequeno discurso de amanhã.

Olho de soslaio para Camila no banco do carona e observo como ela esfrega as mãos de modo incessante e vejo o quanto a proximidade da consulta a deixa nervosa. Algumas manias se tornaram constantes nos últimos dias, desde lavar as mãos mais de cinco vezes, como se não estivesse limpas o suficiente ou dormir com as luzes acesas.

Mauricio tem razão. Ela está apavorada de ter que voltar na psicóloga. Sua postura é tensa e mais uma vez seguimos em silêncio até a escola de Davi, enquanto divido minha atenção entre ela e a estrada. Davi dá um beijo em sua bochecha e em seguida se despede de mim, correndo na direção da entrada. Rico segue na nossa direção ao nos avistar e me surpreendo ao perceber o quanto minha amiga fica inquieta.

— Beka, vamos embora. – pede com urgência e seu desconforto se intensifica em questão de segundos.

— O que há Camila? Por que não quer ver o Rico? – argumento sem entender, enquanto seus olhos praticamente suplicam por uma saída.

— Só vamos, por favor. – ligo o motor após a sua insistência e antes que consigamos sair do lugar, Rico se planta ao lado da minha janela, com uma clara surpresa em seu rosto.

— Olá Beka. — sorrio um pouco embaraçada e os olhos dele migram de mim até Camila com desapontamento — Não sabia que havia saído do Postinho. — Ela o fita por alguns segundos e não é difícil deduzir que ela procura evitá-lo. Mesmo nas visitas, Camila aparentava estar sempre dormindo desde que Rico passou a visitá-la e nunca atendia seus telefonemas. Agora concluo que ela não queria mesmo vê-lo, só ainda não consigo entender o porquê.

— Desculpe Rico, estamos atrasadas. Nos vemos depois, tudo bem? — corto o que poderia iniciar uma conversa longa e tensa, enquanto o treinador parece ler meus pensamentos. Ele se afasta e saio com o carro, embora Camila ainda não me fite e não diga uma palavra. Tento entender seus motivos de poucos minutos atrás e procuro soar o mais compreensiva possível nas minhas palavras.

— O que deu em você Mila? Rico foi te visitar todos esses dias, ele esteve sempre presente. Achei que fosse o que sempre quis. — seus olhos são um misto de pesar e tristeza, mas suas palavras são duras como pedras.

— Não quero que ele tenha piedade de mim Beka. Não posso mais ser a mesma mulher de antes, não posso mais. — Sei que se confrontá-la agora será pior para o seu estado emocional, então apenas fico calada o resto do caminho sem pressioná-la.

Passamos pela recepção, e ficamos na sala de espera até que a psicóloga a chame. Mais uma vez a observo esfregar as mãos e tento acalmá-la ao tocar seu ombro de leve e acenar com um meio sorriso, num apoio pelo o que virá após ela entrar na sala. Ela parece relaxar um pouco e em seguida a porta se abre, revelando o sorriso amistoso da Dra. Angelina. Nós duas nos levantamos e seguro as mãos dela com força antes de falar.

— Vou até o Postinho, mas não demoro. Espere-me aqui, em no máximo uma hora estarei de volta para te buscar ok? – ela ameaça vacilar por um momento, então procuro ser mais persuasiva. — Preciso confiar em você Mila, promete que me espera? – fito seus olhos totalmente dispersos e ela acena timidamente com a cabeça em concordância. Dou um beijo em sua bochecha e a conduzo até a porta da sala. — Eu te amo. – concluo, mas duvido que ela tenha registrado o que acabo de dizer, tamanha é sua inércia.

Sigo até o Postinho na esperança que a conversa com a psicóloga seja proveitosa e que finalmente minha amiga possa começar a se movimentar por mais difícil que seja. Aceno pra D. Cândida que está na recepção e caminho até onde Mauricio se encontra.

Desde que iniciamos o projeto do Centro Integrado de Diagnóstico e Tratamento que passamos mais tempo ocupados com o andamento da construção e decidimos dividir nossa escala de trabalho no Postinho.

Nossos outros colegas foram generosos em cobrir algum tempo em que deveríamos estar clinicando, alguns deles são pais e sabem como pode ser difícil a maratona que muitas famílias fazem para achar tratamento adequado e dessa forma, formamos uma equipe que sempre estava em constante revezamento até as obras serem concluídas. Mauricio entrou em acordo com o Dr. Paolo sobre sua desistência do cargo e visto que não se tem ninguém interessado na vaga dele, por enquanto ele continua trabalhando como se nada tivesse acontecido.

Avisto meu namorado através do vidro de uma das salas e Mauricio mantém um semblante compenetrado, numa conversa com mais dois homens. Identifico o que pode ser um engenheiro e um mestre de obras, e assim que me vê, seu semblante se contorce num sorriso e ele caminha até mim. É sempre um consolo ter o gosto doce do seu beijo e seus braços firmes a me segurar a qualquer momento e apenas sorrio de lado numa careta cansada, quando nos afastamos um pouco.

— Como estão as coisas? – nossas mãos se entrelaçam e caminhamos em passos lentos pelo corredor até seu consultório.

— Indo devagar. Você tem razão, Mila estava amedrontada de ter que encarar a psicóloga. Na verdade só vim aqui para assinar uma observação no meu cronograma e ver se você estava precisando de algo. – encosto meu quadril na mesa da sala assim que entramos e ele me enlaça pela cintura, enquanto sinto o cheiro do seu perfume, que me faz ficar ainda mais mole.

— Preciso sim. — ele saliva os lábios e um sorriso maroto cresce em meu rosto, enquanto minhas bochechas queimam por alguns segundos.

— E o que seria doutor? — solto melosa e um risco de sorriso cruza seus lábios antes dele sussurrar com sua boca bem próxima da minha.

— Você. Sempre. — sua mão massageia minha nuca, enquanto a outra me aperta forte pela cintura e sinto meu corpo estremecer quando nossas línguas se encontram num beijo lento e cheio de desejo. Por um minuto eu esqueço quem eu sou, onde estamos e o que pode acontecer depois. Nada faz mais sentido a não ser permanecer colada a ele e sentir num nível elevado, toda a paixão que nos consome, como se fossemos peças de encaixe num enorme mosaico, onde a perfeição prevalece quando nos unimos dessa forma única. Sua boca percorre meu pescoço e ao observar o relógio em meu pulso, me afasto dele imediatamente.

— O que foi Beka? — sua expressão confusa e sua voz cansada; faz-me sorrir de lado, enquanto ajeito minhas roupas, tentando recuperar meu fôlego que simplesmente sumiu depois da nossa pequena ousadia.

— Preciso buscar a Camila na psicóloga. Continuamos outra hora amor. — dou um selinho rápido nele, antes que ele me prenda novamente em seus braços e eu deixe minha amiga na mão. Assino meu cronograma assim que chego ao balcão e saio apressada na direção da clínica, na esperança que minha amiga não coma o meu fígado.

Chego ao consultório e não encontro ninguém na recepção. Decido me sentar no banco de espera e após longos minutos, começo a ficar incomodada com a demora para que alguém apareça. Bato impaciente na porta da Dra. Angelina, mas não ouço nenhum barulho vindo lá de dentro e algo em meu peito começa a gritar.

Olho mais uma vez para o relógio e pelo adiantado da hora, já era para a consulta de Camila ter terminado. Volto até ao balcão e quando já estou quase de saída, a menina que havia nos recebido antes, surge com um pequeno sanduíche em suas mãos e uma latinha de coca-cola.

— Pois não? — indaga solícita com um meio sorriso no rosto e tento ao máximo me manter no controle, embora a preocupação comece a se enraizar no meu coração.

— Eu queria saber sobre minha amiga, Camila Duarte. Ela estava em uma consulta com a Dra. Angelina e pedi que ela me esperasse aqui, mas não a encontrei. — tento ser o mais clara possível, enquanto ela balança a cabeça em negação e meus pulmões começam a ter dificuldade para trabalhar.

— Ela foi embora meia hora após a consulta. E a Dra. Angelina saiu para o almoço e não volta mais hoje. — me sinto tonta com as suas palavras e meu coração corre desenfreado sem saber o que pode estar acontecendo.

— Ela disse para onde ia? A que horas foi isso? — peço apreensiva e outra vez; observo-a negar com a cabeça num semblante desolado pra mim.

— Obrigada. — saio do consultório desnorteada e forço minha mente a pesar as possibilidades, enquanto mil coisas passam como um flash em minha cabeça. Disco o número de Mauricio assim que entro no carro e começo a rezar mentalmente que Camila esteja bem.

— Amor, a Camila passou por aí, ou está por aí no Postinho? — indago impaciente ao ligar o carro e pegar a estrada. Coloco o telefone no viva-voz e procuro manter a atenção entre o caminho e o que Mauricio fala.

— Nem uma coisa, nem outra. Por que Beka? Achei que ela estivesse com você.

— Não, ela simplesmente saiu mais cedo da consulta, não me esperou e não estou com uma boa sensação. Estou a dez minutos de casa, pode me encontrar lá?

— Já estou indo, mas procure se acalmar ok? Ela está bem. — ele solta confiante e tento realmente acreditar no que ouço, embora o aperto em meu peito cresça a cada segundo que penso nela.

Eu praticamente voo com o carro e ao estacionar no meu quintal, constato pela fumaceira que sai do motor, que minha charanga não tem mais volta. Mas não é algo que demande muita atenção da minha parte agora.

Sigo em passos apressados na direção da porta e ao colocar a chave noto uma pequena corrente d'água que se estende por toda a varanda. Sinto-me sufocar e quase arrombo a porta; tamanho é meu desespero pra entrar em casa, embora os sinais estejam muito claros pra mim.

— Droga Camila! – exclamo baixinho e corro escada acima sem me importar com a barra da minha calça que fica encharcada pela água e estanco ao me deparar com a cena que faz meus olhos lacrimejar em segundos.

— Não, não, não. Por favor, não. – minha voz sai entre lágrimas e soluços, enquanto levanto o corpo inerte de Camila de dentro da banheira que está até a boca d'água, já transbordando. Mauricio surge em questão de segundos, e retira ela da banheira, colocando-a ao chão. Sei exatamente o que deve ser feito, mas eu simplesmente não tenho forças e as lágrimas se tornam ainda mais fortes quando o semblante de Mauricio para mim, é puro pesar ao verificar seus sinais vitais. *“Deus, por favor não deixa que eu a perca. Não deixa, por favor.”* Peço baixinho em oração, enquanto Mauricio inicia o procedimento de massagem cardíaca.

Tudo pode acontecer nessas frações de segundos, e a possibilidade de Camila não resistir, faz meu coração doer como se estivesse sendo arrancado. Não posso ter mais essa perda. Não sei se consigo conviver com essa dor. Minha amiga precisa ser forte e voltar para nós. É a única coisa que importa agora e só espero que eu seja digna que Deus ouça minhas preces nesse momento.

Bônus Camila

Não é fácil recomeçar do zero quando você acaba de realizar um dos seus maiores sonhos, e o que era para ser felicidade, ser tragado como a fumaça que se dissipa no ar, sem deixar rastros. Bastou um pequeno confronto entre traficantes numa pequena comunidade no Centro de São Paulo, para tudo ruir e a vida daquele com quem sonhava ter meus filhos e formar uma família, ser ceifada.

Então, após alguns meses de total inércia, percebi que precisava seguir adiante, precisava de um novo rumo e o concurso aberto para a cidade de Primavera, pareceu a melhor oportunidade que eu tinha em mãos.

Aqui, encontrei a melhor amiga que alguém poderia ter e de quebra ainda ganhei um sobrinho postiço. Em pouco tempo éramos uma pequena família postiça, mas tenho certeza que mais unida do que muitas pessoas que se dizem família por aí. Quando soube da história de Rebeca, vi que eu não era a única que estava em pedaços. Ela também precisava se remendar; e juntas tornamo-nos o apoio uma da outra.

Acho que cada um de nós tem aquele dia D, o famoso divisor de águas. O problema maior é enfrentar o que vem depois dele. E senti as conseqüências do meu na carne, da pior maneira possível que uma mulher, ou qualquer um pode sentir.

Quando Carlos morreu senti como se uma parte de mim havia morrido também, tamanha era a dor. Mas conheci uma tão dilacerante quanto, por que ela agora não tem fim. Ela martiriza, ela te impede de levantar e de acreditar em si mesma novamente.

Antes do ataque eu me sentia vazia, partida ao meio; onde somente a necessidade de viver e aproveitar o que me restava residia em mim. Era minha válvula de escape para um coração sozinho e atormentado por ter se apaixonado por alguém que nunca seria meu, pois ele só tinha olhos para minha melhor amiga.

Parece história de adolescentes na faculdade, mas longe de todo aquele entusiasmo, havia somente a certeza de que nada daquilo se tornaria real um dia. E dessa forma eu ia sobrevivendo dia a dia, através de pequenos momentos de satisfação e relacionamentos casuais.

Agora, eu mal consigo olhar a mulher que encontro no espelho. Sinto-me suja e indigna de qualquer coisa boa. Quem está de fora pode se chocar por um momento pelo o que passei, mas a vida dela segue, enquanto a minha permanece parada no tempo, no meio daquele matagal, e toda a tortura que passei martela em minha mente a cada minuto em que estou acordada.

Quando entrei no consultório eu já sabia o que viria a seguir. Sei que expor e falar as coisas de forma clara, é a melhor maneira de iniciar uma tentativa de minimizar o que passei, mas para mim, não havia nada que ela pudesse falar, que mudaria o que eu estava sentindo desde aquele dia em diante.

Eu fui cruelmente violada. Torturada. E eu não queria ninguém me dizendo como eu deveria me sentir ou o que eu deveria fazer agora. Eu sabia que precisava reagir, só não tinha forças suficientes para isso ainda. Sinceramente não sei se terei um dia após tudo o que aconteceu.

Respondi as perguntas da Dra. Angelina mecanicamente e quando ela percebeu pelo meu desânimo e indiferença ao seu suposto interesse, que eu daria mais trabalho que as outras pacientes; remarcou minha consulta para a semana seguinte, me liberando em seguida.

Alívio correu em minhas veias por ter acabado com essa pequena tensão, só não esperava dar de cara com uma maior ainda do lado de fora à minha espera. Se não fosse ela eu teria esperado pela minha amiga. Mas eu precisava chegar em casa e fugir do que eu não podia mais conceber. Eu não podia mais ser uma mulher de verdade para alguém. Nem para aquele que meu coração esteve guardado, desde alguns anos atrás.

— O que faz aqui Rico? — indaguei atônita por encontrá-lo sentado num dos bancos de espera num semblante preocupado.

— Eu queria conversar com você. Como não consegui mais cedo, resolvi te esperar. — ele diz caminhando na minha direção e imediatamente passo meus braços ao redor do meu corpo num abraço solitário. Ele estanca no meio do caminho ao perceber o mecanismo de defesa que instintivamente passa pela minha cabeça em segundos e ficamos em silêncio por um pouco. Seus olhos são um misto de pena e compaixão e engulo a seco com medo das perguntas que podem surgir daqui pra frente.

— Acho melhor deixarmos para outra hora Rico. Beka daqui a pouco está chegando, estou exausta e só preciso ir para casa, tomar um banho e dormir um pouco entende? — só quero que ele se vá, mas ele simplesmente não se toca, ou finge não se tocar para o que tento veladamente dizer. Não

preciso dele aqui. Não o quero aqui. Não quero a piedade dele ou seja lá o que for. Por que ele tinha que me notar agora? Justo agora que não posso ser mais inteira, não tenho mais nada a oferecer?

— Mila, você está bem? — ouvi sua voz e saí do meu transe momentâneo, enquanto seus enormes olhos castanhos analisavam-me apreensivos, embora eu apenas suspirasse num lamento.

— Estou Rico. — exalei pesadamente, enquanto ele parecia desconcertado. — Mas vou ficar mal se ficar me perguntando isso toda hora. — olhei meu relógio com frustração por não ter conseguido me livrar dele e vi que ainda faltava ao menos mais meia hora para Rebeca estar de volta.

— Posso te levar em casa se quiser Mila. — ele se ofereceu gentil e mirei a bancada da recepção e nem sinal da menina que deveria estar ali.

Procurei o celular em meu bolso e revirei os olhos ao perceber que o havia esquecido em casa, enquanto Rico me entregou o seu num gesto mudo, como se lesse meus pensamentos. Disquei para Beka, mas nem chegava a chamar, só dando caixa postal, não me dando nenhuma outra alternativa a não ser seguir com ele se eu quisesse sair dali depressa.

— Tudo bem. — concordei com sua carona e observei duas covinhas se formarem em suas bochechas quando um sorriso satisfeito apareceu em seus lábios. Como desejei que ele me sorrisse desse jeito antes.

Seguimos em silêncio todo o caminho e mesmo me despedindo dele ao sair do carro, não evito dele me acompanhar até a porta de casa.

Voltei a agradecê-lo e embora deixasse claro que eu queria ficar só, observei a tensão pairar em seu rosto, enquanto ele parecia pesar se falava algo ou se apenas ia embora. Eu queria que ele optasse pela segunda opção, mas um temor me tomou de assalto assim que suas palavras estouraram no ar.

— Eu vou pegá-los Mila. Prometo a você que vou. — sei que ele estava realmente compadecido, mas era justamente esse tipo de conversa que eu não estava preparada para ter. Ainda mais com todos os sentimentos que tinha por ele. Eu não era mais a pessoa certa pra ele ter ao lado.

A agonia parecia se estender por todos os meus músculos e tentei a todo custo frear as lágrimas que começavam a dar seus primeiros sinais, somente com a menção do ocorrido.

— Deixa eu ficar por perto Mila? Por favor? — sua mão tentou me tocar, mas esquivei o corpo num reflexo, e qualquer coisa que eu estava sentindo naquele momento era como um líquido amargo, descendo garganta afora, me fazendo queimar por dentro.

— Por que Rico? – elevei meu tom de voz e senti meu sangue ferver, me dilacerando ainda mais por dentro. — Por pena? – soltei com desdém e antes que ele pudesse me interromper, mais meia dúzia de desaforos saíram pela minha boca, demonstrando o quanto eu estava totalmente transtornada. A perplexidade estampava seu semblante e notei o esforço que ele estava a fazer para não perder o controle.

— Não estou aqui por pena Camila. Estou por que me preocupo, me importo com você, entenda...

— Desde quando? – o interrompi mais uma vez num tom que foi da esperança a dor em milésimos de segundos.

— Eu não sei tudo bem? – explodiu passando as mãos com desespero em seus cabelos e vi como ele estava realmente doído por mim. Eu apenas quebrava mais um pouco no meio disso tudo.

— Quando te vi naquela estrada Mila...Ensanguentada – sua voz saiu num fio, pausando por um segundo como se estivesse revivendo a mesma cena e fechei meus olhos com força tentando espantar os flashes do meu terror particular, que me visitava praticamente todas as noites. — Machucada. Quase sem vida, eu pensei...eu não sei...eu só... – ele balançava a cabeça num abalo visível e seus olhos brilharam com as lágrimas que ele lutava para não deixar cair.

— Eu rezei para você sair dessa. Rezei para ter uma segunda chance Camila. Eu mereço uma segunda chance. – ele desabafou e minha respiração se tornou pesada.

Um choque de sentimentos cruzou meu coração e comecei a arfar por um momento, tentando digerir o que estava acontecendo. A expectativa de alguma resposta minha consumiu seu rosto e respirei fundo para tomar coragem e acabar com todas as suas pretensões em relação a nós.

— Eu não posso mais ter filhos Rico. – tentei ser forte, mas as lágrimas deslizaram em segundos pela minha face, e mesmo desejando mantê-lo longe, não recusei o abraço forte, que aconchegou meu corpo, enquanto meus soluços aumentavam gradativamente.

Após alguns segundos, me afastei bruscamente dele e enxuguei meu rosto sem fitá-lo. Só queria que tudo isso cessasse, que toda a dor, humilhação e vergonha ficassem camufladas, mas nada era capaz de esconder o que eu havia me tornado. Uma mulher fria, solitária e sem vida.

— Por favor, Rico. Vá embora. – soltei apontando na direção do seu carro, enquanto ele permanecia incrédulo.

— Camila, nós podemos resolver isso de outra maneira. Me ouça, por favor. — ele pediu, mas não me rendi aos seus apelos dessa vez. Eu tinha que cortar o mal pela raiz, ou estaria sentenciando ele também ao inferno que eu havia descoberto há duas semanas.

— Não posso mais Rico. Apenas não posso. — sussurrei com pesar e mesmo hesitante, acompanhei ele entrar em seu carro e sair. Meu limite havia chegado ao fim e eu só precisava de um lugar onde nada mais pudesse me atingir.

Subi as escadas lentamente e liguei a banheira no meu quarto de hóspedes. Estava tão no automático que não me importei se estava com roupas ou não. Eu precisava me desligar. Me acalmar. Entrei na banheira enquanto a água ainda jorrava e o torpor era tão grande que apenas deixei meu corpo deslizar pela parede de cerâmica e quando finalmente submergi minha cabeça; a sensação foi tão boa que não queria sair dela nunca mais. Eu estava aliviada. Estava em paz.

Por longos segundos fui tomada por essa sensação, até que uma agonia me invadiu, mas eu ainda queria tentar aproveitar o resquício do que me aliviava. A imagem de Carlos apareceu por um momento; como um nostálgico sonho bom; e um leve sorriso apontou em meus lábios. Como eu o queria perto agora.

Quando dei por mim, nada além de escuridão e uma repentina sensação de afogamento me consumiam. Ouvi uma voz familiar ao longe, mas logo ela se desvaneceu como um leve perfume solto no ar. Eu só queria voltar a ter paz.

Capítulo XXV - Por um fio

Sinto um frio se alastrar por cada parte do meu corpo, embora o clima esteja ameno; e espero alguma notícia sobre Camila. A imagem de seu rosto sem cor não sai da minha cabeça, e mantenho as minhas orações para que ela possa sair dessa.

Seu coração voltou a bater fracamente após a massagem cardíaca feita por Mauricio, e rapidamente a carregamos para o Postinho. Sua pulsação estava cada vez mais fraca e minha blusa já ensopada das minhas lágrimas, que infelizmente eu não conseguia controlar. Quando saltamos do carro uma maca já estava à nossa espera, eu havia ligado aos prantos para Monica e ela agilizou tudo para quando chegássemos.

A emergência virou praticamente um campo de guerra, com a equipe médica e enfermeiros cuidando para que nada faltasse a ela em matéria de assistência. Todos a conheciam, e era notável o quanto pareciam abalados por tê-la agora em cima de uma maca do Postinho.

Tentei ajudar no que podia ser possível, e manter o controle em minha frente, mas assim que um bipe sequencial soou vindo do monitor cardíaco, o desespero pareceu tomar conta de mim e a única coisa que pensei é que Camila não podia ir embora assim. Não podia ser a hora dela. Não agora.

Embora minha intenção fosse ajudar, fui arrastada por Mauricio sala afora, quando ela teve sua primeira parada cardíaca. Foram mais duas depois. Três no total. E agora me encontro aqui. Sozinha nesse corredor de hospital, na espera agonizante de alguma coisa que possa acalmar o meu coração.

Um cheiro de café fresco chama minha atenção e ameaço um sorriso ao me deparar com uma xícara fumegante estendida na minha direção por Monica. Murmuro um obrigado mudo e tomo um pouco do líquido quente, observando o quanto ela está compadecida também. Após alguns segundos, seu celular vibra e ela me avisa que precisa voltar para a recepção. Um sorriso amarelado de apoio desponta em seus lábios de leve e em seguida ela some das minhas vistas no enorme corredor.

O ditado diz que só damos valor quando perdemos, mas discordo dele

em algumas circunstâncias, não o levo a ferro e fogo. Por que às vezes o que mais amamos, o que mais valorizamos, é o que pode ser tirado de nós em questão de segundos, independente de uma decisão nossa ou não. Simplesmente por que a vida é assim e nunca sabemos o que vamos vir a enfrentar pela frente. A única coisa que podemos fazer é manter nossos escudos a postos, e afiar nossas espadas para exterminar todo tipo de monstros que cruzar o nosso caminho. O pior, no entanto, é quando esse monstro cresce e cria raízes dentro de nós. Então ele nos consome pouco a pouco, até que o desespero causado por alguma situação extrema o desperta e o faz dilacerar a mínima força que ainda nos resta. De dentro para fora.

Agora me dou conta que foi esse mesmo monstro que fez Camila ter uma atitude como essa. Não justifico seu ato, mas às vezes esse é o caminho mais fácil que pessoas que passam pelo o que ela passou pensam em fazer para aliviar a dor, a humilhação e a vergonha perante uma sociedade mesquinha, cruel e machista ao extremo.

Eu já estou quase perdendo as esperanças quando a porta da emergência se abre e meu coração acelera como se estivesse numa corrida frenética, enquanto Mauricio tem um semblante cansado.

Permaneço imóvel, simplesmente por que estou paralisada na espera de qualquer notícia que eu possa ouvir; e cada passo que ele dá na minha direção, minha garganta fica ainda mais seca. Estamos a poucos centímetros um do outro e seus olhos estão presos aos meus, enquanto não consigo abrir a boca para questionar nada, e o observo exalar com força antes de se pronunciar.

— Ela vai estar no quarto em uma hora. – o abraço com força, e o alívio e a esperança mais uma vez se acomodam em meu coração, enquanto ele beija o topo da minha cabeça. Finalmente volto a respirar.

— Ela está mesmo bem? – minha voz sai abafada por estar com o rosto colado em seu peitoral, e o palpitar calmo do seu coração regula o meu.

— Agora ela está Beka. – ergo meu queixo para fitá-lo e ele continua. — O pior já passou, drenamos a água acumulada em seus pulmões e agora é uma questão de tempo para que ela possa voltar para casa ok? – assinto em entendimento com a cabeça e ele me abraça ainda mais forte.

Minha angústia particular começava a se dissipar e ao mirar o relógio vi que já estava na hora de buscar Davi na escola. Também precisava comer alguma coisa, visto que nessa confusão toda não tive tempo para nada, e meu estômago começava a dar algumas voltas.

— O que foi? – Mauricio indaga ao me observar suspirar cansadamente num semblante abatido.

— Tenho que buscar Davi.

— Eu vou. Logo ela vai estar no quarto, vai ter mais tempo para conversarem. Tudo bem? — ele argumenta acarinhando minha face e em seguida me dá um beijo suave, antes de sair. Acho que se não fosse por ele, eu já teria desmoronado há muito mais tempo, e agradeço tê-lo sempre ao meu lado.

Mesmo com fome, não consigo comer mais nada além de alguns biscoitos, acompanhados de um pouco de café.

Os minutos passam arrastados e parece uma eternidade, até Dr. Paolo se aproximar e confirmar que Camila já está em um quarto. Eu o sigo pelo corredor até lá, e escuto atentamente todas as recomendações feitas por ele. É imprescindível que ela permaneça na psicóloga e que possa voltar o quanto antes ao trabalho. Ela precisa se ocupar e nada melhor do que voltar à sua rotina aos poucos até que volte a se acostumar com as pessoas novamente. Pode ajudá-la a não perder o senso da realidade.

Agradeço-o por tudo mais uma vez e abro a porta com cuidado, juntando forças para encará-la. Seu rosto está virado na direção da janela e parece não perceber minha aproximação. Puxo uma cadeira para perto da sua cama e após alguns segundos seguro sua mão, e meu gesto é retribuído pelo aperto forte de volta, embora ela ainda não me fite. Em menos de um mês estamos de novo dentro de um quarto onde ela precisa de cuidados e saber que isso pode se repetir mais vezes, me sufoca lentamente.

— Eu não queria me matar se é o que está pensando. — sua amargura é um tiro em meu peito e continuo calada na espera de alguma explicação plausível para o que houve. Ela se vira na minha direção e a dor e o vazio que a consome estão impressos em seus enormes olhos negros totalmente sem vida para mim. — Mas a sensação foi tão boa que eu apenas não consegui lutar contra, entende? — engulo a seco, e mordo meu lábio com força, num claro esforço de não desabar na frente dela.

— Nunca. Nunca mais pense nisso outra vez ok? — minha voz sai embargada e a fito fixamente nos olhos. — Não sabe a dor que senti Camila. O medo de não te ver mais, por favor, não faz mais isso. Promete? — um risco de lágrimas cruza meus olhos e ela consente sem muita certeza, e preciso mais do que um leve concordar de cabeça.

— Diga Camila!

— Eu prometo Beka. — a abraço com força e ficamos nos olhando por

alguns segundos, até ela falar com mais firmeza. — Vamos ficar bem amiga. — aceno em concordância e a confiança em suas palavras me acalma a alma.

— Porque não me esperou Mila? Porque fez isso? — não sei se é o momento, mas preciso entender o motivo além da tortura que observei tomar conta dela todos esses dias.

— Eu estava esperando por você Beka, mas não suportei ficar mais do que dez minutos na presença de Rico. — estreito os olhos tentando compreender o que ela diz, e seu semblante é um misto de impotência e pena.

— E o que ele queria?

— Uma chance para nós dois. — ameaço um sorriso e arregalo meus olhos, embora ela se apresse em me cortar. — Nem vem Beka. Eu não posso mais, não consigo ok? — ela começa a se alterar e amenizo a situação ao concordar num aceno com minha cabeça. Não leva dois minutos e uma batida suave na porta nos chama a atenção. Rico põe a cabeça na porta entreaberta, e o olhar de Camila é pura apreensão.

— Eu posso? — ele pede ansioso, enquanto meu olhar cruza com os de Camila por milésimos de segundos, e mesmo num semblante contrariado, ela consente.

Ele caminha em passos lentos até nós e seu embaraço é perceptível a dois quilômetros de distância. Me cumprimenta num meio sorriso e coloca suas mãos nos bolsos, tentando encontrar as palavras certas para falar.

— Mauricio me contou quando foi buscar o Davi, Mila me desculpe, por favor, eu não devia ter te pressionado, eu só queria...

— Está tudo bem Rico. Você não teve culpa, fui eu a fraca. — ela evita fitá-lo e o clima mais uma vez se torna tenso.

— Como você está?

— Sobrevivendo por enquanto. — ela me lança um olhar de piedade e em seguida se dirige a ele de novo. — Obrigada pela visita Rico, mas preciso descansar. — ele me fita como se quisesse alguma outra resposta em revide, mas como fico calada, ele passa as mãos em seus cabelos num desconforto palpável e contrai os músculos do rosto sem jeito.

— Ok. Vejo você depois então... — ela concorda e ele me sorri outra vez sem ânimo, antes de completar. — Se cuide Camila.

Assim que Rico fecha a porta me preparo para retrucá-la, mas ela nega com a cabeça e sinto que não posso pressioná-la mais nesse momento. Tudo tem o seu tempo certo e com ela não seria diferente.

Conversamos mais algumas amenidades e logo após o jantar, ela adormece. Agora são meus músculos que doem e um peso se faz em minha cabeça como se fosse uma pedra de uma tonelada. As últimas horas minaram todas as minhas forças e surpresa me invade quando observo Rico sentado no banco de espera do corredor, num semblante preocupado.

— Pensei que já tinha ido — murmuro cansadamente, estalando a linha do meu pescoço para tentar aliviar a tensão.

— Pensei em ficar e fazer companhia a ela. — acredito na sinceridade das suas palavras, mas pondero por um instante diante de toda a situação.

— Eu não sei Rico. Talvez fosse melhor você dar um tempo por enquanto. — jogo com indecisão sem saber o que fazer.

— Não vou incomodá-la Beka. Por favor? — insiste e eu reviro os olhos sem ter como negar isso a ele.

— Ok. Mas com uma condição. — solto com firmeza e ele não se importa num sorriso satisfeito. — Vai me chamar imediatamente se tiver

algum problema.

— Feito. — ele realmente se mostra interessado e sorrio mais serena do que minutos atrás. Agradeço pela sua disposição e sigo na direção de casa com uma sensação de esperança renovada no peito. Tudo o que precisamos agora é manter a fé.

Capítulo XXVI - Uma noite especial

Meus meninos me recepcionam com beijos e abraços e espero que um dia, minha amiga volte a acreditar em ter um amor novamente, seja ele Rico ou não. Por que tenho o que me faltava e juntos sei que somos mais fortes.

Respondo as perguntas do meu pequeno por Camila estar de volta ao Postinho e mesmo confuso ele não faz mais questionamentos. Jantamos de forma descontraída, mas observo que Davi remanchia para comer e o questiono com curiosidade diante da situação inusitada. Ele sempre comeu de tudo.

— Por que mal está tocando na comida filho?

— Estou com dor de cabeça mãe e sem fome. – ele põe o talher de lado e me levanto da minha cadeira seguindo até ele.

— Pegou muito sol hoje Davi? Ou comeu aquelas porcarias na cantina? – interrogo passando a mão em sua testa e me sinto aliviada de não ter sinal de febre.

— Não peguei muito sol, mas teve cachorro quente no lanche. – um meio sorriso aparece em seus lábios finos como quem se declara culpado e observo Mauricio sorrir também. Apesar de deixá-lo comer coisas que estão fora do seu cardápio normal do dia a dia, não gosto de exageros e faço uma anotação mental para conversar com D. Marília, que costuma fazer os lanches das crianças.

Depois que Mauricio me ajuda a lavar a louça, nos sentamos para ver mais um dos episódios de Smalville. Meu pequeno é totalmente fissurado e mesmo ele estando mais alegrinho, não deixo de ficar com desconfiança de como ele tem andado ultimamente. Penso que talvez seja só o nervoso do discurso de amanhã cedo, e tento não colocar caraminholas desnecessárias na minha cabeça.

Antes mesmo do fim do seriado, Davi já está a sono solto e Mauricio, se dispõe a carregá-lo até seu quarto. Estou com a mente tão cansada que preciso de algo para ajudar a desvanecer todos os sentimentos conflitantes que passaram, e deixaram resquícios hoje em meu coração.

Sigo até o último cômodo da casa e mais uma vez me sento na banqueta, de frente para o meu antigo piano de calda. Passo as mãos de leve em suas teclas e um queimor atravessa meu corpo quando sinto os lábios de Mauricio em minha nuca, me fazendo arrepiar. Nem o vi chegar.

— Então, além de ótima pediatra você também sabe tocar? – sorrio pelo comentário e sei que ele também está rindo pelo tom da sua voz.

— Ganhei do meu pai aos 12. Sonhava em ser uma grande pianista. – meu tom melancólico o fez me fitar com curiosidade e cedi espaço ao meu lado no banco para que ele se sentasse.

— O que houve?

— Estudei durante dois anos seguidos e quando estava prestes a ganhar uma bolsa numa grande escola, conheci Miguel. – estalo num sorriso nostálgico; e o semblante dele fica pesado. Ele me analisa por longos segundos, que apenas abaixo minha cabeça para não fitá-lo mais por enquanto. Não quero remover velhas feridas, mas Mauricio não parece certo dos meus reais sentimentos por ele.

— Você o amava muito não é? – suspiro num lamento

— Mauricio...

— Tudo bem Beka, não quero competir contra isso. Talvez um dia eu possa, mas sei que ainda não é o momento. – a decepção em seu tom é gritante e me repreendo mentalmente por saber o que sinto de verdade por ele, mas não ter coragem de dizer. Sei que devia, principalmente depois de tudo; mas as três palavras mais importantes não atravessam minha garganta e ele limpa a sua, dedilhando aleatoriamente algumas teclas.

— Você sabe tocar? – tento quebrar o gelo no ambiente e arrisco duas notas, enquanto ele me sorri de lado, numa surpresa incomum.

— Não. Mas adoro ouvir o som. Me acalma. — dedilho mais algumas teclas e assim que paro, suas mãos tocam as minhas, e vejo em seus olhos uma ternura tão grande, que nada seria capaz de apagar esse momento. — Toca para mim Rebeca. — pede num sussurro e após alguns segundos de hesitação, respiro fundo e inicio uma das canções que meu pai mais gostava. Ele tocava exemplarmente.

Enquanto os acordes de Here, There and Everywhere dos The Beatles se propagam no ar, um ligeiro sorriso se forma aos poucos em meu rosto e ao fitar Mauricio por alguns segundos, uma alegria explode em meu peito por vê-lo encantado. Quando finalmente termino, seu lindo sorriso me contempla extasiado e em seguida seus lábios grudam nos meus com ternura.

Nossas bocas se afastam por apenas alguns centímetros e nossos olhos expressam tudo o que nossos lábios não falam, e nem precisam. Nós nos levantamos lentamente e observo-o fechar o tampo do piano e em seguida, erguer meu corpo me pondo sobre o mesmo. Suas mãos percorrem até o laço frontal do meu vestido e minha respiração fica ofegante quando estou mais uma vez exposta de corpo e alma em suas mãos.

— Você é tão linda Rebeca. — sussurra, sem tirar seus olhos dos meus e esboço um sorriso sem graça, enquanto suas mãos percorrem do meu colo até minha nuca, puxando meu rosto de encontro ao seu. Seus lábios quentes exploram a curvatura do meu pescoço e um gemido contido salta da minha garganta, quando ele mordisca o lóbulo da minha orelha de leve.

É incrível sentir esse misto de sensações com Mauricio, por que sempre me sinto livre, viva e mais que tudo amada. Enrosco minhas mãos em seu volta do seu pescoço e nossas bocas se unem numa dança ensaiada carregada de paixão. Aqui no nosso mundo particular, todos os problemas e angústias ficam de fora, nada pode nos atingir.

Mauricio me aperta em seus braços e me puxa delicadamente, carregando meu corpo até o chão sem deixar de perder o contato visual comigo. Em segundos estamos alocados um ao outro, em movimentos tão sincronizados que somos mais do que perfeitos juntos.

Nessa hora, somos apenas um pelo outro, sedentos de exorcizar todos os medos e viver o que ainda nos resta. Minhas unhas se afundam em sua pele quando chegamos ao ápice do nosso prazer e Mauricio descansa seu rosto suado em meu colo, enquanto ofego num sorriso. Tudo o que preciso está nesse momento comigo.

— Vamos mãe, estamos atrasados. — Davi me cobra eufórico enquanto Mauricio e eu descemos as escadas apressados. Meu menino está impecável numa calça social preta, acompanhado de um terno feito às pressas sob medida pra ele.

— Calma campeão, vai dar tudo certo ok? — meu namorado solta sereno e nós dois sorrimos quando o rostinho do meu pequeno se contorce numa careta impaciente e ele revira os olhos.

— Sou o primeiro discursante, não posso me atrasar. — ele soa muito lógico e ajeito seus cabelos loiros enquanto Mauricio divide espaço comigo, ao ajeitar a gravata dele que está torta.

— E não vai se atrasar. Prometo ok? — pisco para ele junto de um sorriso e ele consente um pouco mais conformado. Mauricio pega as chaves do carro e seguimos todos para o grande dia do meu filhote.

Enquanto seguimos caminho, pego o telefone e disco para Rico, na intenção de saber como Camila passou a noite e é um alívio ouvir que ela tem respondido bem aos medicamentos. Aviso que vou passar no Postinho assim que o evento de Davi terminar e agradeço o fato dele não a ter deixado sozinha. Ele tem se mostrado o velho Rico de sempre, e não guardo mais mágoa ou rancor de tudo que aconteceu. Ele está tentando o seu melhor e não tem por que afastá-lo, quando ele só quer ajudar. É passado, e mais do que nunca Camila precisa de cuidados, e não de um clima ruim que pode somente piorar as coisas.

Ajudo Davi a descer do carro assim que chegamos e a mesma menina que ele ofereceu uma rosa no dia da festa da escola, o recepciona num aceno de longe, com um largo sorriso, fazendo meu pimpolho corar. Primeiro amor. É engraçado vê-lo assim, mas é nessa fase da idade que os romances são os melhores. Ao menos para mim, sempre foi. Ele acena de volta e Mauricio e eu nos olhamos com cumplicidade por alguns segundos, até adentrarmos no local.

Uma rápida introdução inicia o evento e Mauricio entrelaça nossas mãos com força, assim que o nome de Davi é anunciado como o primeiro discurso da manhã. Sorrio para ele com ternura e um frio me corrói por dentro ao observar meu lindo anjo loiro em cima do palco. Ele parece um pouco incomodado e suas mãozinhas tremem ao tirar o pequeno esboço do bolso. Mauricio havia treinado com ele assim que o resgatamos no dia da chuva, mas é natural que o nervosismo predomine agora.

O ambiente se torna silencioso e a voz suave do meu moleque ressoa no ar, ainda um pouco vacilante. À medida que ele vai se acalmando, seu timbre vai se tornando seguro e alto, me orgulho dele sempre conseguir virar o jogo frente às adversidades.

De repente, Davi para a leitura do papel e ergue seu rosto procurando nossa presença com os olhos. Ele sorri tão logo encontra Mauricio e eu, no meio de tantos pais e mães presentes e volta a falar, com seus olhinhos fixos em nós.

“Eu não conheci meu pai de verdade, a não ser por fotos; e chegaram a me dizer que eu não podia discursar aqui hoje simplesmente por isso.” Meu coração fica pequeno e o aperto de Mauricio em minha mão se torna mais forte, em total apoio, enquanto meu rebento continua.

“Bom, não devemos deixar de acreditar em Deus só por que não podemos vê-lo não é?” Alguns risos ecoam pelos cantos e seu semblante agora está completamente relaxado, como se ele tivesse nascido para estar em um palco.

“Da mesma forma, não preciso ter conhecido meu pai pessoalmente pra confirmar que tive um pai. Sempre senti falta, mas querem saber? Hoje não mais. É claro que ele sempre vai estar guardado em meu coração, mas hoje tenho um amigo que tem cumprido bem esse papel.” Fito o semblante de Mauricio por alguns segundos e é perceptível acompanhar a emoção brotando no verde cristalino dos seus olhos, enquanto Davi continua.

“Obrigado por fazer parte da nossa família Mau. E mesmo sendo estranho dizer isso, eu amo você.” Ele diz mirando Mauricio nos olhos e uma chuva de palmas, gritos e assovios pipocam pelo local, e sei que meu garoto será de fato a maior celebridade de sua escola agora.

Abraço Mauricio com força e em seguida trocamos um selinho, antes de nos dirigirmos até a coxia pra recepcionar meu filho. Assim que o avista, Mauricio o abraça com força e segura seu rostinho rosado em suas mãos com

carinho.

— Amo você também garoto. E não há nada de estranho nisso certo? – ele estala num semblante emocionado, seguido de um sorriso feliz. Um menino de mais ou menos 12 anos se aproxima de nós e o rostinho do meu pequeno se contorce numa clara indecisão, enquanto o garoto em questão parece envergonhado.

— Desculpe ter dito aquilo Davi. Não foi minha intenção te chatear. Amigos? – a mão estendida do garoto não fica mais do que um segundo suspensa, e meu pimpolho tem um claro sorriso no rosto ao aceitar as desculpas do menino.

Sorrio internamente e agradeço a Deus e a Ester, por ele sempre ter ouvido nossos conselhos. De nada vale manter o rancor ou o orgulho, quando a humildade mostrada vale muito mais.

— Oi Davi! – uma voz meiga chama a atenção dele e observamos ele ruborizar em questão de segundos.

— Oi Lia. — ele remexe os cabelos sem jeito e aponta para mim e Mauricio com entusiasmo. — Essa é minha mãe Rebeca e esse é meu amigo, Mauricio. — ela nos cumprimenta num sorriso simpático e em seguida se aproxima do meu pequeno o deixando sem ação.

— Adorei o seu discurso. Parabéns. — ela planta um beijo ligeiro na bochecha dele, e ele praticamente derrete diante de nossos olhos.

— Obrigado. — Davi mal pronuncia as palavras e a linda menininha acena em despedida, e em passos apressados se vai. Ele se vira para nos encarar e um sorriso ainda maior estampa seu rostinho satisfeito. Mais do que ninguém meu filhote merecia essa felicidade e estar com ele nesse momento é um grande presente.

Para ser perfeito, só faltou ter Camila ao nosso lado como das outras vezes, mas tenho certeza que agora isso é só uma questão de tempo. Tudo começou a se encaixar e só a leveza do novo é o que desejo para aquecer nossos corações e manter-nos unidos. Não pretendo deixar que nada mais interrompa o que levei tanto tempo para reconquistar. E disso não vou abrir mão.

Capítulo XXVII - Um passo à frente

— Obrigada – Camila murmura, após Mauricio colocá-la na cama, depois de carregá-la escada acima até seu quarto. Ela está mais corada, mas ainda precisa de cuidados e meu namorado lhe lança um sorriso gentil, antes de sair de cena. Nem bem a porta se fecha e Davi aparece num semblante curioso, mas no sorriso mais luminoso do mundo, enquanto minha amiga abre os braços para ele.

— Bom ter você de volta tia Mila.

— Bom estar de volta também meu lindo. Agora quero saber quem é a menininha que anda querendo roubar seu coraçãozinho de mim hein? – ela brinca fazendo cócegas nele, e aos poucos; seu sorriso vai voltando a ser como antes. Meu pequeno conta como foi seu discurso e sobre Lia. Embora a tristeza ainda seja visível, é notável o esforço que ela faz para tentar manter uma nova postura. Sei que o caminho é longo, mas também sei que ela pode e vai chegar lá.

— Ok, mocinho. Vamos já tomar café, que o treinador vai passar aqui para te pegar, e não quero que se atrase. – ele sai em disparada e miro Camila por um segundo. Mesmo parecendo desconfortável, ela não reclama sobre Rico, e ajeito algumas almofadas atrás das suas costas. — Muito bem. Agora descanse que já venho com seu café está bem? – esboço um sorriso amarelo para ela, e sua mão segura a minha não me deixando se afastar.

— Sei que as coisas não são fáceis e eu não tenho facilitado em nada Beka.

— Camila eu...

— Não. Deixa eu terminar. — ela pede ao me interromper e seu semblante expressa mil sentimentos misturados, enquanto a fito com compreensão, na espera do que ela tem a dizer.

— Tentei me esconder de tudo o que me aconteceu, na esperança que o tormento passasse, mas tudo o que consegui foi te preocupar, te chatear. Não quero mais ficar assim Rebeca. — seu tom quebra num lamento e solto o ar com força, e uma breve alegria pela sua visão das coisas me domina por um pouco, enquanto ela prossegue.

— Quero voltar a viver Beka. — as palavras tremem e tento incentivá-la a não esmorecer.

— Você vai Mila, acredite em mim. — abraço-a forte e ela me aperta como se eu fosse sua última tábua de salvação. — Estou orgulhosa de você amiga. — sussurro em seu ouvido e sei o quanto esse novo passo é penoso.

— Obrigada. — ela solta pesarosa e enxugo com os polegares um risco de lágrimas que escorrem dos seus olhos agora.

— Você é minha família. — estalo com carinho, segurando seu rosto em minhas mãos, ao fitá-la no fundo dos olhos. — Estarei sempre aqui, nunca se esqueça disso. — beijo sua testa, e em seguida pisco para ela antes de sair do quarto com o coração mais leve.

Quando nos encontramos no fundo do poço, ter uma mão amiga é importante mas se você mesmo não estiver disposto a se mover, não adianta nenhuma corda lançada e saber que Camila está ao menos disposta a tentar, já é um grande passo nesse momento.

Rico não demora a chegar e Davi já está pronto à espera dele. A maratona de treino intensivo se inicia hoje e meu pequeno está tão entusiasmado que mal toca na comida mais uma vez.

— Davi, eu não o quero pulando refeições. Termine seu café antes de sair. — repreendo com firmeza e embora ele reclame, toma ao menos a vitamina de maçã sobre a mesa.

Em questão de segundos, ele pula apressado da cadeira e pega a mochila em cima do sofá numa ligeireza invejável. Estala um beijo em minha bochecha e um toque de mãos no ar com Mauricio e corre porta afora até o

carro de Rico. Adoro ver meu filhote assim e se pudesse apenas congelava todos esses momentos dele.

O dia passa como num flash e enquanto Mauricio segue para o Postinho, Camila me ajuda com a louça. Conversamos sobre amenidades e depois nos sentamos para descansar um pouco no sofá. Um programa sobre adoção aparece na TV e observo o quanto minha amiga prende sua atenção na história de uma linda menininha negra de mais ou menos 3 anos de idade abandonada pela mãe num orfanato local. Meu telefone toca e deixo Camila sozinha por um minuto para atender, ainda de olho no aparelho em minha sala.

— Alô? – nenhum som ressoa do outro lado e apenas uma respiração ofegante me deixa intrigada. — Alô? Quem está aí? – repito impaciente e nada além de arrepio se espalha pela minha pele, com a respiração ofegante do outro lado da linha. Desligo o telefone com pressa e ao voltar para o sofá, Camila tem uma expressão esperançosa no rosto, que logo se perde assim que me fita.

— O que houve Beka? Quem era no telefone?

— Não sei, acho que era engano amiga. – disfarço sem querer preocupá-la, e mal ouço seus argumentos sobre a questão levantada pela Assistente Social no programa. Um brilho diferente se acomoda em seus olhos e mesmo incomodada com a ligação, procuro demonstrar um entusiasmo inexistente para ela. Tudo o que Camila menos merece de imediato é ter algo a mais em seu caminho com o que se preocupar.

Após o programa, ela me ajuda com o jantar e não demora para Mauricio chegar, acompanhado de Davi e Rico. Ambos se encontraram ao chegar e o treinador tem um semblante embaraçado, enquanto Camila se mantém na retaguarda.

Ele nos cumprimenta num aceno e Davi me dá um beijo antes de eu mandá-lo para o banho. Meu pimpolho beija minha amiga e em seguida, sobe as escadas para fazer o que pedi. Mauricio me enlaça pela cintura e observo com curiosidade, Rico esconder algo atrás das suas costas numa postura indecisa.

— O que está escondendo aí Rico? – não contenho a curiosidade e ele contorce os lábios num sorriso esquisito.

— Na verdade é um presente. – os olhos de Camila se abrem ao máximo, quando uma caixa de transportes para cachorros é estendida na sua direção. — Para você Camila.

Ainda meio hesitante, minha amiga pega a caixa e não contém uma expressão entusiasmada ao se deparar com um lindo filhote de labrador lá dentro. Ela coloca a bola de pelos no colo e Rico mantém um semblante de expectativa pela aceitação dela.

— Rico, eu nem sei o que dizer. Sério. – ela solta surpresa, fazendo um carinho no cãozinho, enquanto um sorriso aliviado desponta no rosto do treinador.

— É para te fazer companhia, assim que voltar para casa. – ele coça a cabeça sem jeito, mas extremamente satisfeito com o efeito causado pelo presente.

Camila se aproxima dele e pela primeira desde o ocorrido, posso notar a ternura brotar em seus olhos para Rico. É mais um passo nesse emaranhado de conflitos, penso por um segundo num riso de lado.

— Obrigada Ricardo. – seu tom é suave e seus lábios tocam a bochecha dele de leve, fazendo-o ruborizar. Um sorriso contido dá o ar da graça em seu rosto e em seguida, ela sobe as escadas na direção do seu quarto de posse de seu mais novo amigo.

— Eu já vou Beka. – ele solta num suspiro e se volta na direção de Mauricio com um leve aceno. — Boa noite a todos.

— Espere Rico. – peço rapidamente, o impedindo de ir embora, enquanto meu namorado me olha de soslaio sem nada dizer.

— Obrigada por tudo o que tem feito pela Mila. De verdade. – argumento com sinceridade e ele solta o ar, como se carregasse um contêiner nas costas.

— Eu só quero vê-la feliz Beka. De preferência comigo ao lado dela. – ambos sorrimos amarelo, e logo depois o semblante dele se torna nublado por um pouco.

— Sei que ela vai superar, e quando isso acontecer quero que ela saiba que poderá contar comigo. – seus olhos brilham de esperança e Mauricio estende a mão para ele, o deixando atônito. Eles apertam as mãos e selam uma convivência cordial, numa expressão muda, sem a necessidade de palavras. Está tudo mais do que claro para eles.

— Boa noite pessoal – Rico se despede e Mauricio me enlaça pela cintura, num abraço reconfortante.

Jantamos todos juntos e o clima antes tenso, agora está descontraído. Mauricio me conta entusiasmado sobre o andamento das obras do anexo no Postinho, e que tudo deve ficar pronto antes do prazo combinado. Não vejo a hora de chegar o dia da inauguração e dar uma melhor assistência às crianças de Primavera.

— Tia Mila, já escolheu o nome do seu filhote? – meu pequeno indaga com os olhinhos na direção do bichinho que dorme num cantinho da sala, e ela o fita com doçura, segurando o queixinho dele nas mãos.

— Ainda não. Você quer escolher por mim? – um mega sorriso toma forma no rosto do meu anjinho loiro e ele desce da cadeira num pulo, seguindo até o cãozinho.

— Ele tem cara de Molenga. – solta feliz ao acariciar o pelo do bichinho, enquanto todos nós sorrimos pelo apelido. — Pode? – volta sua atenção para Mila, que apenas assente com a cabeça, enquanto Davi conversa baixinho com o animalzinho. Se Camila resolver voltar para casa, terei que arranjar um bichinho de estimação para o meu filhote não ficar carente.

Depois de muitas brincadeiras, Mila se recolhe em seu quarto e como de costume Mauricio põe meu pequeno grande homem para dormir. Sigo para o meu quarto depois de dar um beijinho de boa noite nele e meu namorado avisa que logo estará lá.

Tomo um banho demorado e a água refresca meu corpo e minha mente, me deixando aliviada. Ao sair do banheiro, me admiro por alguns segundos no espelho; e observo como a mulher que vejo refletida nele mudou.

Em meio a todas essas angústias dos últimos acontecimentos, vejo-me mais forte; e após tanto sofrimento e ressentimentos, me sinto feliz. Manter a fé de dias melhores e o foco em minha família, é tudo o que preciso para ajustar as velas do meu barco, e esperar que o resto da viagem que resolvi traçar permaneça em calmaria.

Meu coração se alegra assim que encontro um dos responsáveis da minha felicidade, deitado em minha cama num sorriso mais do que convidativo para mim. Eu realmente amo o homem que se apossou do meu coração.

— Estive pensando em voltar para o hotel. É mais perto do Postinho e preciso buscar algumas coisas na casa em que me instalei. O que acha amor? — indaga ao me observar passar hidratante em minha pele, e dou de ombros numa postura indecisa.

— Aqui também é perto. — continuo a passar meu creme, e ele leva dois segundos para entender o significado da minha frase.

— Você quer dizer...

— Que aqui tem espaço suficiente amor, e que fica muito mais próximo do nosso trabalho e... — seus lábios grudam nos meus com paixão, e sorrio surpresa com sua atitude. Seu sorriso maroto está luminoso e seus olhos brilham como se estivesse diante de uma pedra preciosa, enquanto seguro seu rosto em minhas mãos. — O que foi?

— Está me convidando para morar aqui? Com você e o Davi? — suas mãos apertam minha cintura e seus olhos me perfuram a alma na expectativa de uma resposta, enquanto eu ainda não sei direito se estou fazendo a coisa certa. No entanto, mesmo parecendo precipitado sinto que preciso desse passo, por isso engulo a seco antes de me pronunciar.

— Estou sim. — mordo meus lábios com indecisão, e ele exala com força, enquanto um medo repentino de uma possível recusa assola meu coração. — Você quer? — praticamente sussurro e uma de suas mãos segue até minha nuca me puxando para ele, e nossas testas se encontram por um momento.

— É tudo o que mais quero Rebeca, mas não quero que tome uma decisão precipitada. Não quero que faça nada por impulso. — passo minhas pernas ao redor do seu quadril e sento em seu colo, enquanto meu coração dá cambalhotas sem parar por que sei exatamente o que preciso dizer agora. Não há mais nada entre nós e não tenho dúvidas do que sinto.

Mauricio está encravando em meu coração, e estar sem ele já não é mais uma opção para mim. Necessito dele mais do que podia imaginar e está na hora dele ter essa mesma certeza.

— Eu amo você Mauricio. — solto docemente e seus olhos ficam ainda mais claros como o dia, em total surpresa para mim. — Amo você demais. — seu sorriso feliz aquece meu peito e em seguida o sabor do seu beijo entranha em cada parte da minha pele, num misto de ternura e desespero avassalador.

Mais uma página virada no meu enorme livro da vida, e só espero completá-las ao lado daqueles que estão sempre comigo. Minha família sempre valeu mais, e assim será sempre.

Capítulo XXVIII - Momento quase perfeito

O novo, o desconhecido, toda a apreensão que se segue a uma mudança, pode assustar. Mas quando se tem um apoio e pessoas que te amam de verdade, toda aventura de correr riscos e se deixar levar pode valer a pena.

É assim que me sinto agora ao observar Mauricio retirar suas coisas do carro, e guardá-las em nossa casa. Nunca pensei em dividir uma casa com ninguém mais além de Davi e Camila, mas se compartilhávamos a mesma cama, por que não dividir a mesma casa e ver no que vai dar?

Davi o ajuda com as coisas mais leves e quando finalmente a parte pesada acaba, Mauricio despeja seu corpo cansado ao meu lado no sofá.

— Não sabia que eu tinha tanta coisa – dou um selinho nele e ele faz uma careta como quem pede arrego e não evito sorrir por um momento. — Tem certeza que está fazendo a coisa certa? Ainda dá tempo de desistir. – seu tom é puro desdém, mas uma ruga de preocupação se fixa em seu semblante e dou um tapinha de leve em seu braço.

— Seu bobo. – tomo seu rosto em minhas mãos e o sinto relaxar por um pouco. — A menos que me dê motivos, nunca vou desistir de nós. – meus lábios tocam sua testa, seguido dos seus olhos, seu nariz e assim que encosto minha boca na sua, Mauricio aprofunda nosso beijo como se fosse a última vez que estivéssemos nos vendo, me deixando sem ar.

— Terminei Mau. E agora? – meu pequeno nos interrompe num sorriso maroto, e não contendo um semblante crítico ao vê-lo todo sujo.

— Agora você vai já tomar um banho amor. Vou servir o almoço em dez minutos. – uma careta se forma em seu rostinho vermelho do sol, e Mauricio sorri para ele com cumplicidade.

— Mas ainda falta mais coisas, não falta Mau? – retruca ao cruzar os braços e cerro meus olhos para ele sem precisar dizer mais nada, embora Mauricio tente contornar seu semblante aborrecido.

— Tem sim, mas não se preocupe que cuido do resto ok? – Davi bufa contrariado, e mesmo emburrado toma seu caminho na direção do seu quarto.

— Obrigado pela ajuda campeão. – Mauricio grita alto o suficiente para

que meu birrento ouça, enquanto ele segue pelas escadas e ambos o observamos acenar com uma das mãos sem nos fitar, em um joinha pouco animado.

Meu filhote é bem temperamental quando quer e apenas sorrio voltando minha atenção para o homem ao meu lado. Sua mão toca meu rosto de leve e fecho meus olhos, sentindo toda mágica desse momento.

— Vai dar tudo certo. – ele sussurra e abro meus olhos para contemplar os dele, enquanto um sorriso feliz me toma de assalto e aceno em concordância antes de beijá-lo.

Mesmo com medo da minha decisão, sei que é preciso acreditar e é justamente nessas últimas palavras de Mauricio que me apego para não deixar nada nos atrapalhar daqui em diante.

Após o almoço, Davi se ocupa com a bolinha de pelos de Camila e minha amiga se aproxima de mim, numa expressão mais serena.

Mauricio está do lado de fora arrumando uma casinha para o pequenino, e os olhos dela me fitam como se estivesse escondendo o maior segredo da humanidade.

— Pode falar Mila. Conheço bem esse olhar e sei que está maquinando algo. — enxugo minhas mãos, enquanto ela cruza os braços numa postura defensiva.

— Preciso de roupas novas, me animar um pouco. Essa semana já volto ao trabalho e quero me sentir mais renovada. — sorrio feliz pelo seu argumento e ela me retribui o sorriso, com menos entusiasmo do que eu. — Pode ir comigo até o Centro da cidade?

— Claro que sim Camila. Por que não disse antes? Vou me trocar e já vamos ok? — peço com euforia, enquanto ela sorri mais satisfeita. Escolho algo básico e peço a Davi para se comportar. Em seguida dou um selinho em Mauricio que apenas sorri num semblante maroto e por um segundo me questiono o porquê dele estar tão feliz em me ver saindo. Procuro não cismar com isso e Camila e eu seguimos rumo a nossa pequena aventura cidade afora.

Minha amiga sempre foi muito prática e diferente de mim e de muitas mulheres que conheço, não gasta horas nas lojas à procura de algo que a satisfaça. Seu olho é clínico e mesmo com tudo o que aconteceu, não perdeu a objetividade quando o assunto significa como se vestir, e bem. Não gastamos muito tempo na rua e em pouco mais de duas horas, já estamos voltando pra casa. É um bálsamo acompanhar a esperança ganhar espaço novamente no semblante dela e meu coração se alegra pelas coisas estarem se ajeitando devagar.

Estaciono o carro no quintal de casa e um calafrio me invade ao observar o ambiente, praticamente no escuro. Fito Camila de soslaio e sigo em passos apressados num semblante apreensivo, sem saber o que está acontecendo. Assim que entramos, noto algumas velas ao redor da minha sala, e uma mesa posta com uma garrafa de vinho e um bilhete ao lado dela. Volto minha atenção para Camila que me sorri, e em seguida, inicio a leitura da caprichosa caligrafia impressa no papel fino.

“Uma nova casa. Uma nova vida. Uma nova chance. Um novo jantar.”

Ergo meu rosto na direção da escada ao ouvir passos, e meu queixo literalmente cai, ao observar Mauricio aparecer num conjunto Armani, no sorriso mais sedutor do mundo. Ele não tira seus olhos de mim, e me sinto uma plebéia, perante a elegância em que ele se encontra, ao se aproximar lentamente.

— Cadê o Davi? — solto baixinho, extasiada com a visão que tenho e antes que ele se pronuncie, Camila toma sua frente.

— Está na casa dos Ribeiro, junto com Rico. Vou ficar lá com eles e volto mais tarde ok? — ela me dá um beijo na bochecha e Mauricio dá uma piscadela para ela, antes de sua cúmplice sair e nos deixar a sós.

— Então. Um novo jantar? — suspiro num sorriso contido, enquanto ele toma minhas mãos nas suas e as beija antes de falar numa voz doce para mim.

— Acho que te devo um, depois do desastre no hotel. — sorrimos por um segundo e me sinto hipnotizada pelo verde água dos seus olhos. — Tem uma surpresa para você em cima da cama, por que não sobe para descobrir o que é, enquanto eu termino de ajustar algumas coisas por aqui? — ele pressiona os lábios com expectativa e tomo seu rosto em minhas mãos, dando um beijo suave nele, antes de fazer o que ele pede.

Subo as escadas apressada e com meu coração aos pulos. Estanco na soleira da porta ao me deparar com um lindo vestido preto, com um fecho ao redor do meu pescoço e me surpreendo de ver como meu namorado pensou em tudo. Tomo um banho com um imenso sorriso bobo nos lábios e em segundos me admiro do vestido caber em mim como uma luva.

Desço as escadas com uma euforia contagiando cada nervo do meu corpo, e Mauricio me brinda com seu sorriso encantador que me faz sonhar sempre. Ele me espera no fim da escada e logo depois me conduz até a mesa. Como um perfeito cavalheiro, ele puxa a cadeira para que eu me sente e ele se posta de frente para mim, enquanto olho ao redor da mesa, onde tudo está devidamente organizado. Ele me serve de um vinho muito suave e a refeição está tão saborosa quanto saborear esse momento.

Assim que terminamos, Mauricio aciona o controle remoto e uma música lenta se inicia, enquanto ele levanta e estende sua mão para mim como quem pede uma dança. Nossos olhos conversam sem palavras e sorrio nervosamente com sua atitude. É incrível como sempre me sinto uma adolescente no colegial e cada vez que suas mãos passeiam em minha pele,

uma corrente elétrica se alastra, me deixando em alerta para cada novo movimento seu.

Enquanto dançamos, os lábios dele se movem devagar, acompanhando a musica que se segue numa melodia mágica e não consigo deixar de prestar atenção em seu semblante enigmático.

Ele literalmente canta para mim, e não evito o rubor que aparece em minhas bochechas sem querer. Eu passo as mãos ao redor do seu pescoço e Mauricio enterra seu rosto em meus cabelos soltos, enquanto me aperta ainda mais e sinto os músculos do seu corpo definido contra minha pele que queima. Ele ergue seu rosto para me fitar e um sorriso maroto desponta em seus lábios, enquanto mordisco os meus de leve.

— Então? Perdoado pelo último jantar?

— Mais do que perdoado – nossas bocas estão a centímetros uma da outra e nossas respirações se misturam num ritmo sincronizado, enquanto sorrimos extasiados. Ele beija minha boca de leve e em seguida, a curvatura do meu pescoço, me deixando sedenta para ter seu corpo colado ao meu.

— Me dê um filho Rebeca. – ele sussurra em meu ouvido e o encaro com uma nítida apreensão em meus olhos, sem saber o que dizer. — Eu quero um filho seu. – ele insiste com doçura e um temor me assola de imediato pelo seu pedido, sabendo que qualquer resposta que eu der, será um diferencial no meio do nosso relacionamento.

A noite estava sendo perfeita, mas de uma hora para outra tudo poderia mudar mais uma vez e eu só não sabia o efeito que isso poderia ter sobre mim. Mas eu com certeza iria descobrir, de uma forma ou de outra.

Capítulo XXIX - Medo do futuro

Felicidade plena é acompanhar o maior milagre que Deus nos concedeu, vir ao mundo e mudar todo o rumo da sua história. Você descobre que todas as decisões da sua vida; já não se relaciona somente ao que você quer e deseja, mas sim ao que você quer e deseja para aquele pequeno ser que acaba de sair de você. Daí em diante, tudo fica em segundo plano, e a felicidade dele é tudo o que importa.

Seus sonhos ou decisões impulsivas acabam guardados no fundo de uma gaveta velha, até que o maior sentido da sua vida possa seguir seu próprio rumo; mesmo que isso nunca aconteça e você tenha sempre que estar por perto. Não condeno quem não queira ser mãe; algumas mulheres podem e tem o direito de optar por esse caminho, mas quem já é, sabe o sentimento incondicional que brota em nosso peito e que de tão grande chega a doer. Quem ainda pretende, logo vai saber como é esse sentimento, e no fim, fará qualquer coisa para que essa criaturinha cresça saudável e com um futuro feliz.

Era tudo isso e mais um pouco que sempre quis e desejei para o meu pequeno, mesmo sabendo que ainda podia ter feito melhor. Depois daquele fatídico dia, metade da minha alegria e desejos morreu, sendo enterrado junto com Miguel. Se não fosse por Ester, não sei se teria conseguido levar a gestação de Davi adiante. Ela se tornou a força que faltava em mim e mesmo com a dor que minava o que havia me sobrado por dentro, o apoio e o afeto dela foi a maior esperança que me mantinha de pé. Sobrevivendo lentamente.

Meu menino foi a melhor lembrança de felicidade que Miguel me deixou e sempre serei grata a ele. Talvez seja por isso que o temor e o medo agora me invadem de uma forma arrasadora com o pedido de Mauricio. Nunca passou pela minha cabeça ter filhos com outra pessoa, mesmo por que nunca pensei em me apaixonar de novo, mas agora...

Agora os olhos dele estão compenetrados nos meus, à espera de uma resposta, e minha cabeça pulsa como se um enorme relógio fazendo tic tac estivesse dentro dela, pronto para explodir a qualquer momento, fazendo-me sufocar. Sei que preciso dizer alguma coisa e afasto-me dele num claro sinal de dúvida, enquanto um frio percorre todo o meu corpo e peso as palavras

que eu quero que ele ouça. Mesmo que seja o que ele não quer ouvir no momento.

— Um filho? – minha voz treme e meu coração dói com o fio de esperança que se apossa brevemente do seu olhar.

— Você não quer? – exalo com força sem saber o que dizer e noto como sua expressão se modifica de imediato.

— Eu não sei Mauricio. Nunca mais pensei em ter outro filho, eu...eu não sei. – minha voz fraqueja e ele esfrega o rosto desolado, e me sinto mal pelo clima que se forma no ambiente. Sei o quanto ele está à espera desse momento, mas não posso ser impulsiva agora, por que nem eu sei o que quero. Ele tira seu blazer o jogando sobre o sofá e em seguida começa a retirar o jantar da mesa, sem me fitar. Nosso jantar romântico acaba de chegar ao fim e procuro mesmo sem muita convicção, amenizar as coisas

— Mauricio, por favor...

— Daqui a pouco, Camila e Davi estarão de volta e não quero que eles vejam essa bagunça. – me corta austeramente e toco seu braço de leve ao me aproximar, o fazendo parar de se movimentar e me encarar.

— Não faz assim, por favor. – peço serena e ele me fita tensamente. — Só fiquei assustada.

— E também não gostou da ideia. – retruca num estalo e descanso meu rosto em seu ombro por um minuto. Por que ele tinha que cismar com isso justo agora?

— Não é que não gostei, é que... – as palavras me faltam ao encará-lo, e demonstro uma fragilidade poucas vezes vista por alguém. — Eu tenho medo. – pressiono meus lábios com embaraço, e imediatamente ele me envolve com carinho em seus braços, enquanto ficamos em silêncio por um pouco.

— Tudo bem Beka. Eu posso esperar. – seu tom é suave, mas posso ver o quanto ele está decepcionado.

— Prometo pensar sobre isso ok? – miro o fundo dos seus olhos, e embora uma leve névoa se faça presente, um meio sorriso contorna seus lábios, acalmando meu coração.

— Ok. Eu te amo. – sussurra docemente e me sinto egoísta de não dar uma resposta concreta para ele.

— Eu também te amo. – solto vacilante e nossos lábios se tocam de leve, antes de Camila e Davi adentrarem em casa; aliviando o clima estranho entre nós. Sorrimos sem jeito pela chegada deles e ao cruzar meu olhar com o

de Camila, minha amiga pesca que algo muito sério aconteceu. Ela não fala nada, mas sei que logo não vou ter como fugir.

Davi esfrega os olhos reclamando de sono e o acompanho até seu quarto, na garantia de que ele vai escovar os dentes antes de se deitar. Ele me conta entre um bocejo e outro, das vezes que ganhou Rico no xadrez; e de como ele é muito pior do que meu namorado no assunto. Sorrio pelo entusiasmo cansado do meu garoto, mas não consigo processar mais nada além do que ele acaba de contar, pois minha mente está presa no pedido de minutos atrás de Mauricio.

— Você está bem mãe? – meu pequeno chama minha atenção ao tocar minha bochecha de leve com a ponta do seu indicador e volto para minha realidade.

— Estou sim amor. – meu tom é carinhoso e puxo-o para o meu colo, e o analiso por alguns segundos antes de me pronunciar.

— Filho você é feliz? Quero dizer, com a vida que levamos, você é feliz Davi? – ele estreita seus olhinhos questionadores para mim, num semblante confuso.

— Eu tenho a senhora, a tia Mila e o Mau mãe. Por que não estaria feliz? – diz com propriedade e não evito um sorriso mais largo para ele.

— Mas nunca se sentiu só? Nunca pensou em ter um irmãozinho, para te encher a paciência? – dou um cheiro em seu pescoço o fazendo sorrir, e em seguida observo seu semblante ficar sério.

— Gosto de ser filho único. Tenho você só para mim. – meu coração palpita e o sorriso dele se ilumina, enquanto o fito com doçura.

— Tudo bem rapazinho. Hora de dormir. – ele se ajeita na cama e beijo sua bochecha rosada, antes de cobri-lo. — Eu te amo.

— Também amo você mãe. — diz numa piscadela marota e deixo o abajur ao lado da sua cabeceira ligado antes de chegar até a porta.

— Mamãe? — estanco na porta ao ouvir sua voz arrastada pelo sono

— Diz meu anjo. — me viro para encará-lo num semblante sereno.

— Até que não é má ideia

— O quê amor?

— Ter um irmão. — suas palavras me pegam de surpresa e uma breve alegria se expande em meu coração. Talvez eu possa me acostumar com isso.

— Boa noite. — ele suspira ao fechar seus olhos e os sentimentos confusos não me dão paz.

— Boa noite querido. — fecho a porta e saio do quarto com um misto de euforia e temor em meu coração.

Ao invés de ir pra cama, desço as escadas e encontro Camila sentada no sofá de posse de duas canecas de chá entre as mãos. Um sorriso frustrado escapole dos meus lábios, e aceito uma das canecas, assim que me sento ao lado dela.

— Então?... — sua pergunta fica no ar por longos segundos, e tomo um gole generoso do líquido fumegante, antes de contar para ela o que me aflige.

— Ele quer um filho. — solto num murmúrio maior do que espero e fico muda por um minuto, enquanto ela me fita estática.

— Você não sabe se quer? — balanço minha cabeça em negação, e embora ameace falar mais alguma coisa, lágrimas começam a escorrer dos meus olhos e Camila toma a caneca da minha mão e pondo sobre a mesinha de centro, me acomodando em seus braços de forma carinhosa. Nesse momento a velha Camila está de volta e mesmo não conseguindo distinguir o porquê do meu súbito choro, sei que preciso aliviar seja lá o que for que anda corroendo minha alma.

— É por causa do Miguel? É por ele todo esse medo Beka? — após vários segundos, levanto meu rosto para fitá-la e franzo minhas sobrancelhas, tentando entender sua pergunta.

— Porque acha isso Mila? — fungo, enxugando meu rosto com as costas das minhas mãos e ela puxa o ar com força, antes de expor seu ponto de vista.

— Por que ter um filho com Mauricio significa um novo ciclo, uma nova etapa em sua vida e isso quer dizer que sua vida com Miguel tem que ficar para trás entende? — engulo a seco com o que ela diz e meu coração afunda com essa realidade.

— Eu não quero esquecê-lo Camila. Eu não posso.— minha voz afina e ela toca meu rosto de leve com uma das mãos.

— Você não precisa esquecê-lo Rebeca. Mas tem que decidir quem deve ter prioridade em seu coração. Uma nova família com Mauricio, ou o fantasma de um passado na incerteza de um futuro feliz. — me sinto caindo num abismo sem fim com o argumento que ela levanta e sorrio torto para minha amiga, dando um beijo em sua testa ao me levantar. Sou a única que pode resolver essa questão e não me vejo preparada para nada que possa vir pela frente agora.

— É bom ter minha amiga de volta. — minhas palavras são doces e ela me fita serenamente num sorriso contido.

Subo as escadas em passos cansados e ao entrar em meu quarto, meu peito queima ao ver Mauricio deitado, dormindo como um anjo. Eu quero continuar seguindo adiante, mas a questão levantada por Camila martela em minha mente e me sinto esgotada por não conseguir lidar com esses conflitos dentro de mim.

Me aconchego ao seu lado na cama e seus braços que tanto anseio me protegem e espero que todo esse mar revolto que se transformou em meu peito se acalme e uma luz apareça para me guiar.

Embora eu ame Mauricio, a sensação que tenho é de ainda estar presa a tudo o que vivi com Miguel, como se por alguma razão louca eu estivesse manchando minha história com ele, e tal sentimento vai me martirizando pouco a pouco; como um dedo pressionado numa ferida que ainda não cicatrizou. Não sou capaz agora de dizer se ela ainda vai cicatrizar, embora eu queira.

Preciso encontrar um jeito de me libertar, e ter coragem de cauterizar esse ferimento, mas não sei como fazer isso. A única coisa que posso aceitar no momento é esperar o tempo de descobrir isso chegar, e torcer para que Mauricio ainda esteja disposto a esperar por mim. A esperar por nós. É só o que quero pensar por hora.

Bônus Camila

Saio da casa da minha amiga com um sorriso no peito por ajudar Mauricio com sua surpresa para Rebeca. Depois de tantas perdas e sofrimento, ela merecia algo assim, que a fizesse ver o cara que ela tem ao seu lado e mesmo depois de todas as angústias que eles passaram, acredito que ele nunca a deixaria só.

Uma brisa gostosa me beija a face e sinto como se estivesse num daqueles dias de primavera, onde o toque do vento refresca a alma e nos faz querer sonhar alto. Me sinto leve, e caminho em passos lentos até a casa da família Ribeiro onde Davi e Rico se encontram. Mauricio pediu a ajuda dele também, e não tive como negar uma aproximação com ele para o meu cunhado posticho. Mesmo sabendo que não seria nada fácil estar nessa situação.

Me aproximo da varanda e acompanho Rico sentado num daqueles enormes bancos de balanço em madeira que cabem duas pessoas. Subo os dois degraus do batente, e me recosto no pilar que sustenta toda a área, cruzando meus braços ao redor do meu peito, enquanto ele me fita num semblante sereno.

Evito fitá-lo durante muito tempo, mas fica praticamente impossível ao vê-lo no seu estilo tipicamente do interior, com sua camisa entreaberta, mostrando o peitoral másculo, e sua calça jeans surrada pós-treino; além do seu inseparável boné com o nome da equipe de futebol de nossa cidade.

Rico é realmente um homem muito charmoso e atraente, sem contar que sua beleza é algo bruto e exótico ao mesmo tempo. Não me condeno por ter-me apaixonado por ele antes de tudo acontecer. No entanto, já não sei dizer mais o que se passa em meu coração e apostar no que não consigo ter controle é algo que passei a descartar da minha vida. Me sentia mais segura assim, até agora.

— Como foi? — seu sorriso fraco aparece e seu olhar para mim é tão doce, que me sinto suspirar por um momento.

— Eles vão ficar bem. — fito meus pés sem jeito, e somente o som dos grilos e o coaxar de alguns sapos podem ser ouvidos, no silêncio que se segue entre nós. — E Davi? — peço ao olhá-lo por um segundo, enquanto ele sorri mais largamente agora.

— Está batendo o filho do Rob no xadrez. Ainda há pouco, fui eu a

bola da vez. – sorrimos amarelo ao mesmo tempo e nossos olhos se fixam um no outro por um pouco.

— Ele é um garoto muito esperto – concluo ainda sorrindo.

— Demais. – ele fica sério, parecendo pesar se deve dizer mais alguma coisa, e o clima tenso que sempre me atormenta quando estamos juntos, toma conta do ar mais uma vez.

Rico se levanta de onde está e meu corpo começa a tremer com a possibilidade da sua atitude ao se aproximar de mim. Não é só medo pelo trauma, mas de não confiar no furacão de emoções que domina meu peito nesse momento e ele parece adivinhar isso, quando se posta de frente para mim, ao lado da outra pilastra, deixando um vão de quase um metro entre nós.

— Desculpe se não tenho sido muito cordial com você Ricardo. – argumento tentando justificar minhas últimas reações referentes a ele, e noto como seu maxilar se contrai com força, ao procurar manter o controle no lugar. — Posso ter parecido egoísta e injusta com você, mas não foi minha intenção ok? Não quero esse clima ruim toda vez que nos encontramos. – não quero alimentar ainda mais as esperanças dele, mas me sinto mal por não saber como reagir num ambiente em que estamos presentes, quando antes tudo era tão normal. Eu daria tudo para voltar a esse antes.

— Nem eu quero Mila, acredite. Mas não vou desistir de nós. – reviro os olhos numa notável desesperança e apesar do descompasso em meu peito, não encontro um jeito de seguir pelo caminho que ele propõe.

— Não existe um “*nós*” Rico, será que você não entende? – estalo com irritação e nesse momento ele se precipita na minha direção e subitamente segura meu rosto assustado em suas mãos, mas sem me machucar.

— Entendo Camila. – seus olhos enxergam o fundo da minha alma e seu hálito fresco arrepia minha pele num misto de sensações que vão desde o desejo de ser arrebatada por um beijo e a impotência de não conseguir ainda superar o mal infligido a mim. — Entendo que esteja com medo e com caraminholas em sua cabeça, entendo que pode achar não ser uma mulher digna ou inteira para um homem, entendo toda a dor que pode estar te corroendo nesse momento, mas o que entendo com toda a certeza do mundo é que você ainda sente alguma coisa por mim; e é nessa certeza que vou apostar todas as minhas fichas. – minha respiração falha e ele engole a seco, enquanto todas as suas palavras me abalam.

— Você vem me dizer isso agora? Logo agora Ricardo, depois de tudo?

– vocifero na defensiva, enquanto nossos olhos estão presos numa batalha silenciosa.

— É Camila. Estou dizendo agora, por que não acho que seja tarde. – seu tom é quase uma súplica e me sinto pequena.

— Eu não consigo mais Rico. — solto num lamento e sinto seu toque deixar a minha pele devagar, enquanto ele abaixa seus braços ao lado do corpo e me fita num semblante de dor.

— Eu vou te provar que você consegue Mila. Sou bom em esperar. — rebate com convicção e um fio de esperança corre em minhas veias desenfreadamente, desejando que tudo o que ele diz seja verdade e não apenas uma compaixão velada por tudo o que passei. Solto o ar com força dos meus pulmões e me movo na direção da porta, a abrindo rapidamente.

— Davi está na hora. Precisamos ir. — peço alto o suficiente para ouvi-lo dizer que já vai descer e os olhos de Rico permanecem em mim numa doçura que me deixa ainda mais incomodada. Após alguns minutos, sorrio sem jeito ao me deparar com o rostinho cansado de Davi e agradeço ao dono da casa que o acompanha até a porta.

— Obrigada Rob, dê um beijo na Jasmine ok? — ele acena em concordância e Rico o cumprimenta num sorriso forçado, sendo rapidamente retribuído de volta.

— Tchau Sr. Ribeiro. — o pequeno se despede, enquanto boceja e caminhamos para casa em silêncio, na companhia de Rico.

Mil coisas cruzam minha mente como um raio e não saber o que elas significam de fato para mim, me apavora. Sei que Rico não vai desistir e no fundo, não quero que ele desista. Mas não sei se consigo levar um relacionamento adiante depois do que houve. Não sei se posso me entregar novamente.

A noite foi de surpresa para Rebeca, mas quem acabou sendo surpreendida por tabela fui eu. Lidar com essa realidade agora não estava em meus planos de reabilitação ao meu mundo real. Mas por um momento me senti viva de novo com a possibilidade de amar e ser amada mais uma vez. Eu só precisava me convencer que podia ser merecedora disso uma vez mais.

Capítulo XXX - Más notícias

A semana passou numa corrida absurda e quando dei por mim, já estava completando um mês e as obras do anexo estavam praticamente prontas.

Quando as novas aparelhagens chegaram, doadas pelo amigo de Mauricio, Michael Baker; um sorriso bobo se formou em nossos lábios ao acompanharmos esse grande sonho se tornando cada vez mais real. Em mais alguns dias, tudo estaria no seu devido lugar e poderíamos inaugurar esse cantinho tão especial para as crianças. É óbvio que os tratamentos não se limitariam somente às crianças de Primavera, mas de certo elas seriam a maior prioridade.

Camila voltou a trabalhar e mesmo ainda estando insegura; Rico estava sempre por perto para ajudar nos momentos de pânico que se manifestaram nos primeiros dias. Agora ela está um pouco mais centrada e cada dia que passa, eu sinto que ela pode continuar. Mais dois telefonemas se seguiram após o primeiro, nos deixando assustados, e achamos melhor informar ao delegado Freitas sobre o ocorrido.

Desde então, minha amiga vem sendo acompanhada por um dos guardas locais a todo lugar que costuma ir. Ela também começou a ter regularidade com as sessões com a psicóloga e mesmo sabendo que ainda iria demorar para que as coisas pudessem chegar próximas do que fora um dia, seu esforço era notável e eu me sentia ainda mais orgulhosa dela.

O clima entre Mauricio e eu voltou a ser amistoso, mas era perceptível sua mudança de postura em algumas situações e resolvi não entrar em atrito por isso. Ele tinha suas próprias razões para lidar da melhor maneira possível a tudo o que aconteceu e eu só podia compreender seu lado. Mesmo assim, estávamos bem e no fim, isso acabava acalmando meu coração. Podíamos chegar lá.

— Pronto campeão? — Mauricio sorri entusiástico para Davi, o ajudando a entrar no carro, enquanto meu garoto demonstra um semblante compenetrado, assentindo num aceno. É seu primeiro jogo da final e ele está bastante apreensivo de sair com um bom resultado para o time, enquanto Mauricio liga o motor na espera de Camila; que logo se junta a nós; sentando ao lado dele no banco detrás.

Meu animado capitão começa a cantar o refrão do hino do pequeno time, e seu entusiasmo é tão grande, que em poucos segundos, Camila e eu estamos entoando a melodia com ele, arrancando um enorme sorriso do rosto de Mauricio. Não demoramos a chegar e observo meu filhote suspirar com ansiedade e seu lindo sorriso demonstra o quanto ele parece preparado para o que estava prestes a enfrentar.

A arquibancada já está lotada, e dessa vez percebo que tem muito mais gente, além de apenas pais de alunos. Rico nos cumprimenta num sorriso amistoso e seu olhar se prende nos de Camila por um segundo, enquanto suspeito que as coisas entre eles podem estar começando a mudar. No entanto, não faço nenhuma observação por hora, e ela simplesmente desvia seus olhos do dele num claro embaraço.

Davi segue na direção dos seus companheiros de equipe, e um pequeno jornal local bate várias fotos do evento, que há pouco tempo ganhou destaque, como referência de atividades que ajudam a evitar evasão escolar juvenil; e na baixa taxa de criminalidade por parte de adolescentes. Mauricio encontra um espaço para nos sentarmos, e me sinto ansiosa por esse momento do meu garoto.

O juiz lança a moeda ao ar, e Davi escolhe o lado do campo que pretende ficar e aceno para ele em apoio, antes do apito soar para o início da partida.

O sol forte é sem dúvida o maior adversário de ambos os times, mas tenho a sensação de que os meninos comandados por Rico estão nervosos ao extremo, e a bola parece estar pegando fogo, tamanho é a quantidade de

passes errados nos primeiros vinte minutos de jogo. Nem Davi se salva, embora ele esbraveje sem parar na direção dos companheiros, num semblante visivelmente chateado.

As coisas pioram, quando o camisa 9 da outra equipe sofre um pênalti causado pelo meu birrento e ele leva cartão amarelo. Uma sonora vaia ressoa da arquibancada, e tenho que me controlar para não fazer uma cena com o juiz.

Os visitantes tomam a dianteira no placar, e olhando a fisionomia desolada de Davi posso jurar que ele não está bem. Meu coração aperta de súbito e uma intempestiva agonia me invade sem nem mesmo eu saber o porquê.

— Preciso de água, você quer Beka? – Camila indaga gentilmente e assinto com a cabeça, enquanto ela segue no meio da fileira de gente em que estamos.

Rico gesticula com o time, extremamente irritado e Mauricio tenta em vão me acalmar. Chega a hora do intervalo, e Davi enxuga o suor do rosto e noto o quanto ele parece descontente com essa situação. Miro meu relógio por um segundo e começo a me preocupar com a demora de Camila. Pelo tempo que passou, já era para ela estar de volta, e meu estômago começa arder, num sintoma claro de que estou no limite do meu nervosismo.

De repente, um pequeno aglomerado de pessoas começa a se movimentar na direção que leva até onde se encontram as barracas de consumo e meu coração palpita ainda mais num único pensamento: Camila. Meu olhar para Mauricio não necessita de palavras e saímos acompanhando o pequeno grupo, enquanto um pouco mais à frente, ouvimos alguns burburinhos baixos e semblantes atônitos.

Abro caminho no meio da concentração de pessoas e observo um homem forte se debater ao ser algemado pelo delegado Freitas.

— Você está bem? – me precipito na direção da minha amiga, tentando entender o que está acontecendo e ela mantém uma expressão atônita a toda a cena diante de nós.

— Foi ele Beka. Ele tentou me atacar de novo, mas o delegado e os policiais foram mais rápidos e o prenderam. – sua voz treme e sua respiração está tão irregular que peço a Mauricio para arranjar um copo de água para ela. Olho de soslaio para o homem que é carregado pelos policiais até o camburão e seu olhar duro me causa arrepios.

Um sorriso debochado cruza seus lábios antes de entrar no carro e ele

balbucia alguma coisa, que não consigo identificar, embora não seja o suficiente para não me deixar apavorada. O delegado Freitas avisa Camila que precisa pegar seu depoimento depois e ela concorda num aceno, agradecendo-o numa frase muda, enquanto o velho senhor ostenta um meio sorriso no canto da boca. Mauricio aparece com a água e ao estendê-la para Camila, noto o quanto ela treme.

— Hey! Acabou. Ele está preso, não vai mais te fazer mal Mila. – eu tento tranquilizá-la, quando suas palavras me deixam apreensiva.

— Ele não agiu sozinho Beka. – ela tem razão. Embora o perigo tenha passado por hoje, o outro canalha se encontrava solto e manter os olhos ainda mais abertos agora era essencial.

As pessoas começaram a voltar aos seus lugares e quando voltamos para a arquibancada, o jogo já havia reiniciado. Descubro que o jogo está empatado e que o responsável pela façanha de recuperação foi meu pequeno astro em ascensão.

Me divido entre prestar atenção no emocional de Camila e na desenvoltura de Davi, com o coração aos pulos. Não podia deixá-la ir sozinha para casa e nem ficar lá sem ninguém, por outro lado, não queria deixar meu pimpolho sem apoio e por fim, ela não se negou a permanecer conosco até que o jogo chegasse ao fim.

O jogo segue duro e miro meu relógio para constatar que falta apenas cinco minutos para encerrar a partida.

Davi pega a bola no meio de campo, e dispara numa velocidade, fazendo a galera se agitar. Ele dribla dois jogadores antes de chutar a gol e receber uma trombada que o deixa caído no gramado. A bola entra, mas a única ação que tenho ao invés de comemorar; é correr na direção dele, sem me importar com a negação do juiz.

— Davi! Fala comigo filho! – peço desesperada, enquanto ele faz uma careta de dor e imediatamente me lembro do dia em que Mauricio chegou à cidade, fazendo meu coração afundar.

— Estou bem mãe, só minha perna que está doendo um pouco. – respiro um pouco mais aliviada e volto minha atenção para o local que ele indica com o dedo, observando o enorme edema em seu tornozelo esquerdo, que já está livre da chuteira

Mauricio pega meu filho no colo e seguimos em passos apressados na direção do Postinho. A partida segue para o seu término e Rico avisa que em breve nos encontrará lá. Camila se junta a nós no carro, enquanto ainda permaneço preocupada e Davi aparenta estar mais sereno do que antes.

Levamos meu filhote direto para o raio-x e após alguns minutos constato que não existe nada mais grave além de uma luxação no local.

Davi ganha uma proteção na sua perna e embora insista para ir embora, coloco pé firme para que ele passe ao menos o resto do dia em observação.

Desde a cirurgia que ele não fez mais nenhum exame e aproveitou para averiguar sobre seu cansaço excessivo dos últimos dias e peço logo um check up. Já que ele está ali não custa nada e assim posso me sentir mais tranquila.

Seguimos para o quarto e ele fica de cara emburrada, mas seu semblante logo se ilumina quando Rico adentra no ambiente, com um sorriso feliz.

— Treinador! – exclama com entusiasmo e prossegue com euforia. — Ganhamos?

— Ganhamos capitão. Graças a você. – a felicidade reina por hora e deixo meu menino na companhia de Rico e Camila, enquanto saio para tomar um café. Mauricio foi fazer uma ronda pelo Postinho e tudo o que preciso agora é de algo forte pra aliviar os acontecimentos das últimas horas. Tomo o último gole do líquido e meu esgotamento é tão grande que lentamente me sinto adormecer, numa das poltronas da sala de espera.

Acordo sobressaltada e ofegante, como se fosse sufocar, e meus músculos doem. Acabo de ter um pesadelo com Davi e a sensação foi tão real que meu coração ainda corre disparado, e percebo ao fitar as minhas mãos que elas ainda tremem. Não sei quanto tempo cochilei, mas antes que eu entre no quarto para ver como meu pimpolho se encontra, Mauricio aparece e sua expressão é tão pesada, quanto a que vi em meu pesadelo.

— Preciso falar com você Beka. — seu tom é triste e ao mesmo tempo preocupado. Durante todo esse tempo em que conheço Mauricio uma coisa eu aprendi bem a ler: seus olhos. E nesse momento, eles me dizem alguma coisa que não sei decifrar, mas que faz uma pontada acertar de cheio meu coração.

Ele tinha algo muito ruim para me contar, embora meu peito não estivesse nenhum pouco preparado para o que eu poderia vir a ouvir dele. Só me restava enfrentar o que viesse pelo caminho.

Capítulo XXXI - Uma conversa difícil

Minha cabeça dá mil giros, enquanto sigo Mauricio até sua sala, e me sinto como se estivesse no alto de uma montanha russa, enquanto um gosto metálico sobe pela minha garganta. Tento manter minha respiração controlada, mas a cada passo dado, é como se eu sufocasse lentamente e meu coração gela, enquanto meu corpo todo treme com a iminência do que ele tem para me falar.

— Diz logo o que há Mauricio, já não aguento mais tanto mistério. — estalo num misto de irritação e medo ao adentrarmos na sala, enquanto ele pega um envelope em cima da sua mesa e o estende na minha direção num semblante desolado.

— Esses são os exames feitos pelo Davi. Eu não tenho dúvidas, mas você é a pediatra, e mãe dele. — hesito um segundo antes de pegar o envelope, e respiro fundo ao abrir e analisar o conteúdo dele, enquanto Mauricio prossegue falando.

— Os índices de glóbulos brancos estão altíssimos, e os outros sintomas que ele já vinha sentindo, colaboram para confirmar o que está escrito aí. — ouço-o argumentar, mas não registro nenhuma informação, além dos números que parecem indicar o início de um pesadelo sem fim.

— Esses valores estão errados Mauricio. Isso aqui não pode ser verdade. — atropelo as palavras de forma frenética, e meu mundo perfeito começa a ruir diante dos meus olhos.

— Amor, eu sei que é difícil, mas você precisa entender...

— Tem que fazer de novo. Tem que refazer esses exames Mauricio. — o interrompo com desespero e toda minha força é tragada em questão de segundos.

— Eu já fiz Rebeca. Duas vezes. — sua voz quebra e não contendo mais as lágrimas que caem como cascata agora. Meu estômago revira, e me sinto sendo engolida por um buraco sem fundo, sem nada mais ao meu redor a não ser a escuridão. — Enquanto você descansava pedi um mielograma e os valores foram os mesmos. — Mauricio me senta em uma das cadeiras e se

ajoelha em minha frente para ficar na mesma altura do meu rosto e o acaricia de leve, enquanto uma sensação de torpor me toma por completo.

Todas as mágoas, os sofrimentos e as alegrias que passei nesses últimos anos ressurgem como um filme vívido em minha mente e minha vontade é de encontrar uma fórmula que possa transferir todo o medo e dor que meu garoto irá sentir para mim, e a impotência de não poder fazer nada me deixa no limite das minhas esperanças. Se uma pessoa adulta já fica abalada ao saber sobre uma leucemia, que dirá um garoto de 10 anos.

Quero acreditar que tudo não passa de um engano, que meu garoto logo vai estar de volta aos gramados para decidir a partida da sua infância, mas a realidade volta a martelar em minha cabeça assim que Mauricio torna a falar.

— Você sabe dos procedimentos padrões Beka. Sabe que quanto mais cedo iniciar o tratamento, mais chances nós temos de mudar esse quadro. — seu tom é o mais sereno possível e seus olhos me expressam compaixão, enquanto meu choro retorna com força nesse momento. Ainda não consigo digerir o que me foi empurrado goela abaixo e sinto uma trava em minha garganta. Levo alguns segundos para me acalmar e suspiro longamente por um minuto, forçando minha mente a trabalhar no meio desse caos que se tornou a minha circunstância atual.

— Como vou contar uma coisa dessas para ele Mauricio? — murmuro num fio de voz e ele segura minhas mãos com força.

— Eu vou estar ao seu lado amor, como estou fazendo agora. Ele é um garoto forte, vai superar. — seu sorriso sem ânimo aparece por um pouco e o medo da reação de Davi me abala ainda mais.

— E se ele não suportar uma quimioterapia? — estou de novo aos prantos e sinto meu coração rachar em mil pedaços. — Eu não posso perdê-lo Mauricio. — ele me abraça forte, enquanto nada mais além de soluços escapam da minha garganta numa dor avassaladora.

— Hey! Ninguém vai perder ninguém aqui entendeu? — fecho meus olhos com força, na esperança de que suas palavras se tornem realidade e pequenos espasmos acometem meu corpo, quando ele segura meu rosto já inchado em suas mãos.

Seus olhos marejam de tristeza e embora ele tenha tentado se segurar, uma trilha de lágrimas escorre em sua face e descubro o quanto de fato, ele ama meu menino. Dessa vez sou eu quem segura seu rosto em minhas mãos e nossas testas encostam uma na outra, enquanto dividimos nossa dor num choro sofrido.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, mas a última coisa que registro desde que o vendaval chegou, é a voz preocupada de Camila, a me fitar atônita.

— Beka? O que houve? Davi está em cólicas por que você sumiu – Mauricio se levanta, dando lugar a minha amiga e a abraço forte, já sem lágrimas para chorar. Após alguns segundos, conto tudo o que está acontecendo e ela seca rapidamente o rastro deixado por uma lágrima em seu rosto, segurando minha mão com firmeza.

— Vamos superar isso entendeu? Não foi sempre assim? – seu olhar confiante reacende uma fagulha de esperança e percebo que me lamentar não será a melhor forma de ajudar meu filhote. Mesmo que por dentro eu esteja em frangalhos, é uma imagem otimista que ele precisa ver, e acreditar. Também preciso, e é por isso que aceno em afirmação para ela, exalando o ar com força antes de me levantar; e enxugar meu rosto. Preciso ser forte para encarar Davi e não tenho mais como adiar isso. Quanto mais cedo ele souber sobre suas reais condições nesse momento, mas rápido conseguiremos bons resultados.

Reúno um fio de coragem e adentro no quarto, seguida de Mauricio e Camila, enquanto Davi tem um copo de sorvete em suas mãos, e revira seus olhos assim que me vê. Meu coração queima só de saber que daqui a poucos minutos o temor estará enraizado em sua cabecinha e sorriso amarelo, meio sem saber o que falar.

— Oi mãe! Por que demorou? Quero ir para casa. – resmunga num tom cansado e; meu olhar alterna, entre minha amiga e meu namorado por um segundo. Eles acenam para mim em um apoio velado, e me aproximo da cama, sentando ao lado do meu rebento, enquanto ele se mantém distraído.

— Amanhã já estará de volta filho, só um pouquinho mais de paciência, ok? – evito fitá-lo por muito tempo e mesmo tentando soar serena, minha voz treme; enquanto os olhos azuis de Davi me fitam como se pudesse enxergar o fundo da minha alma.

— O que está acontecendo mãe? – meu garoto põe o sorvete de lado e seu semblante se torna sério na expectativa de uma resposta da minha parte. Desde pequeno ele sempre “*pescou*” as coisas no ar, eu devia saber que hoje não seria diferente.

— Filho lembra quando fizemos juntos, seu trabalho sobre geografia populacional? – ele acena em concordância e engulo a seco, com meu coração aos saltos, tentando prosseguir.

— Então. Nosso corpo é formado por milhares de células, tal qual uma imensa cidade é formada por milhares de pessoas, e cada uma delas tem um papel a desempenhar na sociedade em que vivem. Quando por motivos econômicos ou qualquer outro fator, essa cidade não consegue se desenvolver, medidas são tomadas pelas pessoas competentes para resolver esses problemas e assim fazer essa cidade voltar a prosperar entende? – ele apenas assente e em seguida seus olhos pousam sobre Camila e Mauricio por milésimos de segundos, antes de voltar a me fitar com uma nítida confusão neles.

— Assim como essa ilustração, as células do seu corpo estão precisando de ajuda, de medidas para fazerem com que elas entrem no ritmo certo e parem de causar dano ao seu organismo. – uma faísca de entendimento toma conta do seu semblante e imediatamente seus olhos se voltam na direção de Camila.

— Entendo o que quer dizer mãe. Aprendi isso na aula de Biologia, não foi tia Mila? – ela confirma num semblante pesaroso e meu menino continua num murmúrio. — É leucemia não é? – seus olhinhos marejam para mim, e já não consigo controlar a emoção que volta a brotar dos meus olhos ao confirmar num aceno. Ele tenta se segurar, mas a tristeza o consome lentamente, até que as lágrimas correm desenfreadas pela sua face rosada e o puxo com força num abraço apertado. Não é preciso mais explicações detalhadas sobre isso agora.

— Nós vamos superar isso Davi, acredite em mim ok? Você vai ficar bem e logo vai poder voltar aos gramados e fazer tudo o que estava acostumado a fazer filho. – enxugo meu rosto rapidamente, me esforçando para passar uma positividade até agora perdida dentro de mim.

— Meu cabelo vai cair? – ele se lamenta, ciente sobre as possíveis conseqüências do tratamento e meu coração sangra mais um pouco desde que soube da notícia há poucos minutos.

— Hey campeão. Pode ser que isso aconteça, pode ser que não, mas não é isso que deve pensar agora tudo bem? O que precisa ter em mente, é que logo você vai estar curado e que tudo não terá passado de apenas mais um obstáculo vencido por você ok? – Mauricio fala com doçura num sorriso contido, mas suas palavras não são o suficiente para acalmar o coração do meu pequeno e me sinto ainda mais impotente.

— Eu não quero morrer mãe. – o medo escorre em suas palavras e respiro fundo para não desmoronar na frente dele, ou o estrago de toda essa situação, talvez não tivesse mais volta.

— Você não vai morrer Davi, confie em mim. – seguro seu rosto choroso em minhas mãos e o observo se acalmar gradativamente enquanto falo com firmeza. — Você vai sair dessa filho e nem que eu tenha que morrer, você vai ficar curado meu anjo. Eu te prometo isso. – ele assente com a cabeça e volto a abraçá-lo, enquanto meus olhos se fixam no de Mauricio por um momento e sei que ele entende do que falo.

Não penso em mais nada por hora e me agarro na esperança de que meu menino responda bem ao tratamento, mesmo não tendo nenhuma garantia do futuro. Apenas a certeza de que estamos juntos nessa jornada e que vamos vencer mais essa batalha. Não posso e não vou desistir. Meu menino merece mais. E é por esse mais que vou lutar sempre.

Capítulo XXXII - Batalhando contra o tempo

Olho a paisagem pela janela do carro e sentimentos confusos de nostalgia e tristeza disputam espaço em meu coração. Depois de todos esses anos, jamais pensei em voltar para São Paulo, e agora me encontro voltando para lá por conta do tratamento de Davi.

Mauricio conseguiu uma vaga pro meu menino no Centro Infantil Boldrini, e o que poderia levar alguns dias para se resolver, foi acertado em apenas algumas horas. Saímos do Postinho pra casa um dia após contar a notícia para ele, e embora o susto inicial o tenha abalado, seu notável entusiasmo depois, acabou por me contagiar nos dias que antecederam essa viagem até Campinas.

Mauricio me sorri de vez em quando, enquanto presta atenção na estrada e fito Davi que dorme no banco traseiro, num semblante cansado. Eu já não andava dormindo bem mesmo antes de saber sobre a situação dele, mas as coisas parecem que estão piores e me sinto cada vez mais incomodada.

Acho que toda tensão dos últimos dias se acumularam; e só o que sobrou foi um monte de pensamentos descoordenados em um corpo sustentado apenas por movimentos automáticos, tamanha é minha fraqueza. No entanto, sei que não posso cair doente agora, já basta o que temos que enfrentar pelo caminho, e se manter alerta é o lema da minha vida nesse momento.

— Não se preocupe amor. Vai dar tudo certo. — Mauricio entrelaça sua mão na minha e em seguida a toma em seus lábios, num sorriso confortador, enquanto sorrio de volta; mesmo sem muito ânimo.

Não demora a chegarmos num enorme condomínio no centro da cidade e fico abismada com o luxo que os apartamentos aparentam ter por aqui. Fiz de tudo para ficar em um hotel, mas meu namorado me convenceu a ficar em sua casa, e não tive alternativas a não ser aceitar.

Mauricio carrega Davi no colo e assim que abre a porta, observo o quanto ele tem bom gosto em matéria de decoração. O espaço é

aconchegante, e uma enorme estante com livros e fotos ganha destaque no ambiente, que ainda conta com dois sofás de couro e uma TV com polegadas que jamais pensei em existir. Estou realmente fascinada e meu semblante deve ter demonstrado mais indiscrição do que eu gostaria, pois logo meu namorado me fitou num risinho debochado, mas nem de longe maldoso.

— Vou mostrar os quartos e depois te mostro o resto, tudo bem? — aceno em concordância, seguindo-o escada acima, enquanto me censuro mentalmente por ter parecido uma boba enxerida.

Davi continua dormindo e Mauricio o ajeita no quarto decorado com posters de bandas e carros automotivos, e sorrio por um momento para ele, sabendo que meu filhote irá adorar. Ele me puxa pela mão e em seguida, abre a porta que está de frente para a qual Davi se encontra e me convida a entrar. Uma enorme cama king size toma um lugar precioso no meio do quarto, enquanto uma parede, literalmente de vidro, mostra o resto da cidade de uma posição privilegiada.

— Sua casa é linda Mauricio. — balbucio encantada ao me aproximar da parede para contemplar a vista, e em poucos segundos tenho os braços dele ao meu redor, e seu queixo encostado em meu ombro.

— Herança da minha mãe. Foi a única coisa que sobrou após a separação com meu pai, e depois que ela morreu, ficou para mim. Há anos não venho aqui. — o calor do seu suspiro cansado se espalha pela minha nuca, e a amargura em seu tom é palpável.

— Vocês ainda estão brigados? — não quero me intrometer na vida dele, mas imagino o efeito que toda a mágoa já não tenha causado a ele.

— Não temos como ficar de bem Beka. — me viro para encará-lo e noto uma profunda tristeza em seus olhos verdes. — Ele sempre quis manipular a minha vida e desde que fui embora, ele tem tentado criar situações para que eu volte para a empresa. Mas não é o que eu quero. — sua convicção me faz sorrir de lado e enlaçar seu pescoço por um momento.

— E o que você quer Dr. Mauricio Ferraz? — minha voz sai carregada de doçura e seu rosto se aproxima ainda mais do meu, e meu coração amortece diante de todas as adversidades dos últimos tempos.

— Quero uma família de novo. Com você e o Davi, Beka. — nos fitamos por alguns segundos e meu corpo queima com o misto de sensações que seu beijo me causa, e mais uma vez sinto o amor que ele sente por mim, emanar entre nós.

Às vezes me sinto culpada de não conseguir externar pra ele tudo o que

sinto, mas muitas vezes, não consigo decifrar o que se passa em meu peito. Amor, gratidão, carinho. Mas algumas vezes tristeza, lamentos e culpa também.

Sei que preciso deixar essa parte negativa para trás, mas não é tão fácil quanto parece e às vezes me sinto fraca com esse tanto de sentimentos contraditórios e certos sobre Mauricio. Sei que ele merece mais, e se não fosse seu apoio incondicional, não sei o que seria de mim. No entanto, essas preocupações devem ficar para depois, por que meu único pensamento agora, é que meu garoto fique curado.

Após algumas horas, chamo Davi para o jantar, e mesmo ele não querendo comer; convenço-o a dar algumas garfadas antes de se sentar para ver a maratona do Senhor dos Anéis que está passando na TV.

O telefone de Mauricio toca e ele atende num semblante satisfeito, enquanto termino de tirar a mesa. Preciso ligar para Camila e faço uma anotação mental para não esquecer depois, preciso saber como andam as coisas em Primavera. Mauricio desliga o telefone e se aproxima de mim com um semblante sereno, que me deixa na expectativa de alguma coisa boa.

— Ele será internado amanhã e começa o tratamento no dia seguinte. — solta compassivo e o abraço na esperança de que tudo isso passe logo. É só o que espero.

Coloco Davi para dormir e ligo para Camila para saber como as coisas estão e fico feliz ao descobrir que Rico apareceu por lá assim que saí.

Informo sobre o início do tratamento de Davi e o incentivo de suas palavras é um bálsamo para o meu coração doído. Peço que ela tome cuidado; e uma breve alegria se instala em meu peito quando ela diz que estará presente no final de semana para nos visitar. Nos despedimos num clima mais leve e logo após colocar o telefone no gancho, observo a foto de uma linda morena sobre a estante de Mauricio.

Analiso por alguns segundos o sorriso feliz da mulher, sentada num balanço e só percebo a presença de Mauricio, quando sua voz corta o silêncio, num timbre nostálgico.

— Ela descobriu a gravidez nesse dia. Ela estava tão feliz. — mordo meus lábios por um segundo e me viro para fitá-lo.

— E você Mauricio? Era feliz? — ele se aproxima e toca meu rosto delicadamente, num semblante apaixonado.

— Agora eu sou Beka. — um meio sorriso desponta em meus lábios e fico na ponta dos pés para alcançar sua boca, enquanto ele faz a metade do

caminho, inclinando seu rosto para que nossos lábios se unam num beijo longo, mas extremamente calmo.

Sinto como se todas as minhas energias fossem renovadas e meu coração se alegra com esse poder que Mauricio tem sobre mim. Sei que com ele ao meu lado tudo se torna suportável e é a certeza desse apoio que me ajuda a seguir adiante.

Não foi fácil acompanhar o início da quimioterapia de Davi e confesso que algumas vezes a angústia era tão grande, que minha vontade era de tirá-lo daquela cama, retirar o cateter em sua veia e levá-lo para casa, só para não vê-lo sentir-se desconfortável e fraco ao final de cada sessão das últimas duas semanas.

O processo levava longas horas e os efeitos colaterais apesar de não serem tão severos, sempre o deixavam desanimado e cada vez mais cansado.

Mas meu menino foi corajoso e me senti muitas vezes pequena diante de sua disposição e força para lutar contra esse mal, quando eu mesma já estava a ponto de fraquejar. Logo ele se enturmou com o pessoal do Hospital e com algumas outras crianças que estavam passando pela mesma situação que ele, e nessas horas de descontração, é que me orgulhava ainda mais em ser mãe dele. Ester ficaria tão orgulhosa quanto eu e Miguel também.

Mauricio e eu acompanhávamos de perto cada mínimo de melhora que ele demonstrava nos primeiros exames e minhas esperanças só aumentavam com os números que mesmo parecendo insignificantes à primeira vista, para mim era a confirmação de que logo essa fase passaria e se transformaria em uma triste lembrança de algo muito ruim, que apenas passou por nossas vidas.

Agora estamos voltando para casa, para que meu pimpolho possa descansar e fortalecer seu organismo, antes de passar por um novo ciclo de sessões.

Assim que cruzamos a porta, o rostinho pálido de Davi se modifica para algo além de surpresa. Sua equipe de futebol da escola está em peso em nossa casa, seguidos de Rico e Camila, todos segurando uma enorme faixa que diz “*Força Capitão*” além de votos de boas vindas.

Um luminoso sorriso cruza os seus lábios finos, e não contendo a emoção em meus olhos, quando a moreninha chamada Lia, aparece com um pequeno troféu entre as mãos, e o estende na direção do meu menino.

— Melhor jogador da competição. — ele lê com surpresa e ao fitar Rico, seu tom é puro entusiasmo. — Então vocês são campeões?

— Somos capitão. Ninguém chegaria a lugar nenhum sem você. — o treinador toca de leve o boné dele ao se aproximar e dá uma piscadela de agradecimento para ele. Seu rostinho ruboriza quando a menininha de cabelos longos se aproxima dele e mais uma vez; volta a beijar sua bochecha.

— Espero que você fique bom logo. — ela sorri docemente, deixando meu moleque desconcertado.

— Obrigado. — solta sem jeito e uma chuva de aplausos ressoa em minha sala. — Obrigado a todos. — ele completa comovido e embora seja uma volta alegre, me preocupo com os efeitos sobre suas emoções.

— Obrigada gente, agora nosso capitão precisa descansar um pouquinho. — argumento com carinho e Rico organiza as crianças para levá-las de volta para escola. Ele se despede de nós num aceno e ao fitar Camila por um segundo, percebo que existe muito mais do que ele possa falar. Parece uma cumplicidade velada e me atento a não esquecer essa informação, assim que estiver a sós com ela.

Subo as escadas com Davi e minha amiga nos segue, enquanto Mauricio vai tomar banho. Meu garoto conta alguns pormenores de nossa passagem por São Paulo, enquanto desfaço sua mala, e não demora muito para ele cair no sono. Não só a viagem, mas todo o processo do tratamento; o têm deixado cada vez mais sonolento.

— Como estão as coisas? — minha amiga indaga, enquanto descemos até à sala, e esfrego meus olhos que ardem, seguido de um enorme bocejo. Ando ainda mais cansada do que antes, e desconfio que um pouco inchada também.

— Nada fácil, mas meu filhote tem se mantido forte. Os êxitos nos casos de leucemia tem aumentado a cada ano, e mesmo o caso de Davi sendo uma forma mais agressiva da doença, esse primeiro ciclo seguiu bem, agora é esperar pelo próximo passo e continuar na torcida.

— Ele vai sair dessa. — ela diz esfregando meu ombro de leve e me analisar por alguns segundos. — Você não parece nada bem Beka. Tem se alimentado e dormido direito amiga? — balanço minha cabeça em negativa e, Camila me lança um olhar de reprovação e rapidamente fecha a cara para mim, que não dura mais do que um segundo até ela chamar minha atenção.

— Você precisa se cuidar amiga. Não pode cair doente agora. — seu tom é carinhoso e sei o quanto ela tem razão. Preciso tirar um tempinho e descobrir o que anda acontecendo com meu organismo, antes que não

aguento mais todo o tranco que tem se formado até aqui. Dou um sorriso de lado para ela e suspiro longamente, enquanto ela me acompanha em pequenas passadas até a cozinha.

— E vocês aqui? Tudo bem? – peço ao fitá-la com curiosidade, mais ainda depois da sua troca de olhares com Rico, enquanto tomo um copo de água.

— Está tudo bem Beka. Devagar, mas está indo. – ela toca sua nuca por um momento, e embora esboce um sorriso fraco, parece incomodada com a minha pergunta; e estreito meus olhos na sua direção.

— Tem certeza Mila? Parece um pouco desconfortável. O Rico fez alguma coisa com você? – ela hesita em me responder e seus olhos me fitam numa dúvida palpável. Meu sangue ferve em segundos e começo a me irritar com o que está se passando em minha cabeça.

— Camila, se ele fez alguma coisa com você... – sou rapidamente interrompida.

— Ele não fez nada Beka. Pode ficar tranquila.

— Então, o que foi? Você não consegue me enganar por muito tempo, sabe disso. – a pressiono de leve, e ela me abraça antes de tornar a falar num tom vacilante.

— Está tudo bem Rebeca. Não se preocupe ok? – ela força um sorriso, e embora eu não esteja convencida de sua afirmação, aceno em concordância por hora. Mas é certo que ela está a me esconder alguma coisa e não vou sossegar enquanto não descobrir o que pode ser.

Após o almoço, Mauricio segue para o Postinho e Camila e eu, acompanhamos Davi numa maratona de uma de suas séries favoritas. É um momento gostoso de descontração e só saio do nosso clima “sessão seriado” quando o telefone toca. Surpreendo-me com uma vozinha meiga, e não é difícil adivinhar quem está do outro lado.

— Filho, é para você. – estendo o telefone para ele e não aguento um risinho matreiro ao acompanhar em segundos, seu rostinho ruborizar mais uma vez. Camila e eu nos mantemos atentas, e ao voltar a falar, meu pimpolho tem um nítido entusiasmo em seu tom.

— Mãe, a Lia está me convidando para um passeio amanhã. Eu posso? – mudo minha expressão para preocupação e não sei como reagir.

— Filho, talvez fosse melhor...

— Por favor? – seu pedido me quebra e assinto ainda meio contrariada, enquanto seu semblante volta a se iluminar.

— Eu posso ir Lia. – ele sorri satisfeito; e peso por um momento se eu estou agindo certo. Ele encerra a ligação numa carinha feliz e vejo que meu garoto está realmente apaixonado. Coloco Davi para o banho e procuro por Camila para saber mais sobre o que ela anda me escondendo, mas antes de entrar em seu quarto, sinto uma tontura forte e minha cabeça roda por um instante.

— Beka você está bem? – ouço a voz preocupada da minha amiga, mas não consigo responder por que um peso parecer tomar conta dos meus ombros e o medo do que pode estar acontecendo me consome antes da escuridão se fazer presente, me fazendo apagar.

Capítulo XXXIII - Esperança e mais Dúvidas

— Há quanto tempo você descobriu? – os olhos de reprovação da minha amiga me invadem a alma assim que recubro os sentidos, e tomo um gole do copo de água que ela me estende.

Meu súbito desmaio não durou mais do que dois minutos, mas foi o suficiente para que Mila confirmasse o que eu já estava desconfiada, e teimava em vão não acreditar. No entanto, não podia duvidar mais.

— Há 3 dias que fiz o exame de farmácia – me ajeito ao lado da sua cama, enquanto o semblante de Camila não seja de bons amigos para mim.

— E quando pretendia contar para o Mauricio?

— Eu não sei Camila. Com todas essas coisas acontecendo, eu não consegui pensar direito ok? E além do mais, esses testes não são de todo confiáveis – minha voz saiu mais alta do que pretendia, enquanto ela me fitava atônita. Eu odeio ser cobrada.

— Você é médica, sabe disso melhor do que ninguém. – minha amiga estala com propriedade e permaneço calada sem saber mais o que falar diante de suas afirmações. Estou mais do que apavorada. — Rebeca ele é o pai. Tem o direito de saber. – ela solta com irritação e me sinto mal por ainda não ter contado a ele.

— Eu sei disso Mila, e fale baixo, por favor. – argumento num tom mais calmo; e minha amiga mantém seu semblante fechado para mim.

— Eu vou contar tudo bem? Só estava tentando assimilar essa nova condição, afinal quem vai ter um filho sou eu. – meu tom é um misto de dúvida e euforia, arrancando em segundos; um sorriso contido dela.

— Você vai ter um filho Beka. Mais um. – ela segura minhas mãos na sua e uma imensa alegria transborda em meu peito, enquanto observo meu reflexo no espelho do guarda-roupa dela. Um breve sorriso cruza meus lábios e embora assustada com toda essa reviravolta em minha vida, me sinto feliz.

Aliado a essa novidade, me conscientizo que Davi terá um irmão ou irmã e caso ele venha a precisar, suas chances aumentam em relação à compatibilidade sanguínea na hipótese de um transplante. Isso é mais que

uma chance, é um verdadeiro milagre que Deus me proporcionou. Enquanto penso nisso por um momento, meu primeiro milagre dá o ar da sua graça, na soleira da porta e seu semblante corado me diz o quanto ele está alegre.

— Mãe, posso fazer gelatina?

— Claro. Mas vamos fazer melhor: eu desço e ajudo você, tudo bem? — me levanto devagar e em seguida seguro sua mão estendida para mim, enquanto fito Camila de soslaio. — Ainda vai me contar o que houve, enquanto estive fora. — aponto o dedo na sua direção e vejo o quanto ela parece intimidada, enquanto sou carregada pelo meu filhote escada abaixo.

Fizemos um mesclado de gelatina colorida, e longe da euforia anterior, Davi comeu menos do que comeria se estivesse em dias melhores. Mauricio chega do Postinho e seu lindo sorriso denuncia a iminência de boas notícias para todos.

— Sobrou alguma coisa para mim? – indaga tomando a colher que está em minha taça, levando-a a boca, enquanto meu menino o fita com cumplicidade.

— Claro Mau. Minha mãe quase comeu tudo, mas separei um cadinho para você na geladeira. – lanço um olhar falso de irritação para ele, seguido de um sorriso, enquanto meu namorado me brinda com um selinho.

— Tenho ótimas notícias. – ele se volta por um segundo para minha amiga ao cumprimentá-la. — Olá Camila!

— Olá sortudo. – ela passa por ele me deixando com um nó na garganta e o semblante de Mauricio se torna confuso num piscar de olhos.

— Do que ela está falando? – olho para Camila por sobre seus ombros e sua mímica com a mão na barriga me deixa em cólicas. Me sinto como se estivesse numa grande enrascada e antes que Mauricio torça o pescoço para olhar Camila, puxo seu rosto delicadamente na minha direção.

— De nada. Quais são as notícias? – mudo de assunto, observando Camila balançar a cabeça em negativa, enquanto se ocupa a ver TV com Davi na sala.

— O Centro de Tratamento e Diagnóstico será inaugurado amanhã. – um largo sorriso de felicidade se apossa dos meus lábios e Mauricio me ergue em seus braços, me fazendo rodopiar no ar por um momento. — Ainda tem mais. – ele me põe no chão e meus olhos são pura expectativa. — Um dos patrocinadores doou o material para procedimentos como os de Davi. Não vão mais precisar sair daqui para fazer o tratamento. – abraço Mauricio num alívio e o beijo agradecida.

— Tenho algo para te contar também. — sorrio de lado e seus olhos brilham de curiosidade, enquanto o semblante de Camila tenta me passar coragem. — Amanhã após a inauguração você vai ficar sabendo ok? – ele põe as mãos sobre o rosto num fingimento derrotado e faz uma careta engraçada quando enlaço meus braços ao redor do seu pescoço, ainda sorrindo

— Vou gostar? – seu tom é doce e mordo meus lábios antes de acenar em concordância para sua pergunta. — Então, vale a pena esperar. – ele me

dá outro selinho e vai até a sala conversar com Davi. Camila volta a se aproximar de mim e envolta seu braço no meu por um instante, enquanto observamos os dois homens que tomam guarda do meu coração aos risos.

— Preciso de ajuda para amanhã. — fito-a com decisão e imediatamente um sorriso satisfeito brota em seus lábios, mostrando todos os seus dentes brancos e alinhados para mim.

Mauricio e eu levamos Davi até a casa de Lia, enquanto Camila ficara em casa fazendo o que pedi, com a desculpa de uma dor de cabeça. Passo as instruções necessárias sobre as condições do meu pequeno para a simpática mãe da menininha que nos sorri ao ver Davi, e após mais cinco minutos de alertas, sigo com Mauricio para o evento de inauguração.

O local não se encontra muito cheio, a maioria são pais de crianças que atendemos praticamente todo mês no Postinho e é uma enorme alegria observar a satisfação nos olhos das famílias que tanto aguardaram por um momento como esse. Estou com a consciência e o peito leve, com a sensação de dever cumprido. Mais ainda que meu filhote não precisará mais passar por uma longa viagem até Campinas para se tratar. Isso por si só, já é uma grande vitória.

O prefeito faz questão de um tour por todo o local, e o Dr. Paolo e Mauricio o acompanham, mostrando cada novo equipamento doado, enquanto me ocupo em seguir o caminho oposto que eles fazem.

Caminho pelos corredores, examinando cada setor com encantamento. Seria ótimo se cada cantinho desse País pudesse contar com um projeto desses. Muitas vidas poderiam ser salvas e outras mais poderiam ter uma melhora significativa em seu quadro geral de saúde. Impossível não pensar nisso por um minuto.

Passo por um enorme jardim e sorrio de lado pelo perfume abundante exalado pelas flores; enquanto me deparo com uma enorme porta, que não sei onde vai dar. Olho ao redor, e ao passar por algumas roseiras; encontro um rapaz cuidando das flores que estão no local.

Pelos seus trajes no estilo religioso, não é difícil deduzir que estou diante da capela que Mauricio mencionara na planta do projeto e fico impressionada com a facilidade que ele tem em podar os espinhos das rosas. Acho que nunca mais havia entrado em uma depois daquele dia em que tudo ruiu, e hesito por um instante sobre o que fazer, sem nada falar.

— Posso ajudar? – o sorriso simpático do jovem ao perceber minha presença, me faz sorrir em resposta e ele aponta um dos bancos próximos a ele para que eu me sente. Eu não recuso a oferta e ao me sentar, observo-o sentar-se ao meu lado.

Um silêncio paira entre nós, mas ao invés de constrangedor é algo que me transmite paz e olho para suas feições por um momento com curiosidade. Ele não deve ter nem trinta anos, e de certo veio de fora, pois não me lembro de tê-lo visto por aqui antes, mesmo a cidade não sendo tão pequena assim.

— Como sabe que Ele te ouve? – pergunto vacilante ao mirar a capela, e ao voltar meu olhar para ele; seu semblante é pura serenidade.

— Por que eu acredito. – ainda estou a fitá-lo com dúvida e miro minhas mãos por um momento, um pouco envergonhada da minha pergunta.

— Você não? – agora é ele que me fita curioso e engulo a seco, meio sem saber o que falar. Um bolo parece se formar em minha garganta, e a única lembrança que me vem à cabeça é das minhas orações enquanto eu corria pelos corredores do hospital, antes de encontrar Ester sentada no chão, com o rosto banhado em lágrimas pela morte de Miguel.

— Eu achava que sim. – minhas emoções estão à flor da pele e ele põe sua mão sobre a minha, enquanto as primeiras lágrimas ameaçam cair dos meus olhos.

— Temos a mania de achar que Deus está surdo, mas a verdade é que nós não conseguimos ouvir o que ele nos diz todos os dias. – seu tom acalma meu coração e enxugo uma lágrima que cai sem que eu queira.

— E o que Ele te diz? – meu fio de esperança sai junto com minhas palavras.

— Para continuar confiando. – suas palavras entranham em meu coração e penso em Davi e em como sou feliz por tê-lo em minha vida. Sorrio sem jeito e o jovem se levanta para voltar a cuidar das suas plantas e após um longo suspiro, me levanto também para seguir meu caminho de volta.

— Obrigada pela conversa. – solto num tom mais confiante e observo um largo sorriso cruzar seus lábios.

— Volte sempre e nunca deixe de ouvir. — aceno em concordância e antes que eu me afaste demais, volto minha atenção para ele mais uma vez.

— Como se chama?

— Miguel senhorita. — volto a sorrir surpresa e solto um tchau mudo antes de ir embora. Mauricio tem razão. Nunca devemos perder nossa fé e acreditar no melhor.

Poucas pessoas circulam pelo anexo ao Postinho e pelo andar da hora, concluo que o evento já chegou ao fim. Procuro por Mauricio pelos setores, mas não encontro nenhum sinal dele e faço uma anotação mental pelo caminho que percorro para não me perder de uma próxima vez. Não imaginei que tudo ficaria tão enorme.

Suspiro cansada de andar, e procuro meu celular no bolso para ligar para Mauricio, quando ouço duas vozes alteradas circular pelo corredor em que me encontro. Sigo minha audição até uma das salas e uma das vozes faz meu coração sobressaltar. Conheço-a muito bem.

— Você fez um acordo comigo Mauricio e há anos que vem fugindo para não cumprir. Está agindo como o moleque que sempre foi. — a voz autoritária ressoava no ambiente e não pude evitar ouvir sobre o quê eles conversavam, embora não devesse ser da minha conta.

— Não sou mais moleque, será que não entende... — ele é bruscamente interrompido

— Ela está trabalhando aqui não é? — meu coração palpita e as palavras seguintes me fazem ter certeza sobre eu ser o xis da questão na discussão deles. — Por isso quis vir para esse fim de mundo? Para encarar um passado que sempre irá pender sobre a sua cabeça filho. — a revelação de que Mauricio estava diante de seu pai faz meu estômago arder e tento controlar meus movimentos para que eu não seja descoberta de onde estou. Embora espere que meu namorado diga algo em sua defesa, só o que ouço é novamente a voz do homem se propagar no ar, dessa vez um pouco mais branda.

— Sei que pode estar encantado por ela...

— Eu a amo — um meio sorriso aparece em meus lábios com a afirmação de Mauricio, mas logo o medo se faz presente, e meus conflitos emocionais me baqueiam com a resposta cheia de convicção do pai dele.

— Talvez você a ame, embora eu tenha certeza de que no fundo o que você tenta fazer, todos esses anos Mauricio; é mascarar a culpa que sente pelo

o que houve.

— Isso não é verdade pai.

— Você a está usando Mauricio, será que não vê? Usando para amenizar a culpa que traz no peito, tentando dar a ela e ao filho dela, um futuro que você destruiu há dez anos. — a mínima possibilidade de que o pai dele esteja falando a verdade é o estopim para abrir uma cratera em meu peito e procuro me controlar para não entrar na sala e encará-los de frente, já que o assunto era direcionado a mim.

— Eu a amo, ela me ama e o senhor não vai conseguir atrapalhar isso. — as palavras pipocam na voz de Mauricio e percebo o quanto ele está vacilante do que fala.

— Ela te perdoou? — sinto como se minha alma estivesse sendo esmagada e não ouvir a resposta de Mauricio me faz sentir pior.

— Diga Mauricio! — o homem ordena num berro e, os segundos tortuosos em que Mauricio permanece em silêncio deixam claro o que nem eu sabia responder, e me sinto impotente ao me dar conta disso. Por que sou a responsável dele não ter essa certeza agora.

— O que você quer de mim? Por que só não me deixa em paz? Já não basta mais o que me tirou, quer tirar o meu futuro também? — sinto a fragilidade em seu tom e por um momento entendo o que meu namorado queria dizer com o pai ser um manipulador.

— Eu quero que você volte para o Grupo Vital, de onde nunca deveria ter saído. Quero que assuma seu lugar como meu único herdeiro, por que não criei um império para vê-lo se perder na mão de um vice - presidente, que não sabe nem conduzir sua lamborghini, que dirá um hospital de referência como o nosso. Você me deve isso Mauricio, ou já se esqueceu?

— Tenho vergonha de ser seu filho. — inclino meu rosto para observar o que se passa na sala através do vidro e o homem segura o rosto de Mauricio entre as mãos com força, enquanto a raiva parece consumi-lo lentamente.

— Você pediu a bolsa de estudos para que ela pudesse estudar, eu providenciei. Quis de volta o patrocínio do time do pirralho, eu concedi. Agora eu quero meu pagamento. Você vai dizer adeus a essa cidade no meio do nada e vai voltar comigo para São Paulo, ou não vai gostar nada do que vai vir pelo caminho. — estou perplexa com o tanto de revelações e engulo a seco quando Mauricio desvencilha seu rosto das mãos do pai, sem parecer se intimidar com a sua explícita ameaça.

— Quero o senhor fora daqui. Fora dessa cidade e fora da minha vida.

– me afasto subitamente da porta, mas não o suficiente para não ser descoberta por Mauricio, que expressa um misto de vergonha, surpresa e medo em seu semblante para mim. Olhando-o agora nos olhos não sei o que pensar e nem em que acreditar. Estou totalmente confusa.

Nos analisamos silenciosamente por alguns segundos e meu peito lateja como se tivesse sido atingido por uma flecha. Logo as palavras de Vanessa vem à minha mente, desde a última vez que nos vimos. “*Ele nunca esteve longe*” De fato não esteve e agora consigo enxergar isso bem.

O homem de porte elegante e cabelos grisalhos, aparece por um instante e seu olhar duro na minha direção, me deixa ciente que não sou nem um pouco bem vinda na vida de seu filho. Um sorriso de lado cruza seus lábios e Mauricio não move um músculo a mais para observar o pai se retirar do ambiente, enquanto seus olhos estão fixos em mim.

— Ele tem razão? Me ajudou todo esse tempo para aliviar a sua culpa? — solto ácida e o observo balançar a cabeça em negação, enquanto recuo alguns passos quando ele tenta uma aproximação.

Posso estar sendo injusta, mas a dúvida que as palavras do homem deixaram em meu coração, me consome pouco a pouco e só preciso ouvir que tudo o que ele sente por mim não é uma ilusão provocada pelo peso da culpa de todos esses anos.

— Eu não vou negar que no início eu queria isso. Mas tudo saiu ao contrário Rebeca. — ele exala com cansaço e procura pelas palavras totalmente consternado. — Eu amo você, acredite em mim. — ele pede quase numa súplica e permaneço calada, indecisa das minhas ações; enquanto ele me fita com tristeza. Após alguns segundos, ele esfrega as mãos em seu rosto, antes de falar num tom de derrota que me abala de imediato.

— Nunca vai conseguir não é? Me perdoar? — suas palavras me atingem de cheio e embora eu ameace abrir a boca para contestá-lo eu não consigo. Não consigo simplesmente por que não sei se posso. É certo como a luz do dia que eu o amo, mas a realidade de eu saber disso não ameniza o que aconteceu. A confusão de sentimentos referentes a tudo o que ouvi martela em minha mente e já não sei mais em que me agarrar depois disso.

— Mauricio eu amo você...

— Mas não consegue esquecer Rebeca. Você nunca vai esquecer. — me interrompe num lamento e me sinto sangrar por dentro por que nesse exato instante é tudo o que não consigo. Esquecer. Seguir adiante sem pensar no que ficou para trás. Sem lembrar as feridas que mais do que nunca ficaram expostas hoje, e ainda mesmo tentando passar por cima disso, saber que amo quem foi responsável por tantos anos de lágrimas e sofrimento.

Tentei colocar o que sinto por ele acima disso, mas agora me sinto

quebrar ao me dar conta que talvez nada tenha passado de remorso e culpa da parte dele. Mauricio sempre esteve ao meu lado, mas essa possibilidade me enfraquece e sinto que já não posso lidar com toda essa enxurrada de novas informações.

— Eu sinto muito Mauricio. Eu não sei mais o que dizer. — me esforço para segurar as lágrimas, enquanto ele se aproxima, beijando o topo da minha cabeça, e seu coração é que parece sangrar agora.

— Não precisa dizer mais nada Rebeca. — seu tom é um lamento, enquanto se afasta de mim e não consigo acreditar no que as palavras dele podem significar. Ele não pode me deixar.

— Tenho algo importante para te contar. — minha voz treme com o medo de perdê-lo, e o acompanho se virar na minha direção, no esboço do lindo sorriso que já não me imagino sem.

— Estarei em casa para o jantar. — a serenidade do seu tom é um alívio para meu coração e me sinto a mulher mais complicada do mundo nesse momento. Por que tudo o que quero não consigo fazer e me odeio por não saber como exterminar o que me prende. O que não me deixa viver plenamente.

Olho em meu relógio e bufo ainda mais irritada ao saber que estou atrasada para pegar Davi e minha maior esperança é que eu consiga consertar esse clima pesado que se instalou entre nós. Espero que o jantar feito por Camila seja uma surpresa tão boa quanto a notícia da gravidez. Espero que ele fique realmente feliz e que possamos simplesmente continuar seguindo. É só o que desejo.

Capítulo XXXIV - Enterrando o passado

Um misto de sentimentos invade meu peito e enquanto dirijo até a casa de Lia para buscar Davi, apenas a imagem e as palavras de Mauricio aparecem em minha mente, me lembrando tudo o que já vivemos até aqui.

As memórias se misturam com uma imensa confusão e um sorriso se apodera dos meus lábios com a visão do nosso primeiro encontro no Postinho.

Seu cuidado comigo, enquanto o desespero tentava ganhar espaço. Sua tentativa de uma aproximação na cantina logo depois; e ainda o convite ousado para o jantar em minha casa.

Suspiro tentando colocar meus pensamentos em ordem e ligo o rádio na esperança que eu consiga decifrar tudo o que se encontra à minha frente como um enorme espelho onde eu visse o meu reflexo e não reconhecesse mais a pessoa nele. No entanto, o som de Secret Life me remete exatamente ao nosso passeio pelo parque e meu coração dispara como um cavalo de corrida, desesperado para chegar ao seu destino.

A lembrança do nosso primeiro beijo é tão mágica, que por um momento sinto o gosto doce da sua boca na minha e algo sublime que não sei explicar, se apodera do meu corpo, me fazendo tocar minha barriga num movimento automático.

Estou realmente feliz por ter um pedacinho de Mauricio crescendo dentro de mim e outra vez um sorriso se faz presente em meu rosto por alguns segundos. *“Ele te ama sua estúpida. Ele te ama.”*

Vocifero baixinho, reafirmando o que já era tão claro, e me sinto confiante do que é necessário ser feito dali em diante. Eu não podia ficar vivendo no passado a vida inteira. Eu precisava encontrar uma forma de me libertar e somente uma coisa correu como um flash em minha mente.

Davi se despede da linda menininha num aceno e me dá um beijo na bochecha assim que entra no carro e põe o cinto. Durante todo o trajeto, ouço com entusiasmo meu pequeno contar tudo o que aconteceu em seu dia e apesar de seu semblante cansado, é notável o quanto ele se encontra feliz. Não demora para chegarmos em casa e peço que Davi siga para o banho, enquanto dou uma olhada nas panelas que estão no fogo, antes que Camila apareça para me advertir. Sou pega no flagra

— Hey! Ainda não está pronto – ela retruca tirando a colher da minha mão, enquanto limpo o canto da minha boca que ficou suja do molho succulento, que deixa um cheiro convidativo no ar. Carne assada ao molho madeira. Meu prato predileto.

— Então, como foi tudo? – seus olhos me analisam atentamente e sorrio como se tivesse descoberto o maior segredo da humanidade. Dou um beijo em sua bochecha e seu semblante é um misto de confusão e curiosidade antes de me ouvir falar.

— Preciso fazer uma coisa agora, mas prometo que te conto tudo quando eu voltar. – já estou nos degraus da escada e sigo em passos apressados até meu quarto.

Abro a gaveta do meu closet, e do fundo dela retiro a velha camisa de Miguel de lá. Tento aspirar a ilusão do seu perfume que há muito tempo já se perdeu e em seguida, pego uma pequena caixinha de veludo nas mãos. “*Vamos lá Rebeca, você consegue. Vamos seguir em frente*” repito o mantra em minha mente e respiro fundo ao observar duas cintilantes alianças lá dentro. Os pais de Miguel fizeram questão que usássemos após o casamento.

— Fique de olho no Davi para mim? Eu volto logo. — atropelo as palavras ao descer as escadas e saio porta afora, sem deixar que minha amiga tenha tempo para me questionar.

Volto a dirigir pelas estradas de Primavera e exalo com força, com a sensação de que em breve tudo vai se acertar e voltar ao seu eixo. Após meia hora, estaciono o carro de Camila no local vazio e uma brisa forte anuncia que a qualquer momento uma chuva pode cair. O céu está cinzento no finalzinho da tarde e me apresso em passadas largas, até a área que não visito há anos. Meus olhos passeiam entre as lápides no enorme cemitério e não levo mais do que alguns minutos para encontrar um túmulo em particular.

— Olá Ester. — solto com nostalgia e me agacho em frente sua lápide, enquanto passo a mão pelo seu nome inscrito no concreto frio, com uma imensa saudade em meu peito. Coloco a camisa de Miguel devidamente dobrada ao lado de sua lápide e retiro a caixinha de veludo do bolso da minha calça, enquanto volto a suspirar.

— Vim devolver um presente. — cavo um pequeno buraco com uma pazinha que peguei no carro de Camila e em seguida coloco a caixinha com as alianças lá dentro, enterrando-as cuidadosamente.

— Sei que não pode mais me ouvir. Mesmo assim eu quero dizer o quanto fui feliz enquanto usei essa aliança. — minha voz embarga e puxo o ar com força, enquanto uma garoa fina começa a cair timidamente sobre meu corpo. — Eu amei muito o Miguel e de um jeito ou de outro sempre irei amá-lo. Mas existe alguém que descobri amar mais, e sinto que estou a ponto de perdê-lo. Não posso deixar que isso aconteça Ester.— a comoção me toma por inteiro e já não consigo segurar as lágrimas que descem lentamente pelo meu rosto. A chuva aumenta gradativamente e é como se minha alma fosse lavada nesse momento, deixando uma sensação de leveza e paz. Em segundos estou encharcada, mas isso é o que pouco me importa agora.

— Sinto tanto a sua falta. — fito sua lápide mais uma vez e todas as angústias começam a se dissipar em meu coração. — Adeus Ester. Adeus Miguel. — solto aliviada ao seguir meu caminho para casa.

As correntes que me prendiam, agora caem por terra e tenho certeza que um novo ciclo está começando em minha vida definitivamente.

Chego em casa com uma incrível paz no peito, mas logo estranho o fato de Mauricio ainda não estar em casa, pelo adiantado da hora já era para isso ter acontecido. Observo a mesa posta e adornada com flores, e agradeço mentalmente a boa vontade da minha amiga.

— Oi meu amor! Tudo bem por aqui? — questiono meu filhote com doçura, quando ele aparece na cozinha com um prato de cereal. Entrei pela porta lateral devido à minha roupa ensopada, enquanto ele esboça um sorriso tímido para mim.

— Tudo sim. – responde dando uma colherada no prato, enquanto pego uma toalha reserva para enxugar meus cabelos e o acompanho até os degraus da escada na sala.

— Cadê sua tia?

— Lá em cima no quarto. – ele volta a se sentar no sofá, enquanto olho a secretária eletrônica por um segundo.

— E Mauricio? Ligou? – a preocupação aperta meu peito quando Davi balança sua cabeça em negativa e fico apreensiva. — Se ele ligar me avise ok? – piscamos um para o outro num acordo velado e corro degraus acima na direção do meu quarto. Entro no banheiro apressada e ao abrir meu pequeno armário, bufo irritada por que meu shampoo acabou.

— Camila? – peço alto já entrando em seu quarto, enquanto ouço sua voz de volta.

— Estou no banheiro. – sorrio, me sentando em sua cama.

— Preciso de shampoo. – volto a gritar num tom infantil.

— Bolsa verde, na gaveta debaixo da cômoda. Lado esquerdo. – sigo as instruções dela até o local indicado, varrendo com os olhos o pequeno móvel de madeira. Além da bolsa, outra coisa chama minha atenção ao fundo e exalo cansadamente num semblante derrotado.

— Achou? – ela aparece dando um nó em seus longos cabelos e seu semblante é puro espanto, ao me ver com um pequeno frasco de remédio nas mãos.

— Pensei que só quisesse o shampoo. – ela se precipita na minha direção, tentando tomar posse do que está em minha mão e me afasto dela, deixando o que ela quer fora do seu alcance. — Me devolve Beka. – ordena ao me estender a mão, e eu nego com a cabeça ainda sem nada falar. — Devolve, por favor! – ela literalmente suplica e observo suaves lágrimas aparecerem em seu rosto e sinto pena do seu estado emocional agora. Ela se senta na beirada da cama e leva suas mãos ao rosto, enquanto soluços espaçados demonstram o quanto ela está vulnerável.

— Por que não me falou Mila? Por que não conversou comigo? – falo mansamente, enquanto sinto seu corpo tremer ao aconchegá-la num abraço carinhoso.

— Você já tem problemas demais com o Davi, não queria ser mais uma preocupação.

— E acha que uma hora eu não ia perceber? Acha mesmo que se

entupir de remédios para dormir vai te ajudar? Não pode viver assim Mila, isso pode te matar. – ela ergue seu rosto para me fitar e vejo a mesma dor de antes no fundo dos seus olhos.

— Acha que não sei? Só não encontrei outro jeito. – sua voz quebra e fito o frasco em minha mão, enquanto engulo a seco antes de questioná-la.

— Rico sabe? – ela consente num aceno e não é difícil encontrar a razão pela qual o treinador a olhava decepcionado.

— Esse é o único momento em que me livro dos meus pesadelos, do meu terror Beka. Quando me sinto entorpecida. Por isso preciso deles de volta. – sua voz é uma lamúria e o tom de ordem se faz presente mais uma vez.

Levanto-me ainda sem saber o que fazer para ajudá-la e sua fragilidade me fere por dentro. Ledo engano achar que ela suportaria o que aconteceu sem nenhum dano, e já não era só mais emocional, mas físico também. Como fui negligente ao ponto de não distinguir nenhum sinal antes e coloco o frasco em cima de sua cômoda, fitando-a com pesar.

— Lidar com o que acontece conosco não é fácil Mila, é só olhar para mim. – esboço um sorriso irônico, enquanto ela morde os lábios com aflição por um momento. — Mas todos nós temos escolhas amiga. – saio do seu quarto e deixo-a sozinha com seus pensamentos.

Por mais que se force, não se tem como consertar o que está quebrado em tantos pedaços que fica impossível colar; embora ainda acredite que ela possa seguir em frente mesmo com tantas marcas entranhadas em sua pele, em sua alma.

Tomo um banho que me revigora a alma e me arrumo na expectativa de esperar Mauricio para o jantar. Desço as escadas lentamente e a visão do meu namorado com um imenso buquê de rosas nas mãos, me arranca um sorriso feliz. Finalmente meu peito se alivia.

— São lindas! – pego o buquê de suas mãos antes de lhe dar um beijo suave e sei que não preciso de mais nada. Mauricio me completa em todos os sentidos. Nossos olhos se entendem no silêncio que dura poucos segundos e seu iluminado sorriso me enche de felicidade quando ele fala com confiança.

— Eu amo você Rebeca Mendes. Sempre vou amar, não importa o que aconteça, eu quero que você saiba, que tenha certeza disso. – coloco um dedo sobre seus lábios e arfo num misto de euforia e ansiedade, que o faz ficar confuso por alguns segundos.

— Nós três amamos você também Dr. Mauricio Ferraz. – uma ruga de

preocupação se finca em sua testa, e ele estreita seus olhos por um momento, enquanto guio sua mão na direção da minha barriga, e sua pele treme no contato com a minha.

— Verdade? — sua outra mão segura minha nuca, enquanto aceno em afirmação e ele não se importa quando lágrimas de alegria saltam dos seus olhos, fazendo-o sorrir como um eterno bobo apaixonado.

— Você é meu eterno amor Rebeca. — ele pressiona seus lábios num claro autocontrole e seus olhos expressam todo o desejo e afeto que ele tem por mim. — Você é minha vida. — meus olhos marejam e em seguida seus lábios tocam os meus com tanto sentimento, que a sensação de estar no paraíso é pouco para descrever esse momento.

— Obrigada por me amar — digo ao abraçá-lo com força quando nossos rostos se afastam e sei que seus braços jamais me deixarão cair. É o surgimento da nossa família, e eu não poderia encontrar pessoa melhor do que Mauricio para trilhar esse caminho comigo.

Contamos a novidade para Davi durante o jantar e mesmo ponderando que não dividiria sua bola de futebol com o irmão ou a irmã; demonstrou estar feliz com a novidade. Embora Camila pareça um pouco incomodada pela nossa conversa há poucos minutos, ela acompanha nosso brinde num sorriso feliz e a união que se faz presente é tão grande, que um ligeiro medo me assola de que tudo pode se perder em questão de segundos e giro minha cabeça para os lados; espantando os pensamentos negativos nesse momento. É tempo de renovação e nada além de novas esperanças quero manter vivo em meu peito.

Capítulo XXXV - Milagres no meio da Tempestade

Sorrio ainda de olhos fechados quando a barba por fazer de Mauricio roça na curvatura do meu pescoço e sua mão acaricia minha barriga de leve, enquanto estamos deitados na cama. Me viro lentamente para encará-lo e ele deposita suaves beijinhos em meu rosto, até parar em meus lábios e desfrutamos de um beijo lento e apaixonado.

— Já estamos mal acostumadas com esse mimo todo pela manhã – profiro baixinho, quando nos afastamos, e ele beija a palma da minha mão, antes de eu tocar seu rosto de leve.

— Mal acostumadas? – um sorriso eufórico contorna seus lábios e ele inclina seu rosto na direção da minha barriga de seis meses, alisando-a em seguida. — Acha que é uma menina?

— Acho que sim – sorrio de volta, acariciando seus cabelos que estão ao alcance dos meus dedos e Mauricio volta sua atenção para a bola redonda à sua frente.

— Se você for um menino, seu irmão vai te ensinar a jogar bola e eu vou te ensinar a como tratar uma mulher. – nos fitamos com uma silenciosa cumplicidade entre nós, enquanto ele torna a falar de mansinho, ainda acariciando minha barriga.

— Mas se for uma menina linda, com incríveis olhos azuis e o sorriso mais charmoso de toda Primavera...– ele beija meu abdômen de leve e ergue seu tronco de novo, até seu rosto ficar quase colado ao meu, enquanto o fito encantada por esse momento — Acho que vou estar totalmente ferrado – sorrimos descontraídos com seu pensamento e seus lábios tocam os meus num selinho ligeiro.

— Você vai ser um ótimo pai. – ele desliza seu rosto até meu colo e beijo o topo da sua cabeça, enquanto seus braços protegem meu corpo num abraço torto.

— Eu prometo que vou tentar Beka. Eu prometo. – responde baixinho, enquanto exala o ar preso em seus pulmões com força e sei que o que ele fala é verdade. Mauricio é capaz de tudo por nós, disso não tenho dúvidas.

Os últimos seis meses se foram numa velocidade absurda e mesmo tendo feito duas ultrassom, não conseguimos saber o sexo do bebê e Mauricio ficava ainda mais ansioso ao comprar coisas que podiam servir para ambos os sexos. Nunca o vi tão empolgado com algo e sua euforia era tanta que até Davi entrou na roda, escolhendo algumas roupinhas e mais alguns brinquedos que meu namorado teimou em comprar.

Reformamos o cômodo onde antes acomodava meu piano e algumas outras coisas e o quarto do bebê ganhou tons claros de verde, azuis e amarelos. Fizemos uma verdadeira farra com a pintura, e mesmo Davi um pouco emburrado por ter ficado de fora, por conta do cheiro da tinta, ainda assim seus palpites no final do dia eram sempre a última palavra. Ele já passava por tantas, que não me importava de deixar tudo do jeito que ele achava certo. Com o tempo sua irmã ou irmão, deixaria o ambiente ao seu gosto, mas por hora, meu pimpolho podia decidir tudo.

Nesse meio tempo, Davi voltou para a segunda parte do tratamento e passei uma semana agonizante depois que meu pequeno precisou ser internado por conta de uma infecção. Seu organismo ficou muito debilitado e cheguei a temer pelo pior, mas a força do meu menino foi grande e sabia que eu não estava só.

Além de Mauricio e Camila, a companhia da bíblia foi uma das coisas que me ajudaram a não perder a fé. O meu mais novo amigo Miguel, me deu uma de presente, e desde então; eu a tenho lido regularmente, o que acabou por aliviar meus medos e renovar minhas esperanças.

Camila diminuiu seus remédios, mas não consegue ainda ficar sem eles durante a noite e às vezes me pergunto se um dia ela voltará a ter o equilíbrio em sua vida novamente, sem as constantes nuances de comportamento. Cheguei a acreditar que ela pudesse se recuperar, mas após mais de seis meses do ocorrido já não sei como isso pode ser possível.

Até mesmo Rico resolveu dar um tempo em suas investidas e tirando o trabalho, minha amiga passa metade do seu tempo acompanhando as crianças que chegam ao orfanato local todos os meses, e as consultas com a psicóloga.

Espero impaciente na sala de Mauricio e esfrego minhas mãos com ansiedade, na espera pelos resultados que ditaria o quanto Davi havia melhorado. Quis estar presente para pegá-los assim que chegassem do laboratório, mas meu namorado insistiu tanto para que eu o esperasse, que acabei me convencendo; e agora aguardo sua chegada com um imenso aperto em meu peito na esperança de que tudo tenha corrido bem.

Olho o relógio fixado na parede pela milésima vez e ando de um lado para o outro, num nervoso palpável, enquanto meu coração salta quando Mauricio abre a porta e seu semblante está tão fechado, quanto o tempo do lado de fora; que demonstra a iminente chegada de uma tempestade.

— Maldita doença. – praguejo desapontada ao verificar os números contrários ao que eu esperava, quando Mauricio me mostra os resultados. Embora de início tudo estivesse correndo bem, o último ciclo indica que a segunda parte do tratamento não estava funcionando e estava claro para ambos de nós que nada além de um transplante seria necessário para que meu menino ficasse curado.

— A batalha ainda não está perdida ok? – as mãos dele passeiam carinhosamente pela minha barriga e sei exatamente sobre o que ele fala. No entanto, mesmo as perspectivas de nosso bebê ser compatível com Davi

serem muito grandes, nada estava definido e achar alguém em um banco de doadores era algo tão complexo quanto encontrar agulha num palheiro. Minha cabeça gira por um segundo e exalo com força ao me sentar na cadeira próxima a nós.

— E se não der certo? E se as coisas saírem erradas Mauricio? — fraquejo num pensamento negativo e ele se agacha, passando as costas da mão de leve em meu rosto.

— Vai dar, precisa acreditar amor. — seus lábios tocam minha testa de leve e me agarro a essa esperança com todas as minhas forças e orações. Não posso entrar em desespero agora.

Voltamos para casa, e mesmo o abatimento ser perceptível em meu semblante, me esforço para passar o máximo de segurança que consigo para meu moleque num sorriso torto quando o encontramos lendo um dos seus gibis no seu quarto.

Se tornou uma constante quando ele voltou do hospital, cada vez ele tem se sentido mais cansado, e mesmo com a insistência para que ele fique conosco na sala, ele prefere ficar enfurnado no quarto quase metade do dia.

— Não precisa me enganar. O que os resultados dizem? — a maturidade que Davi ganhou nos últimos meses me surpreende e me sento na borda de sua cama com cuidado, enquanto seus olhinhos apreensivos alternam entre Mauricio e eu.

— Não foi tão bom quanto imaginávamos meu amor, e você vai precisar de uma ajudinha extra. — passo minha mão em minha barriga e seus olhos expressam dúvida por um instante.

— E se não der certo?

— Vai dar campeão. — Mauricio se manifesta e Davi suspira cansadamente, enquanto aliso seu rostinho desanimado. — Confia em nós? — pede esperançoso e meu filhote assente com a cabeça, enquanto meu coração aperta um pouco mais, ainda não sei como sobrevivo a tudo isso.

Meus cuidados com o final da minha gravidez são ainda mais redobrados, e nesse meio tempo andei num atípico mau humor, enquanto o estresse pela situação de Davi começava a me afetar com mais força.

Era nítido aos olhos o quanto sua condição física e emocional estava por um fio, e minhas tentativas de mantê-lo confiante há muito já havia se

esvaído. Não o culpo. Eu mesma já me encontro ao extremo da minha sanidade.

Meus últimos exames indicavam que tudo corria muito bem e que provavelmente não teríamos nenhuma surpresa durante o parto, que se aproximava num piscar de olhos. Faltava menos de duas semanas para ter minha princesa nos braços e enfim, iniciar o processo de recuperação do meu pequeno após o transplante. Sim. Eu tinha razão. Esperávamos ansiosos por uma linda menininha.

Mauricio ficou mais do que radiante e logo Davi fez sua opinião ser presente, enquanto terminávamos de arrumar o quarto do bebê; ao dizer que não brincaria de boneca com a irmã, mas que a ensinaria a jogar futebol mesmo assim.

Já faz quatro dias que estou direto no Centro Integrado com Davi, e já tem dois dias que só falo com Mauricio por telefone. Ele recebeu um telefonema de Vanessa onde ela informava que o pai dele não estava bem e como nossa princesa só nasceria no fim de semana, ele viajou com a promessa de voltar a tempo do parto.

A internação de Davi é um protocolo padrão para quem vai fazer um transplante como o dele e por isso necessário, embora ele reclamasse metade dos dias por estar sendo monitorado todo o tempo. Camila ficou o tempo todo comigo e por mais que eu perguntasse sobre Rico, minha amiga apenas se esquivava e depois de várias respostas monossilábicas dela em relação a isso, resolvi deixar as coisas como estão até agora.

Volto da cantina com um copo de café na mão, e observo por um momento Camila jogar xadrez com Davi. Sorrio de lado e após meus pensamentos vagarem por alguns minutos, suaves batidas na porta, chamam nossa atenção. O sorriso de Davi se expande em seus lábios, ao acompanhar Lia adentrar no quarto, enquanto cumprimento seus pais num aceno entusiasmado. Ela mostra um desenho para ele, onde ambos caminham de mãos dadas e meu pequeno nem percebe quando Camila e eu damos espaço e o deixamos na companhia dos adultos presentes.

Nos sentamos num dos bancos da sala de espera e retiro o celular do bolso na espera de encontrar algum recado de Mauricio, mas bufo contrariada ao perceber que a rede não dá sinal. Uma angústia momentânea me assola e

uma pontada em minha barriga me incomoda por um segundo. Ouço Camila falar comigo, mas as pontadas aumentam numa rapidez frenética, e por alguns instantes sinto o ar me faltar.

— Beka o que há? Não ouviu nada do que falei. — ela resmunga ao colocar sua mão sobre minha testa e o medo aparece estampado em sua face quando faço uma careta de dor.

— Você está queimando em febre. — nesse instante, sinto o líquido escorrer por entre minhas pernas e a dor agora se torna quase insuportável. — Meu Deus Beka! Você está entrando em trabalho de parto. — Camila grita assustada e peço que ela corra até alguma sala e chame alguém, enquanto espero. Ela faz o que peço e penso como eu gostaria de ter Mauricio nesse momento comigo. Não demora mais que alguns minutos e logo estou deitada em uma maca sendo levada para a sala de cirurgia.

O Dr. Paolo me recepciona com um breve sorriso em seu rosto e antes de ser anestesiada peço que Camila fique com Davi. Procuro me manter controlada, mas aquela sensação agonizante se manifesta novamente e meu pensamento se volta imediatamente na direção de Mauricio. Nossa menina resolveu brilhar antes do tempo e ele não poderia acompanhar esse momento mágico, que toda mulher deveria contemplar ao menos uma vez na vida. É um verdadeiro milagre.

Enquanto Dr. Paolo inicia os procedimentos, um filme feliz cruza minha mente e mesmo a dor sendo algo indecifrável, sorrio num misto de êxtase e sofrimento ao ouvir o chorinho irritado de quem logo saberia que um mundo de possibilidades estava esperando por ela. Lágrimas correram dos meus olhos ao observar rapidamente o rostinho daquele pequeno ser e me sinto outra vez, realizada. Em seguida, o cansaço me vence e me deixo levar pelo efeito da anestesia num sono leve e feliz.

Acordo com o corpo dolorido, mas logo um largo sorriso se apossa dos meus lábios ao ter ao meu lado no bercinho, minha linda menininha a dormir. Ela é rosadinha como Davi e seus cabelinhos são tão claros como os meus. Imagino se os seus olhos tem o mesmo verde intenso de Mauricio e só agora me dou conta de que estou só no quarto. Não faço a mínima idéia de quanto tempo se passou e toco a campainha de emergência, fazendo um grupo de enfermeiros adentrarem no quarto acompanhados de Camila.

— Eu estou bem, desculpe. Só me assustei de estar só. — os funcionários saem sem dar uma palavra e ao mirar o semblante de Camila, desconfio de que algo não vai bem.

— Ela é linda Beka. — disfarça ao desviar seus olhos dos meus, enquanto se aproxima da minha pequenina.

— Você ligou para o Mauricio, Mila? Onde ele está? — questiono com apreensão e ela mantém seu olhar no bebê, sem ter coragem para me fitar.

— Camila? — peço num tom alterado e quando suaves lágrimas rolam pelo seu rosto, meu estômago arde e minha garganta aperta em questão de segundos.

— Beka, eu tentei falar com ele assim que você entrou na cirurgia, mas...

— Me dê o telefone Camila. — eu a interrompo com desespero em minha voz e o mundo parece querer desabar de novo sobre minha cabeça. — Me dê a droga do telefone. — exaspero sem me importar em acordar a pequena e logo sinto as primeiras lágrimas brotarem dos meus olhos sem pedir permissão.

— Ele já estava a caminho de Primavera, faltava pouco para ele chegar, mas o carro derrapou na pista molhada e ele capotou Beka. — meu coração afunda e a ferida que se abre, é como um rio que se estende sem limites e tudo o que quero nesse instante é gritar.

— Ele está vivo amiga. — meu coração para com as palavras que ficam soltas no ar, mas a aflição volta a me vencer quando sua sentença seguinte me dilacera por dentro.

— Ele está em coma Rebeca. — queria que um buraco me engolisse agora; mas observar o pequeno ser que depende de mim, e pensar em Davi, percebo que preciso ser forte para o que vier. Mauricio estava vivo, e isso por si só, já era um alívio, apesar de ser uma tortura.

— Em que hospital ele está? — minha voz treme com a expectativa da sua resposta, e Camila segura minha pequena no colo, antes de abrir a boca para falar com doçura para mim.

— Consegue andar? — assinto com confusão num gesto automático e mesmo com uma dor incômoda, me levanto da cama e seguro na mão de Camila que me leva para fora do meu quarto.

Não sei o que posso encontrar nesses passos vacilantes que começo a dar, mas meu coração chacoalha descompassado e só penso em ter Mauricio de novo em meus braços. Além da cura do meu menino, é tudo o que peço fervorosamente, enquanto sou guiada rumo ao desconhecido por mim. É na minha fé que procuro me agarrar mais que tudo agora.

Capítulo XXXVI - A vitória da espera

Caminho com dificuldade pelo corredor e ao chegarmos próximas da última sala, Camila me indica num gesto com a mão, onde devo entrar. Olho pelo vidro da porta com receio antes de entrar, e meu coração falha, enquanto meu corpo todo treme ao observar Mauricio deitado na cama, conectado a todo tipo de aparelho, que o monitora em tempo real.

— Ele foi trazido para cá há três horas, você estava dormindo ainda. Dr. Paolo foi fazer uma cirurgia de emergência, por isso ainda não veio falar com você. — Camila explica ninando minha menina, enquanto reúno coragem para entrar no quarto sem desmoronar.

Abro a porta e me aproximo do seu corpo imóvel, mas não muito machucado, e embora ele esteja sereno, o desespero de não mais ter a visão do seu lindo sorriso e seus olhos que são capazes de me fazer perder neles, me corrói por dentro.

— Nossa princesa nasceu amor. Ela é linda, exatamente como você. — toco sua mão por um momento na esperança de acordá-lo, mas nada acontece; e não evito um grunhido misturado com soluços que saltam da minha garganta numa dor que só senti quando perdi Miguel.

— Você precisa voltar para mim. Precisa voltar para nós Mauricio. Eu sei que estou atrasada, muito atrasada, mas eu preciso que me perdoe por ter demorado tanto a lutar por nós. — seguro sua mão com mais força e meu coração fica pequeno por não ver nenhuma reação de sua parte. — Eu preciso que me perdoe amor, por que eu já te perdoei. Eu já te perdoei por tudo amor, só quero que você volte para mim. Por favor, volta para mim Mauricio. — beijo sua mão por um instante, e sinto um toque suave em meu ombro; e ao me virar, dou de cara com Dr. Paolo a me fitar num semblante de pesar.

— Qual o quadro geral dele Dr. Paolo e por favor, não minta. — fungo limpando meu rosto, enquanto o senhor que tanto admiro, observa os aparelhos ligados a Mauricio por um momento antes de se pronunciar.

— Não preciso Rebeca, nós somos médicos. — ele esfrega seus olhos com cansaço por um instante e tento me manter focada na situação à minha frente. — O estado dele é grave e seu coma é profundo. O que fazemos aqui é nada além de um paliativo, o certo seria ele estar em algum hospital com muito mais recurso, embora tenhamos uma gama de aparelhagem modernas nesse anexo, o que ele necessita vai além do que podemos dar. — entendo o que o experiente médico fala e me sinto fraca por não poder fazer mais nada para mudar seu quadro.

“*Coma profundo*”. As duas palavras ecoam em minha mente como um vendaval carregando tudo o que encontra pelo caminho, e sou acometida por uma sensação de pânico e tristeza ao mesmo tempo. Não posso perdê-lo. Não vou suportar passar por isso de novo. Não mais uma vez.

O ar começa a ficar escasso e me sinto sufocar lentamente, enquanto Dr. Paolo tenta me acalmar ao perceber meu estado de nervos. Em segundos a escuridão se abate sobre mim, e nada além de alguns murmúrios, é o que ouço antes de apagar de vez.

Desperto com o chorinho mais animador que poderia ouvir, e ao centralizar minha visão, acompanho uma das cenas mais lindas que podia presenciar. Davi está com minha linda menininha nos braços, ao lado de Camila e não evito que as lágrimas escorram mais uma vez sobre minha face. Desta vez, da mais sublime felicidade. Meu menino se aproxima com a irmã até minha cama e seus olhinhos brilham de emoção por esse momento.

— Não chore mãe. O Mau vai ficar bom, e logo seremos uma família de novo. — assinto para ele com a cabeça, enquanto pego meu pequeno embrulho nos braços e assim que a aconchego para mamar, ela se aquieta. Então agradeço por ter os meus dois pequenos milagres ao meu lado. É por eles que preciso seguir, embora a dor seja excruciante; eu preciso conseguir me manter de pé. Eles precisam de mim, e Mauricio também precisa.

Camila contou o básico para Davi sobre Mauricio e me revezei durante os últimos dois dias entre acompanhá-lo no quarto e ficar por dentro da operação do meu moleque. Assim que minha princesa nasceu, Dr. Paolo retirou as células-tronco através do cordão umbilical e a alegria ocupou o vazio em meu peito ao saber que meu bebê era compatível com o irmão. Finalmente uma boa notícia no meio de tantas pancadas que já levei da vida e a esperança de que tudo terminasse bem era o que eu não deixava morrer em meu coração.

Longas horas se passaram entre o início e o fim da cirurgia e quando Dr. Paolo entrou em meu quarto avisando que tudo havia corrido bem, me precipitei em sua direção, lhe dando um forte abraço de agradecimento.

Ele era o mais próximo que eu podia ter de um pai e sentir que seu afeto por mim era o mesmo, me deixava mais tranqüila em relação às dificuldades enfrentadas até aqui. Em uma hora, meu menino já estava no quarto, sedado; mas seu semblante sereno era um prelúdio de que dias melhores estariam se aproximando. Ao menos acreditar nisso me ajudava a não surtar.

O mês correu como um raio e a cada dia, Davi demonstrava responder bem ao transplante. É claro que houve momentos de dificuldades, principalmente em relação aos efeitos colaterais, mas o mais importante é que seu organismo não rejeitou as células de Lucy, e com a ajuda dos muitos medicamentos diários, meu garoto tem se mantido bravamente.

Lucy. Pensei nesse nome logo após voltarmos para casa e Camila me questionar sobre até quando eu chamaria minha pequena de princesa.

Era o nome da mãe de Mauricio. Ele me contou enquanto estávamos em São Paulo para o primeiro ciclo de tratamento de Davi e desde que ele entrou em coma, que venho esperando para fazer essa surpresa. Queria que ele soubesse em primeira mão, mas não podia permanecer de apelidos a vida inteira. Então apenas mantenho a esperança de que ele acorde logo e descubra sua pequena Lucy, que é quase uma miniatura minha.

Nos dias que seguiram, entrei numa rotina periódica. Passava toda a manhã com Davi, enquanto Camila me ajudava com minha menina, e após o almoço seguia para o Postinho para ficar com Mauricio.

Ganhei férias antecipadas do Dr. Paolo, e dessa forma; conseguia fazer tudo o que pretendia para o resto do dia.

Davi passou a ter seus estudos regulares em casa; e Rico sempre levava uma turminha de três alunos por dia para visitar o meu filhote, que sempre ansiava mais para encontrar a meiga Lia. E assim, todos nós íamos seguindo nossas vidas, com nossas angústias e nossos medos. Mas nossa fé permanecia ali, e isso era o que me confortava.

Chego mais uma vez para ficar com Mauricio, e assim que cruzo o corredor; observo a menina da limpeza entrando em seu quarto. Apresso meus passos até lá e uma dor aperta meu peito ao não encontrar nenhum sinal de Mauricio ali. Mil coisas passam pela minha mente e somente uma possibilidade me faz levar as mãos à cabeça e rezar para que nada passe de um pesadelo.

— Sabe me informar sobre o paciente que estava aqui? Até ontem, ele estava aqui. — indago com os nervos à flor da pele para moça que me olha assustada e ela balança a cabeça em negativa, enquanto sai do cômodo, me deixando sozinha.

Deslizo meu corpo pela parede até ao chão e deixo tudo o que está

engasgado em minha garganta sair, enquanto abaixo minha cabeça entre meus joelhos. Somente a lembrança do sorriso de Mauricio me vem à mente e sinto que vou enlouquecer a qualquer momento. Só quero que essa dor pare.

— Beka! – a voz de Monica me chama atenção e com muito esforço ela consegue me arrastar até uma poltrona próxima a nós. Minha mente está tão vazia, que não consigo racionalizar nada do que ela fala, e instintivamente ela me sacode pelos ombros, pare que eu me concentre em suas palavras.

— Acorda mulher. Seu doutor está vivo. – engulo a seco com o que ouço, e como uma pequena brisa numa fagulha de brasas, meu coração se aquece.

— Onde Monica? Onde ele está? Por que não está mais aqui? E por que não me avisaram? – quero as respostas para as perguntas que saltam desenfreadas pela minha boca, e forço meus pensamentos a ficarem alertas com as informações que preciso ouvir.

— Respira criatura! – ela revira os olhos com irreverência, mas logo resolve falar sério ao perceber meu semblante de apreensão.

— O pai dele mandou uma equipe, com um batalhão de médicos e o levou embora.

— Para São Paulo? – minha euforia se esvai tão logo a observo menear a cabeça em negação.

— Para fora do País. – o desânimo me abate e a linda morena continua. — O pai dele não queria que você soubesse. Disse que o filho teria mais chances se estivesse num hospital de primeiro mundo e ameaçou cortar novos patrocínios com o Centro Integrado, se o Dr, Paolo abrisse o bico. – um leve alívio percorre meu corpo; e saber que Mauricio teria o melhor tratamento possível, já me deixava confiante, embora não entrasse em minha mente como o pai dele podia ser tão intransigente.

— Obrigada Monica. – solto sincera ao apertá-la num abraço sem jeito e percebo o quanto essa proximidade a deixa feliz. Algumas vezes na vida tudo o que precisamos é de alguém que se importe conosco, e para a menina de olhos escuros, não parecia ser diferente.

Volto para casa e a sensação de vazio me toma por completo. Antes eu ainda sabia que seria só esperar a noite passar para ver o homem que se apossou da minha vida e do meu coração sem pedir licença, mas agora a realidade de que não vou fazer isso amanhã me rasga a alma, como se faltasse uma metade de mim. Na realidade, falta. E é essa falta, essa ausência de Mauricio que compenso no meigo olhar de Lucy para mim. É onde encontro

o misto de nós dois e meu coração se acalma quando a pego no colo após entrar em casa.

— E Mauricio? Como está? – Camila me indaga enquanto sorrio numa careta para minha pequena, e balanço minha cabeça em negação, sendo seguida por ela até o sofá.

— Ele se foi Camila. O pai dele o levou para longe. – suspiro derrotada, colocando Lucy para mamar, enquanto o espanto e lamento se manifestam no semblante da minha amiga a me fitar com pesar.

— E agora Beka? – sua mão alisa os cabelos loiros da minha princesa e pressiono meus lábios com força, numa expressão de tristeza e confusão.

— Preciso continuar acreditando Mila. – passeio meu indicador pela bochecha rosada do meu bebê e sorrio com nostalgia, sabendo que Mauricio ficaria louco com ela.

— Preciso que me faça um favor. – nossa troca de olhares é o suficiente para que Camila entenda num aceno o que quero dizer; e só espero conseguir as informações de que preciso.

Paro o carro alugado em frente a um enorme casarão num dos bairros mais conceituados de São Paulo, e nem em um milhão de anos, pensei colocar os pés em um lugar tão luxuoso.

Desço do veículo e caminho em passos apressados até a portaria, enquanto visualizo câmeras por todo o entorno do local. Assim que o guarda na guarita anuncia meu nome, observo o enorme portão se abrir me dando passagem para entrar e tomo fôlego para seguir adiante.

Caminho, acompanhando pelo trajeto que faço os enormes jardins que contornam todo o espaço; e não duvido que a mãe de Mauricio tenha sido a responsável pelos lindos adornos que me encham os olhos de fascínio.

Paro diante da imponente mansão por míseros segundos, até que a porta se abre e uma senhora num sorriso educado, sinaliza para que eu a acompanhe.

Fico deslumbrada com a enorme sala de estar e um delicado mural na parede central, mantém expostas várias fotos de Mauricio, desde seu nascimento até seus aparentes trinta e poucos anos, me deixando com uma imensa saudade no peito. Ele sempre foi lindo.

— Nessa época eu não tinha desgostos. — a voz autoritária que ouvi pela última vez em Primavera circula pelo ambiente, e me retraio um pouco ao me deparar com a carranca do homem à minha frente. — Hélio Ferraz. — hesito por um instante em apertar a mão que se estende na minha direção e o sorriso debochado que se forma em seu rosto denuncia que ele conseguiu o efeito desejado sobre mim. Intimidação.

— Já sabe quem eu sou, eu suponho. — solto ao apertar sua mão com mais força do que pretendia e seu sorriso cínico volta a despontar em seu rosto magro, mas bem corado; enquanto um calafrio me consome lentamente por dentro. Penso por um minuto que ele se recuperou bem rápido de seu mal estar e o olho com desconfiança, enquanto ele se encaminha até ao bar.

— Sei disso há anos. Só não entendi ainda o que a fez vir até aqui. Como pode observar ao redor, meu filho não se encontra nesta casa. — seu tom é tão indiferente enquanto se serve de um copo de uísque, que me questiono se ele realmente está preocupado com a saúde de Mauricio ou se só está tentando me manter longe mais uma vez.

— Pois foi justamente por isso que vim. — seus olhos se fixam nos meus com curiosidade e engulo a seco, tentando demonstrar autoconfiança, diante dele. — Preciso que me informe onde ele se encontra. Em que

hospital. Qualquer notícia dos últimos dias que possa aliviar o meu coração. Por favor. – peço num misto de insegurança e otimismo, enquanto ele parece me analisar por um momento.

— Quando toda aquela tragédia aconteceu, eu fiz o que pude para que meu filho não deixasse sua vida acabar junto da dor de ter perdido a mulher e o meu neto. – a apatia é gritante em seu tom, e pelo movimento do seu maxilar posso notar o esforço que ele faz para lembrar esse episódio que marcou para sempre nossas vidas. Não tem como separar uma coisa da outra já que em consequência da perda de ambos, eu também perdi o que era tão precioso para mim.

— Fiz tudo o que ele pediu com a promessa de assumir o seu lugar no meu Hospital e no fim, fiquei sem filho, sem sucessor, sem nada Senhorita Mendes. – seu olhar é como um tiro que me perfura o peito e exalo com força, antes dele concluir. — Entende o que quero dizer? – seu tom é serio e meu corpo reage primeiro que meu pensamento ao me aproximar dele com determinação.

— O que aconteceu no passado, não me interessa mais Sr. Ferraz. Eu amo seu filho. E vou lutar para tê-lo de volta em nossa família. — nossos olhares se prendem por alguns segundos e em seguida me viro para ir embora.

— Acha mesmo que seu filho vai aceitar o homem que foi o responsável por ele não ter um pai em sua vida? — estanco meus passos e volto meu rosto para mirá-lo com repulsa pela crueldade das suas palavras. — Acha realmente que uma família consegue se manter através de mentiras e manipulações? — o sarcasmo em seu tom faz meu sangue ferver e só percebo a impulsividade da minha atitude quando sinto o queimar se estender pela palma da minha mão, com a bofetada que acerta o rosto dele de cheio.

— Minha família é feita de muito amor Sr. Ferraz, e é através dele que superamos tudo, que suportamos tudo e acreditamos em tudo. — vocifero como uma leoa que defende seus filhotes e o semblante dele se torna duro, enquanto volto a despejar tudo o que estava entalado desde que ele esteve em Primavera. — Sinto pena de Mauricio ter um pai como o senhor, e mais pena ainda da minha filha ter um avô que não faz a mínima ideia do que se denomine família. — seus olhos se arregalam em entendimento e me afasto em passos apressados na direção da porta, enquanto sua voz clama por uma resposta minha.

— Filha? Eu tenho uma neta? — miro-o novamente e pela primeira vez posso dizer que ele parece realmente emocionado.

— Passar bem Sr. Ferraz. — fecho a porta atrás de mim e imediatamente me sinto leve por me ver livre do ambiente que parecia sugar todas as nossas energias. Não é difícil entender o porquê de Mauricio se sentir enclausurado aqui e me sinto perdida sem saber o que fazer para ter alguma notícia dele.

Entro no carro que aluguei em Primavera e penso em algum ponto esquecido em minha memória que possa me levar até meu amor, mas nada vem à minha mente cansada. Estou no meio de um tsunami, sem nenhuma rota que possa me dar uma posição concreta e recosto meu rosto no volante, enquanto sinto a primeira onda de lágrimas dar o ar da graça. Perdi a primeira batalha, mas não a guerra. É esse pensamento que me faz respirar fundo e ligar o carro com destino de volta à minha realidade. Sei que uma hora vamos estar juntos novamente e é nisso que continuo acreditando.

Tentei rastrear Mauricio nos hospitais mais conceituados em vários países, e até liguei para seu amigo Michael Baker na esperança de encontrar

alguma pista, mas não conseguimos encontrar nada que nos desse uma rota específica.

Saber que ele estava sendo bem cuidado não era o suficiente. Eu precisava tocar sua mão. Sentir o barulho da sua respiração e o alerta dos bipes me informando que seu coração ainda estava batendo para mim. Por mim. Pela nossa família.

No entanto, os dias passavam de modo angustiante e mesmo estando feliz pela melhora gradativa de Davi e o lindo sorriso de Lucy a me contemplar, eu não estava completa. Eu precisava de mais para ser totalmente feliz.

— Já chega mãe. Assim vou derreter. — Davi sorri com desdém, enquanto ajeita sua gravata diante do espelho. A escola resolveu fazer um evento para comemorar suas voltas às aulas após dois meses em casa, e meu garoto cismou de usar o adereço. Ele diz que é para parecer sério, mas desconfio que sua intenção é impressionar certa menininha de cabelos castanhos e olhar encantador.

— Tudo bem. Tudo bem. Já terminei. — nós dois nos observamos pelo espelho por um momento e me sinto orgulhosa de meu moleque estar vencendo todas as batalhas do seu tratamento. Sou muito sortuda de tê-lo como filho e a sensação de dever cumprido me invade por segundos.

— Pronto garotão? — Camila indaga ao entrar no quarto com Lucy, e meu pequeno acena rapidamente, me avisando que me espera no carro, ao sair como uma bala porta afora.

Mimo minha pequena no colo da madrinha e em seguida Mila me estende um punhado de cartas na minha direção. Ultimamente, as contas tem chegado ao extremo, devido a todo os gastos com o tratamento de Davi e faço uma careta descontente ao me sentar na cama para analisá-las por alto.

No entanto, uma delas faz meu coração correr descompassado ao ler o remetente e me apresso em abri-la, ignorando a buzina do carro que soa insistentemente do lado de fora. Davi já está impaciente, mas nesse momento só penso em me concentrar na leitura que inicio com cautela.

“Olá de novo Rebeca. Não tive como informar antes, mas te trago notícias que você queria saber faz tempo. Mauricio está na Noruega, onde as tecnologias em medicina são o topo do Universo e seu quadro teve uma leve

melhora, porém ele continua inconsciente. Soube do que houve com seu filho e espero que ele se recupere logo, e fiquei realmente feliz pelo nascimento da sua filha. Eu estava presente quando você esteve em São Paulo, mas o Dr. Ferraz não me deixou passar nenhuma informação, me desculpe. Quero que saiba que seu namorado está sendo bem cuidado e não se preocupe que irei estar postando notícias sobre ele regularmente. Não faço isso porque sou uma boa pessoa, mas por que sei que tenho um débito com você. Não repara o erro que cometi, mas evita que eu cometa outro ao não contar a verdade. Entro em contato no próximo mês e continue acreditando. Ass: Vanessa Braz.

P.S. Hélio Ferraz está internado devido a um AVC há uma semana.”

— Beka, você está bem? – minha amiga indaga preocupada ao observar suaves lágrimas rolarem pela minha face e sorrio num misto de felicidade e esperança pelo o que acabo de ler. Meu Mauricio estava melhorando, e a certeza de que logo ele voltaria para mim me enchia de determinação e ânimo.

— Melhor impossível Camila. Melhor impossível. – entrego a carta para ela, enquanto pego Lucy no colo e brinco com ela dizendo que o papai logo estará de volta. Os braços de Camila enlaçam meu corpo num abraço de comemoração e sorrimos juntas pela boa notícia.

Era fato que talvez ele não acordasse realmente logo, mas só em descobrir que seu quadro teve uma melhora, já me deixava sonhar com a premissa de dias melhores.

O buzinaço feito por Davi nos tira da nossa pequena euforia e seguimos rumo ao seu evento, enquanto a alegria parece não caber por um tempo em meu peito. Chegamos à escola e Rico nos cumprimenta num sorriso ansioso quando ultrapassamos o portão do pátio. Ele caminha na nossa direção e brinca um minuto com minha garotinha, antes de voltar sua atenção em nós.

— E então? Como vão as coisas? – ele fixa seus olhos em Camila, e como ela não responde me apresso a quebrar o gelo que se instala entre nós.

— Melhorando a cada dia, e você? – jogo num meio sorriso, enquanto ajeito Lucy em meu colo e Rico parece meio incomodado.

— Bem. Na verdade, muito bem – seu sorriso sem ânimo me chama a atenção e franzo minhas sobrancelhas na clara intenção que ele continue com as explicações.

— Fui convidado para treinar um time pequeno na Capital. – ele engole a seco e o semblante de Camila perde a cor, devido à visível surpresa em seus olhos.

— Vai nos deixar Rico? – murmuro ligeiramente desapontada, e seus olhos se voltam para Camila, na esperança de alguma reação contrária da sua parte, o que não acontece e após um suspiro cansado, ele torna a falar.

— Ainda não decidi Beka. É uma ótima oportunidade, mas não sei se estou pronto para deixar o que ainda não conquistei aqui.

— Acho que devia ir Ricardo. De verdade. Acho que deve seguir sua vida, não espere muito de ninguém. – ela diz sem fitá-lo, pegando a bebê do meu colo e Rico demonstra um semblante derrotado, enquanto o evento se inicia. Ele não toca mais no assunto e sua história com Camila parece suspensa ali.

Brincadeiras marcaram todo o evento, e Davi passou metade dele ao lado de Lia. Dava pra ver que logo o status de amizade entre eles ganharia um novo patamar e me lembro com carinho de quando o mesmo se deu comigo e Miguel. Meu menino havia puxado ao pai até nisso e tenho certeza que ambos podem construir um futuro sólido e feliz com o decorrer do tempo.

Voltamos para casa com meus dois pimpolhos dormindo de cansados, e assim que Camila estaciona, reconhecemos o delegado Freitas recostado em seu carro. Deixo Davi dormindo no banco de trás e sigo com a dorminhoca da Lucy em meu colo, acompanhando Camila, que parece apreensiva pela situação.

— Olá Camila! Rebeca! – ele nos cumprimenta num aceno e desconfio do que seria tão importante para o delegado nos esperar em casa.

— Vou direto ao ponto senhoras. – ele retira um papel do bolso da calça e o estende na direção de Camila, que solta um grunhido esganado ao observar sobre o que se trata.

— Ele foi preso essa manhã, na saída da cidade. Tentou estuprar uma menina de 15 anos. O encontramos depois de uma denúncia anônima. Você o reconhece, Camila? – ela assente com a cabeça, e lágrimas discretas

aparecem em seu rosto claramente aliviado.

— Fique tranquila professora. Ele agora não pode mais te fazer mal ok?
– ele a segura pelos ombros e suas palavras são um conforto para o meu coração. Finalmente minha amiga podia ter um pouco de paz, embora as marcas do que ela passou ainda seja uma constante em sua vida. Talvez esse seja o início de uma renovação e por mais que seja difícil agora, procuro não deixar a esperança morrer para que isso realmente aconteça.

— Sei que não é o protocolo da polícia delegado, mas estamos numa cidade amiga. Pode dizer quem fez a denúncia? – indago curiosa, enquanto ele sorri satisfeito antes de se pronunciar.

— Poder eu não posso. Mas devo dizer que o time dessa cidade tem um treinador muito bom. – Camila me fita com confusão, mas o agradecimento está estampado em sua face, acompanhado de seus olhos marejados.

— Boa noite senhoras.

— Obrigada delegado Freitas. — ela solta num sorriso de lado, enquanto observamos ele entrar em seu carro e seguir seu caminho.

— Você está bem? — toco seu braço de leve e ela confirma num sorriso aliviado, enquanto a puxo num abraço de lado. Era mais uma etapa vencida em sua vida. Mais um motivo para não desistir.

Um ano e meio depois

— Beka onde você estava? Te procurei em todo lugar e você sumiu? — Camila indaga rabiscando alguns desenhos com Lucy no chão da minha sala, enquanto jogo meu corpo sob o sofá numa nítida aflição.

— Fui ao Correio de novo. Acho que eles devem estar com algum problema com as correspondências. — solto como se esse fosse o maior problema do mundo e minha amiga se senta ao meu lado, enquanto minha pequena aponta para os desenhos da revistinha, tentando chamar nossa atenção.

— Amiga você tem que se conformar. Talvez Vanessa já não tenha mais o que escrever a respeito de Mauricio, talvez ela esteja sem coragem... — a interrompo abruptamente

— Não termine essa frase Camila. Eu me recuso ok? — meus olhos faíscam e a observo se controlar para não explodir comigo.

Tem sido assim desde os últimos três meses em que parei de receber as cartas sobre a situação de Mauricio, e quase todos os dias apareço no Correio local como se eu pudesse encontrar alguma notícia a qualquer momento.

Embora eu não quisesse admitir, estava começando a me sentir paranóica, mas não entrava em minha cabeça que meu namorado pudesse ter ido embora para sempre e que Vanessa não me avisaria se esse fosse o caso.

Saio porta afora e paro em minha varanda fitando o nada como se fosse sufocar, enquanto tento me convencer de que existe alguma outra razão para que as cartas tenham cessado ao invés de crer que meu amor partiu e me deixou só.

Começo a ficar sem forças e instintivamente soco violentamente a grade da varanda, enquanto suaves lágrimas aparecem, deixando à mostra toda a fragilidade escondida nesses últimos meses. Uma avalanche de sentimentos se choca em meu peito e só penso em como gostaria de ter mais tempo com Mauricio. Que pudéssemos ultrapassar toda essa tempestade juntos e que permanecêssemos sempre um do lado do outro.

— Sinto tanto a sua falta Mauricio. — solto entre soluços espaçados e um gemido de dor que parece não cessar nunca.

— Eu também sinto Beka. — abro meus olhos que estavam fechados e giro minha cabeça lentamente na direção da voz que consegue reativar todas as minhas energias, me dando força para acreditar.

Mauricio está tão lindo quanto há dois anos e seu sorriso luminoso me aquece a alma. Levanto-me no automático e quase não acredito na visão que tenho bem diante de mim.

— Isso é um sonho? — sussurro estática, enquanto ele caminha na minha direção e sua mão toca a minha face delicadamente, e sinto uma febre me dominar devagar.

— Se for, só quero continuar sonhando Beka. — ele volta a sorrir e em seguida seus lábios tocam os meus de leve; e mais lágrimas descem do meu rosto num misto de êxtase e felicidade.

— Me perdoa, eu amo você. Eu amo você Mauricio. — nunca tive tanta certeza de minhas palavras; e o brilho dos seus olhos me diz o mesmo, quando ele torna a me beijar, dessa vez com um desespero, com saudade, com desejo de sermos mais uma vez um do outro.

Somos interrompidos quando a porta se abre e os resmungos de Lucy chamam a atenção de Mauricio, enquanto Camila tem um semblante emocionado e totalmente surpreso.

Ele caminha até ela e observa a pequena que se sacode no colo de Camila por alguns poucos segundos; nitidamente extasiado. Me aproximo deles e seu olhar para mim é tão doce que não tenho palavras para descrever o que se passa em meu coração agora.

É como se a explosão de uma supernova se fixasse em meu peito, espalhando fragmentos de felicidade por todo o meu corpo, me consumindo e me fazendo ver que tudo o que passei, tudo o que enfrentei, valeu a pena. E se fosse preciso eu faria tudo de novo novamente.

Mauricio pega a pequena em seu colo e suaves lágrimas escorrem pela sua face rosada num misto de orgulho e realização. Nossa família está completa novamente. Por que ter Mauricio ao meu lado é ser plenamente feliz. Por que é assim que somos e assim que seremos sempre: um do outro. E nada mais pode mudar isso agora.

Epílogo

Davi

A vida é mesmo cheia de caminhos tortuosos. E como uma curva sinuosa na estrada em dia chuvoso, se você não prestar atenção, acaba perdendo o sentido, o rumo, o prumo do que te conduz à felicidade; à conquista, e às vitórias que acumulamos nessa jornada em que batalhamos dia a dia.

Digo isso por experiência própria. Quase aconteceu com minha mãe. Com minha tia Camila e com meu padrasto Mauricio. Por um tempo, quase aconteceu comigo também. Depois daqueles dias, nada mais seria como antes. Um novo ciclo se desenhava em nossa frente, e aproveitar o que o presente nos dava todos os dias, era a chance de manter vivas as esperanças; e a certeza de que tudo vale à pena quando somos amados e temos a quem amar. E disso, eu não podia reclamar nunca.

Cinco anos se passaram e agora estou diante de minha mãe e Mauricio para saber o resultado final sobre a manutenção do meu tratamento. Desde o transplante, que faço exames periodicamente e procuro me manter saudável na medida do possível.

— Então Mau. Diz logo o que esses exames estão mostrando. — indago impaciente, enquanto seus olhos alternam entre minha mãe e eu por um momento que parece não terminar mais, enquanto Dona Rebeca segura minha mão com força.

Embora a força e a fé sempre estivessem em nosso íntimo, era mais do que natural que estivéssemos apreensivos. Engulo a seco com esses segundos agonizantes e em seguida, um sorriso satisfeito brota nos lábios de Mauricio; no instante em que começo a sentir as batidas do meu coração se normalizar devagar.

— Seus níveis de glóbulos brancos se mantiveram normais, filho. — meus olhos marejam em segundos e o homem que tenho como pai, está claramente emocionado. — Você está totalmente curado Davi. — seu sorriso é

mais largo agora e minha mãe me abraça num choro de alegria, que não tenho vergonha de acompanhá-la. Finalmente eu havia ganhado minha batalha particular. Era hora de recuperar o tempo perdido. Ainda não sabem do que estou falando, mas garanto que logo vão saber.

— Mamãe, eu não acho minha partitura. — Lucy resmunga fazendo um biquinho quando chegamos em casa e Mauricio se apressa a pegar minha irmãzinha temperamental no colo.

— Meu anjo, onde você deixou pela última vez? — ela sorri, sendo acometida por um ataque de cócegas e o som das gargalhadas dela é a melhor música para começar bem o meu dia. Eu a amo demais.

— Ela estava tocando para o Molenga Mauricio. — tia Mila adverte para a situação e minha mãe revira os olhos numa careta de repreensão, enquanto Mau coloca a pequena no chão.

— Lucy, eu já te pedi para não trazer esse pulguento aqui para dentro. — Dona Rebeca joga com desdém e tia Mila a interrompe quase de imediato; e Mauricio se senta ao meu lado na cozinha, enquanto achamos graça das mulheres das nossas vidas e seus argumentos.

— Hey! Desde quando meu bichinho passou a ser pulguento? — a falsa irritação está presente em seu tom e Lucy se manifesta em defesa do animal.

— Ele é limpinho mamãe. Toma banho toda semana, não é tia Mila? — ambas sorriem e Dona Rebeca abraça sua miniatura rapidamente.

— Eu sei meu anjo. Gosto de brincar com a tia Mila. — ela pisca para a amiga com cumplicidade e logo tem os olhos indagadores de Mauricio sobre elas.

— Agora, vá para o seu quarto mocinha; daqui a pouco vou lá te ajudar com o banho por que não quero pegar a estrada tarde.

— Mas como vou mostrar minha música para o vovô? — seus olhinhos se tornam ainda mais azuis, enquanto ela franze o cenho esperando por uma resposta convincente.

— Vai poder mostrar para ele outra hora, tudo bem? — minha mãe tenta convencê-la, mas a decepção é tão grande que sei que para o choro chegar, será um pulo; então me precipito até ela.

— Hey, estrela cadente! — chamo-a pelo apelido carinhoso que lhe dei e

aconchego seu corpinho contra o meu, enquanto ela tem as mãozinhas tapando seu rosto. — Por que não fazemos assim: você vai tomar seu banho para visitar o vovô e prometo que na próxima você vai poder tocar para ele combinado? – massageio suas costas e ela enxuga o rosto devagar, enquanto sorrio com carinho para ela.

Lucy funga com força e em seguida assente, aceitando meu pedido. Beijo o topo da sua cabeça e logo ela segue na direção das escadas, correndo em disparada.

— Ainda bem que sempre consegue convencê-la. Amo você – minha mãe sorri aliviada ao me beijar a bochecha e sorriu como quem ganhou na loteria.

— Amo você também mãe, mas é que as mulheres não resistem ao meu charme, estou certo tia Mila? – estalo um beijo na bochecha dela e mostro o resultado dos exames de ainda há pouco. A euforia em seu semblante é contagiante e ela me abraça realmente feliz pela minha vitória. Eu tenho todas as pessoas que mais amo ao meu lado e serei eternamente grato por isso.

Minha mãe, Mauricio e Lucy saem com destino a São Paulo e fico contente de saber que Mauricio e o pai se acertaram depois que eles se reencontraram após a recuperação de ambos.

Mauricio acordou três meses antes de voltar para Primavera e como não estava em condições plenas de viagem, permaneceu na Noruega até melhorar. Por isso pediu que Vanessa parasse de enviar as cartas, mas que sempre ficasse por dentro do que acontecia conosco. Nosso verdadeiro anjo da guarda.

O pai dele ficou com graves sequelas depois do AVC e após muito insistir para rever o filho e conhecer a neta, Mauricio se rendeu aos seus apelos; e passou a levar Lucy todos os meses para vê-lo.

Todos nós perdemos alguma coisa pelo caminho, e minha irmã com seu jeitinho meigo, acabou por mudar o modo como o velho via as coisas. Ao menos ele realmente se importava com ela e o entusiasmo dela em agradá-lo não parecia demonstrar nada diferente em relação a isso.

Remexo em meu celular, enquanto subo as escadas apressado até meu quarto e um sorriso bobo se fixa em meus lábios, quando recebo uma mensagem de volta. Corro para o banho e após meia hora, coloco algo confortável e apresentável para a ocasião. Dou uma última checada no espelho e suspiro com determinação para seguir meu caminho de agora em diante.

Me despeço da tia Mila num beijo ligeiro e mal ouço seus pedidos de cuidado quando cruzo a porta de saída. Tenho pressa para viver. Tenho pressa para ser feliz.

Paro a bicicleta quase no pé de um enorme relevo e minhas mãos suam, enquanto caminho em passos ligeiros até onde sei que meu coração vai parar de dar cambalhotas e se acalmar.

Minha menina parece ainda mais linda desde que nos conhecemos na escola. Seus cabelos castanhos estão soltos e parece dançar no balanço da brisa leve que nos acompanha, enquanto um sorriso iluminado toma seus lábios quando me vê.

— Desculpe a demora, estava esperando meus pais irem para São Paulo e Lucy ficou tristonha por que não encontrou uma partitura. – solto num nervosismo visível, enquanto ela me abraça com carinho e o seu perfume me faz flutuar.

Sempre fui apaixonado por Lia, mas conforme me mantinha na manutenção do meu tratamento, ficou acertado entre nós que só nos envolveríamos, caso eu estivesse curado.

Lia não quis aceitar minha imposição, mas não a queria sofrendo ainda mais por mim, caso eu tivesse uma recaída. Pode soar bobo, mas quem nunca se sentiu inseguro assim, que atire a primeira pedra. Desde então, nos encontramos para passeios, para estudos e para conversarmos sobre tudo um pouco.

Olho pra Lia e me sinto como minha mãe quando olha para Mauricio. Eu realmente a amo.

— Pensei que não vinha mais. — uma ponta de desapontamento aparece em suas palavras, enquanto ela tira alguns fios de cabelo do seu rosto e puxo o resultado do exame do meu bolso e estendo para ela.

— É o que estou pensando? — ela morde os lábios com ansiedade e seu semblante exprime toda a felicidade quando termina de ler e volta seu olhar para mim. — Você está curado Davi. — ela afirma num sorriso e sinto seu corpo tremer quando toco seu rosto de leve, aproximando-me dela.

— Sabe o que isso significa Lia? — flexiono meu maxilar com minha face bem próxima da dela e nossas respirações parece uma sinfonia, tamanho é o ritmo sincronizado delas. Ela assente de leve e ao fechar seus olhos percebo que não tem mais nada que nos impeça. Nosso momento é esse. Nosso momento é agora.

Nossos lábios se tocam de leve e uma corrente elétrica percorre todo o meu corpo e sinto como se fosse explodir de tanto desejo, de felicidade, de amor. Ela corresponde na mesma medida e logo nosso beijo se torna mais intenso, e quando nos afastamos, sorrimos como dois bobos, enquanto nossos olhos dizem tudo o que nosso coração sente. Lia é tudo o que quero em minha vida e mesmo sabendo que nosso caminho será longo, é algo que não estou disposto a abrir mão. Nunca.

Após muita burocracia por meio de nossos Conselhos Tutelares espalhados por esse imenso País, finalmente hoje é dia de comemoração para tia Mila. Ela conseguiu a guarda da pequena Jéssica, hoje com seus 8 anos de idade, e de certo é o maior presente que a minha madrinha postiça podia ganhar depois de tudo.

Com o passar dos anos, não foi difícil descobrir o que havia acontecido com ela, e saber que os canalhas continuavam presos era um alívio de que ela pudesse seguir nessa nova jornada.

O treinador conseguiu denunciar o calhorda que ainda estava solto, após reconhecer a tatuagem de uma águia que ela tinha descrito, assim que a polícia começou a investigar o caso. O infeliz era pai de um dos alunos da escola e costumava atacar suas vítimas pela cor, todas eram negras. Espero que ele permaneça preso e nunca mais saia de lá.

— Acalme-se Mila, vai dar tudo certo. – ouço minha mãe tentar passar otimismo para linda mulher que não para de averiguar se está tudo bem, e observo com carinho toda a cumplicidade delas, enquanto termino de ajudar Lucy com as bolas de gás.

Embora ainda fosse visível a tristeza em seu semblante durante alguns momentos, Camila voltou a ter mais vida quando começou a visitar Jéssica no orfanato local e logo em seguida, conseguir que a menina passasse alguns finais de semana com ela. De certa forma, ambas se tornaram o escudo uma da outra e saber que elas podiam amenizar seus traumas e perdas era confortador.

— E se ela não se adaptar Beka? E se nada sair da forma que espero, que ela espera...eu não sei se... – Dona Rebeca segura as mãos dela com carinho, interrompendo-a e seu sorriso é o mais compassivo que já vi.

— Não pode ficar pensando no “se” amiga, lembra? – elas sorriem em consentimento e a porta se abre, revelando uma garotinha de tranças e sorriso sem jeito, ao lado do Conselheiro Tutelar local.

Os olhos de Camila brilham emocionados e me apresso a esticar uma pequena faixa junto de Lucy com os dizeres “*Seja Bem Vinda Jess*” em vermelho.

Camila se agacha por alguns segundos e a menininha corre ao seu encontro, enquanto seus bracinhos se enroscam no pescoço da professora, num sorriso feliz.

Eu não sou molenga como o cão que logo dá o ar da sua graça na sala, mas é difícil não se emocionar com a cena. De repente, uma enorme sombra se faz presente na soleira da porta e a surpresa no rosto da tia Mila é um misto de embaraço e nostalgia ao mesmo tempo.

— Olá Camila! Oi pessoal! – o treinador solta um pouco sem jeito e depois estende um pacote na direção da garotinha, que pega após o consentimento da mulher que lhe sorri.

— Não sabia que havia voltado. – ela solta insegura ao fitá-lo e me meto na conversa, mesmo não tendo sido chamado.

— Desculpe tia Mila, eu o avisei sobre a surpresa. Fiz mal? – indago com receio de sua resposta, enquanto minha mãe me fita de soslaio num meio sorriso.

— Não Davi! Está tudo bem. – ela dá de ombros; um pouco desconcertada, enquanto Rico tem um sorriso contido nos lábios. Jéssica se encanta com uma caixinha de música e sai correndo para mostrar para Lucy,

enquanto tia Mila sorri mais serena agora.

— Obrigada pelo presente. Quanto tempo pretende ficar? – seus olhos evitam fitá-lo, mas seu rosto se vira para encará-lo, assim que ele toca sua mão sob a mesa, enquanto ela tenta cortar um bolo.

— Para sempre Camila. — seus olhos ficam presos por milésimos de segundos e tia Mila, passa a mão em seu rosto rapidamente, exalando todo o ar em seus pulmões.

— Pode me ajudar a servir? — ela pede ao estender uma bandeja para ele, enquanto um sorriso mais largo se expande nos lábios dele. Nem tudo sai do jeito que queremos, mas não custa tentar.

Ocupo-me em dançar com Lucy, enquanto observo minha mãe dançar com Mauricio e posso dizer que Lia vai ter que ter paciência se quiser dançar comigo na formatura da escola, por que sou praticamente uma negação, em matéria de sair do lugar.

No entanto, é uma felicidade sem tamanho, acompanhar todos aqueles que sempre estiveram do meu lado, alegres e ainda mais fortes para enfrentar o que mais viesse pelo caminho. A união que sempre tivemos continua sendo a mesma mola que nos impulsiona a buscar o melhor e a ser melhor como família e como ser humano. E essa, é uma lição que sempre levarei para a vida inteira.

Dois meses depois

— Então? O que quer conversar? — indago com seriedade para Mauricio e ele parece reunir coragem para dizer, seja lá o que for. — Se foi por conta da mancha no couro do carro, é melhor se entender com Lucy. — falo levantando os braços, denunciando minha estrelinha cadente.

O semblante dele se contorce numa expressão doída e engulo a seco apreensivo do que ele pode ter para me dizer agora. Ele aponta o assento ao seu lado e me sento, enquanto um sorriso nervoso cruza seus lábios na minha direção antes dele começar a falar.

— Durante muito tempo pensei em como poderia iniciar essa conversa com você e agora que se tornou praticamente um homem, eu simplesmente não sei por onde começar. — fito-o com seriedade, enquanto minha mão repousa em seu ombro num claro sinal de apoio.

— Você e dona Rebeca fizeram um bom trabalho. — sorrio sincero e ele parece ponderar um momento se segue adiante ou não. — Sabe que pode me contar o que quiser não é? — tento encorajá-lo, enquanto ele engole a seco.

— Antes de conhecer você e sua mãe, eu fui responsável por algo que

sempre me senti culpado. Causei a dor de outros, tentando aliviar minha própria dor, e quando encontrei vocês dois, eu descobri que podia ser feliz mais uma vez. – ele procura ser sutil no que quer explicar e meu olhar para ele é um misto de compreensão e pesar.

— Todo mundo erra Mauricio. Alguns mais, outros menos; tem até quem não deixa de errar nunca. Mas o que conta realmente no final, é se esse erro te fez mudar. Te fez ser melhor. Te fez querer ser melhor, para você e para alguém. Precisa se perdoar, antes de querer o perdão de alguém entende? – digo sereno e me sinto o pai no processo da conversa e não a figura do filho que ele teve todos esses anos.

Seu sorriso morre por segundos e instintivamente meu maxilar se contraí de modo tenso quando abro de novo a boca para falar. — Tem se saído muito bem durante todos esses anos. – a realidade das minhas palavras o acerta como uma avalanche e observo a primeira onda de lágrimas inundar seus olhos, embora ele tente se esforçar para não deixá-las cair.

— Como descobriu? – indaga com a cabeça baixa, e meu tom agora é pura mágoa.

— Há duas semanas. Você estava viajando e mamãe conversava com a tia Mila, e não me viu chegar. Não foi difícil juntar as coisas, não tenho mais dez anos. – me levanto num rompante e ele me acompanha, enquanto passa as mãos com pesar em seus cabelos, nitidamente sem saber mais o que dizer.

— Vou entender se me odiar. – ele exala com força ao deixar sua voz trêmula sair e após anos, me sinto perdido ao encará-lo num semblante desnortado.

— Não te odeio Mau. – minha voz quebra uma nota e ouvir seu apelido parece destruí-lo por dentro. — Quando eu soube da verdade eu quis gritar, brigar, sumir no mundo. – estou visivelmente transtornado e pauso por um momento buscando ar, encarando o chão, tentando me manter controlado. — Eu desejei que você morresse. – o fito novamente e embora me sinta triste, meu olhar não é acusador. No entanto, posso ver a dor estampada em seus olhos, como se um tiro o atingisse de cheio no meio do peito. Esfrego minhas mãos em meu rosto e em seguida me aproximo em passos lentos na direção dele.

— Mas quando eu vejo a felicidade da minha mãe, o sorriso da Lucy. Sei que nada que eu fizesse antes; ou o que quer que eu faça agora vai trazer meu pai de volta. – cerro meus dentes e Mauricio balança sua cabeça de modo derrotado. Não tenho o direito de julgá-lo ou de julgar toda sua dor durante todos esses anos.

— Eu não sei mais o que fazer Davi. Me perdoa filho. Por favor, me perdoa? – ele diz num desespero que me faz doer a alma e agora sou eu quem parece derrotado aqui.

— Não vou dizer que já aceitei, que não estou magoado, mas você foi meu pai durante todos esses anos, e não estou preparado para que isso mude. Não sei se quero mudar isso. Vamos seguindo dia a dia Mau, um de cada vez. Mas preciso que me dê um tempo certo? – o alívio toma posse do meu peito e o semblante de Mauricio é como se ele estivesse voltando à vida, de novo agora.

Não é um perdão, mas uma brecha aberta num fio de esperança para que ele saiba que ainda o tenho comigo. Ele se precipita em um abraço forte em mim e o retribuo com a mesma intensidade, enquanto é inevitável que nos entreguemos ao choro por tudo o que já passamos.

Sei que agora é um novo recomeço entre nós. Sei que mais do que tudo o tempo e o esforço serão parte fundamental na nossa caminhada, mas a esperança de que podemos superar tudo se expande em meu corpo e só posso agradecer a Deus por mais essa oportunidade.

Na soma das perdas e dos ganhos, todos nós ficamos empatados , e seguir adiante é a única coisa que nos resta; sem esquecer da fé e do amor que temos uns nos outros. É tudo o que podemos aproveitar no tempo que passamos por essa longa jornada que todos enfrentamos pelo caminho.

Bônus Davi e Lia

Desfaço pela milésima vez o penteado em meu cabelo, e o aperto da gravata em minha garganta me deixa ainda mais incomodado, enquanto bufo de saturação. Estou a mais de meia hora nessa batalha muda diante do espelho e me retenho de olhar o relógio para confirmar o quanto estou em cima da hora para buscar minha princesa. É nosso baile de formatura, e além de querer impressioná-la, tenho algo muito especial para mostrar a ela. Por isso, nada parece estar bom o suficiente.

— Parece um pinguim – Lucy caçoa de mim, plantada na soleira da porta e jogo meu paletó que está sobre a cadeira na sua direção, num misto de brincadeira e irritação. Ela sorri ainda mais e se aproxima, fazendo um gesto para que eu me agache, e fico na sua altura, ainda com a cara emburrada. — Presta atenção como se faz! – seu tom é doce e sorrio de lado, ao observá-la acertar minha gravata com tamanha destreza. Essa menina é mais esperta do que todos nós juntos. — Prontinho! Está um gato! – aumento meu sorriso com a surpresa pelo seu elogio e penso o que mais ela estará aprendendo na escola.

— Você é sabichona estrela cadente. – aceno em aprovação com seu feito ao conferir meu look no espelho e vejo o orgulho se apossar do seu semblante sereno para mim. Sou capaz de tudo por ela. — Obrigado. – digo sincero beijando-a rapidamente na bochecha, enquanto ela me questiona.

— Mamãe nunca te ensinou?

— Ela sempre gostou de fazer, mas deixava tudo torto, e eu vivia reclamando. Mas faz com tanto carinho que não tenho coragem de falar para ela não fazer mais. — explico compassivo, enquanto seus olhinhos parecem compreender tudo de primeira, assentindo com a cabecinha. — Estou mesmo um gato? — imito seu tom com irreverência e ela me lança uma piscadela, enquanto sorrio satisfeito e descemos até a sala.

Mauricio me lança um sorriso de aprovação assim que apareço e minha mãe não contém algumas lágrimas que surgem em questão de segundos.

Ultimamente ela anda ainda mais emotiva do que o de costume e todos nós temos procurado não criar situações em que ela se aborreça ou se entristeça com facilidade. Seus hormônios andam descontrolados e seu humor varia a cada semana, então, estamos sempre pisando em ovos, mesmo tendo feito mil pedidos para que ela se consulte. Mal de médicos: acham que não precisam de cuidados.

— Tenho tanto orgulho de você meu filho. — ela diz segurando meu rosto entre as mãos e Mauricio se aproxima de nós num semblante tenro.

— Também tenho mãe. Vocês dois fizeram um ótimo trabalho. — pisco para eles na certeza do que falo e a porta se abre, revelando um amontoado de livros numa caixa, pesada, quase envergando tia Mila.

— E eu? Não fiz mocinho? — ela sorri acompanhada da filha, enquanto cumprimenta todos rapidamente com beijinhos. Mauricio se apressa a ajudá-la, e é reconfortante vê-la alegre assim.

— Claro tia Mila. — beijo-a na bochecha e em seguida, faço o mesmo com Jéssica; que logo corre até onde minha irmã está. — Obrigado por tudo. — ela sorri com carinho e retira uma caixinha da bolsa, estendendo-a para mim.

— Toda menina que vai à festa de formatura precisa de uma. — sei sobre o que ela fala, e minha menina ficará feliz com o mimo em minha frente.

Despeço-me de todos e sigo até a casa de Lia para pegá-la. Já faz um ano desde o anúncio do nosso namoro oficial, mas sempre sinto a mesma euforia toda vez que vou vê-la, e um calafrio gostoso se espalha pelo meu corpo quando suspiro forte, antes de tocar a campainha.

O pai de Lia me recebe num semblante diferente das outras vezes e ao invés de me convidar para entrar, fecha a porta atrás de si, e me conduz até uns dos bancos na imensa varanda da casa.

Seu Rubem é um homem modesto, foi motorista do ônibus da escola durante muitos anos, mas após alguns problemas de saúde, precisou se aposentar antes do previsto. Apreensão se torna meu sobrenome, e o medo do que ele possa ter para me falar, faz meu sangue gelar em segundos.

— Sabe que o estimo muito não é Davi? Você e toda sua família. — sua voz é moderada e posso notar certa preocupação nela, enquanto procuro acompanhar o raciocínio dele para o que ele quer explicar. Aceno em concordância ao seu argumento e ele prossegue, colocando uma de suas mãos sobre meu ombro. — E também sabe que Lia é meu maior bem. — seus olhos se fixam nos meus e finalmente me sinto relaxar por um pouco. Eu seria a última pessoa na face da Terra a magoá-la de propósito.

— Sr. Rubem, tem a minha palavra de que nada de mal acontecerá com ela enquanto eu estiver por perto. — me esforço a demonstrar confiança diante do homem sisudo, e a verdade é que mesmo Lia e eu já estarmos enamorados há anos, é fato que nosso relacionamento amadurece a cada dia, e talvez isso seja agora uma preocupação a mais para o pai dela.

— Pois é justamente esse perto que me apavora sabia? — ele sorri com ironia e se senta ao meu lado no banco. — Já tive sua idade Davi. E sei bem o que acontece no final dessas festas de formatura. — balanço a cabeça em negativa, mas logo seu sorriso insistente me desconcerta e engulo a seco com o pensamento. O velho realmente parece ler mentes. — Só não quero que ela se arrependa depois entende? — o temor aparece em suas palavras e fito-o com uma convicção que me assusta.

— Não faremos nenhuma loucura Sr. Rubem. Prometo. — ele parece satisfeito com minha resposta e poucos segundos depois a porta se abre, e meu coração galopa incessante ao avistar Lia num lindo vestido azul bebê, que deixa à mostra todas as suas curvas, me fazendo ver o quanto minha menina cresceu.

Seu pai dá dois tapinhas no meu ombro e antes de entrar em casa, brinda a filha com dois beijos nas suas bochechas e um em sua testa. Não critico seu cuidado, acho que quando me tornar pai, não darei trégua para os meus e entendo-o perfeitamente.

Aproximo-me dela, tomando suas mãos nas minhas e percebo o quanto elas estão frias. Tremor passeia pelos seus músculos e nossos olhos se prendem por tempo suficiente para sabermos que nós dois somos apenas um, e isso é o que basta.

— Você está linda Lia. — sussurro sem tirar meus olhos dos dela e puxo

do bolso a caixinha que tia Mila me deu, estendendo para ela. Seus lindos olhos me fitam com espanto e sorriso sem jeito, mandando para longe suas suposições iniciais. — Ainda não é um anel de compromisso, mas acho que é importante para essa noite. — coço minha nuca meio sem graça, enquanto um largo sorriso desponta em seus lábios finos, quando descobre a formosa rosa lá dentro.

— É linda amor. Obrigada. — a emoção a domina devagar e delicadamente encaixo a presilha que acompanha a flor no seu pulso esquerdo, enquanto ela não para de sorrir. Sabia que ela ficaria feliz.

Suas mãos tocam meu rosto de leve e em seguida, ela gruda sua boca na minha, fazendo cada poro da minha pele formigar, num misto de êxtase e desejo, como se estivéssemos em combustão.

Meu sogro tem razão. Tem sido cada vez mais difícil nos mantermos controlados diante da febre que nos engole quando estamos grudados, que antes que percamos a lucidez, a carrego até o carro, e seguimos direto para o evento sem outras distrações no nosso caminho

A noite não poderia ser mais perfeita, e me esforço em por em prática todos os truques de dança que Mauricio me ensinou. Por sorte, o vestido de Lia termina ileso e a felicidade no rostinho da minha namorada é algo que não canso de admirar.

Cada um dos nossos amigos nos cumprimenta ao passar por nós e lentamente o salão vai ficando vazio e quando nos damos conta só restamos nós dois, bailando de modo sincronizado e apaixonado.

Meus pés simplesmente não se cansam de conduzi-la, mas diminuo o ritmo dos meus passos quando sinto o toque suave dos lábios dela no meu pescoço e um arrepio se alastra pelo meu corpo com o passeio das suas mãos nas minhas costas. Algo está diferente nela e demoro alguns poucos segundos para raciocinar direito sobre o que está acontecendo.

— Amo você Davi. — ela murmura após depositar um beijo em meu queixo e de repente, paro nossa dança, enquanto seus olhos presos aos meus dizem muito mais do que qualquer palavra poderia expressar. E sei que o que vier, ficará eternizado em nossas vidas para sempre.

Créditos finais

Livro Caminhos, que será a história de Davi e Lia, estará disponível na plataforma Wattpad até o final, postagens a partir de Janeiro/2016